



BENE MARTINS
BÁRBARA GIBSON

TEATRO

DO NORTE

BRASILERO

[VOLUME 1] COLETÂNEA
JOVENS DRAMATURGOS
AMAZÔNIDAS



COLETÂNEA
JOVENS
DRAMATURGOS
AMAZÔNIDAS

COLETÂNEA JOVENS DRAMATURGOS AMAZÔNIDAS

VOLUME 1
COLEÇÃO TEATRO DO NORTE BRASILEIRO

Organizadoras
BENE MARTINS & BÁRBARA GIBSON

Programa de Pós-Graduação em Artes
PPGARTES-UFPA

PPG Artes
Programa de Pós-graduação
em Artes da UFPA



Belém
Janeiro/2020

COLETÂNEA JOVENS DRAMATURGOS AMAZÔNIDAS

Volume 1. Coleção Teatro do Norte Brasileiro

Organizadoras: Bene Martins & Bárbara Gibson

Reitor: **Emmanuel Zagury Tourinho**

Vice-Reitor: **Gilmar Pereira da Silva**

Diretora Geral do ICA: **Adriana Valente Azulay**

Diretor Adjunto: **Joel Cardoso da Silva**

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Artes: **Valzeli Sampaio**

Vice-Coordenador: **Orlando Maneschky**

Coordenador do Mestrado Profissional
em Artes: **Áureo de Freitas**

COMISSÃO EDITORIAL

Valzeli Figueira Sampaio

Orlando Franco Maneschky

Giselle Guilhon Antunes Camargo

Liliam Cristina Barros Cohen

José Afonso Medeiros Souza

Áureo Déo de Freitas Júnior

COMITÊ CIENTÍFICO DESTA EDIÇÃO:

PRESIDENTE DA COMISSÃO:

Bene Martins (UFPA); **Márcio Souza** (AM);

Tenório Telles (AM); **Nereide Santiago** (UFAM);

João de Jesus Paes Loureiro (UFPA)

Olinda Charone (UFPA); **Wlad Lima** (UFPA);

Jorge Bandeira (AM); **José Maria Pinto** (AM);

Ananda Machado (UFRR); **Roberto Ferreira** (MT)

Tácito Borralho (UFMA);

Romualdo Rodrigues Palhano (UFAP);

Maria João Brilhante (Universidade de Lisboa-PT);

Berta Teixeira (Investigadora Teatro-Portugal).

Revisão textual: **Bene Martins & Bárbara Gibson**

Capa: **Anderson Araújo e Ruid Oliveira**

Projeto Gráfico: diagramação e editoração eletrônica:

Lucia Lopes (lucialopesmatos@hotmail.com)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

C694c Coletânea jovens dramaturgos amazônidas [recurso eletrônico] / Organizadoras:
Bene Martins & Bárbara Gibson. — Dados eletrônicos (1arquivo :
PDF) — Belém: Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-
Graduação em Artes, 2020. — (Coleção teatro do norte brasileiro; v. 1).

Acesso: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-85-63189-68-4

1. Teatro – Brasil, Norte. 2. Dramaturgia. 3. Amazônia. 4. Memória.
I. Martins, Bene, org. II. Gibson, Bárbara, org. III. Título. IV. Série.

CDD 23. ed. – 792.09811

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585

SUMÁRIO



Clique em cada item,
ao lado e abaixo,
e vá para a página
correspondente.

Prefácio: Jovens dramaturgos amazônidas Bene Martins & Bárbara Gibson	6
--	---

PEÇAS

Alana Lima & Lucas Serejo O grande dia qualquer	11
Ana Marceliano A paixão de Dionísus	39
Bárbara Gibson Nem te conto	60
Breno Monteiro e Lauro Souza Eternamente Rainhas	107
Fábio Limah [Re]Cortes	161
Fábio Limah e Patrícia Grigoletto Retratos retalhados de uma quase vida	186
Haroldo França Na cama com Terezinha	204
Ingrid Gomes Pauta Negra (Dramaturgia coletiva)	231
Iracly Vaz Walter Bandeira: sem pecado e sem perdão	255
Kauan Amora Nada. Depois, nada	277
Kevin Braga O menino de lugar nenhum	294
Sobre os autores	307

PREFÁCIO

Jovens dramaturgos amazônidas

Bene Martins⁽¹⁾ behneafonso@gmail.com **Bárbara Gibson**⁽²⁾ babitgibson@gmail.com

O projeto de pesquisa: *Memória da Dramaturgia Amazônida: Construção de Acervo Dramatúrgico* ⁽³⁾ iniciou em 2009, na Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA) e, a partir de 2010, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES), da Universidade Federal do Pará (UFPA). A finalidade principal do projeto é trabalhar com a busca de peças teatrais para compor o acervo. Em seguida, tratamento das peças: digitação, revisão, análise e publicação dos textos escritos pelos primeiros e atuais dramaturgos amazônidas. O acervo dramatúrgico catalogado não se restringe ao arquivo apenas, mas é tratado como fonte de informações valiosas sobre a época, os costumes e os traços identitários dos povos que aqui habitam. Segundo o pesquisador Vicente Salles, as primeiras representações de autores da Amazônia ocorreram no século XVIII, com “os primeiros frutos da terra, os poemas dramáticos de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha” ⁽⁴⁾. Os poemas foram apresentados no século XVIII, desde então, quantos dramaturgos existiram, o quanto produziram, o quanto foi perdido, o que ainda resta? Não importa somente o quanto. O que importa é que essa memória não pode ser apagada, as novas gerações têm o dever e o direito de conhecê-la e estudá-la, daí a necessidade do registro, estudos e divulgação sobre o acervo da dramaturgia escrita e re(a)presentada pelos amazônidas.

Ao iniciarmos a divulgação do acervo nos Seminários anuais de dramaturgia amazônida⁽⁵⁾, Márcio Souza, escritor-dramaturgo do estado do Amazonas, um dos apoiadores do projeto, e Bene Martins criaram a *Coleção Teatro do Norte Brasileiro*, para ampliar o leque das publicações, até então, ignoradas pelo público em geral. A proposta é publicar coletâneas de todos os estados da região amazônica, de dramaturgos pioneiros e de outros escritores das cenas que têm surgido na atualidade.

⁽¹⁾ Professora pesquisadora da Escola de Teatro e Dança (ETDUPA) e do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES-I- CA-UFPA); Pós doutorado em Estudos de Teatro (Universidade de Lisboa-PT); Doutora em Letras (UFMG); Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Memória da Dramaturgia Amazônida: Construção de Acervo Dramatúrgico..

⁽²⁾ Atriz formada pelo Curso Técnico de Formação em ator, da Escola de Teatro e Dança-UFPA; Dramaturga; Diretora teatral; Preparadora de elenco; Graduada em direito, CESUPA; Especialista em Teatro-educação, Faculdade Paulista de Artes; Proficiente em inglês com honra, Universidade de Michigan; Professora de teatro e de inglês; Mestranda em artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES).

⁽³⁾ Coordenação de Bene Martins.

⁽⁴⁾ SALLES, 1994, p, 11.

⁽⁵⁾ Seminários já com 9 edições realizadas. Seminário nº 10, maio/2020, não ocorreu por causa da pandemia.

Do acervo catalogado já publicamos a obra completa do dramaturgo paraense Nazareno Tourinho⁽⁶⁾, *Peças Teatrais de Nazareno Tourinho*, 14 peças, em 2014, pela Editora CEJUP-Belém-PA; *Coletânea Teatro do Pará*, v.1. in: Coleção Teatro do Norte Brasileiro, em 2015, pela REGGO Edições-Manaus-AM. Livro impresso e distribuído gratuitamente para Universidades com cursos de teatro, convidados e participantes dos seminários de dramaturgia; *Coletânea Teatro do Maranhão*, v. 1 . 2019, e-book, disponível no site da EditAed-Ufpa⁽⁷⁾; *Peças Teatrais de Ramon Stergmann* (v.1, in: Coleção Teatro do Norte Brasileiro), e-book. Editora PPGARTES, 2020; *Peças Teatrais de Ramon Stergmann* (v.2, in: Coleção Teatro do Norte Brasileiro), e-book. Editora PPGARTES, 2021; *Coletânea Jovens dramaturgos amazônidas* (v.1, in: Coleção Teatro do Norte Brasileiro), e-book. Editora PPGARTES, 2020 – objeto desta apresentação.

Além de artigos publicados sobre peças do acervo, dissertações de mestrado e projeto de Pós-doutoramento, 2015-2016, pela coordenadora do Projeto: Professora Bene Martins. E, ainda, *Memória dos Seminários* (1 a 6 EditAed-Ufpa – e-book); *Seminário VII – memória 2*, 2017, impresso-CAPES; O livro do VII – memória 2 publicado em versão e-book também, Editora PPGARTES; *Seminário VIII – memória 3* – E-book, Editora PPGARTES, 2018; *Seminário IX – memória 4*, e-book, Editora PPGARTES.

Assim, enquanto preparamos a *Coletânea do Teatro do Pará*, v. 2 e para tornar pública a produção de jovens estudantes-pesquisadores de teatro – em sua maioria, egressos da Escola de Teatro e Dança e do Programa de Pós-Graduação em Artes – publicamos esta *Coletânea de jovens dramaturgos*. De maneira que outros possam ser motivados para ler, analisar, montar, escrever, pesquisar sobre peças e autores do acervo.

Em 2019, Bárbara Gibson, ingressou no PPGARTES com o projeto para dissertação sobre mulheres dramaturgas do estado do Pará: *Dramaturgias escritas por mulheres do Pará* ⁽⁸⁾. Ou seja, a proposta complementa o projeto de acervo dramaturgic. Imediatamente, propus que ela reunisse peças dos demais jovens dramaturgos para publicarmos na *Coleção Teatro do Norte Brasileiro*. O primeiro resultado é este, 11 peças teatrais para que o público de estudantes, pesquisadores, amantes do teatro conheça o quanto há por conhecer no que se refere à produção escrita para o teatro amazônida. São elas:

- ***O grande dia qualquer***, de Alana Lima e Lucas Serejo. Escrita em 2019, resultou do projeto de extensão *Jovens Encenadores* do Grupo de Teatro Universitário (GTU), da Escola de Teatro e Dança da UFPA, na qual alunas e alunos dos cursos de teatro coordenam e montam espetáculos com a comunidade em geral. No mesmo ano, Paulo Jaime e Rhero Lopes dirigiram a peça que fez temporada única no Teatro Universitário Cláudio Barradas.

(6) Nazareno Tourinho, dramaturgo e autor referência de inúmeros livros espíritas (06/12/1934-19/10/2018).

(7) <https://pt.calameo.com/read/005062343c9e131bbc3a2>

(8) Orientanda de Bene Martins.

- ***A paixão de Dionísius***, de Ana Marceliano. Peça escrita em 2011 como resultado do GTU, foi dirigida pela autora em 2012 e encenada pela primeira vez no pátio da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Também fez temporada no Festival Amazônia Encena na Rua em Porto Velho – Rondônia, na XV Jornada de Extensão Universitário da UFPA e em praças de Belém do Pará. O espetáculo teatral de rua conta, de forma didática, lúdica e descontraída a história do teatro ocidental, desde os tempos dos rituais, até as paixões de cristo em Belém do Pará, e em todo o Brasil, na atualidade.

- ***Nem te conto***, de Bárbara Gibson. A trama segue as aventuras de uma companhia tradicional de teatro, anteriormente aclamada por suas produções viscerais de Shakespeare, que agora enfrenta uma triste realidade: poucas pautas, pouca grana e pouca gente que se interessa por atores que não aparecem na televisão. Desesperado, o diretor resolve tentar todos os (poucos) editais de incentivo financeiro possíveis, mas o grupo só é aprovado em um – para a montagem de peças infantis. Agora, precisam decidir se enfrentam ou não essa barra. O texto redigido em 2018 tem montagem programada para 2021, pelo grupo paraense A Liga do Teatro.

- ***Eternamente rainhas***, de Breno Monteiro e Lauro Souza. A peça, resultado de um ano de pesquisa, começou a ser escrita em 2017 e foi concluída em 2018. A primeira apresentação ocorreu no pré-lançamento Auto do Círio de 2018; em seguida, entrou em temporada no Teatro Experimental Waldemar Henrique. Em 2019, apresentou-se no Teatro Universitário Cláudio Barradas, na Semana Sesi de Teatro e no Teatro Margarida Schivasappa, tendo sido contemplada pelo edital Pauta Por Todo Pará da Fundação Cultural do Pará. Montada pela Companhia Paraense de Potoqueiros e dirigida pelo autor Breno Monteiro, a peça é uma homenagem às eternas Rainhas do Rádio: Linda e Dircinha Batista, Marlene, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba e Ângela Maria.

- ***[Re]Cortes***, de Fábio Limah. A dramaturgia desenvolvida em 2015 resultou no espetáculo *Dúbio*, encenado pelo GTU, sob a direção de Jairo dos Santos. Aborda uma viagem surrealista sombria à mente de cinco personagens que guerreiam ferozmente contra a autossabotagem de suas próprias mentes esquizofrênicas, deprimidas, fóbicas e em pânico perene. O espetáculo fez duas temporadas no Teatro Universitário Cláudio Barradas (2015 e 2016).

- ***Retalhos retalhados de uma quase vida***, de Fábio Limah e Patricia Grigoletto. Redigido em 2014. O texto suscita diversos questionamentos: o quanto se pode experimentar emocionalmente em uma vida inteira? O quanto teremos para recordar? Em sentimentos vívidos, pulsantes e materializados, a existência do personagem Semióforo é estilhaçada em cacos de saudades e ilusões, dores e desilusões, lembranças e alegrias, morte e vida. A dramaturgia foi montada pelo Grupo de Teatro Universitário e contou com a direção de Caroline Dominguez.

- ***Na cama com Terezinha***, de Haroldo França. A peça escrita em 2016, ainda não foi encenada. Conta a história de dona Terezinha, uma senhora irreverente que, num futuro mais ou menos distante, fugiu de casa e passou a viver em Marte, onde prepara uma biografia. Suas memórias nos conduzem a uma viagem de paisagens distópicas e utópicas. O ano não é especificado, mas a dramaturgia brinca de

imaginar um futuro no qual muitas questões atuais já foram superadas, e outras não. O surreal é o terreno onde brotam imagens tanto de nosso mundo contemporâneo quanto do que ele pode vir a ser.

- ***Pauta negra***, de Ingrid Gomes. Uma dramaturgia coletiva do Grupo de Teatro Univeristário que contou com as contribuições de Assucena Pereira, Carla Baía, Caroline Nogueira Daisy Feio, Dalila Costa, Ingrid Gomes, Iris da Selva, Ka Diaz, Julliana Matemba Lorena Bianco, Lucy Souza, Marina Di Gusmão Penélope Lima, Sarah Prazeres, Thais Squires Tertuliana Lopes e Sidiane Nunes Silvana Cruz. O espetáculo Pauta Negra estreou em 2018 no Teatro Universitário Cláudio Barradas, retornando para a segunda temporada no ano seguinte. Também foi apresentado no evento “#Pret@s Arte & resistência” (2018), no lançamento do livro de Marielle Franco em Belém (2018), no IX Seminário Internacional de Dramaturgia Amazônida (2019) e na IV Marcha de Mulheres Negras (2019). As protagonistas expõem a necessidade emergencial de proliferar sua luta e (r)existência, apresentando cenas performáticas de tensão e transgressão a partir de questionamentos sobre as bases estruturais de poder e desejo de mudança da sociedade excludente.

- ***Walter Bandeira: sem pecado e sem perdão***, de Iracy Vaz. O texto foi encenado pela primeira vez em 2019, no Teatro Experimental Claudio Barradas, pelo grupo TEIA – Teatro Experimental de Insurgências Amazônicas. A proposta da dramaturgia foi narrar, de modo não realista, passagens da vida e da obra do cantor, ator, encenador, artista plástico e professor Walter Bandeira (1941–2009). Ao contar momentos da história de Walter, o espetáculo também retrata passagens significativas da vida cultural de Belém dos idos de 1960 a 1990.

- ***Nada. Depois, nada***, de Kauan Amora. Com o intuito de homenagear o encenador Luís Otávio Barata e reanimar as questões que ele levava ao teatro (como erotismo, arte e religião), o autor retrata personagens marcantes da trilogia composta por “Genet - o palhaço de Deus” (1987), “Posição pela carne” (1989) e “Em nome do amor” (1990): Genet, Zaratustra, Heliogábalo e Maria Madalena. Estes retornam a fim de anunciarem o nascimento de um novo homem, nova ética e nova erótica. O título enigmático da peça – escrita em 2019 e ainda não encenada – é o mesmo de um texto que Luís Otávio Barata deixou inacabado por ocasião de sua morte.

- ***O menino de lugar nenhum***, de Kevin Braga. Escrita em 2013, foi encenada pelo Grupo Engrenagem de Teatro de 2013 a 2016, sob a direção do autor, totalizando três temporadas. Conta a história do Menino da Terra que, entediado com a vida solitária, decide criar galáxias e universos para brincar. Assim surge o Lugar Nenhum – mundo de imaginação do garoto. Dentro de seu quarto vazio, ele desenha e brinca com universos fantásticos, dando vida a diversos personagens. Durante a jornada, conhece o Menino da Nuvem, com quem divide as maiores aventuras de sua vida.

Conforme sinopse dos próprios autores sobre as peças reunidas neste e-book, as temáticas são bem variadas e explicitam tramas, conflitos, anseios, frustrações, desejos de todo ser humano. As diferenças das peças escritas agora, em relação às mais antigas são mais relacionadas à estrutura menos rígida, do que as temáticas, naturalmente porque, por mais que haja evoluções em termos de recursos tec-

nológicos, por exemplo, as pessoas mantêm em suas vivências, inquietações semelhantes desde que o *homo sapiens* surgiu na terra. O que chama atenção nas montagens destes textos são as propostas de trabalho, sempre em diálogo com outras linguagens, principalmente as de vídeo, música, artes plásticas, o que confere mais ou menos ao que se denomina hoje de dramaturgia expandida. Ou seja, o texto não é mais o centro para a montagem do espetáculo, ele é o disparador, o provocador a incitar ideias para espetáculos bem diversificados.

O dramaturgo também deixa de ser determinante. O texto é um leque de possibilidades para acréscimos de outros elementos que o coloquem em cena, de maneira ampliada, por assim dizer. Para Antonin Artaud, a autoria não é camisa de força, pode-se manter o espírito do texto, sem prender-se à letra apenas. "A escravização ao autor, a submissão ao texto, que barco fúnebre! Mas cada texto tem possibilidades infinitas. O espírito e não a letra do texto!" (ARTAUD, 2006, p. 25)⁽⁹⁾. Ou seja, a dramaturgia contemporânea é receptiva e agrega os mais diversos modos de ser levada aos palcos, sem desmerecimento do texto, mas este aberto ao diálogo com a equipe de encenadores, atores e, às vezes, até abrindo para colaboração do público.

De acordo com Renata Pallottini⁽¹⁰⁾ (2005), a trajetória da dramaturgia universal demonstra, incontestavelmente, que os verdadeiros artistas recusam tradições defasadas e buscam, num constante ato de questionamento, encontrar novas maneiras de expressão, atentos às necessidades de seu tempo, conectados às raízes culturais de seu povo. Segundo a autora, a dramaturgia é um ato de criação que, em sua essência, nega a submissão aos padrões estabelecidos, tornando-se, assim, ato de rebelião quase permanente que atinge significativo nível de expressão quando instaura novos, e quem sabe, surpreendentes valores.

Os (as) jovens dramaturgos (as) materializam as palavras de Pallottinni ao libertarem-se de amarras formais obsoletas e experimentarem, sem restrições pré-impostas, novos modos de sensibilizar seus leitores/espectadores. Assim, seus trabalhos propiciam importantes reflexões sobre o mundo em que vivemos, sem deixar de ser ricas fontes de entretenimento.

Bene Martins & Bárbara Gibson

⁽⁹⁾ ARTAUD, Antonin. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

⁽¹⁰⁾ PALOTTINI, Renata. *O que é dramaturgia?* São Paulo: Brasiliense, 2005.

**O GRANDE
DIA QUALQUER**

**ALANA LIMA
LUCAS SEREJO**



O GRANDE DIA QUALQUER

Alana Lima e Lucas Serejo

PERSONAGENS

Coringa

Ator 1 - o tempo

Ator 2 - o poder

Ator 3 - a rotina

Ator 4 - a disciplina

Atriz 1 - a razão

Atriz 2 - a indiferença

Atriz 3 - o ego

Atriz 4 - a invisibilidade

Atriz 5 - o automatismo

Coro

1º ATO

Ao fundo do palco vê-se uma grande panada que cobre toda a extensão do palco, até as coxias. Em frente, os atores do espetáculo formam uma arquibancada semelhante à plateia. O palco formado é um duplo italiano, com plateia pagante e plateia atuante.

CENA I – Entrada

(A plateia pagante entra no teatro e simultaneamente entram pela coxia os atores que formarão a plateia espelhada. Há um tempo para o exercício do espelho. Após todos acomodados em seus lugares, conta-se em torno de dois minutos com espelhamento de ações. As luzes já são de cena, com foco nas duas plateias. Luzes das plateias reduzem e a luz se abre no centro do palco. Inicia a música “Danse macabre” e do alto do teatro, surge a voz do coringa que circula o espaço dando recomendações sobre o espetáculo).

CORINGA

Senhoras e senhores, sejam todos muito bem vindos ao nosso magnífico espetáculo desta noite. Antes de começar, algumas recomendações: pedimos que deixem seus aparelhos celulares onde quiserem, no modo automático, avião, silencioso ou vibratório, contanto que não percam um segundo sequer de conexão com o mundo e não o desliguem sob hipótese alguma. Lembramos a todos que comer ou beber algo dentro deste espaço é expressamente recomendável, visto que permanecer sentados por uma hora e meia é evidentemente cansativo e o organismo humano não suporta tanto tempo sem repor as energias. Lembramos também a todos que fotografar e filmar

será de grande valia para nós caso você divulgue e nos marque nas redes sociais, se possível fazendo uso de hashtags. Ah, mas não esqueçam do flash! Senhoras e senhores, esta noite tudo será permitido, com exceção das verdades, analogias e metáforas da vida real. Aproveitem o show!!!

CENA II – Performance Fuga

(Dois dançarinos entram em cena imediatamente após a fala do coringa e dançam até o clímax da música. No meio da coreografia, o coringa surge de algum ponto do teatro como um maestro e interrompe a coreografia no clímax, congelando todos os atores presentes).

CORINGA

Discurso em Gramelot

(Ao fim do discurso, toca uma sirene operária e o coringa conduz como maestro todos os atores a saírem de suas posições atuais, inclusive os que formam a plateia atuante).

CENA III – Rotina

(Todos os atores em cena. Na panada, um grande relógio é projetado e a sonoplastia traz sons diversos que remetem a tempo – batidas cardíacas, barulhos diferenciados de relógios, etc. Os atores caminham com foco pelo espaço. Cada ator seguirá as movimentações da sua rotina de retorno pra casa. O relógio desperta. Imediatamente todos os atores retiram-se de cena, com exceção de um. Foco de luz central no ator 1 o conduz a viver sua rotina cada vez mais acelerada. Sons de tempo voltam. O ritmo acelera até o ator 1 não aguentar e “explodir”. Foco de luz vermelho no ator. Black).

CENA IV – Maquinários de mentes brilhantes

(Entram em cena 4 atores em diálogo, a iluminação vai se abrindo no palco na medida em que eles entram. Se distribuem pelo palco e assumem ações de atores se preparando para ensaiar: trocam de roupa, mexem nas coisas, se alongam).

ATOR 2

Eu disse que já tinha visto algo parecido...

ATRIZ 1

Eu continuo achando inovador. Ainda não vi nenhum grupo com esse tipo de proposta.

ATRIZ 2

Olha, sinceramente... Eu não entendi muito bem. Acho que eles exageraram na movimentação e a cena ficou suja.

ATOR 2

A iluminação também deixou a desejar. Luz neutra demais não funciona nesses casos.

ATRIZ 3

Vocês entenderam o porquê do figurino? Eu fiquei perdida. Era teatro ou dança contemporânea?
(Riso sarcástico com o ator 2).

ATRIZ 1

Será que vocês não sabem simplesmente ser plateia? Precisam sempre procurar defeito no trabalho alheio.

ATOR 2

Ah, não é essa a questão. A plateia não pensa? Não critica? Claro que critica.

ATRIZ 3

E a gente estuda isso pra quê? Tem que refletir minimamente quando assiste algo.

ATRIZ 2

Vocês vão mesmo discutir isso? Teatro é assim, às vezes a gente gosta, outras vezes não gosta e tem os que a gente não entende, como esse.

ATOR 2

Porque eles não se fizeram entender.

ATRIZ 1

Ou porque vocês se preocupam demais em racionalizar uma coisa que era pra ser sentida e interpretada de várias formas.

ATRIZ 3

Agora pronto. Temos que aceitar tudo que qualquer um fizer só porque chamou de teatro, mesmo que não condiga com nada do que se estuda e se faz?

(Enquanto ela fala, entra a atriz 4 desanimada e lenta, passa por eles, acena para o ator 2 que devolve o aceno sem dar muita atenção, se posiciona um pouco distante).

ATRIZ 2

E nós somos referência de grupo pra analisar os outros também?

(Chegam os atores 3 e 4, apressados. O ator 3 vem com semblante de exaustão, o ator 4 chega animado, mas com foco em alguma coisa).

ATOR 4

Não somos, mas podemos ser se vocês levantarem daí e começarem a trabalhar ao invés de perder tempo jogando conversa fora.

ATOR 2

Bom dia pra vocês também! Estávamos falando do espetáculo de ontem, isso também faz parte do trabalho.

ATOR 3

Só se for a parte do ócio. E nem é ócio criativo porque eu duvido que tenham tirado conclusões produtivas.

ATRIZ 2

Que bicho mordeu vocês hoje? Já olharam o sol lá fora?

ATOR 3

Vai mandar a gente aplaudir também?

ATRIZ 2

Por que não?

ATRIZ 1

(Tentando apaziguar). Então... Vamos respirar? Vai, puxa pelo nariz e solta pela boca, relaxa esse corpo...

ATOR 4

Qual é o plano pra hoje? Já perdemos 15 minutos nesse debate sem sentido de vocês.

(Nesse momento, todos estão dispersos em ações diferentes. Entra atriz 5 acompanhada do Coringa, vai cumprimentando um por um de forma distraída, terminando na atriz 4).

ATRIZ 5

Bom dia, pessoal! Desculpem o atraso, teve um acidente no caminho e ficou tudo engarrafado. Vocês viram o espetáculo ontem?

ATRIZ 4

Não, não deu pra ir. Fiquei presa no trab...

ATRIZ 5

(Interrompe). Ah, esse é o amigo que eu falei semana passada, que tá interessado em trabalhar com a gente.

(Os atores se detêm do que faziam para observar o coringa. Ator 2 e atriz 3 olham dos pés a cabeça e trocam olhares, os demais olham e acenam e voltam aos afazeres).

ATOR 4

E ele tem experiência com que tipo de teatro?

ATRIZ 5

Ele é palhaço...

(Todos hesitam, trocam olhares sutis e voltam a se concentrar nos afazeres).

ATRIZ 2

Sério? Que interessante, mas tu fazes palhaço na rua, no hospital, no teatro...?

CORINGA

Eu não faço palhaço, eu sou palhaço. Independente do lugar.

ATOR 2

Mas assim... tu nunca fizeste outra coisa...

ATRIZ 3

Algum trabalho diferenciado...

ATOR 4

Um espetáculo...

ATRIZ 1

Nunca fizeste teatro mesmo?

ATRIZ 5

Pessoal, que isso? Ele é palhaço. Talvez ele faça mais teatro que todos nós juntos... Ele tem muito o que contribuir com o grupo.

ATOR 3

Eu acho desnecessário. Nossa linha de trabalho é outra, ter um palhaço no grupo só vai servir pra gente virar chacota no meio.

ATOR 4

É... O que ele quis dizer é que a gente não costuma trabalhar com esse tipo de recurso. Nós fazemos espetáculos políticos, discutimos os problemas sociais, alfinetamos o governo sutilmente... Um palhaço não seria uma boa estratégia dentro do grupo.

CORINGA

Claro. Eu entendo.

ATRIZ 1

Nós também trabalhamos pouco com o público infantil, então...

CORINGA

Eu conheci outro grupo independente que era assim como vocês.

ATOR 2

Qual?

CORINGA

Nomes são detalhes, ninguém conhece ninguém mesmo. Era um grupo que também trabalhava com teatro político, organização colaborativa...

ATOR 4

Estranho. Não lembro de outro grupo que siga o nosso modelo.

ATRIZ 3

Na verdade sempre disseram que nós inauguramos esse formato.

CORINGA

A memória humana é estratégica – e seletiva. Eles também não gostavam de palhaço. Na verdade, ninguém gosta.

ATRIZ 5

Eu adoro palhaço e admiro muito o que tu fazes.

ATRIZ 2

Eu conheço pouco, só tivemos uma disciplina no curso...

ATOR 3

Mas do pouco que a gente conhece, sabemos que não nos cabe.

ATOR 4

É... infelizmente...

CORINGA

(Risonho). Eu já tô acostumado. Meu mestre na palhaçaria disse uma vez que "qualquer um pode ser palhaço, mesmo os que fazem teatro". A gente se encontra por aí...

(O Coringa sai de cena, enquanto ele falava todos observavam desconfiados).

ATOR 4

Onde estão os outros? Já perdemos muito tempo de trabalho, produtividade zero hoje. É assim que vocês querem ser referência de alguma coisa?

ATOR 2

Eu tenho uma proposta... relacionada ao que já tínhamos pensado semana passada, só preciso de mais um tempo pra organizar o texto.

ATOR 3

Tempo é o que a gente não tem.

ATRIZ 1

Se ninguém tem algo pronto ou uma ideia melhor, essa é a alternativa.

ATRIZ 3

Então é melhor marcar uma reunião só pra fazer a leitura do texto dele depois... Todos concordam?

(Todos confirmam, a conversa continua e a atriz 2 sinaliza para a atriz 4 perguntando se está tudo bem, esta confirma sutilmente e tudo permanece como estava).

ATRIZ 1

Eu posso na quarta a tarde.

ATOR 3

Eu trabalho toda tarde, esqueceu?

ATRIZ 2

A noite então...

ATOR 4

Eu tenho faculdade a noite, já falei pra vocês.

ATRIZ 3

Ah, falta um dia só...

ATOR 4

Vocês vão faltar os outros afazeres de vocês pra vir?

ATRIZ 3

Quem vive reclamando que a gente perde tempo e precisa trabalhar?

ATRIZ 2

E de manhã, quem pode?

ATOR 3

Nunca vai dar pra todo mundo, por isso não dá certo grupo grande. Nem todos estão aqui, como a gente pode marcar uma coisa assim?

ATRIZ 1

A gente não vive de teatro, infelizmente, por isso é complicado.

ATOR 2

É complicado porque tudo é prioridade, menos isso...

(A discussão intensifica, os atores começam a falar uns por cima dos outros, com exceção da atriz 4. Em cima das vozes, a sonoplastia do tic-tac do relógio surge e vai crescendo até o relógio despertar).

CENA V – Intervalo

(Despertador. Atores que discutiam, levantam, organizam o cenário para a cena seguinte e saem de cena. Fica em cena a atriz 4 e no momento em que todos saem, entra o ator 1, atrasado. A luz do palco muda o tom. Ator 1 se detém ao ver a atriz 4, cogita se aproximar, mas hesita e sai de cena. Foco de luz na atriz 4, que se prepara e sai de cena. Despertador desliga. Black. A cena ocorre de maneira dinâmica e rápida enquanto o despertador toca).

CENA VI – Dramaturgo

(Foco de luz na lateral do palco, Ator 2 aparece sentado revirando papéis, anotando, confuso e angustiado. A sonoplastia traz um som ritmado e contínuo, acelerado e metálico. O foco de luz se apaga e o ator muda de lugar e posição, mas sempre anotando e revirando os papéis em movimentos repetitivos. Há três mudanças de foco e posição, até que ele demonstra ter encontrado o que queria e vai até o fundo do palco, onde o cenário está montado para que ele sente e digite o texto. A sonoplastia acompanha e ele agora faz os movimentos repetitivos de digitação em pantomima. A sonoplastia é crescente e os movimentos aceleram, até que toque uma campainha estridente).

CENA VII – Discussão sobre o texto

(Campainha. Ator 2 para cansado. A campainha cessa e entra em cena o ator 3, distraído, que logo se depara com ator 2 em cena).

ATOR 3

Pensei que eu era o único desse grupo que dava plantão fora dos dias de ensaio.

ATOR 2

Eu tava tentando terminar o texto.

ATOR 3

Ah... o misterioso texto...

ATOR 2

Não é misterioso, eu disse que tinha a ver com a proposta que nós discutimos. Mas foi justamente em um dia em que tu não apareceste no ensaio.

ATOR 3

Não apareci porque eu trabalho e não tenho tempo pra ficar à disposição de vocês, pra vir ensaiar e ficar horas discutindo assuntos inúteis.

ATOR 2

Tu enches a boca pra dizer que trabalha como se o teatro fosse...

ATOR 3

(Interrompe). Um hobby? Diversão? É isso mesmo, não é? Porque vocês não lidam com isso aqui como um trabalho. Aliás, vocês não... não vou incluir todo mundo.

ATOR 2

Eu fico impressionado com a coragem que tu tens de desmerecer o que a gente faz. Todo mundo faz parte desse grupo porque ama isso aqui, porque trabalha aqui.

ATOR 3

Trabalha? Vocês não tem disciplina, não cumprem horários, sequer respeitam os planejamentos feitos... Não tem produtividade. Sabe o que é isso? Amor não mata a fome de ninguém.

ATOR 2

Ao invés de fazer uma lista de críticas, por que tu não propões algo? Sugere o que a gente pode fazer pra gerar a produtividade do grupo... Eu to aqui, tentando escrever um texto que vai render um espetáculo pra todos nós.

ATOR 3

Pra que eu vou propor algo, se tem o "diretor" (*reforça o sinal de aspas no ar*) pra dizer o que é melhor e como se deve fazer as coisas?

ATOR 2

Eu não sou diretor de ninguém!

ATOR 3

Não é o que parece. Tu sempre tens alguma ideia genial pra conduzir o grupo. Conduzir. Comandar. E todo o resto abaixa a cabeça e concorda.

ATOR 2

Porque ninguém mais propõe nada.

ATOR 3

Porque tu és autoritário.

ATOR 2

E tu estás nesse grupo pra que, então? Se é tão ruim fazer parte disso, se tu não gostas da forma como eu organizo o grupo, por que tu não saís?

ATOR 3

Tanta coisa que a gente faz sem gostar e acaba se acostumando...

ATOR 2

Isso é desculpa pra ficar sempre reclamando. Todos os ensaios tu chegas assim, colocando problema em tudo, tratando todo mundo na grosseria...

ATOR 3

Ah, agora eu tenho que saber que sou explorado e ainda sorrir e acenar?

ATOR 2

Explorado? Ah... Olha, pra mim já deu. Eu preciso terminar esse texto e não é aqui olhando pra tua cara mal humorada que eu vou fazer isso. (*Se organiza e vai saindo de cena*).

ATOR 3

Vai lá. Aproveita e propõe um espetáculo que fale sobre isso (gestualiza como se estivesse escrevendo no ar, caricato): opressão no trabalho, exploração no meio artístico, autoritarismo e controle disfarçados em belos discursos...

(Termina o texto gritando na direção em que o ator 2 saiu. Black).

CENA VIII – Discussão no grupo

(Em cena, atriz 1 e 2, ator 4. Luz aberta no palco, as duas atrizes estão aquecendo voz e corpo juntas, enquanto o ator 4 está lendo. Chega ator 3 com a mesma energia raivosa da cena anterior e expressão cansada).

ATOR 3

É srio que só chegaram vocês três?

ATOR 4

Os meninos avisaram que iam atrasar. Saiu mais cedo do trabalho hoje?

ATOR 3

O texto ficou pronto pelo menos?

ATRIZ 2

Ele pediu mais um dia, só. Enquanto isso é pra gente voltar a treinar.

ATOR 3

(Ri debochando). A gente volta a treinar e ele não, que ótimo!

ATRIZ 1

Ele tá no processo de criação do texto, a gente precisa disso...

ATOR 3

A gente precisa é acordar para o que está acontecendo, ou só eu consigo enxergar? Esse cara comanda o grupo e só faz o que quer.

ATOR 4

Eu acho que isso não é o mais importante agora.

ATOR 3

Então o que é? A cada encontro é uma novidade dita por ele. Hoje ele não aparece e pede mais tempo. Eu to cansado de ser marionete dele, de ser explorado no único espaço em que a construção devia ser coletiva.

ATRIZ 2

Mas o processo é todo colaborativo, ele só tá ausente por conta da escrita.

ATOR 4

E nós temos prazos. O contrato estabeleceu um mês, então precisamos de uma pessoa que produza rápido.

ATOR 3

Produza rápido, diga o que a gente tem que fazer e depois decida o quanto vamos ganhar. Isso não é familiar? Meu chefe age exatamente assim!

ATRIZ 1

Tu estás misturando as coisas. Eu não sei o que tu vives lá nesse trabalho, mas tens chegado sempre estressado e isso ajuda a perder o senso de julgamento.

ATOR 3

Vocês que taparam os olhos e eu que perdi o senso. Tá legal. Eu não vou ficar aqui hoje perdendo tempo pra nada. Me avisem quando esse texto estiver pronto e a gente for ler...

(Ator 3 sai de cena. Despertador volta a tocar, menos estridente. Todos se preparam para sair com expressão de exaustão e estresse. Entra atrasado o ator 1, não cumprimenta ninguém, só faz todas as ações muito rápido. Os demais saem de cena, mas antes de sair Ator 4 diz o texto).

ATOR 4

Chegou cedo pro próximo ensaio!

(O ator 1 olha o relógio no pulso e senta frustrado. A luz vai diminuindo aos poucos).

CENA IX – Corrente da rotina

(A sonoplastia inicia ainda no black, sons de locomotiva. Aos poucos a luz do palco vai acendendo e surge da coxia o ator 3 executando um movimento repetidamente da sua rotina, caminhando pelo palco. Atrás dele, os demais atores do coro surgem um por um executando movimentos repetidos de rotina do ator 3 em sequência. Exemplo: ator 3 escova os dentes, o seguinte veste a roupa, o seguinte penteia o cabelo... e assim por diante. A movimentação dos atores vai fazer com que formem uma grande corrente, que traz a rotina de ida ao trabalho do ator 3. Enquanto eles estão formando a corrente, surge a voz do coringa narrando um texto, ele surge na ponta lateral do palco e todos os atores passam por ele co-

mo se batessem um ponto e seguem adiante. Logo em seguida ele acompanha as movimentações, satirizando um por um dos personagens em cena até saírem todos do palco).

CORINGA

Priiiiiiiiiimmmmm!!!

Leitura oficial do estatuto!

Artigo 1: Fica decretado que o homem precisa acordar para a vida. E caso não consiga, deve ser acordado por alguém.

Artigo 2: Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive o sábado e o domingo, devem ser dias produtivos e não dedicados ao ócio.

Artigo 3: Fica estabelecido que todo ser humano tem direito de morrer por uma semana e ressuscitar depois!

Artigo 4: É irrevogável o mandato da rotina diária e da execução de tarefas ordinárias!

Parágrafo único: O mundo é um entorpecente. Todos os dias ao dormir, o homem volta a ficar entorpecido, mas é preciso acordar de vez em quando. Se o homem não acordar de vez em quando, ele nunca acorda.

Priiiiiiiiiimmmmm!!!

(Black).

CENA X – Bailarina

(Foco central se abre no palco, atriz 4 está sozinha com um papel e tentando construir uma movimentação corporal, mas nada funciona como ela quer. O corpo está desconcentrado e o olhar, morto. Entra atriz 5 executando ações de arrumação. Há pouca troca de olhar durante o diálogo).

ATRIZ 5

O que tu fazes aqui a essa hora, menina? Tá tarde, achei que tava sozinha aqui.

ATRIZ 4

Eu tenho que criar uma proposta corporal pra uma das cenas do próximo texto.

ATRIZ 5

Mas mesmo assim, tá tarde, eu tenho que fechar tudo. Vais querer dormir aqui?

ATRIZ 4

É que eu tenho prazo. Ele me pediu isso até amanhã pra poder finalizar o texto, mas como eu não entendi bem o que ele quer, to meio perdida.

ATRIZ 5

Ah, eu já sei, não é a cena da performance musical? Que tu precisas cantar?

ATRIZ 4

Cantar? Ele não me falou sobre isso, eu só tava prep...

ATRIZ 5

(Interrompe). Pois é, ele comentou comigo sobre isso. Tem que ter canto, sim.

(Fala organizando o espaço pra ir embora).

ATRIZ 4

Mas como eu vou construir uma cena com canto até amanhã?

ATRIZ 5

Ordens são ordens. Só tô repassando. Bom, eu vou indo, ainda vais ficar aí muito tempo?

ATRIZ 4

Vou ter que ficar...

ATRIZ 5

Então fica com a chave e merda aí! *(Joga de longe a chave e sai de cena).*

CENA XI – Catraca 1

(A atriz 4 esboça alguns movimentos com o corpo e começa a cantarolar uma música. Enquanto ela faz o movimento sozinha, o coro surge dos dois cantos do palco reproduzindo a movimentação e construindo um mecanismo coletivo, quando se aproximam da atriz, ela entra no mecanismo e o coro forma uma grande engrenagem que começa a parar e se despedaça. Black).

2º ATO

CENA I – O manifesto

(Os 8 atores do grupo de teatro estão reunidos no palco fazendo a leitura do texto, com exceção do ator 1).

ATOR 4

"Manifesto: não vale mais quem mais valia". Esse nome é forte.

ATRIZ 3

Isso tá incrível, vai ser o melhor espetáculo que a gente já fez.

ATRIZ 2

Eu achei muito bom também, mas nunca li o manifesto comunista.

ATOR 2

Não precisa ter lido, só precisa ter noção do que a gente quer falar e que vamos discutir as lutas de classes.

ATOR 4

Certo, o texto tá pronto, agora é só a gente fechar os dias de ensaio e começar...

ATRIZ 1

Calma, vamos discutir melhor o que a gente entendeu.

ATOR 4

Nós não temos tempo... temos prazos.

ATRIZ 1

Quem vai dirigir?

ATRIZ 3

Ele que escreveu, ele dirige, é o lógico, não?

ATOR 3

Como sempre...

ATRIZ 2

Ih, vai começar.

ATOR 3

O que o "diretor" manda dessa vez?

ATRIZ 4

Pessoal, acho que a gente precis...

ATOR 4

(Interrompe). Uma hora se passou e vocês vão começar com as picuinhas pessoais...

ATRIZ 1

Não, sem brigas. É justo que ele dirija, ele escreveu e idealizou o espetáculo, nenhum de nós conseguiria fazer isso nesse tempo.

ATRIZ 4

Eu queria...

ATRIZ 5

(Interrompe). Eu só tenho algumas ressalvas sobre umas cenas... acho que a gente pode usar projeção ou outros recursos mais modernos. Essa coisa de fazer cenas de coro é tão...

ATOR 2

É necessário. Desde os primórdios do teatro existe o coro, o coro é a massa, é o proletariado, o trabalhador... é impossível fazer um espetáculo sobre classes e não ter coro.

ATRIZ 4

Gente...

ATRIZ 3

(Interrompe). Eu já consigo visualizar as cenas. É um texto muito real, muito atual...

ATOR 3

Manifesto comunista atual? Sério?

ATRIZ 4

(Levanta a voz e usa um tom incisivo). Eu não gostei do texto!

(Todos reagem, admirados e finalmente dão atenção a ela).

ATRIZ 1

Como assim, por que tu não falaste logo?

ATRIZ 4

Eu tava tentando...

ATOR 3

Finalmente não sou só eu o sensato aqui.

ATOR 4

Mas qual o problema? O texto tá bem construído, traz uma temática que cabe na nossa linha de trabalho...

ATRIZ 4

Acho que não é muito útil falar sobre uma obra do século XIX que a gente nem vive mais, tem muitas outras formas de se discutir política de classes.

ATOR 2

Tipo o quê? Podes dar um exemplo?

ATOR 3

Depois ele nega que é autoritário... ninguém pode questionar teu trabalho que tu já usas o tom de ameaça.

ATOR 2

Olha, eu não tô ameaçando ninguém, só acho que se ela diz que há outras formas, espero que ela sugira pra gente.

ATRIZ 5

Ela tem razão. A gente tá vivendo um período muito mais preocupante agora e mais necessário de se pôr em cena do que o manifesto...

ATOR 4

Mas é possível discutir o contemporâneo através do manifesto.

ATOR 3

O texto é fraco. Não é só a temática, é a maneira de discutir. Pode até ser que o manifesto servisse de base pra discutir luta de classes, fora isso ele podia virar pé de mesa.

ATRIZ 5

Foi o que eu disse sobre as cenas. Tem muitas coisas que me incomodam aqui. O público não vai entender todas essas analogias, a gente tem que ser direto.

ATRIZ 1

E entregar o espetáculo nas mãos do público?

ATRIZ 4

Por que não se fala sobre essa crise que a gente tá vivendo agora? Nós, mais do que ninguém, temos propriedade pra falar disso. Perdemos direitos que a gente nem tinha.

ATOR 2

Já tem gente demais falando das reformas. No teatro, nas ruas, em todo lugar. Pra que mais um espetáculo que termine com "fora temer"? Tem gente que grita isso e já nem sabe porquê.

ATRIZ 5

Isso não quer dizer que não seja preciso gritar mais, em outros tons.

ATRIZ 3

(Suspiro). Vocês estão querendo polemizar uma coisa desnecessária. O texto tá pronto, nenhum de vocês teve coragem ou habilidade pra construir um trabalho assim. O mínimo que a gente precisa fazer é respeitar o que ele fez. Tem tempo, dedicação e estresse gastos aqui. Tempo é dinheiro. O melhor que a gente faz é facilitar o trabalho da direção e começar a estudar.

ATRIZ 2

Pois é... Com tantos problemas que a gente já se preocupa. É falta, atraso, divergência, picuinha... vamos aproveitar esse texto e fazer o que é preciso.

ATOR 3

Vocês querem falar sobre luta de classes e não estabelecem uma democracia nem aqui no grupo.

ATRIZ 1

Tu queres fazer votação?

ATOR 3

Não é o meio mais justo?

ATOR 2

Eu não acredito que eu tô passando por isso.

ATRIZ 1

Vamos lá, quem vota a favor do uso dessa dramaturgia...

(Ato 2 e atriz³ se levantam e se recusam a votar).

ATRIZ 3

Isso é ridículo, gente. Nós somos um grupo, onde já se viu precisar votar uma coisa que é óbvia.

ATRIZ 4

É justamente por sermos grupo...

ATOR 4

Eu só queria lembrar que a gente tem um contrato assinado e tem um prazo aguardando a gente...

ATOR 2

Isso não tem cabimento. Nós combinamos antes que eu faria esse texto e a gente ia montar o espetáculo.

ATRIZ 5

Pois é, mas a gente não sab...

ATRIZ 3

(Interrompe). Não interessa, foi acordado anteriormente.

ATOR 4

Realmente. Não dá pra perder mais tempo com isso.

ATRIZ 4

Não dá pra rediscut...

ATOR 2

(Interrompe). Eu não vou refazer nada. Vai ser esse texto e pronto.

ATOR 3

Então façam esse espetáculo de merda. *(Direciona-se à atriz 3, ator 4 e atriz 2)*. Vocês não têm pensamento próprio, são imitadores, papagaios de discurso. O que ele fala vocês concordam como se fossem operários. Bando de palhaços. Marionetes! *(Black)*.

CENA II – Marionetes

(Um foco de luz acende no fundo do palco. O Coringa está sentado em posição confortável e começa a dar o texto. A sonoplastia traz um som ritmado e metálico, próximo a uma música clássica. No centro do palco a luz vai se abrindo e está o coro em corpo morto, como bonecos. Estão divididos em três grupos. Enquanto o coringa dá o texto, cada grupo faz movimentações típicas de atores, clássicas de teatro, como se fossem marionetes, movimentando parte por parte do corpo, a movimentação muda em partes específicas do texto).

CORINGA

Os ventríloquos levam cerca de 10 anos para desenvolver e aprimorar a técnica – ou a mágica – de falar sem serem percebidos enquanto manipulam minuciosamente a movimentação da boca de um boneco que também está seguro por mais alguns fios, que sustentam braços, pernas, tronco e

cabeça. São necessárias em torno de 12 horas por dia, contabilizando 60 horas por semana, o que equivale a 3.600 segundos de trabalho concentrado a fim de levar a público a habilidade de controlar marionetes, que se torna uma ferramenta de grande valia para quem gosta de inventar verdades a públicos ingênuos. Ventríloquos são ferramentas (*Pausa, mudança de movimentação*). É hora do show!!! O homem não demorou muito tempo para aperfeiçoar as técnicas de rédeas. ANDA DIREITO. ANDA ESQUERDO. OLHA PARA CIMA. OLHA PARA BAIXO. Segurem as mãos, juntos em oração. Obedeça. Tudo é bom visto de cima. Já já estaremos bem. É só continuar. É só marchar. É só nunca parar (*Mudança de movimentação*). Tudo é ilusão. Os textos. As peças. As pessoas. Inclusive... eu! Sorria, você está sendo manipulado! (*Black*).

CENA III – Conexão

(Em cena, atriz 1 caminhando de um lado para o outro, angustiada; Atriz 5 mexe no celular sem dar atenção ao que acontece ao redor).

ATRIZ 1

As coisas não precisavam ter acontecido desse jeito... A gente trabalha juntos há um tempo, era só uma questão de conversa, tu não achas?

ATRIZ 5

Aham.

ATRIZ 1

Eu fiquei muito nervosa, ainda tentei amenizar, equilibrar a situação. Podíamos ter votado e depois civilizadamente nos resolvido.

ATRIZ 5

Aham.

ATRIZ 1

Eu fiquei assustada. Não soube o que fazer. Mas a gente podia ter dado um jeito, né?

ATRIZ 5

Aham.

ATRIZ 1

Eu concordo que a gente precisa respeitar o trabalho do dramaturgo, mas também é preciso ponderar quanto à opinião de todos...

(Atriz 5 demora um pouco, levanta o rosto e concorda).

ATRIZ 1

(Se dá conta que a atriz 5 estava o tempo todo no celular). Eu tava falando pro nada.

ATRIZ 5

Ai, desculpa. É que eu to acompanhando a continuação da briga aqui no grupo...

ATRIZ 1

É sério isso?

ATRIZ 5

Ele saiu do grupo! Postou indireta no facebook, já. Negócio ta pesado...

ATRIZ 1

Cadê, deixa eu ver. Ah, peraí, vou procurar meu celular.

(Entra apressado o ator 1, se detém ao ver que só estão as duas e fica perdido).

ATOR 1

Cadê todo mundo?

ATRIZ 1

Ensaio cancelado hoje.

ATOR 1

Eu não acredito...

ATRIZ 5

Olha quem apareceu. Resolveu lembrar que faz parte do elenco?

ATOR 1

Eu ando atarefado demais, mas é por pouco tempo. Daqui a umas semanas eu volto à ativa.

ATRIZ 5

Daqui a umas semanas o espetáculo já acabou.

ATRIZ 1

Se é que vai ter espetáculo ainda.

ATOR 1

Como assim? O que aconteceu?

ATRIZ 5

Se estivesses aqui nos ensaios, saberias. *(Se direciona para atriz 1, que não encontrou o celular).*
Olha, ele entrou de novo. Estão discutindo agora, ao vivo, por aqui.

(Ator 1 se junta a elas tentando entender o que houve, os três se aproximam para ver o que acontecia no celular da atriz 5).

CENA IV – Exército

(A luz reduz e cria um foco nos três. Eles gargalham e comentam. O foco de luz apaga e no palco surge o coro em exército com expressões que parecem máscaras. As luzes vão clareando aos poucos, acompanhando as risadas que aumentam em uma crescente. Todos escondem algo nas costas. Eles marcham e sentam aglomerados formando novamente o palco duplo italiano. Entram dois atores com roupas neutras, máscaras e símbolos na testa. A plateia atuante se divide em risos e aplausos. Os dois atores no centro, lutam com corpos animalescos. Quando finalmente um derruba o outro violentamente, retira a máscara. A plateia reage com risos e espanto. O vitorioso do centro retira a máscara também e seu rosto apresenta uma máscara de expressão como a da plateia – remetem aos emojis. Os que riam, agora se assustam, os que estavam calados, agora aplaudem. A plateia atuante se levanta e começa a marchar em direção à plateia pagante. Os dois atores do centro são engolidos pelo exército. Em frente à plateia, posição de ataque. Eles recuam um pouco e começam a guerrear entre si. Alguns começam a filmar as mortes, inclusive as suas próprias. Alguns começam a se espantar com os corpos já no chão. Black. Luzes dos celulares. Há um último suspiro de tristeza coletiva. Um a um os celulares se apagam).

CENA V – Catraca 2

(Foco central se abre no palco, atriz 4 está sozinha novamente, tentando construir a mesma movimentação de antes. Entra atriz 5).

ATRIZ 5

Menina! Tu ainda estás ensaiando? Tu não tens casa?

ATRIZ 4

Eu moro longe demais. E lá não tem como ensaiar, tem muita gent...

ATRIZ 5

(Interrompe). Tu terminaste aquela cena?

ATRIZ 4

Eu tô tentando, mas é muito complicado. Hoje só pra chegar aqui eu levei duas horas, o ônibus deu prego, tinha tido assalto com morte perto de casa...

ATRIZ 5

(Enquanto a atriz 4 falava, ela arrumava o espaço e ia passando objetos para a outra ajudar). Quando vais apresentar pra gente? Minha cena depende da tua e eu preciso dar prosseguimento.

ATRIZ 4

Se eu conseguir ficar aqui hoje, acho que eu...

ATRIZ 5

(Interrompe). Ótimo, então fica aí. Eu deixo a chave e amanhã tu mostras isso pronto. É fácil né...

ATRIZ 4

Tu podias ficar aqu...

ATRIZ 5

Eu preciso ir que eu tô atrasada e meu namorado vem me buscar de carro porque sabes como tá a cidade né... um perigo. Até amanhã!

(Foco de luz central. Atriz 4 na mesma tentativa de movimentação do 1º ato, coro ao fundo reproduz a movimentação dela e novamente se juntam em um único mecanismo, formando uma grande engrenagem que agora gira para o outro lado do palco e não se quebra. Som de aplausos. Black).

3º ATO

CENA I – Pós-estreia

(Luz aberta no palco, atriz 4 novamente aparece ensaiando. Entra ator 1 apressado e se detém).

ATOR 1

Ainda ensaiando? Depois da apresentação de ontem? Descansa um pouco, tu estás ótima.

ATRIZ 4

Eu erreí algumas coisas...

ATOR 1

Não importa. Não prejudicou em nada, continuou muito boa a cena.

ATRIZ 4

É até estranho ouvir um elogio e não só um "bom trabalho".

(Entra o ator 4).

ATOR 4

“Bom trabalho”? Nem isso a gente vai ouvir, vocês não se deram conta do que houve? Foi um desastre.

ATOR 1

Não foi tão ruim. A lógica é resolver a cena não é? A gente resolveu.

ATOR 4

Fala por ti. Ela não resolveu nada, só piorou (*dirigindo-se à atriz 4*).

ATRIZ 4

Eu sei que algumas coisas deram errado, mas foi por conta do jogo de cena, eu ainda tentei resolver, mas aí ia ficar evidente pro público que era erro nosso.

ATOR 4

Pois é, mas ficou evidente. Vocês não viram quem tava na plateia? Eles vieram todos falar comigo no final, perguntando o que aconteceu. “Vocês não eram assim, a marca de vocês sempre foi a técnica impecável...”.

ATOR 1

Olha, eles são atores há anos, formaram a gente, mais do que ninguém deviam saber que essas coisas acontecem no primeiro dia.

ATOR 4

Tu és muito ingênuo. Achas que eu to falando de erros simples? Eu nem vou comentar isso. Mas tem coisas que atores como nós já devíamos saber...

ATRIZ 4

Olha só, eu não fiquei ensaiando noite e dia aqui pra apresentar coisa ruim. Se eles avaliam só a técnica então perderam metade do espetáculo.

ATOR 4:

Engraçado tu falares de técnica. Vocês dois não tem base alguma pra falar disso... Esqueçam a ideia de brincadeira e imaginação. Isso aqui é sério. Isso aqui é teatro. É trabalho! (*Black*).

CENA II – Engessamento

(Black. Som de celular tocando. Aos poucos vão surgindo outros sons diferentes de telefones tocando, carros, buzinas, barulhos urbanos. A luz vai clareando e o coro surge caminhando apressadamente de um lado para outro. Um choro de criança se mistura aos barulhos urbanos, estes vão diminuindo o volume e o choro aumenta. Black. Um foco de sombra se abre na panada, a sonoplastia volta a trazer

sons de tempo. Uma silhueta pequena aparece na sombra segurando um balão, até que uma silhueta de mão espoca o balão enquanto outra já entrega outro elemento. Várias mãos surgem e somem entregando e retirando elementos que representam o tempo, a evolução da vida. Até que são entregues um capelo e um canudo e surge o som de aplausos. A partir daí, as mãos entregam papéis, vários papéis. E quanto mais papéis são entregues, a silhueta central vai ficando enrijecida, engessada. Quando o corpo estiver completamente duro, as mãos começam a controlar os movimentos do corpo, levando-o a ficar cada vez maior. Soltam-no e ouve-se som de objetos quebrados. Black).

CENA III – O trabalho

(Todos os atores do elenco estão posicionados no fundo do palco, formando a imagem do quadro “operários” de Tarsila do Amaral. Toca a sirene operária e não cessa, só diminui o volume. Cada um dos atores tem uma pequena lanterna e, um a um, acendem a luz para dizer o mesmo texto em nuances diferentes. Não há pausas entre as falas. As lanternas vão permanecendo acesas e a imagem vai sendo construída. O texto dito é “o trabalho dignifica o homem”. A sirene aumenta o volume novamente e junto a ela o som de sirene policial. Os atores saem dos seus lugares em movimentação de fuga. Luzes piscam. Caos no palco. O coro vai saindo e três atores permanecem no centro da cena).

CENA IV – Os macacos sábios e a mais-valia

(Durante o caos anterior, os objetos são postos em cena. Os três atores usam, cada um, três objetos típicos de fábrica: os fones de ouvido enormes, a máscara de proteção de gás, os óculos de proteção. Na frente de cada ator há um chapéu de operário no chão. Ao fundo está o coringa, assistindo o que se passa com uma cartola na mesma direção que os chapéus dos três atores. A sonoplastia é de marcha. Os três macacos operários marcham levemente no lugar. Aos poucos, atravessam a cena outros atores, em caminhada com foco. Passam pelos três e jogam no chapéu objetos fabris: pregos, roscas, martelos, chaves de fenda, entre outros. Em seguida, os três operários vão até a cartola do coringa e despejam o conteúdo dos chapéus. A situação se repete três vezes. O coringa sempre os cumprimenta solenemente quando recebe as ferramentas. Após a última repetição, a sirene operária toca e os operários recebem cada um uma peça do coringa, que sai sorridente).

CENA V – Atropelamento

(Foco de luz no centro do palco onde está o ator 4, em posição de dirigir. Sonoplastia traz som de rádio ligado, interferência, notícias. O coringa fala como se fosse o radialista e, junto à sonoplastia, acusa uma manifestação que atrapalha o trânsito. Ator 4 vai se aborrecendo, acelera e se ouve o som de atropelamento. Black).

CENA VI – Última sessão

(Todos os atores do grupo de teatro em cena, com exceção da atriz 4. Ator 4 é o último a chegar, desconfiado e quieto. Estão se preparando para começar a última sessão e comentando onde estão os outros e o que falta para iniciar).

ATRIZ 2

Gente, tá faltando alguém aqui!

ATOR 2

Quem é?

ATRIZ 1

Tá mesmo, nós somos nove.

ATOR 1

O que falta pra começar, gente? Já tá lotado lá fora...

ATRIZ 3

Não é possível, todo mundo sabia o horário pra chegar.

ATRIZ 5

Já sei, é aquela menina... que ficava ensaiando até tarde aqui.

ATRIZ 1

Alguém sabe onde ela mora?

ATRIZ 5

Ela disse uma vez alguma coisa, mas eu não prestei atenção.

ATOR 1

Liguem pra ela...

ATOR 2

A gente não tem tempo pra esperar... alguém marca a cena dela.

ATRIZ 2

Mas ninguém sabe fazer aquela cena.

ATOR 2

Então a gente pula. Vamos. O show tem que continuar!!!

(Saem todos de cena. Black).

CENA VII – Deja vu

(Luz inicial de entrada da plateia. A plateia atuante, na mesma formação, vai entrando e se posicionando como na primeira cena. A cena inicial se repetirá, com a performance inicial até a entrada do coringa. Silenciam porque as luzes sinalizam que o espetáculo vai começar. A performance inicial se repete até a entrada do coringa, que também mantém a mesma movimentação, só que agora diz o texto em português).

Fim



A PAIXÃO DE DIONÍSIO

ANA
MARCELIANO

A PAIXÃO DE DIONÍSIO

Ana Marceliano

PERSONAGENS

Maria - Gari (uniforme laranja e carrinho de lixo com material de limpeza).

Jurandir - Gari (uniforme laranja e carrinho de lixo com material de limpeza).

Didi - Vendedor de raspa-raspa e cacarecos de toda espécie, embriagado e embriagante (Carrinho de raspa-raspa multiuso em forma de barco, contém som, adereços de cena e desdobra-se em palco).

CENA I – O acordo

(Cenário: Praça. Feira. Rua. Maria e Jurandir recolhem o lixo. Didi entra falando no microfone e empurrando o carrinho de raspa-raspa).

DIDI

Olha o raspa-raspa do Didi, o mais querido da galera. Tem de acerola, tem de goiaba, tem de limão, tem de fruti-fruti, *(vê as duas)* e tem até de laranjinha...

MARIA

Fala, Didi! Tudo bom contigo?

JURANDIR

E aí, maninho?!!!! Qual vai ser a lorota de hoje?

DIDI

Ahhh, eu não vou mais gastar o meu bafo com vocês que não me acreditam! Um dia eu ainda vou embora, vender meu raspa-raspa lá pra mosqueiro e vocês vão ficar aqui com saudade do Didi... Mas eu não vou voltar! Já disse, NÃO GASTO MAIS O MEU BAFO COM VOCÊS !!!

JURANDIR

Ainda bem, vai me poupar desse teu bafo de bebum! Vem cá, o quê que é que tem nesse teu raspa-raspa que tu tás sempre assim alegrinho?

MARIA

Ô, Didi, não liga pra Jurandir, não! Ela é assim porque a marida dela deixou dela. Mas ó, eu adoro as mentiras que tu contas. Conta outra hoje! Eu adoro aquela dos Leões que comiam gente dentro daquele estádio, o COMI-EU!

DIDI

Tu tá querendo dizer o COLISEU?!

MARIA

É! É isso aí!

DIDI

Primeiro Maria, é que não são mentiras, quer dizer, são mais ou menos mentiras. Porque teatro é mentir pra falar a verdade. E segundo que não importa o quanto eu explique tu entendes tudo errado...

JURANDIR

Ahhahaha!! Chamou de Burra!!! Toma-te!!

(Maria magoada vai recolher lixo).

JURANDIR

Olha aqui, Didi, não chama minha colega de burra, tá. Ela é muito minha amiga e se ela não entende é porque tu falas um monte de doidisse e não explica direito.

DIDI

Ah é?! Eu não explico direito? Então hoje eu vou explicar do começo!!! E também chega de monólogo, vocês vão aprender fazendo! Ou eu não me chamo DIONÍSIO! O Deus do Teatro! Deus do Vinho! Da fertilidade! *(Se empolga e começa a agarrar Jurandir)* Das festas, do lazer, do prazer...

MARIA

(Voltando). Ai, tu só sabes falar disso, que tu és o BamBamBam do teatro, mas cadê que tu és famoso? Não aparece nem na televisão, ninguém nem te conhece.

JURANDIR

É verdade! Se tu és mesmo famoso, diz aí um comercial que tu já fizestes? Quero ver!

DIDI

Ah é? Então diz aí o nome de uma peça de teatro que vocês já viram! Só uma!

(Alguns segundos de profundo e sepulcral silêncio).

DIDI

Viu só, tá vendo? Vocês não sabem dizer o nome de peça nenhuma porque vocês não sabem nem o que é, talvez até já tenham visto, mas não sabem o que é teatro.

JURANDIR

Olha aqui meu filho, dá licença que eu tenho muito trabalho pra fazer, não tenho tempo pra perder com besteira. *(Jurandir vai limpar a praça).*

DIDI

Escuta, Maria, eu vou fazer uma proposta pra vocês duas. Vocês deixam eu contar a minha história hoje, uma última vez, sem chateações, e se mesmo assim vocês não gostarem ou não entenderem eu desisto de uma vez por todas e vocês nunca mais vão me ver. Que tal?

MARIA

Mas aí tu vais trabalhar aonde?

(Se mostra preocupada, Didi aproveita para “consolar” apalpando Maria).

JURANDIR

(Voltando). Agora eu gostei! Quer dizer que eu nunca mais vou ver essa tua cara de vagabundo na minha praça! Eu topo perder um dia de trabalho pra ter a paz e tranquilidade nos outros dias, pra mim tá fechado.

DIDI

(Pega no carrinho uma garrafa diferente e entrega um raspa-raspa com três canudinhos à Jurandir e à Maria). Aha! Agora sim! Então pra selar, dá um chupadinha aqui! *(Os três chupam como que para selar um acordo mágico).*

CENA II – O Ritual

JURANDIR

E aí? O quê que a gente tem que fazer?

DIDI

Tudo. Tudo que eu mandar. Eu serei o Diretor!

MARIA

E eu vou ser quem?

DIDI

A minha atriz principal!

JURANDIR

E eu faço o quê?

DIDI

Você, coisa feia, faz massagem no meu pé!

(Jurandir faz massagem no pé de Didi enquanto ele procura alguma coisa na lixeira de Jurandir, encontra um pedaço de ferro e usa para bater as três campas em uma das garrafinhas de suco do carrinho).

DIDI

Bom, já que estamos com um elenco desfalcado eu farei também o narrador!

MARIA

(Baixo para Jurandir). O que é o narrador?

JURANDIR

É tipo o Galvão Bueno, fica falando o que tá acontecendo.

DIDI

Respeitável e desrespeitável público! Abri vossos ouvidos! Esticai vossos olhos, porque hoje lhes será apresentada, como nunca antes, a tragicomédia da criação do mundo, ou pelo menos do teatro, que não começa bem do começo, mas que já é o bastante para o divertimento de uns e demais para o saco de outros. Pois bem, aviso de antemão que o espetáculo será todo apresentado em 3D, portanto, se alguém precisar dos óculos escuros eu disponibilizo ali à venda no meu carrinho, inclusive quem quiser comer e beber durante o espetáculo pode, eu tenho ali raspa-raspa e pipoca pantera. Cof Cof! *(Faz gargarejo com um pouco de raspa-raspa).* Há muito, muito tempo atrás, quando o homem *(aponta para si)* ainda se parecia muito com o macaco *(aponta para Jurandir).*

JURANDIR

(Interrompendo). Ei, isso é racismo, hein!!!!

DIDI

Ele dependia da chuva para sobreviver *(joga suco para todos os lados)*, porque a chuva cuidava das plantações, então certo dia quando a seca chegou alguém da tribo teve uma brilhante ideia pra resolver o problema.

JURANDIR

Eles ligaram pra COSANPA?

DIDI

Não tinha COSANPA naquela época, Jurandir, e nem telefone. Eles tiveram a ideia de imitar!

MARIA

Imitar? Mas como isso ia resolver o problema da seca?

DIDI

Não ia, Maria, mas a imitação serve pra muita coisa, pra gente se comunicar, expressar desejos e o mais importante: ajuda a aprender!

MARIA

Mas então eles imitaram o quê?

DIDI

A chuva!!!

(Didi liga o som do carrinho, pega Maria e Jurandir pela mão e os três começam a dançar imitando a chuva, aos poucos surge uma coreografia ao som de aparelhagem e os três cantam em ritmo de tecnobrega).

TODOS

E chove! E chove! E chove, chove, chove!

(Didi vai se empolgando com a coreografia e termina agarrando as duas).

JURANDIR

Ihhhhh, sai pra lá!!!

MARIA

Mas pera aí, então isso é teatro??

DIDI

Não, mas é o começo! Isso é um ritual! Teatro é o que veio depois!

CENA III – O surgimento das paixões

DIDI

Acontece que todo mundo começou a ter rituais, rituais pra tudo, pra chover, pra caçar, pra terem boa colheita, ishi, virou moda fazer ritual. E os rituais que mais “bombaram” naquele tempo foram aqueles ligados à morte e renascimento da vegetação.

MARIA

Como assim? Que graça tem isso?

DIDI

Bom, tu sabes que o homem só nasce uma vez, certo?

MARIA

Certo.

DIDI

E que também só morre uma vez, certo?

MARIA

Certo.

DIDI

Pois é, daí que todo mundo ficava intrigado com a vegetação que nascia, morria e nascia de novo todo ano. Então esses rituais que falavam da vida, morte e ressurreição ficaram conhecidos como as paixões!

MARIA

Ah, entendi, é tipo assim, a Paixão de Cristo!

DIDI

É... tipo assim, a paixão de Dyonísus!!!

JURANDIR

Ihhh, lá vai contar vantagem...

DIDI

Foi mais ou menos nessa época que eu me descobri no teatro (*enquanto conta serve raspa-raspa para todos*), ou melhor, descobri o teatro. Eu tava andando lá por Atenas, na Grécia, quando ouvi de longe um falatório, uma cantoria ai eu pensei comigo: "É festa! Vou lá!". Quando eu cheguei vi um bucado de gente dançando e cantando (*Maria e Jurandir dançam e cantarolam no centro*) era um ritual! Daí que na frente daquele monte de gente que cantava a mesma coisa tinha um carinho sem graça que contava uma história, e adivinhem só de quem ele tava falando?!

JURANDIR

(*Para Maria*). Ih, ele vai dizer que tava falando dele.

DIDI

De mim! Imaginem só... Ele tava contando a história da minha vida.

(Didi tira dois cocos de uma das lixeiras e põe na mão de cada uma, elas usam as metades como máscaras).

MARIA E JURANDIR *(Cantando).*

Pena tão sem pena – a Baco

Celebrando com gritos de Evoé!

Quem vai aí, quem vai aí? Quem?

Para dentro de casa se afaste, uma fala piedosa

Cada um tribute!

Sempre, o que pelo uso está consagrado

À Dioniso cantarei!

DIDI COMO TÉSPIS *(Debocha e representa muito mal).*

À terra de Tebas vem, Dioniso,

De Zeus filho, a quem outrora deu à luz Sémele,

Filha de Cadmo, pela chama do raio assistida.

E blá blá blá...

Uó! O cara era muito ruim, minha gente. Fui lá, dei uma chave de braço nele e sem que ninguém percebesse roubei a máscara e arrasei.

MARIA E JURANDIR *(Cantando).*

Quem vai aí, quem vai aí? Quem?

Para dentro de casa se afaste, uma fala piedosa

Cada um tribute!

Sempre, o que pelo uso está consagrado

À Dioniso cantarei!

DIDI

(Ao estilo novela mexicana).

Ohhh! À terra de Tebas venho, eu, Dioniso!!!

De Zeus filho, a quem outrora deu à luz Sémele,

Filha de Cadmo, pela chama do raio assistida.

Mas, não! Oh o que vejo!!! Não! Não! Nãooooo!

O túmulo de minha mãe, a fulminada, vejo,

Ao palácio vizinho, e as ruínas da sua morada,

Do fogo de Zeus uma chama ainda viva exalando,

Imperecível cólera de Hera contra minha mãe!!!

MARIA E JURANDIR

(Aplaudem emocionadas). UUUUU!! ARRASOU!!!

MARIA

Ê, Jurandir, tu falou bonito, mana!!!

JURANDIR

E tu também, colega!!! Eu tô falando que tem alguma coisa, nesse raspa- raspa.

DIDI

Bom, aí depois disso foi um sucesso!! Todo mundo só queria fazer desse jeito, todo mundo só queria me imitar!! E o pior, quem levou a fama de ter sido o primeiro ator da história, foi o pobre coitado que eu dei a chave de braço, um tal de Téspis sei lá o quê...

CENA IV – Os festivais

JURANDIR

Ê, Didi, a gente falou bonito, mas eu não entendi nada dessa história.

DIDI

Ah, esse é um trecho das Bacantes, que um tempo depois o Eurípedes escreveu. É nada mais do que a história de minha vida. Papai, o todo poderoso Zeus, se enrabiou por uma mortal chamada Sêmele, e tiveram um lindo e maravilhoso filho, eu, só que papai já era casado com a Deusa Hera aí já viu né, a chifruda deu um jeito de fazer o Papi matar a Mami.

MARIA

Credo, Didi, mas esse teu teatro é só tragédia!!! Não quero ver história de morte. Não tem história de amor aí, não?

DIDI

Ai, Maria, esse teatro é só tragédia porque o nome é esse mesmo, isso foi o início das tragédias gregas, mas existe a comédia também que vai falar de amor, ou melhor, de sexo *(aproveita para apalpar Maria)*.

JURANDIR

Ei, vocês dois, dá pra parar de lenga-lenga?! Eu quero saber o que veio depois.

(Didi pega no carrinho um saco de estalinhos e enquanto narra desenha no chão um anfiteatro, localizando a posição do público, do coro e dos atores).

DIDI

Ah, sim! Depois vieram os Festivais! Todo mundo começou a escrever as histórias que gostaria de contar daquele jeito e logo surgiu o Festival da Lenéia e da Dionísia Maior, em minha homenagem, é claro! Os melhores autores eram escolhidos e cada autor deveria apresentar 3 tragédias e 1 comédia! A multidão que cantava junto era chamada de Coro, e o cara que contava a história na frente era o Corifeu. Com o passar do tempo o coro foi diminuindo e o número de atores aumentando. Os teatros foram sendo construídos na encosta de montanhas e alguns deles cabiam até 17.000 pessoas na plateia!

MARIA

Credo, pra quê tanto?

DIDI

Ah, Maria, naquela época tudo era muito diferente, naquela época a cidade inteira ia ver teatro, o Governo pagava para as pessoas trabalharem no coro e sempre tinha alguém que queria ser o grande patrocinador. Teatro naquela época era uma NE-CES-SI-DA-DE (*pisoteia todos os estalinhos*).

CENA V – Em Roma pão e circo

MARIA

Chique. Mas se era tão bacana assim por que mudou?

JURANDIR

Porque inventaram a televisão e todo mundo viu que novela é mais paidégua!

DIDI

ÉGUA! Não tem combate com vocês! Dá licença que eu vou vender meu raspa-raspa lá na Praça da República, assim é mais jogo...

MARIA E JURANDIR

Não!!!!

JURANDIR

Ô Didi, não vai sem terminar a história.

MARIA

É, Didi, fica aí, me dá mais um raspa-raspa que é. (*Didi se fazendo de difícil vai para a plateia e tenta vender utensílios de toda espécie*).

DIDI

Ô seu menino, tá precisando de uma antena na sua casa pra assistir à novela? Essa aqui é cem por cento, se levar duas, ganha uma raquete elétrica de matar mosquito de grátis...

(Jurandir e Maria combinam um plano).

JURANDIR

Então, tá. O Didi não quer mais contar, então vamo fazer sozinhas né, Maria?

MARIA

É, vamo!

(Maria e Jurandir, então, começam a reproduzir uma cena do último capítulo da novela das oito da Globo - esta cena deve ser toda improvisada pelos atores e atualizada a cada temporada. Didi profundamente irritado em vê-las encenando a novela, interrompe a cena).

DIDI

Ahh não! Pode parar que agora é sacanagem!!! Sabem o que é isso? É herança de Roma! É pão e circo! Malditos romanos, não entendiam nada de arte e acabaram copiando os gregos, mas avacalharam tudo. O governo achava o teatro perigoso e por isso preferia dar ao povo um entretenimento que não fizesse ninguém pensar.

MARIA

Ah, Didi, mas não era lá na Roma que tinha o Comi-Eu?

DIDI

É, justamente, o Coliseu era lá. E essa deve ter sido a maior contribuição dos Romanos para o teatro, eles inventaram o espetáculo! Só que a custas da vida de muitos escravos, pois a morte sangrenta fazia a multidão de espectadores do povo vibrarem.

(Didi faz dos chifres uma biga e luta com Jurandir, Maria serve de juiz da disputa, durante a luta Didi perde um braço, Maria usando o casaco de Didi vira um leão, que os persegue e ao final da fala devora os dois brutalmente).

JURANDIR

Era tipo MMA, né?!

(Os três se divertem e bebem mais raspa-raspa, principalmente Maria).

CENA VI – A igreja e a quase morte do teatro

JURANDIR

E aí depois?

DIDI

Ah, depois acaba.

JURANDIR

Como assim acaba? Acaba o quê?

DIDI

O teatro.

JURANDIR

Acaba nada, a gente não tá fazendo aqui e agora?

DIDI

É, não acaba de vez, mas sumiu por um boooooo tempo. A Igreja achava um escândalo fazer teatro, então proibiu e condenou os atores e as famílias deles. Durante cinco séculos fazer teatro era heresia, bruxaria!

JURANDIR

Então como é que voltou?

DIDI

A própria igreja resolveu fazer teatro.

(Distribui mais raspa-raspa, a esta altura as duas já estão semiembriagadas, rindo à toa).

JURANDIR

Ah, esse povo não se decide...

DIDI

É que o povão todo era analfabeto, e a igreja tinha que ensinar a sua religião então resolveu fazer os padres e monges encenarem as passagens da Bíblia.

MARIA

Eita, que eu achava que essa história de padre artista era coisa do Fábio de Melo...

(Jurandir procura no carrinho de lixo asas e uma auréola, fica em pé em cima do carrinho).

JURANDIR

Maria, Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo!

(Didi pega um passarinho de miriti do carrinho e o manipula voando sobre a plateia. Maria meio embriagada encarna uma Virgem Maria sensual que dá em cima do público).

JURANDIR

Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus.

MARIA

Oh, mas como acontecerá isso, se eu não conheço homem?

DIDI

(Para a plateia). Humm, tá...

JURANDIR

O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra.
(Didi manipula o passarinho ao redor de Maria, “bulinando”).

MARIA

Que isso, Didi?

DIDI

A pomba do Espírito Santo!

JURANDIR

Ê, bora parar com a sacanagem? Respeita a Maria! Eu hein...

CENA VII – A comédia Dell’arte e o teatro Elisabetano

DIDI

É, foi isso mesmo, a Igreja parou com essa sacanagem de só ela poder fazer teatro e liberou de novo. E foi aí que ele voltou para as ruas, agora como ofício. Era a Comédia Dell’arte!

MARIA

Que isso, Didi?

DIDI

É Italiano, traduzindo significa Comédia dos Profissionais! Cada ator tinha um único personagem que encenava sempre. *(Sobe no carrinho que se abre e vira palco, e apresenta os personagens montando um corpo para cada um).* Arlequín, Brighella, Colombina, Dottore, Pantalone, Capitano e é claro os enamorados *(Tasca um beijo em Maria que cai na gargalhada de tão bêbada).* É divertido mesmo, Maria. A comédia Dell’arte foi o que provavelmente deu origem ao palhaço.

JURANDIR

Ô Maria, acho que já tá bom de raspa-raspa pra ti.

DIDI

A Comédia Dell'arte não seguia texto marcado, os atores entravam em cena sabendo mais ou menos o que iria acontecer e o resto era improvisado. Essa prática não durou muito tempo, logo veio a era do texto, ia-se ao teatro para ouvir uma peça e não ver, nessa onda surgiram grandes dramaturgos.

MARIA

"Cuméqueé". Surgiu o que aonde?

DIDI

Os dramaturgos são as pessoas que escrevem um texto pra teatro. Eles surgiram em vários lugares, na Espanha teve Lope de Vega, Tirso de Molina, Calderón de la Barca, na Inglaterra teve o Christopher Marlowe, William Shakespeare...

MARIA

Sou só eu que tou voando aqui?

JURANDIR

Também não entendi nada.

DIDI

Shakespeare, menina, ah por favor, ele escreveu Romeu e Julieta!

MARIA

Ahhh, eu vi sim. Eu vi esse filme.

JURANDIR

Ainda tou no zero.

DIDI

É a maior história de amor de todos os tempos! *(Agarra Maria e tenta beijá-la).*

MARIA

Ah, mas não é mesmo. Eles morrem no fim. História de amor tem que ter final feliz!
(Didi larga Maria e ela cai no chão).

DIDI

Desisto da Maria.

JURANDIR

Deixa a Maria pra lá, continua.

CENA VIII – O exercício da cadeira: realismo

DIDI

Pior que foi mais ou menos isso que aconteceu, a sociedade estranhava as obras de shakespeare e alguns textos chegaram a ser alterados para terem finais felizes. Mais tarde quando apareceu a sociedade burguesa ninguém mais queria ver as grandes tragédias, queria-se ver histórias mais próximas da realidade, sobre intrigas e romances. Foi a era do romantismo.

MARIA

Ai, romantismo, eu já gostei...

DIDI

Mas como eu pessoalmente não gosto muito dessa época e como sou eu quem está contando a história eu vou pular essa parte e falar do realismo!

MARIA

Mas Didi...

DIDI

Então o realismo no teatro começou a surgir após a revolução industrial, queria-se fazer um teatro que falasse do que se estava vivendo na época, o mais próximo possível do mundo real. Aí inventou-se a quarta parede.

JURANDIR

Ué, quer dizer que já tinham 3?

DIDI

Tinham Jurandir, percebe: As peças eram apresentadas em teatros, salas fechadas, então era como se o palco tivesse três paredes, uma no fundo e duas do lado, como o realismo queria causar a ilusão de realidade colocou uma quarta parede entre a cena e o público.

MARIA

Ai, mas aí ninguém vê nada com uma parede na frente.

DIDI

Mas é uma parede de mentirinha. (*Viram de costas pra o público*). Eu quero dizer que os atores passaram a ignorar a presença do público pra que o público esquecesse da sua vida e vivesse a vida dos personagens do palco. Entendeu?

MARIA

Mais ou menos...

DIDI

Aí, apareceu o Nemirovitch Dantchenko e o Constantin Stanislavsky...

JURANDIR

Eita porra!

DIDI

Calma, não é tão complicado. Esses caras o Dantchenko e o Stanislavsky queriam fazer um teatro livre dos exageros e dos gestos falsos do teatro daquela época. E com isso criaram o TAM.

MARIA

Empresa de avião?

DIDI

Não! Teatro de Arte de Moscow e lá desenvolveram um método para se fazer teatro mais próximo da realidade.

(Põe o carrinho de lixo deitado no centro do palco e pede pra que Maria sente. Os dois assistem e com sotaque russo corrigem todas as ações de Maria na cadeira).

DIDI

Não, não, muito artificial.

JURANDIR

Podre, muito ruim.

DIDI

Eu quero verdade. Vamo lá!

JURANDIR

Podre, muito ruim.

DIDI

É preciso mais fé, Maira. Acredita mais quando sentar na cadeira.

JURANDIR

Podre, muito ruim.

MARIA

Ô Didi, olha a Jurandir aí. Eu não tou nem fazendo nada!

DIDI

Isso Maria, agora sim, esse é o caminho, bem melhor, menos é mais...

CENA IX – Verfremdungseffekt e outras bebidas

MARIA

Ai, me dá um raspa-raspa é que é...

DIDI

Bom, e assim o Stanislavsky trabalhou com a memória emotiva, e finalmente o tal “método das ações físicas”, muito famoso até hoje.

JURANDIR

(À parte). Tão famoso que eu nunca ouvi falar.

DIDI

Tudo isso pra alcançar um nível de interpretação que fizesse o espectador enxergar a realidade que o cercava.

JURANDIR

(Bocejando). Emocionante!

DIDI

Mas aí então, surgiu um cara que achou que pra que o público enxergasse a sua realidade ele não podia embarcar na ficção do palco, ele tinha que saber que teatro é de mentira, para que não achasse que a história apresentada era a solução definitiva, ele pensava que assim o espectador que assistisse ao seu teatro ia perceber que a realidade, assim como suas peças, pode sofrer mudanças. Esse era o teatro didático de Bertold Brecht.

MARIA

Eu hein, só tem nome estranho nesses teatros? Não tem nenhum José, não?

JURANDIR

Ai, Didi, não enrola. Mostra logo como é esse teatro didático.

DIDI

Ah, tu quer ver é? *(Tira do fundo do carrinho uma garrafa de suco muito diferente)*. Então pera aí que pra fazer esse eu tenho um raspa-raspa especial que eu mesmo inventei, se chama Verfremdungseffekt. *(Didi e Jurandir bebem da garrafa)*.

ATOR QUE FAZ DIDI

(Vai à frente do público). Olá. Meu nome é *(nome do ator)*. Eu estou aqui pra contar uma parte da história do teatro ocidental, proporcionando o acesso a um conhecimento acadêmico que muitas vezes se mantém fechado dentro dos muros das universidades. A gente tá aqui também porque acredita que fazer teatro é uma forma de estar perto das pessoas, de proporcionar o acesso à educação, à cultura, às trocas presenciais, essa é uma forma de resistência ao processo de exclusão social que infesta nosso país.

ATRIZ QUE FAZ JURANDIR

(Vai à frente do público). O meu nome é *(nome da atriz)*, e eu sou atriz. Eu não tenho um emprego como tem a Jurandir. Eu tenho um ofício. E é por esta razão que agora nós vamos interromper e passar o chapéu.

(Os dois fazem a rodada de chapéu, enquanto isso, Maria observa achando tudo estranhíssimo).

MARIA

Jesus, Maria, José. Minha cabeça tá dando um nó. Vocês vão me enlouquecer hoje.

DIDI

Não tem problema enlouquecer, Maria. Doido também faz teatro. Inclusive um dos grandes homens de teatro da história não tinha os parafusos muito bem apertados.

JURANDIR

Ishi, era doido de pedra mesmo?

DIDI

Antonin Artaud era o único dele no mundo. Um incompreendido. Gênio. Poeta. Escritor, Dramaturgo. Roteirista. Diretor. Ator. Artaud. Seus escritos apaixonados influenciam gerações e gera-

ções de criadores até hoje e não só na França, mas no mundo todo. Foi ele quem disse: "Eu represento totalmente a minha vida". Eu, inclusive, gostei tanto da idéia que tô aqui agora.

MARIA

(Como que enfeitada fala em tom acadêmico). Mas então, Didi, isso aí é lá na França, você já falou da Inglaterra, da Espanha... do realismo na Rússia, do Co-li-seu em Roma, das Tragédias na Grécia, e aqui no Brasil? Tem o quê?

CENA X

Padre Anchieta e a Paixão de Cristo em Canudos: Jesus Maria José ou Didi, Maria e Jurandir

DIDI

Bom, aqui só foi aparecer teatro no século XVII. Mais uma vez com a Igreja, mais uma vez pra catequizar, só que agora eram os índios. Surgiu com o Padre Anchieta, ele era babado, escreveu autos em tupi-guarani e botava no diabo o nome de índios de tribos inimigas, era uma "viagemmm"...

JURANDIR

Ah, é por isso que tem tanta Paixão de Cristo por aqui? Eu sempre vejo a de barcarena, minha ex mora lá, do lado da igreja...

DIDI

Aleluia, aleluia...! Não acredito, finalmente tu entendestes, Jurandir! Eu sabia que vocês conheciam teatro! Sabia que vocês já tinham visto. E tu Maria, já vistas também?

MARIA

Viu o quê? Paixão de Cristo? Ishi, mas se sou eu que faço a Virgem Maria todo ano no canudos. Só foi uma vez que não fui eu, porque eu não consegui chorar ai no outro ano me botaram pra Maria Madalena, mas foi só essa vez, sou sempre eu mesmo.

DIDI

Pera aí Maria, quer dizer que tu faz teatro e não me avisa? E eu aqui há uma hora te ensinando e tu já fazes teatro?

MARIA

Mas não é teatro teatro, é Paixão de Cristo, ué. Meu nome nem é Maria. É porque sou eu que faço a Maria todo ano, aí o povo só me chama de Maria.

JURANDIR

E como é teu nome, criatura?

DIDI

Mas Maria, Paixão de Cristo é teatro teatro mesmo!

(Didi sobe no carrinho, usa o mastro das velas como cruz e entra crucificado. Jurandir puxa um microfone do carrinho e dubla as falas de Maria e Jesus).

MARIA

Meu filho.

JESUS (DIDI)

Mulher eis ai o teu filho, João ai tens a tua mãe. *(Jurandir corre e se põe ao lado de Maria interpretando João, volta ao microfone e prossegue).* Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Eu tenho sede, eu tenho sede, eu tenho sede. *(Jurandir corre para frente e arremessa uma antena de TV como lança em Jesus).* Tudo está consumado. Pai em tuas mãos entrego o meu espírito.

(Maria corre para o público em desespero e tenta chorar. Jurandir desce Jesus da cruz e os dois ficam ao fundo esperando para ver se Maria chora, ela parece não conseguir, depois de muita expectativa ela consegue e os dois aplaudem).

DIDI

Égua, arrasou, Maria. Só não foi melhor que eu, fiz igual o Thiago Lacerda na Nova Jerusalém.

MARIA

Vem cá. Não é tu que odeia novela e não gosta de televisão? Como é que tu conhece o Thiago Lacerda?

DIDI

Ah, mas vamo combinar que o Thiago Lacerda é um gato, gente. Esse eu não perco na novela...

JURANDIR

Eita, vai entender...

DIDI

Ai, ai, valeu o dia de hoje meninas, muito obrigado, foi muito divertido, mas agora eu já vou indo.

JUNTAS

Como assim??? Acabou??

JURANDIR

Mas pera aí, Didi. Tu não vais ressuscitar?

DIDI

(Indo embora com o carrinho). É claro que eu vou, Juju. Amanhã! Amanhã e sempre.

(Maria e Jurandir ficam sós em cena e voltam a recolher lixo conversando, até que Maria lembra da plateia).

MARIA

Ei, Jurandir, mas e eles?

JURANDIR

Ih, é mesmo. Eles vão ficar aí até quando?

MARIA

Mana, eles tão aí porque a gente não agradeceu.

JURANDIR

Ah é? E como é que faz? *(Maria puxa Jurandir pelo braço e as duas agradecem).*

Fim

NEM TE CONTO



BÁRBARA
GIBSON



NEM TE CONTO

Bárbara Gibson

PERSONAGENS

Diretor | Rei Humberto
Ator-Drag | Rainha Vittar
Atriz-Bonecos | Dona Flora
Ator-Cruel | Dona Fauna
Ator-Carnavalesco | Dona Primavera
Ator-Clown | Malévola
Atriz-Natural | Aurora
Ator-Musical | Príncipe Felipe
Rô | Objetos Cênicos

CENÁRIO & FIGURINO

Primeiro Ato: **Espaço das Artes**
Ambientação sóbria, cores neutras, roupas de ensaio.
Segundo Ato: **Reino encantado de Bela Adormecida**
Ambientação festiva, cores vibrantes, roupas grandiosas.

1º ATO

Ser ou não ser... Bela Adormecida? Ou: O processo importa mais que o resultado

CENA I

(Os atores estão no centro do palco, congelados em poses apoteóticas, como se estivessem encenando um clássico de Shakespeare. Alguns segundos depois, porém, irrompe uma briga generalizada. Somentes um dos presentes, o diretor da Companhia, tenta amenizar o conflito, enquanto os outros se empurram, dão pontapés e gritam. De repente, como se alguém tivesse apertado um botão de “desacelerar”, a briga fica em câmera lenta. Enquanto os atores continuam brigando lentamente, o diretor se dirige ao público, em tom de desabafo).

DIRETOR

Vocês devem estar se perguntando “que diabo é isso?” Isso, meus caros, é um grupo de teatro quase se matando. Não pensem que as coisas sempre foram assim. Acreditem: esses experientes atores já dividiram a cena harmonicamente. Essas pessoas, no fundo, se respeitam e se admiram. Tirando os ocasionais conflitos de ego, exercemos nosso ofício em paz. Lembro-me quando nos conhecemos, ainda inexperientes, numa oficina livre de teatro. Meu Deus, já se passaram dez

anos?! As minhas memórias desse primeiro encontro são tão vivas. *(Os atores param de brigar e são lançados num flashback da primeira oficina de teatro que fizeram juntos).*

DIRETOR

Depois daquele dia, nos tornamos inseparáveis. Estudamos juntos, nos formamos juntos e decidimos fundar uma Companhia de Teatro chamada: "Companhia de Teatro". Até abrimos o nosso próprio Espaço de Arte chamado: "Espaço de Arte". Nossa primeira peça foi um sucesso total: "Quem Romeu Julieta". Ganhamos prêmios e mais prêmios. Fomos aprovados em dezenas de editais. Viajamos o país. Ficamos anos em cartaz. Depois, decidimos montar mais Shakespeare. E mais Shakespeare. E Shakespeare também. Só que como diria Shakespeare: Alma infeliz, de terra pecadora centro, tu, dominada pelas forças da revolta, por que langues por dentro e sofres a penúria, e pintas o exterior tão ricamente alegre? Por que tão grande soma, se o aluguel é breve, dependes numa casa que se finda aos poucos? Resumindo: a nossa verba acabou. Um louco assumiu a presidência, o país entrou em colapso e os editais desapareceram. Tomamos uma difícil decisão e resolvemos desativar a Companhia por alguns anos. Uns atores saíram do país em busca de novas oportunidades, outros ficaram, outros eu nem sei. Mas hoje nós estamos todos juntos pela primeira vez em cinco anos! Hoje a história da Companhia de Teatro recomeça! Hoje eu tenho uma notícia que vai mudar as nossas vidas! *(Para os atores)*: Pessoal, eu chamei vocês aqui porque depois de três anos de muitas tentativas frustradas... FINALMENTE conseguimos ser aprovados num edital! A nossa Companhia está de volta!

(Os atores comemoram).

DIRETOR

O edital é para montar uma peça infantil.

(Os atores pausam a comemoração, ficam em silêncio por alguns segundos e começam a rir descontroladamente).

DIRETOR

É sério. Não tô brincando.

(Os atores pausam a crise de riso, ficam em silêncio por alguns segundos e começam a brigar descontroladamente).

DIRETOR

(Dirigindo-se ao público). Eu preciso de um bom argumento pra convencê-los a fazer a peça. *(Para os atores)*. A grana é boa!

(Os atores vão parando de brigar aos poucos e ficam atentos).

ATRIZ-BONECOS

Estamos falando de quanto?

DIRETOR

Cem.

ATRIZ-NATURAL

Sem recursos?

DIRETOR

CEM MIL.

(Os atores surpreendem-se).

DIRETOR

Voltem para suas casas e reflitam sobre a possibilidade. Amanhã vocês me dão uma resposta.

CENA II

(Os atores vão saindo lentamente, pensativos. O diretor fica sozinho no palco, fazendo anotações em sua agenda. Uma das atrizes ressurgue).

ATRIZ-BONECOS

Com licença, Diretor. Não quero atrapalhá-lo, mas será que eu poderia ter um minutinho de sua atenção?

DIRETOR

Claro.

ATRIZ-BONECOS

Queria falar sobre a nossa nova peça. Eu não tenho nada contra teatro infantil, inclusive adoro crianças... Mas por que limitar o nosso trabalho a esse público? Você sabe que eu passei os últimos cinco anos em Nova-Guiné pesquisando teatro de bonecos, que é uma linha teatral que agrada todas as idades. Por que não expandir nossos horizontes e experimentar a arte de dar vida a seres inanimados? Eu posso ensinar meus colegas a...

DIRETOR

(Interrompendo). Legal! Proposta muito interessante. Vou levar em consideração.

ATRIZ-BONECOS

(Empolgada). Jura?! Que ótimo. A gente se vê amanhã, então.

(Enquanto a atriz sai, um outro ator se aproxima, tentando ser discreto).

ATOR-CLOWN

Eparrêi, meu Diretor! Podemos conversar rapidinho?

DIRETOR

Claro.

ATOR-CLOWN

Como você sabe, eu venho aprofundando meus estudos sobre palhaços há alguns anos e concluí meu mestrado em Salvador recentemente. Enquanto estava lá, também iniciei uma pesquisa envolvendo um tema bastante inovador: "O Profano e o Sagrado". Por isso, estou querendo experimentar algo inédito: vou criar um Clowntidade. Um clown que representa entidades, entende?

DIRETOR

(Confuso). Entendi...

ATOR-CLOWN

Já que fomos aprovados nesse edital, que tal montarmos uma peça nessa linha de Clowntidade? Não tenho nada contra teatro infantil, mas acho que podíamos expandir nossos horizontes.

DIRETOR

Achei a sua proposta intrigante. Vou levar em consideração.

ATOR-CLOWN

(Empolgado). É mesmo?! Que maravilha, diretor! Saravá!
(O ator sai de cena e entra outro).

ATOR-CRUEL

BÚ!

DIRETOR

(Assustando-se). Por favor, avise quando for me assustar.

ATOR-CRUEL

O susto acorda a alma. Você tem um minutinho para ouvir o que tenho a dizer?

DIRETOR

Claro.

(Ator-cruel joga-se no chão e começa a fazer barulhos estranhos).

DIRETOR

(Confuso). Tá tudo bem?

ATOR-CRUEL

(Levantando-se). Tá tudo ótimo. Isso aqui foi uma demonstração da pesquisa que fiz na Alemanha, intitulada "GRAFANHENDIKSAKVOLKSWAGEN". É sobre o abismo das profundezas subterrâneas do intelecto multifocal.

DIRETOR

(Mais confuso ainda). Entendi.

ATOR-CRUEL

Sugiro que usemos o dinheiro do edital para montar uma peça que coloque os princípios do "GRAFANHENDIKSAKVOLKSWAGEN" em prática.

DIRETOR

Nossa! Que proposta absurda...mente incrível. Vou levar em consideração.

ATOR-CRUEL

Danke. Que significa "obrigado" em alemão.

(O ator sai e mais uma atriz se aproxima).

ATRIZ-NATURAL

Boa noite, Diretor querido! Você tem alguns minutos para falar com essa atriz premiada duas vezes pelo Baile dos Artistas? *(Ri).*

DIRETOR

(Ficando impaciente). Claro.

ATRIZ-NATURAL

Você sabe que eu passei os últimos anos no Rio de Janeiro, estudando com diversos artistas renomados, como o Wolf Maia. Também chamado de "Wolfinho" pelos mais íntimos, como eu...

DIRETOR

Hum.

ATRIZ-NATURAL

O que eu aprendi com o Wolfinho, Diretor, é que devemos ser menos caricatos. Pra que usar tantos movimentos no palco? Por que não sermos minimalistas? Naturais?

(A atriz começa a rir exageradamente e de repente para).

ATRIZ-NATURAL

Essa minha risada, por exemplo, não foi extremamente natural?

DIRETOR

Bem...

ATRIZ-NATURAL

Não precisa elogiar. Enfim, eu desenvolvi um método de encenação chamado "A arte de ser enquanto não está sendo" que poderia ser empregado na próxima peça da companhia. Não tenho NADA contra teatro infantil, também não tenho NADA a favor... Por que não montar uma peça naturalista?

DIRETOR

É. Pode ser. Vou levar suas considerações em consideração.

ATRIZ-NATURAL

Ó-TI-MO! Agora checa só essa minha saída, super natural.

(Sai de forma nada natural).

(Um ator passa por baixo das pernas do Diretor).

ATOR-CARNAVALESCO

Por que tão desanimado, Diretor? Quem dança seus males espanta.

DIRETOR

(Irônico). Jura?

ATOR-CARNAVALESCO

Bom, como você sabe, eu fui convidado pelo meu amigo Neguinho pra ensaiar a comissão de frente da Escola de Samba Beija-Flor três vezes seguidas e estou muito por dentro desse universo carnavalesco. Estou querendo juntar as minhas duas paixões, o Teatro e o Carnaval, e acho que seria INCRÍVEL se usássemos o dinheiro do edital pra isso. Já pensou uma peça que se passa dentro de um carro alegórico? Seria um escândalo!

DIRETOR

(Robótico). Interessante. Legal. Intrigante. Proposta. Vou. Considerar.

(O ator sai do palco sambando, feliz e satisfeito. Entra o último ator).

ATOR-DRAG

(Falando no telefone). Espera um momento que eu vou falar com ele... Diretor, a Pablo quer falar com você.

DIRETOR

(Confuso, pega telefone). Oi... Sim, eu acho incrível o trabalho das...

ATOR-DRAG

(Pega o telefone de volta). Amiga, tá selado já, com certeza ele vai montar um espetáculo de drags!
(Sai).

CENA III

(Os atores entram no palco ao mesmo tempo e começam a se aquecer para o ensaio. Somente o ator-carnavalesco está faltando. Todos estão claramente satisfeitos, seguros de que suas sugestões dadas no dia anterior serão seguidas. O Diretor chega por último. Pede para formarem uma roda).

DIRETOR

(Para o público). Eles vieram! A nossa Companhia realmente está de volta! *(Para os atores).* Estou muito satisfeito de ver todos vocês presentes. Vamos voltar pra cena melhores do que nunca!
(Os atores, sorridentes, concordam. Surge um rapaz tímido, que pede permissão para entrar no local de ensaio).

DIRETOR

Pessoal, conheçam o mais novo membro do grupo. Ele canta, dança, representa, e, nas horas vagas, tem um blog de moda. Acredito que será muito importante tê-lo conosco na nossa montagem.
(Ninguém o recebe muito feliz. Ele se senta na roda caladamente. O diretor distribui o texto e pede para que todos olhem o título ao mesmo tempo após dizer “já”. A decepção geral é evidente).

ATOR-CRUEL

A Bela Adormecida?!?

ATRIZ-BONECOS

Isso é sério???

ATOR-CLOWN

É pegadinha, né? É pegadinha!

DIRETOR

A Bela Adormecida é um clássico! Montagens lotam os teatros do mundo inteiro há anos! Eu mesmo cuidei da adaptação para a linguagem teatral. E o autor do conto original, que Deus o tenha, não pode nos cobrar direitos autorais.

ATRIZ-NATURAL

Mas você me disse ontem que faríamos uma montagem naturalista!

ATOR-CRUEL

Pera lá, ele disse que ia colocar em prática os princípios do "GRAFANHENDIKSAKVOLKSWAGEN"!

ATOR-DRAG

Mana, ele disse pra Pablo que ia ser um espetáculo de drags!

DIRETOR

Calma lá, calma lá! Eu nunca disse nada disso. Todos me trouxeram propostas de montagens e eu disse que ia levar em consideração as ideias de vocês.

ATOR-CRUEL

E você levou em consideração?

DIRETOR

Sim. Considerei e concluí que a minha proposta é a melhor.

ATOR-CLOW

Isso é uma palhaçada.

DIRETOR

O edital especificamente exige que a montagem seja infantil. Vamos dar uma chance pra esse texto, por favor. Vocês ainda nem leram e já estão reclamando.

ATRIZ-NATURAL

Então se não tem jeito, bora logo ler. Amanhã cedo eu tenho que gravar um vídeo pro meu canal no Youtube.

(O diretor distribui os personagens: Atriz-Natural é Aurora. Ator-Musical é Felipe. Atriz-Boneco é Flora. Ator-Cruel é Fauna. Ator-Carnavalesco é Primavera. Ator-Drag é o Rei (Rainha). Ator-Clown é Malévola. alguém aponta que falta um ator para interpretar Humberto. Diretor anuncia que interpretará o personagem. Os atores começam a primeira leitura, todos de má vontade. Somente o Diretor está empolgado).

DIRETOR

Era uma vez, num país bem distante, um rei, chamado Estevão, que muito desejava uma criança. Depois de muitos anos, finalmente viu seu desejo atendido. CORO!

TODOS (*Desunidos*).

Neste dia feliz

Neste dia feliz

O nosso reino vai comemorar

Dando festas e presentes à herdeira do trono real

Salve a nossa Princesa.

Salve a Princesa Aurora.

Viva o Rei. O nosso Rei.

Viva a nossa Rainha.

Salve a Princesa. Salve a Princesa.

Salve a Princesa Aurora.

DIRETOR

O Rei Estevão e o Rei Humberto sonhavam em unir seus reinos. Por isso, anunciariam hoje que Felipe, filho de Humberto, e Aurora, filha de Estevão, iriam casar-se um dia. O jovem príncipe alegrou-se ao admirar a futura esposa.

ATOR-DRAG

E agora vamos recebermos suas mais honradas e exaltadas excelências, as três boas fadas: Dona Flora, Dona Fauna e Dona Primavera.

ATRIZ-BONECOS

(*Lendo baixo*). Majestades, cada uma de nós abençoará a criança com um só presente. Nem mais, nem menos.

DIRETOR

Você poderia ler mais alto?

ATRIZ-BONECOS

(*Fica de pé, mas lê mais baixo ainda*). Linda princesa, lhe presenteari com o dom da beleza.

ATOR-CRUEL

(*Lendo muito rápido*). E eu, minha doce princesa, lhe darei o dom da bondade.

DIRETOR

Você poderia ler mais lento?

ATOR-CRUEL

Eu estou lendo com ritmo.

DIRETOR

Cadê a Primavera?

ATOR-CRUEL

O ator tá atrasado, como sempre.

DIRETOR

Então pula pra entrada da Malévola.

ATOR-CLOWN

CALEM A BOCA!

ATOR-CRUEL

(Irritado). Como é que é?

ATOR-CLOWN

Esse é o meu texto, estressado. CALEM A BOCA! POSSO SABER POR QUE NÃO ME CONVIDARAM PARA A FESTA? Falando nisso, vocês acreditam que a Judite vai casar e não me convidou?

ATRIZ-NATURAL

Mentira!

ATOR-CLOWN

Te juro!

DIRETOR

Não se desconcentrem, voltem para o texto.

ATOR-CLOWN

Como vingança, amaldiçoarei sua filha.

ATOR-DRAG

Oh, não!

ATOR-CLOWN

Oh, sim!

ATORES-FADAS

Oh, não!

ATOR-CLOWN

Oh, sim!

ATOR-DRAG

Qual será a maldição, Malevóla?

ATOR-CLOWN

É Malééévola!

ATOR-CRUEL

Dez anos de teatro e ainda não aprendeu a ler direito.

DIRETOR

Continuem!

ATOR-CLOWN

Oçam bem, todos vocês! A princesa crescerá em graça e beleza e será amada por todos que a conhecerem. Mas, antes do pôr-do-sol do seu 16º aniversário, ela picará o dedo no fuso de uma roca e morrerá.

ATOR-DRAG

Ó, não!

ATOR-CRUEL

Não se desespere, Majestade. Primavera ainda tem um presente a dar.

ATOR-CARNAVALESCO

(Chegando). Gente, me desculpem pelo atraso. Eu tava pintando o cabelo.

ATOR-CRUEL

Sempre tem uma desculpa. Atrapalhou toda a leitura.

ATOR-CARNAVALESCO

Eu já decorei meu texto.

ATOR-CRUEL

Jura??? Bora ver. Dá a deixa aí!

ATOR-DRAG

Você poderá quebrar a maldição?

ATOR-CARNAVALESCO

(Sem ler). Não sou capaz, senhora. Aquela bruxa é poderosa. Vou fazer o que posso. Minha gentil princesa, se por um desumano malefício um fuso picar o seu dedo, com um presente de bondade anularemos a maldade. A morte não a levará. Você adormecerá e de seu sono sairá; um beijo doce a despertará.

ATOR-CLOWN

Como ele já decorou?!

ATOR-CARNAVALESCO

Eu entrei na casa do diretor ontem sem ele ver e peguei um texto adiantado.

DIRETOR

Eu vou fingir que não ouvi isso. Vamos pular pra Cena III!

ATRIZ-NATURAL

Até que enfim! *(Cantando)*.

Aonde? Aonde?

Aonde eu irei encontrar um alguém que

Me queira, me adore

Alguém que me faça feliz

Aonde? Aonde?

Aonde eu irei encontrar esse alguém que

Um dia me encontre

E que o meu amor seja um só

(Falando). Por que as minhas tias me tratam como uma criança? Elas não querem que eu tenha amigos. Muito menos um namorado. Mas sabem de uma coisa? Eu tenho.

ATOR-MUSICAL

(Levanta-se e canta, triunfante).

Foi você o sonho bonito que eu sonhei

Foi você, eu lembro tão bem, você na linda visão

Que me fez sentir que o meu amor nasceu então

E aqui está você, somente você

A mesma visão, aquela do sonho que sonhei.

(Todos ficam em silêncio, espantados. Ninguém imaginava que o rapaz cantava tão bem).

ATOR-CRUEL

Em pé, até eu canto bem!

ATOR-CLOWN

Que tal a gente partir logo pra cena?

ATRIZ-NATURAL

Isso, em cena a gente se garante!

ATRIZ-BONECOS

Bora mostrar pra ele quem são os profissionais aqui.

ATOR-CRUEL

Mas vamos fazer tudo rápido, criança não tem muita paciência pra teatro.

ATOR-CLOWN

E eu não tenho muita paciência pra criança.

(Os atores se levantam, ansiosos para provar ao novato que são mais talentosos que ele).

CENA IV

(Os atores recomeçam a leitura do texto, mas agora de pé e propondo marcações de cena. Rapidamente, o ensaio vira uma confusão. Cada ator movimenta-se da forma que bem quer, sem prestar atenção no que os outros estão propondo. Quando o Diretor percebe que a situação só tá piorando, decide interromper).

DIRETOR

Pessoal, o que tá acontecendo? Eu entendo que vocês passaram os últimos anos separados, pesquisando linguagens diferentes. Admiro muito o conhecimento que cada um adquiriu e entendo que vocês têm suas preferências pessoais. Mas somos ou não somos um grupo? Como é que pode um ator entrar sambando, enquanto a outra fala com um boneco, enquanto o outro faz palhaçada, enquanto o outro assusta todo mundo? Temos que encontrar uma unidade. Já sei o que vamos fazer. Vou dividi-los em duplas e vocês vão me apresentar cenas livres. Precisamos exercitar a criação em conjunto. Vocês têm meia-hora.

CENA V – Criação livre do elenco

(Atriz-Natural e Atriz-Bonecos apresentam a primeira cena. Ator-Cruel e Ator-Musical apresentam a segunda cena. Ator-Drag e Ator-Clown apresentam a terceira cena. Ator-Carnavalesco e Diretor apresentam a última cena).

CENA VI

(Depois da apresentação das cenas, todos sentam em roda para conversar).

DIRETOR

Fiquei muito satisfeito com o resultado das cenas e nosso entrosamento definitivamente melhorou, mas tenho uma questão. Sei que a criação foi livre, só que você, Ator-Drag, permaneceu de drag. Por que não aproveitou para fazer outra coisa? Não se esqueça que você fará um rei.

ATOR-DRAG

Uma drag não pode fazer um rei?

DIRETOR

Claro que pode, mas temos que agir com cautela. O Ator-Cruel e o Ator-Clown vão interpretar personagens femininos porque não temos mulheres suficientes no elenco. Acho que o rei deve ser interpretado de forma mais tradicional, como você fazia nas nossas montagens de Shakespeare. Já que a peça é infantil, é mais seguro não ousarmos muito, entende? Não quero chocar os pais.

(Ator-Drag fica visivelmente decepcionado. Tira o salto-alto).

ATRIZ-NATURAL

Diretor, falando em montagem, quem vamos chamar pra fazer cenário e figurino? Tenho o contato do cenógrafo que trabalha com o Wolfinho, acho que ele toparia trabalhar com a gente.

ATOR-MUSICAL

Eu me ofereço pra ser preparador vocal.

(Todos o ignoram).

ATRIZ-BONECOS

Eu conheci um iluminador em Nova Guiné que usa luz solar nos espetáculos, uma técnica super inovadora. Posso ligar pra ele?

ATOR-CLOWN

Falando em iluminação, vocês acreditam que cortaram a luz lá de casa? Um absurdo. Eu tô inadimplente há menos de dois anos.

ATOR-CRUEL

Acho que podíamos fazer uma iluminação com velas.

ATOR-CARNAVALESCO

Estamos montando uma peça infantil, não de terror.

DIRETOR

Pessoal, foi bom vocês terem tocado nesse assunto. Quem vai fazer nosso cenário, figurino, iluminação, sonoplastia e montagem de palco... é ele.

(Aponta para um rapaz que está enchendo balões no canto do palco. Ele está em cena desde o início da peça, mas poucos haviam percebido).

ATRIZ-NATURAL

Meu Deus, de onde surgiu essa pessoa?

ATOR-CRUEL

Já tinha notado que ele estava aqui, mas achei que fosse uma visagem.

ATRIZ-BONECOS

Que visagem que nada, menino! Ele é o Zé, o novo zelador do Espaço das Artes.

ATOR-CRUEL

E desde quando uma visagem não pode ser zeladora? Tem uma na portaria do meu prédio há anos.

(Atriz-Bonecos benze-se três vezes).

ATOR-DRAG

Pessoal, esse é o Rô! Ele estudava comigo lá na Escola de Teatro.

(Rô continua enchendo os balões, sem dar muita atenção para a discussão).

DIRETOR

Sim, esse é o Rô. Eu não tinha apresentado antes?

TODOS

Não.

DIRETOR

Vixe, que cabeça a minha. Rô, todo mundo! Todo mundo, Rô!

TODOS

Oi, Rô! *(Rô acena, mas não para de encher os balões).*

ATRIZ-NATURAL

Mas calma lá, Diretor, não entendi direito o que você disse antes. O Rô vai ser nosso cenógrafo, figurinista, iluminador, sonoplasta...

DIRETOR

E vai montar o palco.

ATRIZ-NATURAL

Sozinho?

DIRETOR

Isso.

ATRIZ-NATURAL

Bem, me desculpem a franqueza, tenho certeza que o Rô é uma pessoa muito competente, mas... Por quê? Ganhamos cem mil reais pra montar essa peça, podemos chamar a melhor equipe técnica da cidade. *(Todos concordam. O Diretor começa a ficar desconfortável).*

DIRETOR

Bem, eu tive que usar parte desse dinheiro pra pagar umas dívidas, então nosso orçamento não é mais cem mil reais.

ATOR-CLOWN

Como assim, usou parte do dinheiro?

ATOR-CRUEL

Que dívidas?

ATOR-CARNAVALESCO

Quanto dinheiro nós ainda temos? *(Diretor responde baixo. Ninguém entende).*

ATRIZ-BONECOS

Quanto?

DIRETOR

...mil reais.

ATRIZ-BONECOS

QUANTO?

DIRETOR

Cinco mil reais e doze centavos.

(Silêncio geral. O clima fica tenso. RÔ, sem querer, estoura um balão).

ATOR-CLOWN

Isso só pode ser uma palhaçada!

ATOR-CARNAVALESCO

Eu não saí do meio da Sapucaí pra montar uma peça com cinco mil reais e doze centavos!

DIRETOR

Me deixem explicar...

ATRIZ-NATURAL

(Chorosa). Meu Deus, eu tava contando com um cachê alto. Comprei um kit de maquiagem da MAC no cartão, como vou pagar?

ATOR-DRAG

Calma, gente. Deixa o diretor explicar primeiro.

ATOR-CRUEL

É melhor que ele tenha uma boa explicação pra isso!

DIRETOR

Eu tenho...

ATOR-CLOWN

Então explica logo!

DIRETOR

Vocês não estão me deixando falar...

ATOR-CRUEL

Então fala, Diretor. Explica aí por que o senhor nos enganou esse tempo todo e se achou no direito de mexer no dinheiro que não era só seu, mas de todos aqui. Já não basta todos os problemas que passamos lá fora? Também temos que ser roubados aqui dentro? Não sei se você se lembra, mas eu sou um profissional e esse aqui é o meu sustento.

(O elenco apoia a fala de Ator-Cruel, menos o Ator-Drag, que permanece calado).

DIRETOR

Eu sei que esse é o sustento de vocês, é meu também...

ATOR-CRUEL

Ah, é? Então deixa eu te lembrar como as coisas funcionam: eu acordo cedo, pego um ônibus lotado, trabalho até tarde e aí recebo uma remuneração em troca pra conseguir pagar as minhas contas. O senhor tem como me remunerar?

DIRETOR

No momento...

ATOR-CRUEL

O senhor tem como me remunerar nesse momento?

DIRETOR

(Envergonhado). Não.

ATOR-CRUEL

Então não sei o que estou fazendo aqui. Eu já fiz muita coisa de graça na minha vida, por paixão. Já participei de peças com um orçamento muito menor que cinco mil reais, já ganhei cinquenta reais de cachê, dez, nada. Mas quando fui chamado pra esse projeto, você me garantiu outra coisa. Eu não admito ser enganado. Boa sorte pra quem fica.

(Ator-Cruel sai do palco chutando os sapatos do elenco. O Diretor corre atrás dele. Ator-Musical começa a cantarolar uma música de suspense).

ATOR-CLOWN

Eles vão se matar!

ATRIZ-NATURAL

Bem que o Diretor merece.

ATOR-CARNAVALESCO

Credo, vira essa boca pra lá!

ATOR-MUSICAL

Gente, eu nunca participei de um grupo de teatro antes. É sempre emocionante assim?

ATRIZ-BONECOS

Isso não é emocionante, isso é um absurdo! Como ele teve coragem de mexer no nosso dinheiro sem nos consultar?

ATRIZ-NATURAL

Pra pagar dívidas. Que dívidas? Certeza que ele fez uma plástica de nariz.

ATOR-DRAG

Nós nem o deixamos falar.

ATOR-CLOWN

Ele não tem o direito de falar depois do que fez!

ATOR-DRAG

Todos têm direito de falar.

ATRIZ-BONECOS

Por que você tá tão incomodado se ele falou ou não?

ATOR-DRAG

Porque vocês só sabem ouvir o som da própria voz! Nunca prestam atenção no que eu digo e agora estão fazendo o mesmo com o Ator-Musical. Ainda assim, amo o que faço, amo estar aqui, então continuo tentando falar.

(Todos ficam espantados. Nunca viram Ator-Drag ser tão incisivo).

ATOR-DRAG

Quando a companhia foi desativada três anos atrás, vocês foram estudar e trabalhar fora. Eu fui o único a ficar. Tive medo de entrar num novo grupo de teatro porque morro de vergonha de ler errado, de ser disléxico, mas encontrei um lugar que me aceitou inteiramente. Aí tenho que chegar aqui e ouvir que os pais não vão gostar de ver uma drag no palco? Me desculpem os pais, o elenco, o diretor, mas vai ter drag no palco sim e onde a gente quiser!

(O restante do elenco continua surpreso).

ATOR-DRAG

Eu sei que o Diretor errou, mas ele tem o direito de se explicar.

RÔ

Por que vocês fazem teatro?

(Os atores agora olham para Rô, ainda mais espantados).

ATOR-CLOWN

Ele fala!

ATRIZ-BONECOS

O que você perguntou?

RÔ

Por que vocês fazem teatro? Eu vou contar o meu motivo. Uma vez conheci um senhor num ônibus. Ele era cego, então ofereci ajuda. Conversamos a viagem inteira. Ele me contou que perdeu a visão por conta da diabetes, dez anos atrás. Passou cinco anos numa cama, depressivo, sem encontrar um motivo pra viver. "Sabe o que me tirou da cama, filho? O que eu tô indo fazer agora. Teatro". Ele estava indo para uma escola especializada em aulas de artes para cegos. Disse que no palco podia enxergar com os braços, pernas... Com a alma. Eu não vivo num mundo de fantasias. Não acredito que o teatro consegue mudar tudo. Mas conseguiu tirar aquele senhor da cama e fazê-lo encontrar algum sentido na vida. Toda vez que me pergunto por que faço teatro, toda vez que o dinheiro aperta e eu penso em desistir, lembro-me daquele homem.

(Diretor e Ator-Cruel retornam conversando, agora calmos. Num clima reflexivo, cada membro do grupo expõe brevemente o motivo de fazer teatro. O elenco é livre para falar o que deseja nesse momento. Ao final, o Diretor pede a palavra).

DIRETOR

O nosso Espaço de Arte ia ser fechado. Eu tentei de tudo, mas não consegui pagar os alugueis atrasados. Fiquei desesperado. Quando fomos aprovados no edital, nem pensei duas vezes: usei o dinheiro pra cobrir a dívida. O que é pior, mentir pros seus atores ou deixar outra casa como essa fechar na cidade? Eu sei que cometi um grande erro. Deveria ter explicado a situação desde o início, mas temia que vocês não topassem participar. O Rô sabia de tudo e aceitou me ajudar. O Ator-Musical também aceitou me dar uma força. Vocês merecem ser muito bem remunerados, mas, no momento, não tenho como oferecer isso. Vou entender perfeitamente se todos decidirem abandonar o projeto.

ATOR-CLOWN

Abandonar projeto de teatro dá sete anos de azar. Eu fico.

ATOR-NATURALISTA

Agora que a raiva passou e eu lembrei que vou interpretar a personagem principal, aceito continuar.

ATOR-CARNAVALESCO

Eu fico.

ATRIZ-BONECOS

Eu fico.

ATOR-DRAG

Eu fico.

ATOR-MUSICAL

(Cantando). I STAAAAAY!

ATOR-CRUEL

Você deveria ter falado a verdade desde o início, Diretor. Mas não o condeno. Eu também faria qualquer coisa pra salvar esse espaço. Somos um grupo, não somos? Todos ficam. *(Abraçam-se)*.

ATOR-CARNAVALESCO

(Interrompendo o abraço). Diretor, aproveitando que estamos sendo honestos, a sua adaptação de Bela Adormecida ficou um saco. A montagem é infantil, mas pra que ser idiota?

ATRIZ-BONECOS

Eu concordo. O Astrogildo também concorda. Falando nele... *(tira um boneco da bolsa e começa a ter uma conversa com ele)*.

ATRIZ-NATURAL

Preciso reconhecer que teatro infantil feito com qualidade é um teatro de alguma qualidade.

DIRETOR

Vocês têm razão. Vamos modernizar essa adaptação. E Ator-Drag, desconsidere o que eu disse anteriormente sobre o rei. Já tá mais do que na hora de sair da minha zona de conforto.

ATOR-DRAG

Obrigado.

ATOR-CARNAVALESCO

Viva a nossa senhora da Sapucaí!

ATOR-CRUEL

Mas sem carros alegóricos, por favor.

ATOR-MUSICAL

Nenhuma criança ou adulto dessa cidade vai nos esquecer. Nossas canções vão reverberar para sempre em seus corações.

ATRIZ-NATURAL

Olha, Ator-Musical, na maior parte do tempo eu nem lembro que você existe, mas nas raras ocasiões em que sua presença é notada, eu até gosto das suas frases cafonas.

(Abraçam-se novamente).

ATOR-CLOWN

(Interrompendo o segundo abraço). Só uma dúvida, por que o Rô não para de encher balões?

RÔ

Temos cinco mil reais e doze centavos pra pagar tudo nesse espetáculo, meu anjo. Até os figurinos vão ser de balão.

ATOR-DRAG

Acho um luxo. *(Abraçam-se pela terceira vez).*

DIRETOR

(Ainda abraçando o elenco, dirige-se ao público). Essa é a nossa Companhia. A gente se odeia às vezes, mas sempre se ama. A peça vai dar certo, vocês vão ver.

ATRIZ-NATURAL

(Interrompendo o terceiro abraço). Diretor, por que você sempre fala sozinho, olhando pra frente, como se tivesse vendo uma plateia?

DIRETOR

(Continua olhando pra plateia). Sei lá. Coisa de artista.

(O elenco, agora empolgado e reinventado, se prepara para a grande estreia).

2º ATO

Eu fico! Ou: O dia que em que eles gritam merda!

CENA I

(No palco, os atores estão congelados em poses apoteóticas, semelhantes ao início do primeiro ato. Começa a tocar uma música clássica e os atores dispersam-se pelo espaço, exageradamente saltitantes).

NARRADOR *(Voz).*

Era uma vez, num país bem distante, um rei... Ou melhor dizendo, uma rainha poderosíssima, independente e sagitariana que muito desejava uma criança. Depois de muitos anos, finalmente viu seu desejo atendido. Nasceu uma menina, a quem deu o nome da luz da manhã: Aurora. Para ce-

lebrar o magnífico acontecimento, organizou uma grande festa, para qual convidaram todos os seus súditos. A nossa história começa nesse grande dia de festejo.

TODOS

(Cantado).

Neste dia feliz/ Neste dia feliz

O nosso reino vai comemorar

Dando festas e presentes à herdeira do trono real

Salve a nossa Princesa!/ Salve a Princesa Aurora!

Viva a Rainha! A nossa Rainha!/ Poderosa! Sagitariana!

Viva a Rainha Vittar!

NARRADOR

(Voz). A Rainha Vittar e o Rei Humberto, amigos de longa data, sonhavam unir seus reinos. Por isso, anunciaríamos hoje que Felipe, filho de Humberto, e Aurora, filha de Vittar, iriam casar-se um dia. O jovem príncipe alegrou-se ao admirar a futura esposa. *(Felipe faz uma careta ao olhar para Aurora).*

RAINHA

E agora vamos receber suas mais honradas e exaltadas excelências, as três boas fadas: Dona Flora, Dona Fauna e Dona Primavera. *(Surgem as fadas).*

FLORA

Majestades, cada uma de nós abençoará a criança com um só presente. Nem mais, nem menos.

RAINHA

Só um?

FLORA

Gastamos todo o nosso dinheiro com a viagem para cá, alteza. Não conseguimos comprar passagens promocionais.

PRIMAVERA

E nem reservar hotel. No Carnaval até as pousadas de esquina ficam lotadas.

RAINHA

Vocês vão ter que ficar hospedadas aqui?! *(Desapontada).* Entendo.

FLORA

Vamos lá! Linda princesa, lhe presenteari com o dom do glamour.

FAUNA

E eu, minha doce princesa, lhe concederei o mais apurado intelecto.

PRIMAVERA

Doce princesa, meu presente será...

MALÉVOLA

(Entra em cena, interrompendo a fada). POSSO SABER POR QUE NÃO ME CONVIDARAM PARA A FESTA?!

RAINHA

Nós tentamos convidá-la, Malévola, mas nos informaram que você estava de férias em Outeiro!

MALÉVOLA

Que grande mentira! Eu nem posso pegar Sol! Minha pele é extrassensível.

RAINHA

Estou dizendo a verda...

MALÉVOLA

Cala essa boca! Ter sido tratada como penetra na entrada do castelo foi a pior humilhação que já sofri. Como vingança, amaldiçoarei sua filha.

RAINHA

Oh, não!

MALÉVOLA

Oh, sim!

FADAS

Oh, não!

MALÉVOLA

Oh, sim!

HUMBERTO

Pare de enrolar e diga logo a maldição, estou curioso! *(Puxa um saco de pipoca).*

(Malévola abre um livro de feitiços).

MALÉVOLA

Vamos ver o que posso fazer. Poção Polissuco? Não tenho os ingredientes certos. Avada Kedavra? Não vai rolar, perdi a minha varinha na praia em Outeiro. Vamos ter que seguir o script original (*fecha o livro*). Ouçam bem, todos vocês! A princesa crescerá em graça e beleza, e será amada por todos que a conhecerem. Mas, antes do pôr-do-sol do seu 16º aniversário, ela picará o dedo no fuso de uma roca e morrerá.

RAINHA

Oh, não!

MALÉVOLA

Oh, sim!

FADAS

Oh, não!

MALÉVOLA

Oh, sim!

HUMBERTO

O que é mesmo uma roca?

(Todos olham para ele, irritados).

HUMBERTO

(Sem graça). Perdoem-me, podem continuar.

RAINHA E FADAS

Oh, não!

MALÉVOLA

(Rindo). Quero ver se na próxima festa não serei convidada VIP. Eu agrego valor.

RAINHA

Prendam essa criatura!

MALÉVOLA

(Rindo ainda mais alto). Vocês não me pegam, otários!

(Com um jogo de luzes e fumaça, simula-se um feitiço para que a Bruxa desapareça).

FAUNA

Não se desesperem, Majestades. Primavera ainda tem um presente a dar.

RAINHA

(Dirigindo-se à Primavera). Você poderá quebrar a maldição?

PRIMAVERA

Não sou capaz, senhora. Aquela bruxa é de quinta categoria, mas, ainda assim, é poderosa. Vou fazer o que posso. *(Olha para a princesa)*. Minha gentil princesa, se por um desumano malefício um fuso picar o seu dedo, com um presente de bondade anularemos a maldade. A morte não a levará. Você adormecerá e de seu sono sairá; um beijo doce a despertará.

RAINHA

Um beijo de quem?

HUMBERTO

Só vou te dar um spoiler *(aponta para o filho)*.

FLORA

Estou tendo uma ideia!

PRIMAVERA

Misericórdia.

FLORA

Primavera, escute-me primeiro! E se fugirmos com a princesa para bem longe daqui? Podemos cria-la na floresta como uma camponesa. Malévola nunca irá nos achar.

RAINHA

E quando veremos a nossa filha novamente?

FLORA

No dia em que ela completar dezesseis anos, antes do pôr-do-sol, a traremos de volta para o castelo.

HUMBERTO

Por que tudo nessa história acontece antes do pôr-do-sol? Não poderia ser depois da meia-noite?

FAUNA

Esse horário já está reservado para a Cinderela.

PRIMAVERA

Pessoal, vamos manter o foco. Até que Flora teve uma boa ideia! Mas será que vamos conseguir enganar a bruxa? Aquela enxerida sabe de tudo!

FLORA

Ela não sabe nada sobre o amor, ou bondade, ou alegria de ajudar os outros.

PRIMAVERA

Eu quis dizer que ela sabe de tudo importante.

RAINHA

Eu aprovo o seu plano, Dona Flora. Só tenho uma exigência a fazer.

FLORA

Pois não, alteza.

RAINHA

Vocês três deverão viver na floresta como humanas, sem usar nenhum tipo de magia. Desse jeito, será ainda mais difícil para Malévola encontrar minha filha.

PRIMAVERA

Nenhum tipo de magia?

FLORA

Por dezesseis anos?

FAUNA

Na floresta?

PRIMAVERA

Pensando bem, eu não curti muito esse plano. Que tal pensarmos em outra coisa? Podemos transformar Aurora numa linda flor, ou quem sabe manda-la para um intercâmbio no Canadá...

HUMBERTO

Eu gostei mais da ideia da Dona Flora.

PRIMAVERA

Não se intrometa!

RAINHA

Já está decidido. Peço que partam para a floresta agora mesmo. E lembrem-se: nada de mágicas.

PRIMAVERA

Misericórdia.

FLORA

Agora não dá pra voltar atrás. Vamos logo, minhas irmãs! O caminho é longo, e vamos ter que ir pedindo carona.

(A rainha, chorosa, despede-se da filha. As fadas saem levando a bebê).

CENA II

NARRADOR

(Voz). E assim, por dezesseis longos anos, o paradeiro da princesa foi um mistério. Mas num pequeno chalé dentro da floresta, as três fadas, vivendo como mortais, haviam criado a menina, a quem chamavam de...

(No centro do palco, está Aurora, adormecida. Escuta-se as vozes das fadas).

FLORA

Rosa! Rosa!

FAUNA

Cadê você, querida?

PRIMAVERA

Cuidado para não espetar o dedo no fuso de alguma roca!

AURORA

(Despertando). Eu só estava tirando um cochilo.

(As fadas, que agora se comportam como humanas, entram em cena).

PRIMAVERA

Mas essa menina já dorme!

FAUNA

Estávamos preocupadas, Rosa.

AURORA

Eu não sei por que vocês se preocupam tanto comigo, títias. Já sou praticamente uma adulta.

FLORA

(Saudosa). Você cresceu tão rápido. Parece que ontem ainda era uma menina.

AURORA

Falando em crescer... Hoje é um dia muito especial. Vocês sabem o motivo?

FADAS

Não.

AURORA

Dezesseis anos atrás, algo aconteceu...

PRIMAVERA

Eu nem me lembro do que comi no almoço, quanto mais do que aconteceu dezesseis anos atrás.

AURORA

(Impaciente). Hoje é dia de comemorar um nascimento muito importante!

FAUNA

Já é Natal? Gente, o ano passou voando.

AURORA

(Triste). Eu não acredito que vocês se esqueceram.

FADAS

Esquecemo-nos do quê?

AURORA

Do meu... Ah, deixem pra lá. Vou colher flores na floresta.

FLORA

Ótima ideia! Mas não fale com estranhos.

PRIMAVERA

E nem toque em rocas.

AURORA

Por que vocês falam tanto em rocas? Nunca vi uma na minha vida (*prepara-se para sair*). Olha, caso vocês se lembrem de alguma ocasião formidável e resolvam me dar um presente, eu gostaria muito de ganhar um Iphone XXIII.

FLORA

Querida, nós vivemos no século XIV. Ainda não existem smartphones.

AURORA

Ai, como eu queria ter nascido em 2020 (*sai*).

PRIMAVERA

Impressionante como a Aurora prevê as invenções do futuro. Podíamos ganhar dinheiro com os sonhos proféticos dela.

FAUNA

Será que a nossa menina desconfiou de alguma coisa?

PRIMAVERA

Não! Ela jura que esquecemos o seu aniversário!

FLORA

Vamos logo começar as preparações para a festa surpresa, não temos muito tempo.

FAUNA

Eu irei fazer o bolo!

PRIMAVERA

E eu irei comer o bolo!

FLORA

Nada disso, Primavera. Você irá me ajudar a fazer o vestido.

PRIMAVERA

Acho melhor chamarmos alguém para organizar a festa. Nós somos muito despreparadas.

FLORA

Nós vamos conseguir sozinhas. Mãos à obra!

(*Flora e Fauna saem empolgadas. Primavera as segue, receosa*).

CENA III

AURORA

(Cantando).

Aonde? Aonde?

Aonde eu irei encontrar um alguém que

Me queira, me adore

Alguém que me faça feliz...

(Falando).

Por que as minhas tias me tratam como uma criança? Elas não querem que eu tenha amigos. Muito menos um namorado. Mas sabem de uma coisa? Eu tenho!

(Nesse momento, entra em cena o Príncipe Felipe, que caminha pela floresta sem que Aurora o perceba. Enquanto a princesa fala, ele se aproxima aos poucos).

AURORA

Ele é alto *(Felipe mede sua altura)*. É simpático *(Felipe sorri)*. É romântico *(Felipe retira uma rosa de dentro do seu casaco)*. Passeamos juntos e conversamos *(Felipe se aproxima mais ainda)*. E justamente na hora do adeus, ele me toma em seus braços *(Felipe prepara-se para abraçá-la)*. E eu acor-do *(a princesa, distraída, sai de perto dele)*. Sim, eu só o vejo em meus sonhos. O que preciso fazer para encontrar o meu amor verdadeiro? Onde ele estará escondido? Atrás de uma árvore, talvez? Onde poderei...

FELIPE

(Interrompendo-a). Com licença, senhorita.

AURORA

Ai, que susto! De onde você surgiu?

FELIPE

De trás de uma árvore. Espero não tê-la atrapalhado.

AURORA

Atrapalhou sim! Eu estava no meio do meu monólogo de lamentação.

FELIPE

Queira perdoar-me, não era a minha intenção. Eu só queria conhecê-la de perto.

AURORA

Me conhecer de perto? Você já me viu antes?

FELIPE

Sim!

AURORA

Quando?

FELIPE

Certo dia, eu estava fazendo o meu cooper matinal em volta do Museu, quando escutei a voz de um anjo entoando uma bela canção. Resolvi seguir a voz e acabei encontrando a mais bela moça que já vi na minha vida.

AURORA

Quem era?

FELIPE

Você!

AURORA

Mas de manhã eu faço cooper nas docas.

FELIPE

Sério? Eu tinha certeza de que era você.

AURORA

Será que não era uma moça chamada Alvorada? Todo mundo me confunde com ela.

FELIPE

Agora tô em dúvida.

AURORA

Bem, eu já vou indo. Boa sorte na procura.

FELIPE

Espre! Posso até ter visto outra moça naquele dia, mas é você quem tenho seguido. Hoje finalmente criei coragem para me aproximar.

AURORA

(Desconfiada). Me seguido? Você é um sequestrador?

FELIPE

Não!

AURORA

Um psicopata?

FELIPE

Não!

AURORA

Escapou da prisão? De um hospital?

FELIPE

Não! Não!

AURORA

Quem é você, afinal?

FELIPE

Eu sou um homem apaixonado!

(Cantando).

Foi você o sonho bonito que eu sonhei

Foi você, eu lembro tão bem, você nas docas ou não

Que me fez sentir que o meu amor nasceu então

E aqui está você, somente você

A mesma visão, aquela do sonho que sonhei

AURORA

(Em tom acusatório). Deixa-me ver se entendi direito. Você tem se escondido na floresta há semanas só para me ouvir cantar e se apaixonou por mim sem nem mesmo saber o meu nome? É isso?

FELIPE

Eu sei que parece estranho, mas eu juro que...

AURORA

É mais do que estranho. *(Felipe prepara-se para a rejeição).*

AURORA

(Suspirando). É tão romântico!

AURORA E FELIPE

(Cantando).

E aqui está você, somente você

A mesma visão, aquela do sonho que sonhei! *(Saem abraçados).*

CENA IV

(Entra Fauna, segurando um bolo extremamente torto).

FAUNA

O bolo ficou um pouquinho torto, mas se o encostarmos numa parede, ninguém vai perceber.

(Entra Flora, segurando tecidos e uma tesoura).

FLORA

Acho que errei as medidas do vestido, mas não ficou feio.

(Entra Primavera, usando um vestido muito mal feito).

PRIMAVERA

Não ficou feio? Tô parecendo um botijão de gás encapado!

FLORA

Ainda não existem botijões de gás no nosso tempo, querida.

PRIMAVERA

Mas a Aurora me explicou como eles serão.

FAUNA

Primavera estava certa. Precisamos de ajuda para organizar o aniversário da Aurora.

PRIMAVERA

Se pudéssemos usar nossas varinhas...

FLORA

A rainha nos proibiu. Não podemos desobedecê-la.

PRIMAVERA

Então vamos pensar rápido numa solução, porque logo a Aurora volta e ninguém vai cair do céu para nos oferecer ajuda.

(Alguém bate na porta. Entra Malévola, disfarçada de camponesa).

MALÉVOLA

Com licença, vocês precisam de ajuda? Eu estava caindo do céu quando ouvi algo sobre a organização de uma festa surpresa.

FAUNA

Quem é a senhora?

MALÉVOLA

Eu sou uma simples camponesa de nobre coração que vai todos os dias ao bosque recolher lenhas.

FLORA

Eu nunca lhe vi por essas redondezas.

MALÉVOLA

É que dificilmente saio de casa.

PRIMAVERA

Mas a senhora acabou de dizer que sai todos os dias para recolher lenha no bosque.

MALÉVOLA

(Nervosa). No bosque do meu quintal! Sempre colho lenha no bosque do meu quintal. Enfim, só queria saber se vocês necessitam de ajuda.

FAUNA

Estamos precisando de um bolo de quatro andares e de um lindo vestido para uma moça de dezesseis anos.

MALÉVOLA

Ora, mas que coincidência!

(Malévola sai de cena e retorna segurando um bolo de quatro andares e um lindo vestido. As fadas a encaram com desconfiança).

FLORA

A senhora costuma carregar consigo vestidos de festa e bolos de quatro andares?

MALÉVOLA

Ando sempre prevenida. Nunca se sabe quando pode aparecer um aniversário, não é mesmo? Não fiquem com vergonha, aceitem os meus presentes.

(Tenta empurrá-los nas mãos de Primavera).

PRIMAVERA

Obrigada pela sua bondade, mas preferimos não aceitar.

MALÉVOLA

Aceitem!

PRIMAVERA

Não, obrigada!

MALÉVOLA

ACEITEM!

PRIMAVERA

NÃO, OBRIGADA!

(Entra Aurora, que fica maravilhada ao ver os presentes).

AURORA

Titias! Eu sabia que vocês não tinham esquecido o meu aniversário!

FADAS

(Envergonhadas). Surpresa!

AURORA

E que bela surpresa! Esse vestido é pra mim? Esse bolo é meu? Ai, como estou feliz!

FLORA

Sim, querida. É tudo para você.

AURORA

(Percebendo a presença de Malévola). E quem é essa doce senhora?

MALÉVOLA

Sou uma simples camponesa. Vim prestigiar a sua festa de aniversário, princesa.

AURORA

Oh, não, não sou princesa! Mas agradeço por sua presença.

(Aurora, feliz, começa a dançar e cantar, segurando o vestido).

FLORA

Ela está diferente.

FAUNA

Algo aconteceu na floresta.

PRIMAVERA

Não deve ser nada grave.

AURORA

Estou apaixonada!

PRIMAVERA

É grave.

AURORA

Finalmente encontrei o homem dos meus sonhos! O amor da minha vida!

PRIMAVERA

Eu tô solteira há mais de quarenta anos... Ela sai para uma caminhada de meia-hora e já encontra um namorado? Como isso é possível?

FLORA

Quem é ele, Rosa?

AURORA

Não sei... Presumo que seja um camponês.

FLORA

(Apreensiva). Você não pode se apaixonar por um camponês!

AURORA

Por que não?

PRIMAVERA

Porque você é filha da rai... *(Flora tapa a boca de Primavera)*.

FLORA

Nos dê um segundo para conversar, meu anjo. *(As fadas se afastam)*.

FAUNA

O que vamos fazer?

FLORA

Hoje seria anunciado o noivado de Aurora com o príncipe Felipe. Temos que avisar a rainha Vittar sobre esse camponês o mais rápido possível. A princesa nunca poderá vê-lo novamente.

FAUNA

Querida, vamos sair rapidinho para colher flores! Não fale com nenhum outro estranho!

AURORA

Mas eu acabei de colher flores!

PRIMAVERA

Já voltamos! Nobre camponesa, a senhora pode voltar para o seu bosque. Obrigada pela ajuda.

MALÉVOLA

Não, não! Vou ficar aqui e cuidar da menina.

(Malévola sorri. Aurora, sem fazer ideia do perigo que corre, retribui o sorriso).

MALÉVOLA

Quantos anos você está fazendo hoje, minha querida?

AURORA

Dezesseis!

MALÉVOLA

Que idade maravilhosa. Você tem uma vida inteira de sonhos e realizações pela frente. Ainda mais agora, que está apaixonada.

AURORA

É verdade. Nunca me senti tão feliz!

MALÉVOLA

Gostaria de contribuir para sua felicidade. Quero lhe oferecer um presente.

AURORA

A senhora é tão gentil. Mas não precisa me dar nada.

MALÉVOLA

Faço questão! Deixe-me contar um segredo. Eu sei fazer mágica.

AURORA

Mágica? Você é uma fada?

MALÉVOLA

Quase, quase. Veja o que eu tenho em minhas mãos!

(A bruxa faz surgir um smartphone).

AURORA

O que é isso?

MALÉVOLA

É um Iphone XXIII! O telefone do futuro!

AURORA

(Empolgada). Eu não acredito! Um Iphone XXIII de verdade! Sempre sonhei ter um!

MALÉVOLA

(Sorrindo). E agora ele é todo seu.

AURORA

Como faço para usar?

MALÉVOLA

É fácil, querida. Basta tocar na tela com a ponta do seu dedo.

(Quando Aurora está prestes a tocar no celular, a bruxa solta uma risada maléfica. Blackout).

CENA V

(As fadas retornam para casa).

FLORA

Vamos fazer o que a Rainha Vittar nos mandou, meninas. Levar Aurora imediatamente para o Castelo, antes que aconteça alguma coi...

(Surge Malévola, sem o disfarce).

MALÉVOLA

Antes que aconteça alguma coisa com a bela princesa? Tarde demais.

FADAS

Oh, não!

PRIMAVERA

Malévola, o que você fez com a nossa menina?

MALÉVOLA

Vejam com seus próprios olhos! Produção, providencia o flashback.

(Reproduz-se o momento em que princesa toca no celular e desmaia. As fadas observam, horrorizadas).

FAUNA

Como é possível que a maldição tenha se completado? Aurora não tocou em nenhuma roca.

MALÉVOLA

Vocês acham que eu sou idiota? O papo da roca já estava muito batido! Resolvi improvisar. Providenciei um celular amaldiçoado do futuro e baixei o aplicativo do sono eterno. Ele tocou no touchscreen e pronto: maldição finalizada.

PRIMAVERA

Bruxa visionária!

MALÉVOLA

Também atendo por Diva da Night.

FAUNA

Nunca devíamos ter acreditado na história da camponesa de nobre coração.

MALÉVOLA

Isso é verdade. Eu já sabia que vocês eram tontas, mas não imaginava que fossem tanto.

FLORA

Você foi mais esperta dessa vez, Malévola, mas a sua maldade não prevalecerá. Aurora continua protegida pela nossa magia. Ela despertará quando receber um beijo do amor verdadeiro.

MALÉVOLA

"Um beijo do amor verdadeiro", aff. Parem de viver em 1622, os tempos mudaram. E eu não tô nem aí pra essa magiazinha de proteção.

PRIMAVERA

Posso saber por quê?

MALÉVOLA

Porque hoje a doce Aurora conheceu o tal do amor verdadeiro, mas como o rapaz não passava de um simples camponês, vocês se encarregaram de afastar os pombinhos. Entenderam agora? Os dois nunca se encontrarão de novo e a princesa dormirá para sempre.

FLORA

Chamaremos o Príncipe Felipe!

MALÉVOLA

A princesa não ama o príncipe. Ela curte o povão. O plano de vocês já era.

PRIMAVERA

Daremos um jeito! A bondade vencerá.

MALÉVOLA

Tô torcendo por vocês. Só que não! *(Sai de cena rindo)*.

CENA VI

(A princesa está deitada numa cama no centro do palco. Ao seu redor estão a Rainha Vittar, o Rei Humberto e as três fadas).

RAINHA

Humberto, quando é que o seu filho vai chegar? Ele precisa beijar logo a minha filha.

HUMBERTO

Eu já mandei um recado através do meu pombo correio. Felipe já deve estar a caminho.

RAINHA

Ele está demorando muito!

HUMBERTO

A comunicação não é muito fácil no nosso século, Majestade. Por isso que a Aurora queria logo um smartphone. Mas olha, me disseram que as operadoras de celular do futuro vão ser ainda mais lentas que os pombos.

FAUNA

Que trágico.

PRIMAVERA

Se pudéssemos usar as nossas varinhas, já teríamos encontrado o príncipe.

RAINHA

E por que vocês ainda não usaram?!

FLORA

Porque a senhora nos proibiu de fazer mágicas, lembra?

RAINHA

Quando eu fiz isso?!

FAUNA

Dezesseis anos atrás, quando fomos embora com a sua filha.

RAINHA

E vocês me levaram a sério? Esqueçam o que disse, localizem logo o rapaz.

PRIMAVERA

Não acredito que passei quase duas décadas sem usar mágica e essa caduca nem se lembrava da ordem! MISERICÓRDIA.

FLORA

Primavera, controle-se. Altezas, vamos encontrar o príncipe agora mesmo!

FELIPE

(Entrando). Não precisam mais me procurar. Recebi o seu recado, papai.

HUMBERTO

Não disse que o pombo correio era eficiente?

RAINHA

Ainda bem que você está aqui, Felipe! Beije logo a minha filha e termine com a maldição.

FELIPE

Majestade, eu não posso beijar a Aurora.

TODOS

Como não?

FELIPE

Porque eu não sou o amor verdadeiro dela. Eu amo outra pessoa.

PRIMAVERA

Ih, já ouvi antes esse papo de pessoa. Meu primo dizia a mesma coisa, e hoje tá casado com um dos guardas do Rei.

FELIPE

Eu não sou gay! Estou apaixonado por uma camponesa que conheci na floresta.

RAINHA

Você também com essa história de se apaixonar por camponeses!?

HUMBERTO

Como assim, também?

RAINHA

As fadas me contaram hoje que Aurora se apaixonou por um plebeu. Eu mandei exilá-lo do reino, mas meus funcionários ainda não o encontraram.

FAUNA

Dona Vittar, me admiro da senhora! A sua filha é livre para amar quem quiser.

RAINHA

Mas ela vai se casar com Felipe!

FELIPE

Não vai mais.

HUMBERTO

Meu filho, não me faça passar vergonha!

FELIPE

(Aproximando-se da cama onde está Aurora). Perdoe-me, papai, mas eu só aceito casar com... *(enxerga a princesa).* Meu amor!

HUMBERTO

Felipe, você vai esquecer essa tal camponesa...

FELIPE

(Apontando para a princesa). É ela! A camponesa por quem me apaixonei! É ela!

PRIMAVERA

(Surpresa). Alteza, essa é a princesa!

FAUNA

Ela estava apenas disfarçada de camponesa!

FLORA

Agora tudo faz sentido! Felipe se apaixonou por Aurora, Aurora se apaixonou por Felipe, e eles sequer sabiam da real identidade um do outro.

FAUNA

Eles são almas gêmeas!

PRIMAVERA

E eu vou morrer enalçada *(puxa um lençinho e começa a chorar)*.

RAINHA

É bom demais pra ser verdade!

HUMBERTO

Estamos salvos!

RAINHA

Felipe, querido, agora sim: beije sua amada, para que ela desperte e vocês possam viver felizes para sempre.

(Felipe se prepara para beijar Aurora).

MALÉVOLA

(Entrando). Vocês se esqueceram de me convidar pra festa mais uma vez?

RAINHA

Saia daqui, Malévola!

MALÉVOLA

Mas eu acabei de chegar. Ainda nem comi os salgadinhos.

FELIPE

Não se aproxime da princesa!

MALÉVOLA

Ora, ora, ora, se não é o príncipe apaixonado. Vai dar uma de herói, é? Você está disposto a morrer para salvar sua amada?

FELIPE

Estou!

MALÉVOLA

Misericórdia.

FLORA

Nós não vamos deixar que você faça nada contra o Felipe. Nem contra a Aurora!

MALÉVOLA

Chegou o povo da baixaria, agora sim a festa tá completa. Eu não tenho medo de vocês, suas incompetentes. Ninguém aqui pode me derrotar. Eu vim muito bem acompanhada.

(Retira uma varinha de dentro da roupa).

FAUNA

Nós também viemos acompanhadas.

(As fadas puxam suas varinhas e começam a lutar contra a bruxa. Malévola contra-ataca, e por alguns momentos parece que vai vencer a batalha. Felipe puxa a espada e parte para cima dela).

HUMBERTO

Ainda bem que eu paguei aquele curso de esgrima pra ele.

(Com sua espada, foge dos feitiços da bruxa e a derruba no chão. Quando está prestes a atingi-la, Malévola se ajoelha).

MALÉVOLA

Eu me rendo! Eu me rendo! Por favor, não me mate. Vou fugir para bem longe daqui e vocês nunca me verão novamente. Não faço questão de ser convidada pra nenhuma outra festa, eu juro! Eu juro! Piedade, Alteza! Sou uma pobre mulher solitária, que nunca conseguiu ser amada por ninguém! Piedade!

(O príncipe hesita, mas abaixa a espada. A bruxa se aproveita do momento e rouba a arma dele).

MALÉVOLA

(Apontando a espada para Felipe). Gente boa é burra mesmo.

PRIMAVERA

(Surgindo por trás da bruxa). Malévola, ligação pra você! É lá de Outeiro!

(A fada entrega o Iphone amaldiçoado para a bruxa).

MALÉVOLA

Adoro! (Larga a espada). Me dá isso aqui (toca no celular). Alô? (Desmaia).

RAINHA

O que aconteceu?

PRIMAVERA

Fiz ela tocar no touchscreen amaldiçoado. Agora é a bonitinha quem vai passar uma eternidade dormindo. Quem é burra nessa história, hein? Quem?

(Joga fora o celular).

(Todos explodem em aplausos e começam a comemorar. Ao som de uma música alegre, o príncipe beija a princesa. Aurora desperta e levanta-se da cama. Ela abraça a mãe, o sogro, as fadas, e, finalmente, Felipe. Os dois jovens dançam enquanto as famílias observam, muitíssimo contentes).

NARRADOR

(Voz). Até hoje Malévola está dormindo com uma comunidade de hippies numa praia de Outeiro. E todos viveram felizes para sempre.

(Ao final da apresentação, o Diretor da Companhia de Teatro apresenta os atores e a equipe técnica, formada exclusivamente por Rô. Agradece ao público, que ao comparecer ao Teatro, mantém lugares como o Espaço das Artes vivos).

Fim

ETERNAMENTE RAINHAS



BRENO MONTEIRO



LAURO SOUZA

ETERNAMENTE RAINHAS

Breno Monteiro e Lauro Souza

PRÓLOGO

OFF INICIAL

A Rádio Nacional por meio de suas emissoras de ondas médias e curtas transmite neste momento o seguinte informe aos senhores ouvintes: desliguem os seus aparelhos portáteis e viajem nas ondas do Rádio.

OFF CARMEM MIRANDA

Brasil, 1930, desponta uma estrela, uma pequena notável, uma portuguesinha tão brasileira. Começou cantando na Rádio Sociedade, logo após gravou seu primeiro disco, fez uma turnê pela Argentina, ao retornar ao solo brasileiro, fechou contrato com a Rádio Mayrink Veiga e tornou assim, a primeira mulher a assinar um contrato com uma rádio brasileira. Ela ganhou as telonas, cantou e encantou sobre essas terras de palmeiras, ganhou o mundo e mostrou seus balangandãs. Não poderíamos começar esta noite de homenagem, sem falar dela, Carmem Miranda. (*Show da Carmem Miranda*).

OFF 2

Através da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a Companhia Paraense de Potoqueiros, a companhia que conta potocas, mas não inventa histórias, apresenta "Eternamente Rainhas". Sim ouvintes, "Eternamente Rainhas", uma noite de estrelas que brilham no firmamento da Rádio Nacional, as melhores artistas do Brasil, desfilando para os melhores ouvintes do mundo. As inigualáveis vozes que embalam os corações apaixonados e saltitantes pés no carnaval.

(Cena Inicial: Em posições diferentes no palco, as Rainhas do Rádio, uma em cada foco. São tocados trechos de músicas de cada uma delas. Os focos se acendem quando é tocado o trecho da música referente a cada Rainha).

IATO

CENA 1

Dalva 1937 – O começo

(Após a cena inicial das Rainhas, elas agradecem, saem, somente Dalva permanece).

DALVA

Meu nome de batismo? (*Pausa, ênfase*). Vicentina Paula de Oliveira. No entanto, anos depois, quando comecei a vida artística, a minha própria mãe reconheceu que Vicentina não era nome de cantora, escolheu então Dalva e pediu que continuasse com o nome de família, foi então que me tornei Dalva de Oliveira. No alto dos meus 17 anos, fui trabalhar de costureira numa fábrica de chinelos, foi lá que conheci o “Milonguita”, como era mais conhecido Milton Guita, um dos sócios. Ele me ouviu cantar enquanto costurava, mal sabia eu, que ele também era diretor da saudosa Rádio Ipanema. Ele me convidou para fazer um teste na rádio, o que foi um sucesso e me trouxe outros convites de outras rádios e me oportunizou cantar com grandes estrelas. Em um desses convites que se sucederam, fui chamada a me apresentar num teatro mambembe em São Cristóvão, o Teatro Pátria. Ah, e foi então que a minha vida realmente mudou, conheci o homem que dava vida ao palhaço Zé Catimba e que cantava também com o seu companheiro Nilo Chagas.

(No palco abre-se um foco e está Herivelto Martins e Nilo Chagas, que cantam Passado, Presente, Futuro: No passado você sempre me enganou/ oh oh/ No presente você vive a me enganar/ ah ah/ No entanto, asseguro, você a ter, eu juro/ Meu passado, meu presente, meu futuro (Bis) Quem inventou o verbo amar/ no hospício terminou/ do passado não se lembra/ do presente muito menos/ no futuro não pensou).

DALVA

Ah, Herivelto Martins e Nilo Chagas, juntos formavam a Dupla Preto e Branco. Lembro como se fosse hoje, quando entrei pelas portas do teatro, ele estava no palco, todo garboso, fazendo uma gracinha e conversando com Nilo, ele disfarçava como se não me visse ali, mas os nossos olhares se cruzavam momentaneamente. Quando ao fim do show, fomos apresentados e como em um conto de fadas, nos apaixonamos. Foi algo tão arrebatador, que semanas depois, já estávamos vivendo juntos. (*Suspirando*). Ai, e como os seus beijos eram doces. Isso tudo foi em 37, nesse mesmo ano comecei a fazer apresentações com a dupla. O mundo musical estava bastante movimentado, naquela época, estava começando um concurso para eleger a primeira Rainha do Rádio. Lembro-me que por insistência de Príncipe Pretinho, nós gravamos o nosso primeiro 78 rpm, o que fez com que Herivelto repensasse a formação da dupla e formasse um trio, nascia assim, o Trio de Ouro, nome dado por César Ladeira.

(O Trio de Ouro canta Boca Fechada: Não! (Não, Não, Não)/ Tu não devias de falar de mim (Tu não devias de falar de mim)/ Não! (Não, Não, Não)/ Por tua causa é que eu hoje sofro assim (Bem sei) Me diz/ Que interesse tu podias ter/ Em me fazer brigar com meu amor/ Para depois me ver sofrer).

CENA 2

Linda Batista 1938 – A primeira rainha do rádio

OFF: Nesta esplendorosa noite enluarada do pomposo e esfuziante Baile de Carnaval do salão principal do Cassino da Urca, teremos honra e o imenso prazer de receber ela, a apoteótica primeira detentora do grande título de Rainha do Rádio, Linda Batista. (*Linda Batista canta me deixa em paz*).

CENA 3

Emilinha 1937 a 1939 – Início de carreira

(Emilinha entra e se senta numa cadeira próxima à uma mesa, com fotos de família, fica em estado nostálgico. A camareira faz o papel de narradora, mãe e de Carmem Miranda durante a cena).

CAMAREIRA

(Como Narradora). "Rainha do Brasil", "Favorita da Marinha", "A maior entre as maiores", "O Getúlio da canção", dona de 5 mil faixas e dezenas de títulos diferentes, inclusive "Rainha do Rádio" em 53. Emilinha Savana da Silva Borba, nasceu em Mangueira, no Rio de Janeiro. Dona Edith queria muito uma menina e seu Eugênio Borba, um menino, e em 31 de agosto de 1923, ambos foram atendidos por deus. Irmã gêmea do único menino da família. Emilinha teve uma infância feliz, pelo menos até os 7 anos de idade, quando o pai pegou malária e, em uma semana, morreu. A vida que até então corria fácil, passou a andar para trás. "Primeiro foram as joias, depois as pratas e por fim a chácara onde morava a família".

EMILINHA

Mamãe tinha fotografias onde aparecia com uns brincos de ouro tão pesados que chegavam a repuxar-lhes as orelhas.

CAMAREIRA

(Como Narradora). A situação piorou a tal ponto que a mãe distribuiu os sete filhos entre os parentes para que ninguém passasse fome e foi trabalhar com faxineira num hospital. Emilinha ficou com a avó Bela, mãe de Dona Edith.

EMILINHA

Irei cantar o samba "O X do problema", a rádio cruzeiro fica a duas quadras daqui e tenho certeza que meu primo me levará. O show de calouros do programa de Ari Barroso.

(Cantarola um trecho como se estivesse ensaiando: Eu sou diretora da escola do Estácio de Sá/ E felicidade maior neste mundo não há/ Já fui convidada para ser estrela do nosso cinema/ Ser estrela é bem fácil/ Sair do Estácio é que é o X do problema).

(Durante o canto, em um outro plano do palco, entra Emilinha jovem, como se fosse uma lembrança).

CAMAREIRA

(Como mãe). Emilinha, você tem apenas 11 anos, isso não é para você. Não deveria ter ido de forma alguma.

EMILINHA JOVEM

Mãe, eu consegui a nota máxima.

CAMAREIRA

(Como mãe). Aos poucos ela foi me convencendo e durante três anos ficou trabalhando com amadora recebendo pequenos cachês, que de certa forma ajudavam em casa.

EMILINHA JOVEM

Mãe, eu consegui o meu primeiro contrato.

CAMAREIRA

(Como mãe). Minha filha, onde?

EMILINHA JOVEM

Na Rádio Mayrink Veiga, o salário é baixo, mas quem se importa com isso?

CAMAREIRA

(Como mãe). E eu também consegui.

EMILINHA JOVEM

Aquele emprego?

CAMAREIRA

(Como mãe). Sim. Eu sou a mais nova zeladora da toalete das senhoras do Cassino da Urca.

EMILINHA JOVEM

Nossa vida vai melhorar, eu sinto isso mamãe.

CAMAREIRA

(Como mãe). E tem mais uma coisinha, hoje eu fiz amizade com uma cantora, que ficou intrigada de como uma moça tão distinta como eu, estava a fazer um trabalho como esse, veio me falar e conversamos por horas, e ela falou *(Imitando trejeitos de Carmem Miranda)*. Edith, diga-me o que posso fazer por você: não teria uma filha que faça alguma coisa que pudesse entrar no show?. Eu respondi: Sim, tenho uma que talvez dê. *(Imitando novamente)*. Pois traga a menina e deixe o resto comigo.

EMILINHA JOVEM

(Voz tremula e insegura). Mas mãe, eu, não, não posso.

CAMAREIRA

(Como mãe). Falei que eras pequena e magrinha e menor de idade.

EMILINHA

Me lembro como se fosse hoje. Carmem Miranda fizera-me todas as recomendações.

(Neste momento, Carmem Miranda inicia o texto pra Emilinha jovem e se vira para Emilinha para continuar o texto. Emilinha jovem sai de cena).

CAMAREIRA

(Como Carmem Miranda). Milóca, pegue estas roupas e faça tudo como eu mandar: pinte-se o mais que puder, ponha estes sapatos altos e cante o mais depressa possível, para não notarem sua idade. Deixe o resto comigo.

EMILINHA

O teste foi num final de tarde, depois da matinê. Carmem pediu a Joaquim Rollas, o diretor artístico do Cassino, que esperasse um pouco. *(Entra um Trecho da Música “Se Queres Saber”).*

EMILINHA

Joaquim parece que não me ouvia. Lá num canto, conversava com Carmem sem demonstrar a mínima atenção para o meu número, quando terminei, nem se dignou a falar comigo, apenas perguntou a Carmem: Você tem interesse que ela cante aqui?

CAMAREIRA

(Como Carmem Miranda). Eu tenho.

EMILINHA

Então ela está contratada.

CAMAREIRA

(Como Carmem Miranda). Passe lá em casa para apanhar mais vestidos para a sua estreia.

EMILINHA

Tive de subir a pé a ladeira de São Sebastião, onde ela morava. Saí de lá com um pacote enorme, cheio de vestidos e sapatos lindos. Até hoje não esqueço da noite de estreia. Eu entrei no palco com um vestido de lamê estampado, calçando aqueles sapatões de Carmem Miranda. Quando terminou o número, um fiscal do cassino me acompanhou até a toailete, e ali fiquei junto de minha mãe. Eu era de menor: não podia nem olhar os salões de jogos. Todos os dias, depois do show, tinha de ir para lá, com mamãe e esperar a hora de ir embora.

CAMAREIRA

(Como mãe). Minha filha com o seu primeiro salário, você pode ir morar em Copacabana e reunir nossa família novamente, e não só isso você pode se tornar uma verdadeira estrela.

EMILINHA

Eu irei mamãe.

(Trecho das Músicas Noites de Junho/ Tomara que Chova/ Marcha do Remador).

CENA 4

Dalva 1937 a 1942 – O casamento malsucedido

DALVA

O começo de carreira, como já era esperado, não foi fácil, principalmente porque nós só tocávamos em circos e bares do subúrbio, o dinheiro era escasso, então era difícil até de ter o valor do aluguel no fim do mês para pagar. E assim, nós fomos pulando de muquifo em muquifo pelo centro do Rio, o conto de fadas estava longe de ser real. No meio disso tudo, eu engravidei e nasceu Pery, o que tornava mais complicado ainda, pois tínhamos que batalhar mais ainda. As coisas só começaram a melhorar quando conseguimos que o Trio tocasse nas Rádios, pelo menos, o do aluguel vinha com uma folga.

NILO

Herivelto, um boêmio inveterado, fez das noites cariocas, a sua morada. O centro da boemia feria, fazendo com que Herivelto retornasse para casa altas horas. O príncipe encantado de Dalva estava longe de ser real. De certo que ele ainda conseguira alguns contratos para o Trio durante as noitadas, afinal, os artistas eram assim como ele, boêmios. Primeiro, Herivelto conseguira um contrato temporário com o Cassino da Urca, fazendo com que o trio ficasse mais conhecido, depois de um tempo o contrato se tornou fixo, fazendo com a situação do casal melhorasse e eles conseguissem mudar para um apartamento melhor, bem próximo ao Cassino.

DALVA

Nossa carreira crescia, enquanto a nossa vida afetiva ia para o fundo. Por amar Herivelto, eu me resguardava, ficava calada. Mas eu sabia o quanto mulherengo ele era, sabia que eu poderia ser trocada a qualquer momento. Assim como ele fez com a esposa antes de mim. Afinal, quando nos conhecemos, eu sabia que ele ainda era casado, mas eu o amava, então esperei o seu desquite sair, para que pudéssemos nos unir realmente. Nossa união foi feita no civil e em um grande ritual de umbanda, parecia-me então que tudo seria muito lindo, mas não foi.

NILO

Ninguém conseguia acreditar na passividade de Dalva, vendo toda aquela situação. O seu apartamento virou ponto de encontro após os shows no Cassino. Onde vários amigos de boemia de Herivelto iam para beber e discutir o destino da música popular brasileira, e Dalva, ainda vestida e maquiada do show, exausta, preparava-lhes macarrão.

(Dalva e Herivelto discutem, trocam tapas).

DALVA

Isso são horas Herivelto? Estavas na esbornia, você nunca me amou.

HERIVELTO

Você é uma louca.

DALVA

Me trocas todos os dias pela boemia.

HERIVELTO

Mas eu te fiz e te dou comida, te trago joias.

DALVA

Mas amor não me dás.

NILO

Se acalmem por favor. *(Dalva sai, e os dois vão atrás dela).*

CENA 5

Marlene 1943 – Marlene fugindo para o Rio de Janeiro

(Marlene jovem aparece em um foco ao fundo com uma mala na mão e uma passagem na outra, olha furtivamente para a passagem, ela está com um colar de camafeu com a foto dos pais, ela baixa a mala no chão, abre o camafeu, respira fundo).

OFF: Victória Bonaiuti de Martino, volte aqui!

MARLENE JOVEM

Desculpa, minha mãe, mas a arte é a minha vida.

(Marlene jovem fecha o camafeu, beija-o e sai do foco e vai em direção à Marlene, entrega o camafeu e sai. Marlene recebe o camafeu, coloca-o e dá o texto).

MARLENE

Minha mãe me dizia que eu não podia ouvir música profana, nada além de ópera e hinos da igreja, mas de herança de meu pai, recebi o dom da arte, o que me trouxe a paixão pelos palcos, meu coração acelera quando vejo o público e é justamente pra eles que eu me dedico e me reinvento. Essa sensação gostosa que bate no peito, será que é pecado mesmo?

(Marlene canta “Se é pecado sambar”).

CENA 6

Ângela 1947 – Os shows de calouros

(Ângela entra em cena com uma caixa de sapato vazia nas mãos, coloca em cima da mesa, tira uma quantia em dinheiro de dentro do decote, coloca dentro da caixa e tenta esconder, olha para todos os lados e corre como se saísse fugida. Off programa Hora do Pato (Jorge Curi). Ângela, canta a primeira música e ao final agradece. Sai sorradeira para o outro lado do palco, onde está escondida a caixa, coloca em cima da mesa, retira um bolo de dinheiro do decote e coloca na caixa, foge novamente. Off programa Papel Carbono (Renato Murce). Ângela canta outra música e repete toda a ação anterior).

CENA 7

Linda e Dircinha 1949 – A fama

Pré-cena: Infância

(As luzes em cor de sépia se acendem, no proscênio está um ator que representa Dircinha Batista e outro que representa o apresentador Francisco Alves. Dircinha desmaia no palco, o apresentador fica meio sem reação, avista a irmã de Dircinha, Linda Batista, e de forma insistente pede que a moça se apresente. Ele está com um violão na mão que iria entregar para Dircinha).

APRESENTADOR FRANCISCO ALVES

Entra! Entra! Canta, canta que ela está passando mal!

(Linda entra toda sem jeito no palco, pega o violão e começa a se apresentar. As luzes se apagam e em um outro plano, estão as irmãs Batista mais velhas e o apresentador de Paulo Roberto).

Entrevista: Linda e Dircinha Batista

LINDA

(Gargalhada). E foi assim, que meu pai e minha irmã planejaram para que me apresentasse pela primeira vez, cantando em público. Foi em 36, no palco do Programa de Francisco Alves que era na Rádio Cajuti.

DIRCINHA

(Leve sorriso). A nervosia dela era deveras aparente, mas como já era esperado, ela tirou de letra.

LINDA

Ah, fiquei bastante encabulada mesmo, mas de todo modo, me apresentei. Depois que o sufoco passou, vi Dircinha de canto me aplaudindo e percebi que tudo não se passava de uma grande lo-
rota, porém foi um santo remédio, já que desde este dia, eu nunca mais parei de cantar (*ênfase*) e cantar é minha vida.

APRESENTADOR

Que esplendorosa história, hein ouvintes?! E quem tivera tal astúcia para planejar isto, Dircinha?

DIRCINHA

Isto tudo foi ideia de papai, ele via o talento de Linda, que muitas vezes em casa, timidamente, cantava para nós. Como eu já me apresentava havia uns 5 anos na Rádio Cajuti, ele queria que ela me acompanhasse, não somente no violão, como muitas vezes fazia, mas que gorjeasse canções. Quisera ele que tivéssemos um futuro, contudo jamais pensou que chegaríamos onde chegamos.

LINDA

De certo que papai acreditava que nós tínhamos grande talento, então corria atrás de nos levar para todos os lugares que pudéssemos nos apresentar e assim crescemos vendo o mundo dos artistas. Sendo que depois desse acontecido na Rádio, minha vida mudou, fui chamada pra cantar em tudo quanto era rádio, Rádio Sociedade, Rádio Educadora e tantas outras, com cachê de 20 mil réis.

APRESENTADOR

Que supimpa, que supimpa, com o dito até então, parece-me que vocês começaram carreira desde muito cedo.

LINDA

Ah sim, Dircinha teve sua estreia logo aos 5, 6 anos, como uma menina prodígio e com seus 8 anos, já gravou logo o seu primeiro disco, com duas composições de papai.

DIRCINHA

É, eu sempre me apresentava com canções de outros compositores, mas fiquei deveras feliz quando papai compôs para eu cantasse. Ah, e eu era conhecida como (*ênfase*) “a menina que possuía uma garganta de pássaro”.

LINDA

E eu já só vim pegar numa viola com os meus 10 anos, quando papai me deu um belíssimo violão, tinha grande desenvoltura com ele, mas eu tinha uma vergonha horrível de enfrentar o microfone, um medo danado.

DIRCINHA

Na época, Papai conseguira que Linda tivesse aulas com o violonista e cantor Patrício Teixeira e sem muitas delongas, ela tratou de compor logo sua primeira canção.

LINDA

Ah sim, fiz mesmo, "Tão Sozinha" a intitulei. Antes disso fazia só uns sambinhas, gostava e gosto muito de samba, porque ainda garota, a moça que ajudava mamãe nos afazeres da casa, me levava para a gafeira, como era o nome mesmo? (*Pensativa*).

DIRCINHA

"Corbeille de Flores".

LINDA

Isso.

DIRCINHA

Ficava bem pertinho de onde a gente morava. Como eu era muito menina ainda, não podia ir, mamãe não deixava. Linda que já era mais crescidinha, meio que fugia, às vezes (*gargalhada*).

APRESENTADOR

Que formidável, meus caros ouvintes. Todos sabemos que as inigualáveis vozes das irmãs Batista tiveram gênese do Pai Batista Junior, mas tal talento também foi dividido entre outros membros da família Batista?

LINDA

Temos apenas mais uma irmã, Odete, a mais velha, mas que nunca quis saber de subir aos palcos, apesar de papai muitas vezes insistir. Ela é quem faz companhia para mamãe.

DIRCINHA

Sim, Odete está ao lado de mamãe sempre, principalmente depois da partida de papai, que abalou a todas nós em demasia.

LINDA

(*Ênfase*). Não falemos de dores, (*saudosismo*) há tantos outros momentos bons de nossas vidas a serem ditos.

APRESENTADOR

Minhas caras, então apontem para os nossos digníssimos ouvintes, que momento vocês frisariam que marcou a carreira de ambas?

LINDA

Huuuum, 37.

DIRCINHA

Sim, em 37, consegui galgar grande sucesso com a canção Periquitinho Verde.

APRESENTADOR

A formidável Dircinha Batista, poderia nos brindar com um excerto de sua canção?

DIRCINHA

"Meu periquitinho verde/ Tire a sorte por favor/ Eu quero resolver/ Este caso de amor/ Pois se eu não caso/ Neste caso eu vou morrer".

LINDA

E também foi neste mesmo ano que ganhei o título no concurso de Rainha do Rádio pela primeira vez.

DIRCINHA

(Debochando). Ah, e foi neste ano que Linda casou-se também.

APRESENTADOR

A esplêndida Linda, não obstante à correria da fama, ainda veio a casar-se?

LINDA

(Chateada). Sim, mas acredito que não se faz necessário comentar sobre isso, *(desconversando)* eu era muito nova e queria saber da minha carreira, então não deu certo.

DIRCINHA

Ah *(recordando)*, e um ano antes, em 36, além do fato de primeira apresentação de Linda na Rádio, arriscamos ainda a contracenar no *(ênfase)* "mágico mundo do cinema", mas, foi em 37 que fiquei bastante afamada pela minha canção e Linda pelo seu título de Rainha do Rádio.

LINDA

Ih, e por conta desse filme, ainda teve muito bochicho, um quiproquó, porque Dircinha, ainda muito menina, estava com as pernocas de fora.

DIRCINHA

Ah, nem era tanto assim, mas, os jornais precisam de notícias. Como eu dizia, Linda venceu o concurso de 37 e recebeu a coroa em 38, num baile cheio de garbo e elegância, que antecedia o carnaval. E manteve o seu reinado nos anos seguintes, o que a deixou ainda mais conhecida.

LINDA

Lembro-me que eram diversas candidatas e entre todas eu triunfei como Rainha do Rádio, título esse que eu ganhei todos os anos na lenha, não era negócio de votinho, era no palco mesmo disputando.

APRESENTADOR

Que sensacional, caríssimos ouvintes, então a extraordinária Linda Batista lhe teve conferido durante anos o título de Rainha do Rádio, título merecidíssimo, mas poderia nos comentar o que lhe aconteceu depois?

LINDA

Depois do primeiro título, fui chamada para fazer filmes, (*ênfase*) cantava em tudo quanto canto, cheguei a ser a principal crooner do Cassino da Urca, posto este, que era disputadíssimo. Ah, e também fiz muitas viagens, por este Brasil e pra fora também.

APRESENTADOR

Que esplêndido! Então foi a partir do título de Rainha do Rádio que a sua carreira de fato decolou?

LINDA

Sim, eu muito trabalho, muita cantoria, fiquei durante 11 anos com este título, foi quando em 48 passei a faixa para Dircinha.

APRESENTADOR

Que joia! Então neste certame, o reinado permaneceu em família.

DIRCINHA

Sim, na época eu consegui mais de 25 mil votos, (*ênfase*) eram votos à beça. Além da coroa e do centro, o título nos garantia grandes homenagens onde quer que fôssemos, pois nos tornávamos conhecidas em todos os cantos. Eu já era conhecida por diversos trabalhos que fazia, cheguei até a me aventurar a fazer rádio novela, em 43, "Meu Amor" de Hélio do Soveral, na Rádio Tupi.

LINDA

O nosso público tem o intento de nos ver e nos ouvir, então a gente sempre recebe convites a ir em vários eventos e a gravarmos diversas canções. O trabalho grande é principalmente em tempos de carnaval. Lembro da canção de Wilson Batista, "No Boteco do José", que cantei muito no carnaval de 46. "Vamos lá/ Que hoje é de graça/ No boteco do José/ Entra homem, entra menino/ Entra velho, entra mulher/ É só dizer que é vascaíno/ E que é amigo do Lelé". As pessoas sempre queriam saber onde era o boteco do José.

DIRCINHA

Logo depois do grito de carnaval, a festa junina, é o período de grande trabalho também, é quando as marchinhas dão espaço para o baião.

APRESENTADOR

Nossos ouvintes devem estar com grande ânsia de ouvi-la, não os deixemos mais aguardando. Senhoras e senhores, batucada, ritmo, para o doce deleite de nossos ouvintes, agora, devidamente abençoada por sua irmã, a nova Rainha do Rádio (*ênfase*) Dircinha Batista.

(Dircinha Batista se apresenta. Após a apresentação, as irmãs saem de cena, em uma breve discussão sobre o que havia sido dito durante a entrevista).

CENA 8

Emilinha e Marlene 1949 – A disputa

(Em um foco Emilinha está sentada cheia de cartas, escolhendo quais irá responder durante um programa de rádio).

EMILINHA

(Mexendo nas cartas). Ai meu Deus, são tantas, o que eu faço?

(Entra um funcionário da rádio com uma caixa com mais cartas).

FUNCIONÁRIO

Emilinha, Emilinha, chegaram mais essas aqui hoje, pela manhã. Escolha logo, porque faltam 15 minutos para entrarmos no ar.

EMILINHA

Então vão essas aqui que eu já tinha separado.

(Off do programa do Paulo Gracindo).

PAULO GRACINDO

Boa noite. Noite de Estrelas tem o enorme prazer de receber a futura Rainha do Rádio, Emilinha Borba. Emilinha vem pra cá.

EMILINHA

Oi. Alô.

PAULO GRACINDO

É com grande desejo que eu peço ao nosso queridíssimo auditório, que continue trabalhando pela vitória da esplendida Emilinha Borba neste certame, pois sabemos que ela é a grande esperan-

ça da Rádio Nacional. E nosso grande desejo é que Emilinha seja consagrada a Rainha do Rádio este ano, ela que é a favorita da Marinha.

EMILINHA

(Meio sem jeito). Ah, obrigada.

PAULO GRACINDO

Emilinha, você sempre tão formosa e sempre muito requisitada, é a nossa recordista de recebimento de cartas e postais da Rádio Nacional.

EMILINHA

Ai, obrigada. Agradeço aos meus fãs também.

PAULO GRACINDO

Você trouxe algumas dessas cartas para o nosso programa, estou certo?

EMILINHA

Sim, trouxe algumas aqui, pois sei que é de grande importância que eu as responda, os fãs aguardam a minha resposta.

PAULO GRACINDO

Poderia então, lê-las para nós e fazer a alegria dos seus fãs? Deixe-me ver, hum, aqui! Quem escreve é Gertrudes de Souza, uma fã lá de Belo Horizonte, ela pergunta o seguinte: Aceitarias um convite para cantar em minha cidade?

EMILINHA

Em Belo Horizonte? Como não? Adoro a capital mineira.

PAULO GRACINDO

Já podemos então marcar um belíssimo show por lá. Outra carta de uma fã de Emilinha, está aqui é Maria Nazaré, de Niterói, ela pergunta: Por que você é tão amável com as fãs?

EMILINHA

Você acha que eu não deveria ser? Elas são uns amores e por isso merecem de mim essa atenção.

PAULO GRACINDO

A doce e sempre linda Emilinha Borba. E então caros ouvintes, eu sei que vocês aguardam por esse momento, então para abrilhantar ainda mais esta noite, teremos a docílima voz da garbosa e galante Emilinha Borba.

(Emilinha canta Escandalosa. O anúncio do repórter Esso. Emilinha se posiciona ao microfone lateral e aguarda o pronunciamento do Repórter Esso).

OFF: Rádio Globo, Rio de Janeiro, uma emissora de O Globo, o maior jornal do país, são 20 horas e 25 minutos. Alô, alô repórter Esso, alô. *(Introdução Repórter Esso).*

REPÓRTER ESSO

Caros ouvintes, boa noite, aqui fala é o Repórter Esso e o serviço público da Esso Brasileira de Petróleo e dos revendedores Esso, com as últimas notícias da UPI (*United Press International*) desta emissora. A Associação Brasileira de Rádio anunciou à poucos instantes a grande vencedora do concurso de Rainha do Rádio. Depois de longa apuração, com 529.982 votos, a nova Rainha do Rádio é a belíssima Marlene, *(Marlene entra assustada e já com a faixa de Rainha do rádio)* tendo como primeira princesa Ademilde Fonseca e como segunda princesa, a favoritíssima Emilinha Borba. Repórter Esso, a sua testemunha ocular da história. Hoje também, o Congresso Nacional do Brasil, promulgou o decreto legislativo nº 64/49, que aprova a Carta da Organização dos Estados Americanos. *(Aos poucos, o off do Repórter Esso vai saindo, Emilinha olha com raiva para Marlene, se vira e sai de cena).*

OFF: Senhoras e senhores, caro público, numa apresentação da boate do hotel Palácio, para o seu primeiro grito de carnaval, abram-se as cortinas e rufem os tambores, é com enorme prazer que receberemos a extraordinária Marlene. *(Marlene canta Lata D'água).*

CENA 9

Ângela 1949 – Seguindo seus sonhos

(Off programa Calouros em Desfile (Ari Barroso). Ângela canta uma música, no meio da música ouve-se um off da mãe de Ângela falando – Albertino, corre, ouve aqui, é a Ziquinha, é a Ziquinha, ela não foi à casa da amiga coisa nenhuma. Termina a apresentação de Ângela e ela retorna pra casa, pega a caixa, coloca o dinheiro do prêmio e ouve a mãe falar – “Ziquinha, você tem mentido pra gente, tem fugido para cantar, isso é um mundo de perdição. E que caixa é essa?”).

ÂNGELA

Mãe, eu tenho participado de alguns concursos de calouros sim, estou ganhando todos eles. *(Abre a caixa)* e tenho isso aqui pra ajudar em casa. Peço desculpa por mentir, mas sei que não me deixariam participar. Vocês podem me bater, mas preciso seguir com a minha vida. Estou indo embora, só volto quando tiver condições de lhe dar um conforto maior. *(Ângela canta Cinderela).*

CENA 10

Dalva 1949 – O início do fim

(Dalva arrumando as roupas descobre uma foto de Herivelto com outra mulher e uma criança que estava dentro do paletó dele).

DALVA

(Em choque). Uma criança, uma mulher e Herivelto? *(Herivelto entra em cena).*

DALVA

(Gritando). Quem é essa? Quem é essa aqui?

HERIVELTO

É apenas uma amiga.

DALVA

Não minta para mim.

HERIVELTO

Já disse, é apenas uma amiga. *(Dalva avança em direção a Herivelto e ele a segura).*

DALVA

E essa criança em teu colo? Segura com um carinho tão grande, coisa que não fizestes com os teus filhos. E queres que eu acredite que é apenas uma amiga?

(Herivelto empurra Dalva que vai ao chão).

HERIVELTO

Eu me via obrigado a aguentar os momentos de loucura de Dalva, pois ela era um calo em meu sapato, os arranjos do trio eram todos sustentados pela voz dela. É uma tortura ter de voltar pra casa e ter que ver aquela mulher, pois dividimos a cama e nem nos falamos direito. Muitas vezes, prefiro ficar com Lurdes que me trata bem, me trata como um rei. Mas Dalva que não pense em arranjar outro, fui eu que a fiz, se ela tem algum reconhecimento hoje, é por minha causa. Enfim, sei que entre idas e vindas, o Trio de Ouro continuava se apresentando, foi então que a convite da comediante Dercy Gonçalves, o Trio partiria junto com ela para uma excursão à Venezuela.

(Dalva fica sozinha e começa a se recompor quando o telefone toca. Dalva atende o telefone).

DALVA

Alô.

DALVA

Aqui é Dalva, quem fala?

DALVA

(Com certa ira). Lurdes, Como assim?

DALVA

Tudo bem, nos encontramos na Leiteria Bol.

(Dalva desliga o telefone, respira fundo com raiva).

DALVA

Lurdes, depois de anos às escondidas, resolveu me ligar, queria conversar. A situação estava cada vez mais insustentável, então mesmo com uma dor enorme em meu coração, resolvi aceitar o encontro. Foi quase uma hora em que eu fiquei ali, escutando tudo o que ela tinha pra me dizer, falar sobre o amor dela e de Herivelto, aquilo me dilacerava, mas eu ouvi calada. Quando enfim, ela me disse tudo, resolvi falar, falar do cinismo, das surras de cinto gratuitas nos nossos filhos e a distância que mantinha deles, das agressões contra mim, da falta de amor, da boemia, das mentiras e tudo mais. Coloquei tudo para fora. Alertei ainda, para que não caísse facilmente na lábia dele.

(Em um foco ao fundo, aparece Ângela).

ÂNGELA

Enquanto eles partiam para a Venezuela, aqui no Brasil, eu fugia da repressão de meus pais, que sempre diziam que a vida artística não tinha futuro. Me mudei pro bairro de Bonsucesso, fui morar com a minha irmã, porque assim conseguiria mais facilmente participar dos concursos de calouros e seguir o meu sonho, *(pausa) (ênfase)* cantar. Mas meus pais não podiam nem desconfiar disso, então adotei o nome de Marina Cunha, até mesmo porque, eu odiava o nome de Abelim Maria. Ah, e claro, Dalva era minha inspiração, nossas histórias muitas vezes se assemelhavam e se entrelaçavam, eu fazia de tudo para cantar igual a ela, até na respiração, com isso, me tornei imbatível nos concursos, ganhei todos. Enquanto por aqui, a minha vida aos poucos se acertava, lá na Venezuela para eles, dava tudo errado, pois Dercy não teve aprovação do público conservador, que a achava uma mulher desbocada e despuddorada, fazendo com que a longa temporada acabasse em apenas 3 dias. O que acarretou entre outros problemas, o fim do Trio de Ouro, pois Dalva não queria voltar de cabeça baixa para o Brasil e Herivelto simplesmente resolveu voltar para o Rio de Janeiro.

(O foco de Ângela se apaga).

DALVA

Eu falei com o Vicente Paiva, que não poderíamos voltar de favor para o Brasil, que tínhamos que ficar e ganhar alguns dólares e voltar com o nosso próprio dinheiro, Herivelto não concordou e me abandonou em Venezuela, acabando assim com o Trio e de uma vez por todas com o nosso casa-

mento. Vicente me acompanhava no piano e assim fazíamos shows em boates e bares abertos de Caracas, a dificuldade foi grande, mas nada que eu não vivera antes. Ao fim de um ano por lá, nos restou dinheiro apenas para que chegássemos à Belém, onde fizemos grande sucesso e foi onde pude realmente ver o início da minha carreira solo. Mesmo depois do tempo e da distância de Herivelto, meu coração estava dilacerado, no entanto, não havia mais jeito.

HERIVELTO

Não, eu não posso lembrar que te amei/ não, eu preciso esquecer que sofri/ faça de conta que o tempo passou/ E que tudo entre nós terminou/ E que a vida não continuou pra nós dois/ Caminhe-
mos, talvez nos vejamos depois.

(Dalva canta Hino ao Amor. Herivelto dá o texto como se culpasse Dalva).

HERIVELTO

Eu deixei o meu caminho certo/ e a culpada foi ela/ transformava o lar na minha ausência/ em
qualquer coisa abaixo da decência/ compreendi que estava tudo errado/ e amargurado parti/ per-
doando o pecado/ mas deixei o meu caminho certo/ e a culpada foi ela.

(Dalva dá texto com pesar).

DALVA

Errei sim,/ manchei o teu nome/ mas foste tu mesmo/ o culpado/ deixavas-me em casa/ me tro-
cando pela orgia/ faltando sempre/ com a tua companhia.

Lembra-te, agora, que não é,/ só casa e comida/ que prende por toda a vida/ o coração de uma
mulher/ as joias que me davas/ não tinham nenhum valor/ o mais caro me negavas/ que era to-
do o teu amor,/ mas, se existe ainda/ quem queira me condenar,/ que venha logo/ a primeira pe-
dra/ me atirar.

HERIVELTO

Já chega a vergonha que eu passei/ Já chega o dinheiro que eu gastei/ mulher quando perde a ver-
gonha e o respeito/ não tem mais jeito, não tem mais jeito/ eu já desprezei essa mulher/ hoje ela
faz o que bem quer/ conta uma história diferente a cada amigo/ mas a verdadeira eu guardo comi-
go, mas eu peço à mulher que te escuta/ que teu exemplo não siga.

(Dalva dá o texto de forma debochada).

DALVA

Sei que é doloroso um palhaço/ se afastar do palco por alguém/ volta que a plateia te reclama/ sei
que choras palhaço/ por alguém que não te ama/ enxuga os olhos/ e me dá um abraço/ não te es-
queças/ que és um palhaço/ faça a plateia gargalhar/ um palhaço não deve chorar.

HERIVELTO

(Gargalhada). Ai Dalva, Dalva, Dalva.

(Dalva dá o texto de forma triste e decepcionada).

DALVA

Desse amor quase tragédia/ que me fez um grande mal/ felizmente essa comédia/ vai chegando ao seu final/ já paguei todos pecados meus/ e o meu pranto já caiu demais/ só lhe peço pelo amor de Deus/ deixe-me viver em paz.

(Novamente no foco ao fundo, Ângela dá o texto inconformada. Música Hino ao Amor – Instrumental).

ÂNGELA

Era triste, pois Dalva tentava de todas as maneiras se justificar, mesmo não havendo necessidade. O grande problema é que Herivelto, nas suas noitadas fazia questão de denegrir a imagem de Dalva, tanto que muitas revistas e jornais acabavam comprando a briga dos dois, sempre botando mais lenha nesse fogo, mais e mais. Com uma sociedade machista, a maioria saía à favor de Herivelto, tanto que ele conseguiu com que Dalva perdesse a guarda dos filhos, por colocá-la como uma mulher de má índole, fazendo com que Dalva caísse em uma profunda tristeza. Porém, Dalva, a Estrela Dalva do Brasil, via cada vez mais a sua carreira deslanchar, o buchicho muitas vezes, fazia com que ela ficasse mais conhecida ainda, *(Ângela coloca a faixa de Rainha do Rádio em Dalva)* até que ela conseguiu o grande título de Rainha do Rádio.

(Ângela e Dalva, cantam Bandeira Branca).

CENA 11

Marlene 1952 – Rádio novela

(Marlene vai em direção à mesa da Rádio, senta em um dos lugares, coloca seus óculos, arruma o script e aguarda o início da Rádio Novela. Outras pessoas já estão posicionadas na mesma mesa, aguardando o início também).

OFF: Quanto maior é o desafio, maior o interesse por correr atrás de seu destino. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro apresenta. À procura da felicidade.

NARRADOR

No último episódio, acompanhamos a partida de Vitório e Antonieta da Itália para o Brasil, em busca de uma vida melhor. *(Buzina de navio).*

VITÓRIO

Oh meu amor, seremos muito felizes neste novo país. em terras brasileiras, teremos uma vida bem diferente.

ANTONIETA

Vitório, acredito em você e quero ser feliz ao seu lado.

NARRADOR

O casal de imigrantes se fixou no modesto bairro da Bela Vista, ponto ítalo-brasileiro em São Paulo. Eles geraram três lindas filhas, Marieta, Geni e Vitória. Porém, tragicamente Vitório falece sete dias antes do nascimento da última filha, Vitória.

ANTONIETA

Minha filha, te darei o nome de Vitória, sei que seu pai ficaria muito contente com este nome. Vitório me fará falta, mas você, Vitória, me fará companhia, junto com as suas irmãs.

NARRADOR

Antonieta dedicou-se cada vez mais à sua igreja e levava as filhas para que seguissem o caminho de Deus.

ANTONIETA

Minhas filhas, vocês não devem ouvir músicas que não as vindas de Deus. As harmônicas e angelicais óperas e as canções de nossa igreja.

FILHAS

Tudo bem, mamãe.

NARRADOR

E assim, as filhas cresceram, porém uma delas, Vitória, sempre buscava, mesmo que dentro da igreja, movimentações artísticas, tinha no coração um desejo grande de subir nos palcos.

MARIETA

Vitória, te levarei junto comigo para a apresentação do Auto de Natal.

VITÓRIA

Ai Marieta, me sinto tão bem quando participo das apresentações na igreja.

ANTONIETA

Sim Marieta, leve Geni junto também, quero todas as minhas filhas na igreja como é o certo.

NARRADOR

Quando Vitória cresceu mais um pouco, sua mãe Antonieta a manda para um colégio interno, onde em troca de uma bolsa de estudos, era obrigada a cumprir determinadas tarefas. Mas os seus sonhos eram grandes e Vitória não se permitia abater.

VITÓRIA

Acredito que Deus tem um propósito em minha vida, se não tenho recursos para as outras atividades extras no colégio, talvez quem sabe o teatro possa me ajudar.

NARRADOR

Vitória se fixou na ideia de fazer teatro. Porém em uma das suas férias escolares, Vitória se depa-rou com um grande anúncio no jornal.

(Barulho de página de jornal).

VITÓRIA

Estão fazendo uma convocação de estudantes de São Paulo, para formar uma Federação, o que será isso? Não sei, mas agora quero saber.

NARRADOR

E assim, Vitória foi em busca de saber do que se tratava aquele chamamento no jornal e acabou se inscrevendo, na esperança de se enturmar. O local da inscrição era num prédio alto, no centro da cidade. *(Barulho de cidade)*. Ao chegar na sala a qual o anúncio mencionava, ela bate à porta e uma jovem e simpática moça abre.

(Barulho de batida na porta e em seguida o barulho de passos).

ESTUDANTE

Olá, você veio por conta do anúncio?

VITÓRIA

Sim, dizia da união dos estudantes de São Paulo e eu sou uma.

ESTUDANTE

Entre, venha por aqui. Você pode fazer a sua inscrição ali naquela mesa.

VITÓRIA

Nossa, *(barulho de Jovens falando)* são tantas pessoas diferentes, são tantas moças e rapazes juntos, quero fazer parte disto.

NARRADOR

A bela Vitória conseguiu fazer parte da Federação de Estudantes de São Paulo. Logo de início, conseguiram emplacar um programa na Rádio Bandeirantes.

(Abertura do programa).

VITÓRIA

Alô, alô, caros ouvintes. Começamos agora mais um "Hora do Estudante".

NARRADOR

Porém, por insistência dos colegas, parceiros da Federação, Vitória mostrou o seu real talento, o canto. Contudo, com todas essas mudanças na vida de Vitória, sua família começou a desaproveitar as suas novas atividades.

ANTONIETA

Minha filha, o mundo irá virar sua cabeça, pare com isso enquanto é tempo.

VITÓRIA

Mas mamãe, é o meu sonho.

ANTONIETA

Vitória, você é uma moça de família, sempre lhe ensinei os bons caminhos e isso que está fazendo, não lhe trará um futuro. Escute o que eu e suas irmãs estamos lhe dizendo.

MARIETA

É Vitória, pare com isso, mamãe tem razão.

VITÓRIA

Marieta, não queria chateá-las, mas esse é o meu sonho.

NARRADOR

Vitória, se viu perdida, pois estava entre os conselhos da sua mãe e o sonho que fervilhava em sua cabeça. *(Música)*. Foi então que Vitória decidiu por seguir seu sonho, pegou uma mala e fugiu para a capital Fluminense. E no próximo episódio, acompanhamos a doce Vitória de Martino em sua saga à procura de seu destino.

(Marlene abaixa os papéis na mesa, tira os óculos, se despede dos companheiros da Rádio e vai em direção ao foco seguinte. Ao final da música, Marlene reverencia o público, e vai em direção ao próximo foco. Sobre a mesa estão vários scripts de filme e roteiros de teatro).

MARLENE

Chegaram os novos scripts, deve ser os que a minha agente falou mais cedo. Ah, e aqui estão aqueles roteiros do teatro que eu havia pedido.

(Marlene arruma os papéis, e vê de canto, uns rascunhos de uma música).

MARLENE

Ai, meu Deus, o Luiz já deixou aqui aquela música que vínhamos compondo, tenho novas ideias, deixa eu anotar tudo isso logo, antes que fuja da cabeça.

(Marlene senta-se começa a escrever).

MARLENE

Não me tens amizade/ essa é a grande verdade/ Por isso não vejo razão/ Para nossa união meu amor.

(Marlene para, olha para o nada e fica pensativa).

MARLENE

Gostei, agora sim, está pronta.

(Marlene junta todos os papéis, se levanta, vai em direção ao foco central do palco).

MARLENE

Ufa, que dia! *(Marlene sai de cena).*

CENA 12

As irmãs Batista

(Off do Programa Noite de Estrelas. As Irmãs de apresentam com a música Somos Irmãs).

CENA 13

Emilinha 1952 – Uma vida escandalosa

(Entra em cena, Emilinha já com a faixa de Rainha do Rádio e um radialista. Off de abertura do programa diário de Emilinha).

EMILINHA

Entre as novidades que tenho para vocês, queridas fãs, uma é realmente interessante: estou aprendendo a fazer doces. Na semana passada fiz o meu primeiro estudo prático, isto é, aprontei a primeira receita. Fiz compota de ameixa em caldas. Depois de pronta eu não gostei, mas Teresa e o Arthur Emílio esvaziaram a compoteira. Não ficou muito bom porque o açúcar pegou um pouco no fogo. Mas não há de ser nada. Espero dentro em breve estar “can-can” no assunto e até mesmo – quem sabe? – dando receitas aqui pelo meu Diário. Que tal a ideia?

RADIALISTA

Sim, é uma ótima ideia. Que tal lermos algumas das cartas de suas fãs? Essa aqui é de Ilza de Andrade (Rio de Janeiro-DF): Quem deveria ganhar o título de ídolo da juventude?

EMILINHA

Isso é uma questão que somente o coração das fãs pode responder. O ídolo nada mais é que uma figura amada e cada um ama a quem quiser.

ELVIRA BARCELOS (SÃO PAULO-SP)

Verdade que até em casa andas maquiada?

EMILINHA

Não. Em casa ando bem à vontade.

IRACEMA BARRETO (RIO DE JANEIRO-DF)

Por que você não mostra as pernas?

EMILINHA

Acho que não ficaria bem tirar fotos de maiô. É um ponto de vista.

RIVANILDA LIMA (RIO DE JANEIRO-DF)

O Arthur Emílio está muito levado?

EMILINHA

Um pouquinho. Como toda criança de sua idade, pula, brinca e põe fogo em tudo. Mas isso é sinal de saúde, felizmente.

CÉLIA MARIA (BARBACENA-MG)

Você já foi à casa de Marlene?

EMILINHA

Não temos muito tempo para visitas, mas isso não impede que duas amigas se encontrem de vez em quando.

MARIA CARDOSO (MARÍLIA-SP)

Seria possível ganhar um fio de seu cabelo?

EMILINHA

Quando for ao cabeleireiro mandarei uma mecha para você.

LEONILDA PIASSETTA (CURITIBA-PR)

Acha que a Marlene poderá ser uma segunda Carmem Miranda?

EMILINHA

Não creio. Marlene tem sua personalidade própria e não imitaria outra cantora.

DÉA MOREIRA (PORTO ALEGRE-RS)

Quando virá aqui?

EMILINHA

Chi, é mesmo. Preciso arranjar urgente um tempinho para ir até aí. Um abraço para vocês.

(O Radialista agradece e sai de cena. Entra um comercial. Segunda-feira).

EMILINHA

Esta semana que se inicia hoje traz para mim o começo de muitas emoções. Já pela manhã começo a receber telefonemas das fãs, que, tentando dissimular, vão me perguntando o que eu mais gostaria de ganhar de presente no meu aniversário. Finjo que não sei que são elas, essas minhas grandes amigas.

(Entra um comercial. Quarta-feira).

EMILINHA

Nesta linda quarta-feira, a medida que os dias vão correndo, o meu coração parece ir aumentando sua aceleração. Não me recordo onde li esta frase "A generosidade é uma atitude que torna as criaturas mais humildes" é uma grande verdade.

(Entra um comercial. Sábado).

EMILINHA

Meu fã-club, agora com sede no sétimo andar do edifício A Noite, elegeu sua nova diretoria para o período do ano em curso. Fiquei muito contente com a decisão dos associados.

(Entra um comercial. Domingo).

EMILINHA

Hoje, domingo, durante minha apresentação no Programa Paulo Gracindo, recebi uma bonita corbeille, oferecida por uma de minhas fãs. O cartão que a acompanhava dizia assim: "Emilinha, esta é uma pequena lembrança que abrirá o caminho para as muitas que se seguirão". Levei aquela preciosidade para casa e com muito carinho distribuí as flores pelos vasos e pelas jarras. Depois, jantei e fui repousar. Esta minha semana está finda. Foi repleta de emoções maravilhosas.

(Off final do programa e comercial).

CENA 14
Ângela 1952 – Sapoti

(Off Apresentação Ângela e Comercial. Ângela e Cauby, se sentam no sofá e começam a conversar).

CAUBY

Hoje o público estava bastante participativo, depois do programa na Rádio quase arrancam minhas roupas. E você, como sempre, esplêndida, que apresentação maravilhosa. Menina, és danadinha mesmo, como diria Ari Barroso “parece um palitinho”, quando te vi a primeira vez, não pensei que conseguiria cantar tudo isso, quem diria que dentro dessa moça magrinha teria tanta força assim.

ÂNGELA

Ah, obrigada. E você sempre galante e garboso, claro que as meninas iam ficar loucas.

CAUBY

Sou apenas um jovem rapaz tentando a vida, com a sorte que Deus me deu de poder cantar. Você que sempre teve tino para a coisa, ganhava todo concurso que participava, fiquei sabendo até que já foste proibida de participar, isso foi verdade?

ÂNGELA

(Risada). Foi sim. Os calouros queriam fazer greve, se recusavam a participar se eu estivesse entre os candidatos, achavam que estava tudo combinado e acertadinho para que eu ganhasse. Mal eles sabiam, que eu estava ali sem que muitos me conhecessem e fugida, durante o tempo que papai e mamãe estavam na igreja.

CAUBY

(Risada galante). Ah, mas os calouros tinham até razão, não davas nem chance pros outros. E depois de tudo seus pais nem puderam reclamar da sua cantoria, o dinheiro dos concursos veio em boa hora e ainda teve toda aquela história da surpresa que você preparou pra sua mãe, mas que você nem chegou a me contar direito.

ÂNGELA

Deixe eu te contar, pedi pra Maria, aquela senhora que trabalha aqui em casa comigo, pra ela fingir que era a dona da casa e pedi que preparasse uma bela feijoada, convidei um monte de gente, convidei a Nora Ney, Jorge Goulart, Celeneh Costa, ah! e o Conjunto do Canhoto, lembra deles?

CAUBY

Lembro sim e eles andam meio sumidos das rádios. Devem estar fazendo shows por aí a fora.

ÂNGELA

Isso é verdade. Como eu os convidei, tive que pagar por uns chopinhos também, afinal feijoada sem chopp, não é feijoada. Depois de tudo organizado, fui buscar minha mãe e meu pai. Ela não queria ir, pois não tinha vestido bonito, pois fui correndo comprei um novo e convenci-os a irem, afinal, eu disse que era uma homenagem para ela. Chegando lá, ela olhou a casa e falou: – Essa sua amiga vive bem, isso é casa de gente grã-fina. Quando entramos, meu pai que era caladão ficou sentando no sofá de canto e minha mãe já conversava com todo mundo, depois de um tempo reuni todos na sala, e disse: Mãe, Pai esta casa é de vocês, eu comprei e tudo que está aqui dentro é para vocês, nem precisa voltar na antiga casa pra pegar nada, porque eu comprei louça, vestidos, paletós, tudo, tudo que eles precisavam.

CAUBY

E qual foi a reação deles?

ÂNGELA

Minha mãe não acreditava, ficou perguntando “– Mas essa não era a casa da sua amiga? E esta senhora que está aqui?”. Expliquei quem era a Maria.

CAUBY

E o seu pai?

ÂNGELA

Papai passou mal, quase teve um infarto, não acreditava que aquilo era deles, tivemos até que chamar um médico. Só que no final deu tudo certinho, disse para mamãe doar as coisas da casa antiga para os mais necessitados e que eles poderiam já ficar lá.

CAUBY

Que linda história, Ângela, você mostrou que poderia viver o seu sonho mesmo.

ÂNGELA

Depois de todas as dificuldades, depois de todos os empregos que perdi por querer cantar, depois de ver meus 9 irmãos sendo separados, e depois de tudo que meu pai e minha mãe fizeram por nós, quando ganhei um dinheiro a mais, não podia fazer outra coisa, senão isso.

CAUBY

Nada mais que justo.

ÂNGELA

Cheguei a te contar do caso da fábrica de lâmpadas?

CAUBY

Não me recordo.

ÂNGELA

Ah! Como você sabe, eu só queria saber de cantar, e lá na fábrica todos paravam pra me ouvir, com isso a produção foi aos poucos diminuindo, a nossa unidade era a primeira em produção nacional, acabou chegando em quinto lugar, por conta da minha cantoria. Eu era a inspetora, deveria dar exemplo, mas eu fazia com que todos parassem a produção. (*Risos*). Quando foi um dia, eu estava bem lá cantando, quando de repente eles foram saindo e voltando pro trabalho. Aí, pensei "Ih, acho que não estão gostando". Que nada, era o Dr. Verissimo, dono da fábrica, que se aproximava e parou bem atrás de mim, tocou em meu ombro e falou: "– Que bonito Dona Zica, você canta divinamente bem, mas deveria ir pra Rádio Nacional, pra Mayrink, então depois passe no departamento pessoal e veja suas contas, aqui o nosso negócio são lâmpadas".

CAUBY

(*Risada*). E o que você fez?

ÂNGELA

Acho que foi um belo de um empurrão, tanto que fui correr atrás do conselho dele e estou onde estou.

CAUBY

O seu destino era certo, só precisava de um empurrão mesmo.

ÂNGELA

Corri atrás de fazer carreira, participava de tudo quanto era programa de calouros, foi então que em um desses, encontrei com o Renato Murce, da Rádio Nacional me indicou que procurasse o Dancing Avenida, dentre todos os Dancings da cidade, ele era um modelo: ambiente requintado e de absoluto respeito, seguia as regras das gafeiras brasileiras. Aos homens era exigido o paletó e a gravata. Agarramentos e beijos eram terminantemente proibidos, assim como umbigadas, cheek to cheek, namoro de dançarinas com clientes, algazarras ou bebedeiras.

CAUBY

Como disse Billy Blanco, o ambiente exigia respeito.

ÂNGELA

Helena de Mayo, a Crooner titular aconselhou-me "se as mulheres aplaudirem, é sinal que você agradou. Preste atenção nisso." Eu não entendi muito bem na hora, mas durante a apresentação as

mulheres não só aplaudiram como ficaram embevecidas, o dono teve até que mandá-las voltarem ao trabalho. Mas só trabalhei lá por 1 mês.

CAUBY

E o que aconteceu depois disso?

ÂNGELA

Consegui contrato com a Mayrink Veiga e a SA Victor. Depois disso não parei, até que nossos caminhos se cruzaram e você meu amigo, se tornou meu grande companheiro.

(Off de Apresentação, durante o Off Cauby coloca a faixa de Rainha do Rádio em Ângela e cantam juntos a música Ave Maria no Morro. Off: Final do primeiro ato, intervalo de cinco minutos).

II

ATO

CENA 1

Elas se encontram no camarim

(Off Jingle Rádio Nacional. Mudança de cenário para o camarim da Rádio Nacional. As irmãs Batis-tas entram com uma pequena discussão).

LINDA

Não precisava comentar sobre o meu casamento.

DIRCINHA

Mas você bem que podia deixar eu responder algumas perguntas, que mania de ficar me interrompendo.

LINDA

Mania? Você que fala bobagens o tempo todo.

DIRCINHA

Está bem, Linda. Você sempre cheia das razões.

LINDA

Dircinha, não comece com essas meninices.

DIRCINHA

Ah, tá bem, Linda, você sempre tem razão.

(Vai ao bar e começa a beber).

LINDA

Dircinha, se acalme, não queremos outro incidente.

DIRCINHA

Eu sei, irmã. Você sabe como eu fico quando falamos sobre Odete.

LINDA

Sim, eu sei, por isso mesmo se acalme.

DIRCINHA

(Ironizando). Tudo bem, se eu tiver outra crise, tiro outras férias em Caxambu ou então dessa vez posso ir para Poços de caldas ou melhor vou para São Lourenço *(rindo)*.

LINDA

Não brinque, Dirce, você bem sabe o que essas suas férias nos custaram.

DIRCINHA

No próximo carteadado eu recupero o suficiente para ir tirar minhas férias.

LINDA

Duvido você me ganhar na próxima vez.

(Bebem durante toda essa cena. Entra Marlene retirando os sapatos e visivelmente cansada).

MARLENE

Preciso rever minha agenda e tirar uns dias de folga.

DIRCINHA

Vida de Rainha é assim mesmo, acostume-se.

LINDA

Por isso que só aceito convites de poucos. Não quero ficar tão cansada assim. O único convite que eu não recuso é do GG.

MARLENE

Mesmo com todo o cansaço, mesmo com toda a correria, essa vida foi a que eu escolhi e quero aproveitar cada minuto dela.

DIRCINHA

Eu também, por isso canto, faço rádio novela, faço filmes, me lembro que em 56 cheguei a fazer 7 filmes.

LINDA

Dirce, não se esqueça que somos patrimônio cultural, não podemos estar em todos os lugares.

MARLENE

Se eu pudesse estaria em todos os lugares sim, nos cassinos, nas boates, nas rádios, nas praças e tudo que fosse canto.

LINDA

Você como sempre uma mulher incansável.

MARLENE

Não me canso de trabalhar, amo o que eu faço.

LINDA

Marlene eu também, amo muito minha vida e minha carreira, não sei o que faria se não fosse cantora.

DIRCINHA

Eu enlouqueceria.

MARLENE

Ser cantora para mim, é muito mais que um ofício, é uma paixão, assim como ser crooner é a coisa mais gostosa, ah, cantar para os outros dançarem. Você canta todo o repertório que tem vontade de cantar e fica enquanto tiver fôlego e o público pedir.

LINDA

Me lembro muito bem.

(Entra Emilinha, sempre carregada de cartas).

EMILINHA

Vocês estão falando sobre o quê?

LINDA

Sobre o quanto amamos ser cantoras.

EMILINHA

E nossas fãs? Tem coisa melhor que o carinho delas com a gente?

MARLENE

Temos que ter cuidado, porque as vezes elas passam dos limites.

EMILINHA

Isso tudo é o carinho, que vem de formas bem ecléticas.

LINDA

Vocês duas que o digam.

DIRCINHA

Nunca vi, fãs tão fervorosas e tão escandalosas, como as fãs de vocês.

(Marlene e Emilinha riem).

MARLENE

Realmente, sempre saio um pouco surda das apresentações.

EMILINHA

Verdade, minha querida, e por falar nisso preciso terminar de responder essas cartas.

MARLENE

Lembro-me de situações engraçadas e outras até um tanto perigosas, há uma rivalidade entre Marlenistas e Emilinistas. Tanto que em programas que iríamos nos apresentar, a plateia precisava ser dividida, para não ter alvoroço.

EMILINHA

Essas minhas amigas, vocês bem sabem paixão é algo fervoroso e incontrolável.

LINDA

Vocês bem que alimentavam isso?

EMILINHA

Não! Pelo contrário sempre trabalhamos para diminuir essas rivalidades

MARLENE

Desde o acontecido com o incidente após minha cirurgia, sempre tentamos acabar com isso.

DIRCINHA

O que aconteceu?

MARLENE

Após sair do hospital precisei voltar logo à rádio, mesmo ainda não recuperada. Na saída do elevador vi uma linda menina de tranças enormes, ela me olhou fixamente com um olhar tão mei-

go, acaricio-me o rosto e de supetão me acertou uma joelhada por baixo da barriga, voltei para o hospital, era uma fã de Emilinha.

EMILINHA

Quando soube do ocorrido, tratei de falar em meu diário o quanto estava preocupada com a saúde de minha amiga. Tudo com o objetivo de acabar com esses incidentes.

MARLENE

De certo, fomos obrigadas e ser rivais quando sempre fomos grandes amigas.

(Entra Ângela e Dalva com um jornal impresso em mãos).

DALVA

Eu não acredito que Herivelto fez isso comigo, não basta ter perdido a guarda de meus filhos, ele não cansa?

ÂNGELA

Calma Dalva, você tem que pensar em sua carreira e em como desmentir tudo isso.

DIRCINHA

Herivelto precisar parar, toda essa história de ficar difamando você, isso já passou dos limites.

LINDA

Já passou dos limites faz muito tempo.

EMILINHA

Mas o que podemos fazer? Quem acreditaria na esposa?

DALVA

O David Nasser comprou mais uma vez as histórias de Herivelto e coloca-o como um santinho, ainda se refere a mim apenas como "A dama do abajur lilás". Olha aqui!

(Linda entrega uma Taça de vinho para Dalva).

MARLENE

(Lendo). "Preservando o talento da cantora, sua vida particular é uma vergonha, um atentado ao pudor!". Que absurdo, fala como se conhecesse realmente você.

DALVA

Herivelto cria história, diz que eu fui infiel, que eu saía pra noitadas, quando na verdade, era ele.

LINDA

Na Revista Escândalo ainda saiu "Dalva de Oliveira, indigna de ser mãe".

(Ângela Maria canta mamãe).

DALVA

Quanta hipocrisia, mas é isso que dá sucesso. David Nasser e Herivelto falando sobre as mães, palavras lindas e tão vazias, vindas de dois crápulas.

ÂNGELA

Você bem sabe, que eu também já sofri muito, por acreditar ter achado o grande amor da minha vida, mas que só queriam me enganar.

DIRCINHA

Amores e suas decepções, conheço bem isso. Muitas vezes um copo cheio é bem mais companheiro.

DALVA

Então enche esse copo!

CENA 2 – Censura

(Linda Batista Liga o rádio, todas ouvem sobre a Intervenção militar no Brasil. Cauby entra em cena chateado).

CAUBY

Minha música foi censurada. A emissora foi tomada e 36 pessoas já foram demitidas.

ÂNGELA

Avisaram a pouco, que estão fazendo o maior reboiço nos arquivos da rádio, algumas pessoas já foram até presas. Mas o que fizeram com você?

CAUBY

Não chegaram a fazer nada comigo, mas proibiram que eu gravasse qualquer coisa, antes de passar pelas vistas deles e assim fizeram com os outros que estavam na Nacional na hora da invasão.

ÂNGELA

Pelo visto, serão dias difíceis, será que isso irá durar muito? Porque isso nos afeta diretamente, se não podemos gravar, não teremos de onde nos manter.

LINDA

Ainda temos economias que podem nos manter durante um tempo, se for necessário parar. Mas acredito que o nosso público não permitirá ficar sem nossas músicas.

DALVA

Já não me basta todas as dificuldades que tenho passado, ainda irão querer me impedir de cantar?

CENA 3 - Despedida

(Apaga-se a geral, José Ricardo entra e se posiciona num foco da plataforma 3, entram as jovens irmãs Batistas e se dirigem a plataforma 1, as irmãs Batistas mais velhas vão para a plataforma 2).

JOSÉ RICARDO

Ângela tinha razão, os dias seriam difíceis a partir daquele momento. A Rádio Nacional se manteve sob intervenção militar. Os teatros de revista, as boates e tudo mais, perdiam seu público, as pessoas tinham medo, o clima era de tensão. As irmãs Batistas já não eram mais chamadas para cantar, retaliação pela amizade que sempre tiveram com Getúlio Vargas e Jango. Aos poucos, elas se viram na necessidade de se desfazer dos seus bens, carros, casas, joias, restando-lhes apenas um pequeno apartamento em Copacabana. Sempre tive grande apreço por elas, tentava manter contato e sempre que possível, lhes fazia uma visita. Nas últimas vezes que as vi, percebi certo descontentamento e também um olhar muito perdido. Precisei viajar, me ausentar um tempo do Rio, com isso, o meu contato com elas se tornou muito pouco, em um dos últimos telefonemas falei com Dircinha, que parecia não estar falando coisa com coisa. Assim que retornei, tentei por diversas vezes falar com elas, mas sem sucesso. Quando consegui um dia adentrar ao prédio, com a ajuda de um outro vizinho que já tinha me visto outras vezes por lá. Me aproximei do apartamento, ouvia vozes, mas ninguém respondia ao meu chamado. Sabia que elas estavam lá, fiquei demais preocupado. Corri e chamei socorro, fui atendido por um delegado que entrou em contato com os bombeiros. Foi necessário arrombar a porta do apartamento e depois o que se viu foi uma cena triste e estarrecedora. Tudo estava destruído, os tacos estavam soltos, as paredes rabiscadas e descascadas, os móveis revirados, as vidraças das janelas quebradas. Ao centro estava uma mulher com o corpo coberto de feridas, cabelos desgrenhados, falava alto e ameaçava quem se aproximasse, dizia que não iria mais comer, queria apenas beber. Próxima a ela, outra que estava vestida com farrapos, com risos histéricos e dizendo palavras desconexas. Mais ao canto da sala, uma terceira mulher, de magreza aparente, olhava fixamente para o nada. Linda, Dircinha e Odete foram levadas para tratamento, estavam com a saúde debilitadas. Dircinha e Odete apresentavam arteriosclerose e uma profunda desnutrição. Linda estava agressiva e agitada, o que complicava ainda mais a arritmia e a diabetes. Em 17 de abril de 1988, a excepcional Linda Batista, detentora do primeiro título de rainha do rádio, mulher amada pelo público de sua época, que conseguia lotar grandes teatros e cantou em boates de primeira linha, partiu.

(Linda Batista canta Vingança).

ATOR

Eu gostei tanto, mas eu gostei tanto quando me contaram desta mulher, Florinda Grandino de Oliveira... que no meu caderno seu nome nunca será riscado. Linda Batista, jamais riscaremos teu nome, pois tu és nosso Patrimônio Nacional, rainha do rádio, estrela do Brasil, sambista nº 1, nossa rainha, que teu nome continue em nossas memórias, pois nenhuma vingança compreenderá a generosidade de teu talento.

DIRCINHA

Não me considero supersticiosa, mas sou devota de todos os santos, mais particularmente de São Judas Tadeu e São Jorge. Adoro ler. Não troco um bom bate-papo por nada neste mundo. Detesto mexericos. Há anos minha irmã Linda comprava meus sapatos e meus vestidos. Detesto provar vestidos. (*Irônico*). Não tomo álcool de modo algum. Acordo muito cedo por obrigação, pois detesto fazê-lo. Não suporto que falem mal dos outros na minha presença. Adoro vestidos rodados com a cintura justa. Adoro macarronada e feijoada. Quando preocupada, tenho a mania de segurar a orelha. Tenho aversão a gente invejosa. Tenha péssima memória para datas de aniversários e casamentos. Adoro namorar por telefone. Linda dava-me presentes frequentemente, não é um amor?

JOSÉ RICARDO

Com a partida de sua mãe, Dircinha procurava nem sair mais de casa, a depressão se tornou profunda, o que se agravou mais ainda após a partida de Linda, sua irmã que sempre a acompanhava e lhe trazia mimos. Seus últimos anos, foram em uma cadeira de rodas, numa casa de saúde, por muitas vezes se mostrava lúcida e cantarolava suas canções, era o que confortava muitas vezes os corações de outros pacientes que dividiam o quarto. Dircinha Batista, um grande talento que foi aos poucos sendo esquecido, uma mulher alegre, que construiu uma carreira esplêndida e que viu tudo vir abaixo com num castelo de cartas. Em 18 de junho de 1999, Dirce Grandino de Oliveira, a nossa Dircinha, conseguiu por fim, acalmar o seu próprio coração.

(*Dircinha Batista sai ao som de "Se eu morresse amanhã de manhã"*).

ATOR

Dircinha Batista, ariana, misteriosa e sonhadora, te desvendar é impossível, mergulhar no teu oceano de segredos é ir aos extremos, me desafiastes a te conhecer, não foi fácil, mas segui as migalhas que me deixastes, e descobri em mim tanto de ti, e nunca nem que o mundo caia sobre mim, nem se deus quiser, nem mesmo assim eu deixarei que o mundo esqueça de ti.

CENA 4

Camarim começa a ficar vazio

ÂNGELA

Esse camarim começou a ficar vazio, né?

CAUBY

Calma, é assim mesmo, minha amiga.

DALVA

De novo, elas? *(Emilinha e Marlene começam a discutir).*

ÂNGELA

Eita, que as duas tantans começaram a discutir.

CAUBY

O que houve desta vez?

MARLENE

Essa aqui não se aquieta, quando começa a falar, ela não para, ela começa a contar a história de que começou a cantar no Cassino da Urca quando tinha apenas com 11 anos.

EMILINHA

Claro, com 12.

MARLENE

É mentira.

EMILINHA

É verdade.

MARLENE

É mentira.

EMILINHA

É verdade. Porque minha mãe...

MARLENE

É mentira.

EMILINHA

É porque a minha mãe trabalhava lá como camareira, você sabe muito bem disso.

MARLENE

Eu sei.

EMILINHA

E também que eu tenho maior orgulho em dizer, o que estou dizendo agora.

MARLENE

Vai mentindo.

EMILINHA

Mamãe apenas aumentou um pouco a minha idade e eu fui pra lá dizendo que tinha 13 aninhos de idade só.

MARLENE

(Interferindo a fala de Emilinha). Agora eu vou dizer uma coisa a vocês.

EMILINHA

E você também era da minha idade.

MARLENE

Ela tem medo de dizer.. Não... Você é mais velha que eu.

EMILINHA

Olha.

JUNTAS

Ooolha. *(risos)*.

EMILINHA

(Meio chateada). Aí, fica ruim, Marlene.

MARLENE

Fica ruim?

EMILINHA

Depois você não quer que os fãz fiquem fazendo o que fazem. Poxa.

MARLENE

(Surpresa). Ah, eles fazem por causa disso?

EMILINHA

Fica parecendo que você não gosta de mim.

MARLENE

Então a gente tem que dizer a verdade.

EMILINHA

A verdade dói. E você não tá dizendo a verdade.

MARLENE

Você sabe que você está com os olhos vermelhos, por que, hein?

EMILINHA

É de tanto olhar pra você, bem.

MARLENE

Posso brigar com uma sujeita como essa? Não posso.

EMILINHA

Sujeita, não, tenho nome. Meu nome é Emília Savana de Souza Costa ou da Silva Borba, como você achar melhor.

MARLENE

O meu é um pouquinho menor.

EMILINHA

Vitória Bonnaiutti.

MARLENE

Não, o sobrenome, Delfino dos Santos.

EMILINHA

Olha só.

ÂNGELA

Vocês não cansam mesmo. Estão parece vitrola desafinada.

DALVA

Eu já nem ligo mais, deixo elas ficarem falando aí. Reclamar não adianta mesmo, elas só ficam tagarelando.

MARLENE

Deixa-me contar pra vocês.

CAUBY

Conte. Deixa-as falarem, senão depois vão ficar se reclamando aí.

MARLENE

Num sábado, que eu estava pra entrar, no palco da Rádio Nacional, no Programa César de Alencar, que era o programa dela. Quer dizer.

EMILINHA

O final só.

MARLENE

É, o final do programa que era dela. O repórter Esso aparece dizendo: "Senhoras e senhores... não o que, pa pa pa... Uma notícia... ta ra ra, ta ra ra... Quem ganhou o concurso de Rainha do Rádio, foi *(pausa)* Marlene."

EMILINHA

Aí, a cobra fumou *(risos)*.

MARLENE

Ooolha, aí, começou tudo.

EMILINHA

Meus fãs que estavam acostumado a ter só uma cantora, é ou não é?

MARLENE

É.

EMILINHA

Eles não imaginaram, imagina só. Quando viram a Marlene subindo assim, feito um Sputnik *(risos)*. Começaram a ficar com raiva e quando eles começaram a demonstrar a raiva, os fãs de Marlene que estavam crescendo uma enormidade, graças a Deus, resolveram ficar com raiva de mim.

MARLENE

E o negócio era tão sério que nós nunca podíamos trabalhar juntas, estarmos juntas.

EMILINHA

Ah, tem essa, as vaias.

MARLENE

Era uma coisa incrível.

EMILINHA

Eram de ambos os lados, que formavam aquela turma da Marlene e a turma da Emilinha Borba, e a via tanto vinha pra mim, como pra Marlene.

MARLENE

É.

EMILINHA

Então nós entrávamos assim, oh, (*tremendo as mãos*) nos tremendo.

MARLENE

É. Então a rádio, o Vitor Costa dividia assim, né?

EMILINHA

É.

MARLENE

Dividia o auditório assim (*como se estivesse partindo em dois*), botava faixa.

EMILINHA

Impressionante mesmo.

MARLENE

Emilinha Borba, Marlene.

ÂNGELA

Vocês têm umas fãzocas que não medem esforços, mas nós sabemos que essa história de vocês não começou no concurso, contém logo?

EMILINHA

Desde 12 anos que eu gostava muito de um cantor, que já morreu, benza deus, né? Já morreu.

MARLENE

(Chateada). Ai, ela vai contar do primeiro namorado.

EMILINHA

Não. É rápido, é rápido. Aí, um belo dia, ele brigou comigo e com quem ele foi namorar? Marlene. Então eu ficava da janela do Cassino da Urca.

MARLENE

Eu nem conhecia esse cidadão. Eu tava em São Paulo, eu era uma menina.

EMILINHA

Ah, não. Saia no jornal. Saia no jornal.

MARLENE

Mas eu tava em São Paulo. Não senhora.

EMILINHA

Em São Paulo, não ia jornal pra lá, não? Revista do Rádio, Radiolândia aliás.

MARLENE

Não, não, não. Ele foi fazer um programa lá na rádio.

EMILINHA

Conheceu Nilton, né?

MARLENE

Nilton Paes.

EMILINHA

Tá vendo.

MARLENE

Pois é, Nilton Paes.

EMILINHA

Ele me deixou por causa dela.

MARLENE

Não, *(falando entre os dentes, desconversando)* não foi por causa disso, eles já tinham brigado antes.

EMILINHA

Eu da janela assim *(como se apoiasse numa janela)*, do Cassino da Urca, nós éramos crooners do Cassino, o que nos enaltece muito falar isso, pois foi um tempo muito lindo.

MARLENE

Foi.

EMILINHA

Eu ficava assim *(novamente se debruçando)*. Quando a gente é muito garota e perde namorado, fica magra, fica chorando.

MARLENE

O namorado dela já estava sentado na Urca, me lembro até mesinha lá.

EMILINHA

(Risos). Começou.

MARLENE

E ela ficava de lá da janela, me dizendo palavrão, brigando comigo.

EMILINHA

Palavrão não, eu ainda não sabia nome feio, eu ainda era muito menina.

MARLENE

Tá bom, então.

EMILINHA

Eu lembro que quando ela passava, eu ficava na janela do meu camarim no Cassino e dizia assim: *(cantarolando)*. "Tá fazendo um ano e meio, amor. Que o nosso lar, desmoronou". Sabe o que ela fazia: "Oi!" e me acenava. Nunca mais eu esqueci dessa, Marlene.

MARLENE

Foi aí, que você se apaixonou por mim.

EMILINHA

Te amo, meu amor. Você pode dizer que não, mas eu te amo, a sua felicidade é a minha.

MARLENE

(Cantarolando). Bandeira branca, amor. Não posso mais. Pela saudade, que me invade, eu peço paz.

EMILINHA

Eu peço muita paz *(risos)*.

MARLENE

Então bora resolver isso, de uma vez por todas?

(O camarim é invadido por fãs de Emilinha e Marlene. As fãs se posicionam nas plataformas laterais. Marlene canta Medo. Emilinha canta Dez anos).

EMILINISTA

Todos sabem que a Emilinha é a preferida e a que recebe mais correspondências na Rádio.

MARLENISTA

Mas a Marlene canta melhor.

EMILINISTA

Emilinha é a preferida da Marinha.

MARLENISTA

Não seja por isso, a Marlene é a preferida da Aeronáutica e do grande público.

EMILINISTA

Mas Emilinha tem mais faixas, porque ela sempre ganha onde vai.

MARLENISTA

Só que na disputa com Marlene, ela perdeu o título de Rainha do Rádio.

EMILINISTA

Isso não importa, foi tão Rainha quanto.

MARLENISTA

Marlene é irreverente, é do povo.

EMILINISTA

Ah, mas a Santa Emilinha sempre atende os nossos pedidos.

MARLENISTA

O que ela faz demais?

EMILINISTA

Ela é tão carinhosa e atenciosa conosco. Pontualmente, às 6h da tarde, ela aparece na sacada do seu apartamento para nos saudar com água benta.

MARLENISTA

Marlene sempre está conosco.

MARLENE

Ei, você duas, vamos parar com essas coisas?

EMILINHA

É mesmo, não vocês não precisam brigar, nós somos amigas, ela canta tão bem quanto eu.

MARLENE

É isso mesmo, eu adoraria poder gravar algumas músicas dela e sim, somos amigas.

EMILINISTA

Tudo bem, vocês têm razão.

MARLENISTA

Vocês são Rainhas e precisam apenas da nossa admiração.

(Mudança para um foco de luz, as Rainhas se despedem).

EMILINISTA

Emilinha, depois da grande era do Rádio, se aproximou cada vez mais de nós, seus fãs. Eu consegui ainda mais, consegui que ela frequentasse algumas vezes a minha casa, eu lhe fazia o jantar e ela humildemente fazia questão de lavar a louça, enquanto me contava as suas histórias, tive o grande privilégio de conhecer essa mulher esplêndida. Ela conseguiu brilhar durante muito tempo, um verdadeira Rainhas. Emilinha, essa carioca da gema, gravou 117 discos 78 rpm, 89 LPs e 71 compactos, participou de diversos filmes, movimentava milhares de fãs para onde quer que fosse.

MARLENISTA

Marlene, uma grande atriz, uma notável intérprete, uma cantora como poucas. Se inventou e reinventou, cativou como ninguém os seus milhares de fãs. Marlene é a história de uma época, primeiro foram os cassinos, depois, o teatro de revistas e as boates, passou pela Rádio Nacional e não

satisfeita, ainda foi para o cinema e o teatro. Enfrentou o mundo, o medo e preconceito. Ela foi e sempre será uma Rainha inigualável.

(Emilinha e Marlene cantam De Babado – Noel Rosa).

EMILINHISTA

Em 03 de outubro de 2005, após sentir-se mal após o almoço, sofreu um infarto e deixou muito fãs órfãos de seu cantar.

ATOR

Emilinha, não me sentiria mais feliz e honrado pela oportunidade de poder representá-la, assim como não posso descrever a admiração que cativastes em mim por seres fiel e grata a todos aqueles que depositaram seu amor em ti. Te guardo com muito carinho por não desistir dos seus sonhos e uma verdadeira inspiração para me tornar o artista que sou e almejo ser daqui pra frente. Foi um prazer imensurável te conhecer, obrigado.

MARLENISTA

Uma triste data para todos nós, seus fãs, que deixou o nosso coração apertado foi o 7 de junho de 2014, quando por conta de uma severa pneumonia, ela foi internada, foram 6 dias de muita agonia e elas nos deixou no dia 13 de junho.

ATOR

O que dizer a esta mulher? Multifacetada, icônica, vanguardista? Marlene literalmente fugiu daquilo que a aprisionava para alçar voo em todas as vertentes da arte. Transcendeu o posto de Rainha e se tornou ícone de uma geração. Quero te dizer Marlene, ou melhor Vitória, a nossa Vitoria Bonnaiutti, muito obrigado por me deixar contar a tua história.

CENA 5

O amor é o amor

ÂNGELA

Eu não consigo me acostumar com esse camarim vazio.

CAUBY

Minha amiga a vida é assim mesmo. As dificuldades aparecem, mas precisamos saber lidar com elas. E eis que enfim, Dalva me parece feliz. *(Dalva lendo revistas que falam sobre a sua carreira).*

DALVA

(Sorridente). Mesmo com todas as dificuldades, minha carreira, minhas músicas e meu público sempre foram os meus apoios.

ÂNGELA

Ah, mas você sempre foi uma grande cantora, independente do que os outros digam.

CAUBY

Dalva, minha cara, você sempre foi um exemplo.

DALVA

Nem é tudo isso. Eu tenho bons filhos, eu que não fui uma boa mãe.

ÂNGELA

Você foi a mãe que pôde ser. Sua vida nunca foi fácil e ainda lhe foi privado muito cedo de estar com seus filhos, então a culpa não é sua.

DALVA

A culpa é minha, sim, eu amei demais e vendi os olhos pra tantas coisas, talvez se tivesse feito outras escolhas, muita coisa seria diferente.

CAUBY

Não temos a sorte de ver o reflexo adiante de nossas atitudes, você apenas escolheu aquilo que achava certo.

DALVA

Nós, artistas, morremos do coração, pois amamos demais e isso gasta o coração.

ÂNGELA

O amor é o amor, simplesmente, e não há quem possa defini-lo.

DALVA

A culpa de tudo isso também é do amor, do excesso ou da falta dele. Amei demais a quem não me retribuía em nada.

ÂNGELA

Você, minha amiga, não foi a única que sofreu por conta do amor. Também amei demais, recebi em troca muitas mentiras, doces ilusões, carinhos por interesse, o que me custou além da parte financeira, muita tristeza e amargura.

DALVA

Eu sempre amei demais, me doei demais. A minha família, a minha música, a minha carreira, os meus amigos. O amor pra mim é uma coisa muito grande, muito sagrada, porque eu amo demais,

eu me dedico demais ao amor. Como você mesma disse, o amor é amor e eu digo que não há nada mais importante que ele.

CAUBY

Você chegou onde está por conta do amor. Não importa se isso foi bom ou ruim, o que importa é que você amou.

DALVA

Isso é verdade, porém meus amigos, agora preciso partir, peço apenas que você, Ângela, cante uma coisa boa antes de eu ir, pois a música é um dos meus grandes amores.

ÂNGELA

(Cantarolando). Bandeira branca, amor, não posso mais, pela saudade que me invade, eu peço paz...

DALVA

(Respira fundo). Obrigado, minha companheira, mas não, não quero me despedir assim, preciso de alegria. *(Dalva canta Máscara Negra)*.

ATOR

Estrela Dalva! Luz que brilhou, iluminou, acalentou milhões de corações apaixonados, e até os amargurados com sua inesquecível e inconfundível voz! A voz do Brasil! Cantaste as dores de amores como ninguém! Transformaste tuas amarguras e desalentos em poesia! Mulher, mãe, guerreira, lutadora em uma época onde imperava ainda a figura do macho provedor! Tentaram te calar, mas tu, aguerrida, não permitiste! Foste, és e serás ETERNAMENTE RAINHA!

(Em um foco lateral, Ângela dá o texto).

ÂNGELA

Queria que não fosse verdade, pois isso me parte o coração, lembrar as dores de Dalva e ainda mais lembrar de sua partida. Um dos últimos golpes que a vida lhe deu, foi em 65, quando em um acidente de carro que matou 4 pessoas, foi responsabilizada, quando na verdade, quem estava ao volante, era Nuno, seu atual companheiro. Mais uma vez, Dalva era manchete nos jornais, todos diziam "Bêbada e com amante novo". Além das sequelas que ficaram, Dalva teve que endividar-se para pagar indenizações às famílias e pagar o seu próprio tratamento. Dalva mesmo sabendo que não estava ao volante, carregava a culpa pela morte das 4 pessoas, o que lhe fez mergulhar em uma profunda depressão e procurou na bebida a solução dos seus problemas. Porém, entre as idas e vindas da vida dela, teve seu talento reconhecido mais uma vez. Foi em 70, quando mesmo com a saúde muito fragilizada, gravou um dos seus últimos sucessos: "Bandeira Branca". Em 30 de agosto de 1972, às 17h, o Brasil perdeu uma de suas estrelas, a Estrela Dalva, que buscou forças em seus últimos momentos, para dizer aos filhos: "Eu parto, mas vocês continuam". *(Retornando ao camarim)*.

CENA 6
Amizade verdadeira

ÂNGELA

Dalva me era um grande exemplo de mulher, lutou contra tudo e contra todos por aquilo que achava ser o certo, cantava como ninguém, foi injustiçada por diversas vezes, enfrentou muitas dificuldades e buscou superar todas, não tenho nem palavras consigam de fato descrever Dalva.

CAUBY

Ah, minha cara, você fala de Dalva com um carinho tão grande.

ÂNGELA

Sim, ela me foi referência durante muito tempo no modo de cantar, o início da minha carreira foi espelhado nela, então não tinha como não ter um carinho imenso por ela.

CAUBY

É lindo de ver você falando sobre ela.

ÂNGELA

Meu carinho por Dalva é por tudo o que ela representou pra mim, mas não tenho carinho maior por você, que é meu grande companheiro.

CAUBY

A doce e sempre Sapoti.

ÂNGELA

Mas é verdade, desde aquela noite na boate Drink, você se tornou meu grande parceiro.

CAUBY

Ah, eu lhe vi cantando pros bacanas na boate Vogue, eu não poderia perder a chance de lhe trazer pra minha boate, para que todos pudessem lhe ver, e claro, que quando lhe vi cantando, aquilo me envolveu tanto que foi mais forte que eu, subi no palco e cantei junto.

ÂNGELA

Você sempre sasariqueiro, chegou cantando e dançando, lógico que o público adorou.

CAUBY

Mas você tem esse dom de nos envolver com a sua música, apenas me deixei levar e você viu que foi um grande sucesso, o que era pra ser uma temporada de 3 dias, ficou um mês inteiro.

ÂNGELA

Nossas vozes se combinam, temos o mesmo tom, então não tinha com não ficar bom.

CAUBY

Sem falsa modéstia, você é, senão a maior, uma das maiores vozes deste mundo.

ÂNGELA

Você fica falando essas coisas pra mim, quem ouve até interpreta mal, tanto que daquela vez noticiaram nas revistas um casamento entre a gente que nunca existiu (*risos*).

CAUBY

Essa e tantas outras histórias que já inventaram também.

ÂNGELA

As suas fãs ficaram até com raiva de mim, pensando que eu tinha roubado você de todas elas. Lembro até que eu saía pelos fundos da Nacional, ia dentro do camburão da polícia pra ninguém me ver, seguia até uns quarteirões onde estava o meu carro e de lá sim podia ir embora pra minha casa.

CAUBY

Eu vejo isso tudo como um grande carinho das fãs, violento às vezes, tanto que já fiquei quase sem roupas, mas ainda sim, carinho.

ÂNGELA

Elas sempre queriam levar um pedacinho de você pra casa.

CAUBY

Sim, sim. E falando em casamento, como está Daniel?

ÂNGELA

Ah, Daniel é o meu grande amor, ele está bem e perguntou por você também.

CAUBY

Dentre os seus relacionamentos, dele é quem eu gosto mais, ele lhe faz bem, você fez muito bem em decidir ficar com ele.

ÂNGELA

Isso é verdade, muitos foram contra, por conta da nossa diferença de idade, foram muitas manchetes nos jornais e revistas, muita gente falando mal. Mas não liguei pra opinião dos outros.

CAUBY

E fez muito bem. *(Cauby olha o relógio)*. Ah, minha amiga, mesmo não querendo, agora é a minha hora de me despedir. Fique com Deus e saiba que o meu carinho é e sempre será enorme por ti.

(Cauby e Ângela se abraçam e se despedem. Final 1: Feito na primeira temporada antes do falecimento de Ângela Maria, mostrando que ela que eram apenas memórias de Ângela).

ÂNGELA

É incrível, não consigo me acostumar com isso aqui vazio, muitos passaram por aqui, sinto saudade de todos. Grandes rainhas já se foram e até o meu grande amigo também. A música nos uniu tanto nos palcos quanto fora deles. Amigos esplêndidos que trago aqui em meu peito. O que fazer agora? Cantar, simplesmente cantar, pois é sempre a música que nos conforta o coração.

(Ângela Maria canta um trecho de Gente Humilde. Final 2: Feito na segunda temporada, após o falecimento de Ângela Maria).

ÂNGELA

É incrível, não consigo me acostumar com isso aqui vazio, muitos passaram por aqui, sinto saudade de todos. Grandes rainhas já se foram e até o meu grande amigo também. A música nos uniu tanto nos palcos quanto fora deles. Amigos esplêndidos que trago aqui em meu peito. O que fazer agora? Cantar, simplesmente cantar, pois é sempre a música que nos conforta o coração.

(Ângela Maria canta um trecho de Gente Humilde. Daniel entra vindo do público).

DANIEL

Meu amor, não fique assim, você bem sabe que me parte o coração quando lhe vejo triste!

ÂNGELA

Daniel *(espantada)*, mas o que você está fazendo aqui?

DANIEL

Ah, minha menina, vim lhe buscar.

ÂNGELA

Mas eu não posso ir agora, tenho show hoje.

DANIEL

Eu sei, eu sei, porém tenho certeza que eles irão entender.

ÂNGELA

Meu bem, você sabe que é difícil pra mim, ter de me afastar assim, tenho minha carreira, meus fãs e claro, tenho você, como você irá ficar?

DANIEL

Em meio a tudo isto, você ainda procura se preocupar comigo. (*Respira fundo*). Eu ficarei bem.

(*Ângela Maria canta Não Esqueça de Mim*).

ATOR

Ângela Maria, que por pouco não foi Marina Cunha, és considerada uma matriz do canto feminino no Brasil, grande diva, mulher tão importante, tivestes uma infância tão sofrida, mas nunca deixou de ter a esperança de conquistar teu sonho: dar uma bela casa aos teus pais, mesmo com todos rindo quando ela falava sobre isso. Venceu até mais rápido do que se pode imaginar e cantou sem parar, de 51 a 2018, quando infelizmente nos deixou. Uma salva de palmas a esta mulher.

DANIEL

Ah... a minha Ângela... a minha pequena, como eu esqueceria de ti? Estás em mim e estarás sempre em meus pensamentos. Ângela era muito preocupada, sempre queria ajudar a todos, até mesmo quando não podia. Uma mulher gigante que veio num corpinho tão pequeno e cheio de amor. O que é triste pensar, é que nós, por muitas vezes, somos tão egoístas, a ponto quisermos quem amamos ao nosso lado pra sempre, porém, é muito difícil ver a dor que consome o outro e acaba sendo mais fácil vê-lo partir. Eu posso lhes dizer que fui um homem de muita sorte, vivi os melhores 40 anos da minha vida ao lado dela. Hoje, ela está ao lado do seu marido musical, Cauby Peixoto, a quem ela nunca abandonou e com quem eu partilhava de um carinho enorme. Minha Ângela, meu amor, ela nos deixou em 29 de agosto de 2018, aos 89 anos. Saudades são imensas, mas tenho certeza que o céu está em festa, pois as estrelas estão completas.

III

ATO

(*Off anunciando o início de um baile de Carnaval*).

OFF: Senhoras, senhores e senhoritas, caríssimo público, preparem os tamborins e a batucada. No grande salão, temos o enorme prazer de chamar o galante dono da poderosa voz que gorjeia Conceição, para abrir esta inebriante noite e nos dar o prazer da sua voz. Com vocês, Cauby Peixoto.

(*Cauby canta Conceição e Bastidores*).

CAUBY

Nesta esplendorosa noite, não poderíamos deixar de homenagear, ela que é conhecida mundialmente, que canta como ninguém este nosso Brasil, dona de muitos balangandãs, ela, a talentosíssima, Carmem Miranda.

(*Carmem entra e se posiciona ao lado de Cauby*).

CAUBY

Trazemos agora ao palco, as nossas grandes homenageadas da noite, as nossas Rainhas do Rádio, grandes mulheres que fazem parte de toda uma época, grandes vozes incomparáveis. Uma pena não poder reunir todas as nossas 10 rainhas nesta noite, porém chamo agora ao palco as inigualáveis, Linda Batista, Dircinha Batista, Marlene, Dalva de Oliveira, Emília Borba e a minha grande amiga Ângela Maria. *(Carmem coloca a faixa nas rainhas)*. Agora devidamente coroadas, recebam com uma enorme salva de palmas nossas Eternas Rainhas.

(Entram todas as Rainhas do Rádio com seus vestidos de baile, suas coroas e faixas na mão, entra a introdução da música Cantoras do Rádio, Cauby e Carmem colocam as faixas nas Rainhas. As rainhas cantam Cantoras do Rádio. Ao final, as Rainhas retornam aos focos da cena inicial).

Fim



(RE)CORTES
FÁBIO LIMA



(RE)CORTES

Fábio Limah

PERSONAGENS

OLGA (a enfermeira): As emoções de Olga são indecifráveis. Por mais triste que esteja, por conta de sua profissão, exprime imparcialidade e cortesia. Optou por ser enfermeira para "ajudar" aos outros e a si própria no combate à sua perene depressão. O que a tornou depressiva? Conte-me.

[a outra] **OLGA**: Não tem medo de expor suas emoções, principalmente o quão doloroso é viver sob o dilema: suicidar-se ou não?

MARTA (a noiva): Casou com o sofrimento desde a adolescência. Ao voltar da escola foi estuprada por seu vizinho. Um homem, maduro, que mantinha relações fraternais com sua família. Marta nunca contou a ninguém o ocorrido, não apenas por sentir vergonha, mas por achar que foi culpada e que de alguma forma o instigou a praticar tal violência. Por medo de sofrer novamente tal abuso, isolou-se dentro da síndrome do pânico.

[a outra] **MARTA**: Luta, com todas as forças que ainda lhe restam, para arrebentar as amarras que o trauma lhe impôs.

LUIZA (A mãe. A Senhora dos Jardins dos Céus): Seu maior sonho sempre foi gerar filhos. Por dificuldades biológicas descobriu que só poderia gerar um. Gerou. Apenas nunca cogitou a possibilidade de um dia perdê-lo. Afinal, conforme a lógica, os pais deveriam morrer antes dos filhos, não é?

ALBERTO (o Yin / Yang) [o outro] **ALBERTO**: Criativo, introspectivo, vivaz, impaciente, paradoxal. Ainda na infância, Alberto descobriu ser esquizofrênico. Nunca aceitou tal condição. Nunca aceitou ser chamado de louco pelos colegas. Nunca aceitou submeter sua vida aos remédios... Até o ponto em que percebeu que a submissão salvaria sua vida.

TOMÁS (O dúbio): "Como não ser diferente?". Por nunca conseguir responder essa questão, Tomás tornou-se paranoico. Por medo do diferente, tornou seus dias iguais. Mentiu tanto para si que era feliz que acabou acreditando. Até quando não mais acreditou...

[o outro] **TOMÁS**: Por medo, prefere continuar acreditando que é feliz e não mudar em nada a realidade que, a duras penas, tornou tragável para si.

KIKAZARU, IWAZARU E MIZARU (A Razão): Os três macacos sábios são os representantes do único resquício de razão e amarras sociais presente em Olga, Marta, Luiza, Alberto e Tomás. Personificam,

respectivamente, o princípio proverbial japonês: “não ouça nenhum mal, não fale nenhum mal, não veja nenhum mal”. São racionalmente emocionais e emocionalmente racionais.

ARCANGELÔNIOS: Dúbios acompanhantes de luxo de Olga. Numa face, anjos de luz que a ajudam a lutar contra o suicídio; na outra, anjos das trevas que a incitam ao suicídio.

POMBAS: Personificações do poder fecundo do Divino Espírito Santo.

CORVOS: Pássaros-condutores. Seres oníricos responsáveis pelo levar da alma à terra dos mortos.

PRÓLOGO

(Sob um foco de luz, Olga, imóvel no centro do mini palco, mantém seu foco à frente. Neblina e sons dissonantes e distorcidos de guitarra embalam a entrada do público. Em sua mão direita, A Enfermeira, segura um pedaço de corda. Ao entrar o último espectador, a música cessa. Olga, séria, encara a plateia e começa a preparar a corda, moldando-a com vários nós. Quando o último nó é dado a corda é colocada em volta de seu pescoço. Num pedido de silêncio à plateia, eleva seu dedo indicador à boca. O único som que se ouve é: Xiiiiii. Enforca-se. Enquanto seu foco de luz esmaece, concomitantemente, o da Casa do Desassossego, acende paulatinamente, revelando todos os outros personagens imóveis jogados no chão. Cada um possui uma lanterna em mãos. Após a acomodação de todo o público em seus lugares, um grito de “Acorda!” (em off) ressoa por todo o teatro juntamente com o apagar das luzes. Três segundos de pausa dramática até que, no blackout, pouco a pouco, cada personagem, murmure lembranças. Cada personagem, agora, é revelado apenas pelos focos das lanternas enquanto, paulatinamente, saem de cena. No centro, iluminada por sua e pelas lanternas de Corvos, Pombas e Arcangelônios, permanece Marta).

ATO PSICÓTICO I

ABREM-SE AS CORTINAS DA CASA

CENA 1

(Sob os focos de luz das lanternas, uma das mãos de Marta escondendo sua vagina ensanguentada é revelada. Paulatinamente, seu rosto também é revelado, por sua própria lanterna. Seus olhos, cheios de dor, vertem lágrimas de sangue. Calmamente, mas com muito pesar na voz, inicia seu monólogo. Por algum tempo, os focos das lanternas direcionados às mãos e rosto permanecem acesos. Em determinada parte do monólogo esses focos são trocados por outro(s) que revele(m) A Noiva de corpo inteiro. Esse momento de transição de luz configura a saída de cena dos Corvos, Pombas e Arcangelônios

que a iluminavam. A tarefa de iluminar Marta fica a cargo, agora, do(a) iluminador (a) do espetáculo. O momento em que essa troca de focos é realizada fica a cargo da direção decidir, bem como os momentos pontuais de uso de efeitos sonoros).

MARTA

Eu fui estuprada. Subiram em cima de mim, invadiram meu corpo e eu não pude fazer nada. Você não vai querer saber dos detalhes... Eu não quero lembrar dos detalhes. Ele parecia estar gostando e foi até o fim... Não precisou apontar uma arma para a minha cabeça, eu já estava apavorada. Não precisou nem mesmo me esfolar ou esmurrar. A violência me atingiu por dentro. A calcinha, em frangalhos no chão, só não ficou mais arrasada do que eu. Depois que ele terminou e foi embora, fiquei alguns minutos com a cara no chão, tentando me lembrar do rosto dele. Não consegui... Eu não sei o seu nome, não sei o que faz da vida. Mas eu sei quem me estuprou. (*Indignada*). Quem me estuprou foi a pessoa que disse que quando uma mulher diz "não", na verdade, está querendo dizer "sim". Não porque esse sujeito, só por dizer isso, seja um estuprador em potencial. Não! Mas porque é esse tipo de pessoa que valida e reforça a ação do cara que abusou do meu corpo. Então, quem me estuprou também foi o cara que assoviou para mim na rua. Aquele, que mesmo não me conhecendo, achava que tinha o direito de invadir o meu espaço. Quem me estuprou foi quem achou que, se eu estava sozinha na rua, na balada ou em qualquer outro lugar do planeta, é porque eu estava à disposição. Quem me estuprou foram aqueles que passaram a acreditar que toda mulher, no fundo no fundo, alimenta a fantasia de ser estuprada. Foram aqueles que aprenderam com os filmes pornô que o sexo dá mais tesão quando é degradante pra mulher. Quando ela está claramente sofrendo e sendo humilhada. Quando é feito à força. Quem me estuprou foi o cara que disse que alguns estupradores merecem um abraço. Foi o comediante que fez graça com mulheres sendo assediadas no transporte público. Foi todo mundo que riu dessa piada. Foi todo mundo que defendeu o direito de fazer piadas sobre esse momento de puro horror. Quem me estuprou foram as propagandas que disseram que é OK uma mulher ser agarrada e ter a roupa arrancada sem o consentimento dela. Quem me estuprou foram as propagandas que repetidas vezes insinuaram que mulher é mercadoria. Que pode ser consumida e abusada. Que existe somente para satisfazer o apetite sexual do público-alvo. Quem me estuprou foi o padre que disse que, se isso aconteceu, foi porque eu consenti. Foi também o padre que disse que um estuprador até pode ser perdoado, mas uma mulher que aborta não. Quem me estuprou foi a Igreja, que durante séculos se empenhou a me reduzir, a me submeter, a me calar. Quem me estuprou foram aquelas pessoas que, mesmo depois do ocorrido, insistem que a culpada sou eu. Que eu pedi para isso acontecer. Que eu estava querendo. Que minha roupa era curta demais. Que eu bebi demais. Que eu sou uma vadia. (*Enojada*). Ainda sou capaz de sentir o cheiro nauseante do meu agressor. Está por toda parte. E... Sabem o que é pior? Perceber que, mesmo se esse cara não existisse, mesmo se ele nunca tivesse cruzado o meu caminho, eu não estaria a salvo de ter sido destruída e de ter tido a vagina arrebitada. Porque não foi só aquele cara que me estuprou. Foi uma cultura inteira. (*Bruscamente [a outra]Marta entra em cena e interrompe Marta. As duas discutem*).

[A OUTRA]MARTA

Cala a boca!

MARTA

Já calei demais.

[A OUTRA]MARTA

Calaste da forma errada.

MARTA

Não sabes o que passei.

[A OUTRA]MARTA

Sei bem o que você passou, foi o meu corpo que também foi invadido e minha alma dilacerada...

(A discussão de Marta e [a outra]Marta é interrompida pela entrada de Tomás em cena (pela coxia 2) arrastando-se pelo chão num jogo de esconde-e-revela frenético de luzes. Assustadas com o frenesi da iluminação as duas saem de cena).

MARTA

Lá vem ele! Ele quer de novo! Socorro! *(Sai correndo de cena (para a coxia 5)).*

[A OUTRA] MARTA

Não é ele, Marta! *(Sai correndo de cena atrás de Marta).*

CENA 2

(No centro da Casa do Desassossego, Tomás e [o outro]Tomás repetem freneticamente suas falas. A duração da cena com a repetição das duas sentenças (Eu não posso/Eu posso) fica a cargo da direção, bem como a decisão do uso ou não de efeitos sonoros).

[O OUTRO]TOMÁS

Eu não posso.

TOMÁS

Eu posso.

[O OUTRO]TOMÁS

Eu não posso.

TOMÁS

Eu posso.

[O OUTRO] TOMÁS

Eu não posso.

TOMÁS

Eu posso.

[O OUTRO] TOMÁS

Eu não posso...

(Com uma corda em mãos, Olga entra em cena pela coxia 1).

OLGA

Vocês verão quem pode...

TOMÁS [O OUTRO] TOMÁS

Não...

(A chicotadas, Olga retira Tomás e [o outro]Tomás de cena (para a coxia 5)).

CENA 3

(Num jogo cênico coreografado Kikazaru, Iwazaru e Mizaru entram em cena de costas até se esbarrarem no centro da Casa. A entrada em cena é realizada, respectivamente e simultaneamente pelas coxias 2, 3 e 5. Sugere-se um jogo em que Kikazaru tape a boca de Iwazaru que, conseqüentemente, tapa os olhos de Mizaru que, conseqüentemente, tapa os ouvidos de Kikazaru que, conseqüentemente, tapa a boca de Mizaru que, conseqüentemente, tapa os olhos de Iwazaru e assim, sucessivamente, numa coreografia frenética conforme os efeitos de iluminação e sonoplastia propostos pela direção. Sugere-se que o último som seja finalizado de maneira brusca pontuando um blackout).

CENA 4

(O blackout é quebrado pelo choro copioso d'[a outra]Olga, posicionada no centro da Casa, sozinha e amedrontada. Advindos de todas as coxias, os Arcangelônios rastejam ao seu encontro. [a outra]Olga é revelada paulatinamente durante a crescente de seu choro até que a luz se expanda a todos os cantos da Casa e, também revele, os Arcangelônios. Estes, por sua vez, quando a encontram, iniciam o ritual de devoração. Iniciam pelos pés, passando pelas canelas, até chegarem aos joelhos. A devoram tocando seu corpo enquanto sussurram. O número de Arcangelônios é decidido pela direção. Sugere-se, no mínimo, dois, contudo, independentemente do número decidido, a cena deve ser concluída com o sussurro de "Viva-se!" e posteriormente, blackout).

ARCANGELÔNIO 1

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 2

Viva-se!

ARCANGELÔNIO 3

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 4

Viva-se!

ARCANGELÔNIO 5

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 6

Viva-se!

ARCANGELÔNIO 7

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 8

Viva-se!

CENA 5

(Sob batidas de atabaque e um acalentador vocalize, que, acompanham e determinam o ritmo de tensão de toda a cena, com a face plena de contentamento, Luiza contempla e acarinha sua barriga de grávida. Luiza é carregada dentro uma berlinda (ou andor) pelas Pombas. Entram em cena pela coxia 5, em formato de cortejo. Ao adentrarem a cena. Olga e os Arcangelônios deixam a Casa rastejando, saindo de cena simultaneamente pelas coxias 1, 2 e 3. Ao chegar ao centro da Casa, um gemido de dor cessa a música. Ao retornar o som, as Pombas acomodam Luiza para o parto. Uma das Pombas retira o bebê de debaixo de seu vestido e o exhibe, com orgulho, à plateia. O cortejo continua e termina na coxia 2).

CENA 6

(Antes do cortejo terminar o som do atabaque é cortado por gritos. Aos socos, pontapés e chicotadas, Alberto e [outro Alberto] adentram à Casa sendo espancados por várias Olgas numa coreografia frenética, pontuada por acordes distorcidos de guitarra e jogo alucinante de luz. Eles, em polvorosos; elas, tentando contê-los a todo custo. A duração da cena fica a cargo da direção decidir. Quando não

mais aguentam gritar e se rebelar, Alberto e [o outro Aberto] desfalecem no chão. Antes de não mais terem forças, as Olgas já conseguiram amarrar cordas em seus punhos; Ao desfalecerem, são retirados de cena arrastados pelas cordas. Alberto é retirado pela coxia 6. [o outro]Alberto pela coxia 3. As demais Olgas saem pelas outras coxias. Blackout).

ATO PSICÓTICO II

ATRAVESSA-SE O CORREDOR

CENA 7

(No centro da Casa, os três macacos, pensativos, tomam chá e conversam. O diálogo é estruturado conforme o jogo cênico proposto na Cena 3. A cena é realizada sem qualquer efeito de sonoplastia).

MIZARU

(Preocupado). Alberto surtou de novo, mais emoções estilhaçadas nas paredes de sua mente...

IWAZARU

(Enfático). Cela, você quis dizer, não é?

MIZARU

E o que é a mente senão uma cela?

KIKARAZU

(Conclusivo). Não creio que sobreviverão por muito tempo...

IWAZARU

Quem?

KIKARAZU

(Enfático). Todos!

MIZARU

(Indignado). Enlouqueceu, foi?

KIKARAZU

(Indignado). Depende. Pra vocês o que é enlouquecer?

IWARAZU

(Indignado). Estar fora da realidade, como todos nesse lugar...

KIKARAZU

(Indignado). E qual realidade é a certa? A da maioria? *(Breve pausa. Desafiador, retoma a discussão)*. Quem disse que estão fora da realidade?

MIRAZU

(Indignado). A ciência diz...

KIKARAZU

(Indignado). Papo furado, só estão em outra realidade... Apenas lutando para se tornarem livres... *(Marta e [a outra] Marta entram em cena continuando a discussão da cena anterior)*.

CENA 8

MARTA

Lá vem ele! Ele quer de novo! Socorro! *(Entra correndo pela coxia 2)*.

[A OUTRA]MARTA

(Entra atrás de Marta, parando-a na frente da mesa de chá d'A Razão). Não é ele, Marta! Que droga, supera isso! *(A Razão observa a discussão. Sem interferências)*.

MARTA

(Desolada). Do jeito que você fala parece ser muito fácil esquecer...

[A OUTRA]MARTA

(Pragmática). Quem disse que esqueci? Só decidi ser livre.

MARTA

(Debochada, começa a destruir a mesa de chá d'A Razão). Livre... Livre... *(Enraivecida)*. Como ser livre se estou presa a um pesadelo do qual não me é permitido acordar?

[A OUTRA]MARTA

(Imperativa). Permita-se acordar, então! Dê o primeiro passo! *(Sobe na mesa de chá)*.

(Marta balança negativamente a cabeça).

MARTA

(Desolada). Não te dói? Não relembra milimetricamente cada momento que viveu nas mãos dele?

[A OUTRA]MARTA

(Disfarçando a tristeza, senta-se na mesa). Todo dia.

MARTA

(Enrivecida). Como não chora?

[A OUTRA]MARTA

(Triste). Choro por dentro...

CENA 9

(Luiza, emocionada, ninando sua filha em seus braços, canta para embalar seu sono. Entra em cena pela coxia 4. Paulatinamente os personagens da cena anterior deixam o palco, cada um por uma coxia).

LUIZA

É tão tarde

A manhã já vem,

Todos dormem

A noite também,

Só eu velo

Por você, meu bem

Dorme anjo

O boi pega Neném;

Lá no céu

Deixam de cantar,

Os anjinhos

Foram se deitar,

Mamãezinha

Precisa descansar

Dorme, anjo

Mamãe vai lhe ninar:

"Boi, boi, boi,

Boi da cara preta

Pega essa menina

Que tem medo de careta"

(Blackout).

CENA 10

(Paulatinamente a luz revela um cortejo adentrando à Casa pela coxia 5. Alberto e [o outro Alberto] no centro do grupo cercado por várias Olgas. Ao posicionarem-se no centro da Casa, forma-se um círculo de Olgas, munidas de cordas e duas camisas de força. Alberto e [o outro]Alberto tentam escapar desse círculo, a todo custo. As Olgas não deixam. Enquanto tentam escapar, juntos, vociferam suas dores. A existência ou não de sonoplastia fica a cargo da direção).

ALBERTO / [O OUTRO]ALBERTO

Quis muito alcançar a felicidade... Arquitetei planos. Manipulei fatos. Conteí passos. Destruí pessoas... Tomei atalhos dos quais muito me arrependo. Por vezes fiz paisagens com o que sentia e dei férias às minhas sensações. Hoje me pergunto: pra quê? Me empenhei tanto em ser feliz que esqueci de ser feliz. Tudo que ganhei foi estar aqui. Preso em minha ambição. Preso em minha vaidade. Preso em meu autodescaso. Ontem, de manhã, quando acordei, olhei a vida e me espantei... Eu tenho mais de 20 anos e só consegui reconhecer a felicidade, pelo barulho que ela fez quando foi embora...
(As Olgas conseguem contê-los com as camisas de força).

CENA 11

(Entrelaçados aos pares e trios, Corvos e Pombas adentram a cena por todas as coxias. Paulatinamente os personagens da cena anterior deixam o espaço, também entrelaçados entre si. Os entrelaçados, ao chegarem ao centro da Casa, entrelaçam-se mais ainda formando um corpo só. Um Corvo e uma Pomba são evidenciados no topo do monte que é formado. Transam freneticamente enquanto dialogam entre gemidos e sussurros de prazer).

POMBA

A Olga não cansa de maltratá-los não é?

CORVO

Não. E jamais cansará.

POMBA

Por que diz isso com tanta convicção?

CORVO

Porque ela sente raiva...

POMBA

Eles não têm culpa de nada...

CORVO

Sim eles têm!

POMBA

Culpa de quê?

CORVO

Eles têm a culpa de terem conseguido o que Olga jamais conseguirá...

POMBA

O quê?

CORVO

A liberdade, a fuga. Eles conseguiram fugir. Eles conseguiram outra realidade pra se esconderem de seus medos. Olga nunca conseguiu enlouquecer. Nunca conseguiu fugir. Só há uma salvação para Olga...

POMBA

Não! (*Goza*).

CENA 12

(Descontrolados, Tomás e [o outro]Tomás entram em cena, pela coxia 2, expulsando os Corvos e as Pombas que saem de cena por todas as coxias).

TOMÁS [O OUTRO]TOMÁS

(Enraivecidos). Saiam daqui, bichos imundo! Saiam! Saiam! Tenho nojo de animais!

TOMÁS

(Angustiado). E se eu contar?

[O OUTRO] TOMÁS

(Imperativo). Não pode!

TOMÁS

(Angustiado). Me odiarão?

[O OUTRO] TOMÁS

(Convicto). Com certeza!

TOMÁS

(Angustiado). O que minha mãe vai dizer? O que meu pai vai fazer? E meus amigos, o que vão pensar de mim?

[O OUTRO] TOMÁS

(Convicto). Sentirão vergonha!

TOMÁS

(Angustiado). Não posso, não posso, não posso... (*Som de trem inicia-se ao fundo*).

TOMÁS [O OUTRO] TOMÁS

(*Amedrontados*). Eles vieram nos buscar!

CENA 13

(*Saem pela coxia 5 enquanto, simultaneamente, os Arcangelônios entram em cena como um trem humano, fazendo o som de trem com as próprias vozes. São 4 grupos. Cada um adentra a Casa de uma coxia diferente. São usadas as coxias 1, 3, 4 e 6. Olga também adentra, juntamente com os Arcangelônios, só que pela coxia 2. Ao chegarem no centro da Casa, Olga começa a rir descontroladamente. Enquanto os Arcangelônios recomeçam seu ritual de devoração ao som de seu mantra: "Mate-se!/viva-se!". Pés, canelas e joelhos já estão encobertos pelos corpos dos Arcangelônios. Plateia não mais os vê. Arcangelônios agora atacam o tronco d'A Enfermeira: cintura, braços e peitoral. Conforme vai sendo devorada seu riso descontrolado transforma-se em choro copioso. O primeiro Arcangelônio que tocar seu ombro é o mesmo que finaliza a cena sussurrando "Viva-se!"*).

ARCANGELÔNIO 1

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 2

Viva-se!

ARCANGELÔNIO 3

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 4

Viva-se!

ARCANGELÔNIO 5

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 6

Viva-se!

ARCANGELÔNIO 7

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 8

Viva-se!

(*Blackout. As lanternas são ligadas. Num jogo de luzes proposto pela direção todos saem de cena enquanto voltam a fazer o som de trem com suas vozes*).

CENA 14

(Revela-se os três macacos novamente pensativos. Agora, sentados, um de costas para o outro. O diálogo é estruturado conforme o jogo cênico proposto na Cena 3 e Cena 7. A cena é realizada sem qualquer efeito de sonoplastia).

KIKARAZU

(Indignado). Veem?

MIZARU

(Surpreso). O quê?

KIKARAZU

(Apontando). A cela em que vive o Tomás...

(Os três brevemente refletem).

IWAZARU

(Conclusivo). Ele tem vergonha...

KIKARAZU

(Enfático). A pior vergonha!

MIZARU

(Enfático). A vergonha de si mesmo...

(Novamente, os três brevemente silenciam reflexivos)

KIKARAZU

(Conclusivo). Enquanto ele não parar de lutar contra si próprio não conseguirá seguir adiante...

IWAZARU

(Conclusivo). Por ora, está além do seu alcance...

(Blackout).

CENA 15

(Aberto entra em cena pela coxia 4, amedrontado, agarrado em [o outro]Alberto, apontando para um ponto no chão. Luz frenética. A Razão apenas os observa. Efeitos sonoros, se houver, fica à cargo da direção).

ALBERTO

(Assustado, apontando para um ponto). Olha lá!

[O OUTRO]ALBERTO

(Curioso). O quê?

ALBERTO

(Desesperado). Tira, tira daqui, tira! Tem outro!

[O OUTRO]ALBERTO

(Confuso). O quê? Onde? Tem o quê?

ALBERTO

(Desesperado). Ratos! Mata! Mata! Mata!

[O OUTRO]ALBERTO

(Tentando acalmá-lo). Não tem, você tomou seu remédio?

ALBERTO

(Enraivecido). Que remédio? Não preciso de remédio! Tá me chamando de doido? *(Desesperado começa a espancar-se)*. Tira! Tira! Tira! Tira! Eles tão subindo em mim...

[O OUTRO]ALBERTO

(Tentando impedi-lo). Não tem, não tem, eles estão na sua cabeça...

ALBERTO

(Desesperado). O que tá na minha cabeça?

[O OUTRO]ALBERTO

Os ratos..

ALBERTO

(Acalmando-se). Que ratos?

[O OUTRO]ALBERTO

(Desesperado). Os ratos! Aqueles ratos! Ratos! Ratos! Ratos! Tira de mim! Tira de mim! Eles vão me morder...

ALBERTO

(Tentando acalmá-lo). Não tem rato nenhum, não tem, não tem... *(Enraivecido)*. Foi você que botou os ratos aqui não é, foi você, foi você...

[O OUTRO]ALBERTO

(Justificando-se desesperadamente). Não, não, não fui eu, eu juro, não fui eu...

ALBERTO

(Desesperado). Tira eles daqui...

[O OUTRO]ALBERTO

(Desesperado). Tira eles daqui...

ALBERTO

(Desesperado). Tira eles daqui...

(Alberto e [o outro]Alberto saem de cena descontrolados. Cada um por uma coxia. Respectivamente pelas coxias e 5).

CENA 16

(Após observar o surto de Alberto [o outro]Alberto, A Razão comenta. O diálogo é estruturado conforme o jogo cênico proposto na Cena 3, Cena 7 e Cena 14. A cena é realizada sem qualquer efeito de sonoplastia).

KIKAZARU

(Preocupado). Os ratos, sempre os ratos...

MIZARU

(Curioso). Eu queria saber o que aconteceu pra ele ter tanto medo de ratos.

IWAZARU

(Enfático). Não é dos ratos que ele tem medo.

KIKAZARU

(Curioso). E do que é, então?

IWAZARU

(Enfático). Das dores que o acompanham desde sempre. Das dores de viver numa realidade própria que ninguém consegue penetrar... *(Os três brevemente refletem)*.

MIZARU

(Conclusivo). Mas ele tá se cansando de ter medo.

KIKAZARU

(Curioso). Por que você acha isso?

MIZARU

(Enfático). As alucinações estão piores.

KIKAZARU

(Preocupado). Percebi.

MIZARU

Antes era um, agora são vários ratos que o perseguem.

IWAZARU

(Preocupado). Não posso deixar que o pior aconteça...

CENA 17

(Ao som de marcha fúnebre, desolada, Luiza, carrega sua filha em seus braços. Logo atrás, Corvos conduzem um caixão. Entra pela coxia 2. Ao chegarem ao Centro da Casa, A Mãe, emocionada, mas não chorando, dá adeus à sua filha enquanto a repousa no caixão. Ao ouvirem o iniciar da marcha fúnebre, os três macacos saem de cena, respectivamente pelas coxias 3, 4 e 5).

LUIZA

Nunca pensei que te diria adeus. Nem sei como dizer. Você me mostrou que sou mais forte do que pensava, mais dedicada do que imaginava e mais feliz do que jamais sonhei ser... Os dois meses que você me presenteou com seu amor me valeu a vida inteira que te esperei. Jamais esquecerei teus olhos brilhantes ao acordar. Jamais esqueci o calor do teu corpo ao meu ao te ninar para dormir. Jamais esquecerei o som do teu coração parando de pulsar nos meus braços... Oh, minha filha, *(Colocando-a no caixão)* tenho medo de sentir saudades... Tenho medo de enlouquecer de saudades... Tenho medo... Tenho medo... Tenho medo...

(Tomba lentamente para trás, num grito mudo de dor. Ao seu redor, Corvos acompanham o ritual de despedida. Após o tombo d'A Senhora dos Jardins dos Céus, alguns Corvos apoderam-se do caixão, retomando o cortejo fúnebre. A Mãe é carregada por outros corvos. Saem de cena pela coxia 5. Blackout. A existência ou não de efeitos sonoros fica a cargo da direção).

CENA 18

(Advindos de todas as coxias, Marta, [a outra]Marta, Alberto, [o outro]Alberto, Tomás, [o outro]Tomás, As Olgas e A Razão, adentam ao palco. Luiza entra em cena, desolada no final da fala de Marta).

MARTA

(Desolada). Não consigo mais conviver com isso...

[A OUTRA]MARTA

(Imperativa). Claro que consegue...

MARTA

(Desolada). Não consigo!

[A OUTRA]MARTA

Por quê?

MARTA

(Indignada). Ainda pergunta?

[A OUTRA] MARTA

(Arrogante). Eu consigo.

MARTA

(Humilhada). Você é mais forte que eu...

([a outra]Marta a ergue violentamente do chão a puxando pelo braço. Ficam frente a frente).

[A OUTRA]MARTA

(Enraivecida). Somos uma só, lembra?

MARTA

(Enraivecida). Não, não somos! Eu sou humana, diferente de você que é um poço de frieza...

([a outra]Marta a esbofeteia).

[A OUTRA]MARTA

Não sou fria, só não tenho paciência de ficar eternamente me lamentando...

(Completamente descontroladas começam a brigar. Rolam pelo chão enquanto discutem).

MARTA

Como não sente medo?

[A OUTRA]MARTA

Eu sinto! Só não sou refém dele...

MARTA

Eu tô cansada de ter medo. Eu tô cansada de achar que a qualquer hora vai acontecer de novo e novamente morrerei por dentro.

[A OUTRA] MARTA

Não vai acontecer de novo!

(Marta a empurra para longe de si e esbraveja).

MARTA

Não tenho mais forças de ir novamente ao meu próprio enterro. Não tenho mais forças pra chorar. Passei a vida carregando a porra dessa cruz, essa culpa, essa vergonha que me esfaqueia a cada segundo que respiro. Nessa tentativa frustrada de viver, eu odeio viver! O-dei-o! A *(minha)* vida é como se me batessem com ela! Aquele monstro que entrou dentro de mim e fez de mim o que bem quis é tudo, tudo o que conheci sobre amor e não suporto mais conviver com isso!

(Marta ergue um punhal. [A outra]Marta assusta-se e corre em sua direção, segurando seu braço).

ALBERTO [O OUTRO] ALBERTO

(Gritando descontrolados). Os ratos, os ratos, os ratos...

(Tomás e [o outro]Tomás, sentados no chão, discutem, girando, em meio a melodias dissonantes).

TOMÁS

Não posso, não posso, não posso... Não posso mais viver assim...

[O OUTRO] TOMÁS

Acabe com isso!

TOMÁS

Sim, sim, sim... Eu vou acabar...

(Tomás levanta-se e encaminha-se para uma das plateias e para diante dela).

ALBERTO [O OUTRO] ALBERTO

Eu não suporto mais conviver com isso...

(Com efeitos sonoros de batimentos cardíacos, vestida de preto, Luiza, sozinha, no centro da Casa, é revelada rapidamente sob um foco segurando um punhal. Ao voltar a luz geral, A Razão discute).

IWAZARU

(Desesperado). Está acontecendo...

MIZARU / KIKAZARU

O quê?

IWAZARU

(Desesperado). Eles estão entregando os pontos... Não posso deixar...

ATO PSICÓTICO III

CHEGA-SE AO PONTO (FINAL?)

CENA 19

(Todos os personagens permanecem imóveis. O foco central de Luiza novamente é aceso. Por todas as coxias corvos adentam a Casa. Rodeada pelos Corvos, Luiza apunhala seu coração. Desfalece, tombando para trás e sendo amparada por alguns Corvos, enquanto seu sangue escorre pela saia do vestido. Paulatinamente eles a encobrem com seus corpos, escondendo-a da plateia. Permanecem imóveis. Foco é transferido para Alberto e [o outro]Alberto).

CENA 20

ALBERTO

(Tentando remontar um copo). Eu não suporto mais conviver com isso...

[O OUTRO]ALBERTO

(Acalmando-se, com muito esforço). Eu vou... Eu vou... Eu vou tomar meu remédio porque, porque...

ALBERTO

(Tentando remontar o copo). Porque eu quero tudo novo de novo...

[O OUTRO]ALBERTO

(Acalmando-se). Viajar até cansar...

ALBERTO

(Entusiasmado). Quero sair pelo mundo...

[O OUTRO]ALBERTO

(Acalmando-se). Quero fins de semana de praia...

ALBERTO

(Entusiasmado). Aproveitar os amigos que deixei pra trás e abraçá-los mais...

[O OUTRO]ALBERTO

(Entusiasmado). Quero ver mais filmes e comer mais pipoca...

ALBERTO

(Entusiasmado). Ler mais...

[O OUTRO]ALBERTO

(Entusiasmado). Sair mais...

ALBERTO

(Tentando remontar um copo). Quero um trabalho novo...

[O OUTRO]ALBERTO

(Entusiasmado). Quero não me atrasar tanto, nem me preocupar tanto.

ALBERTO

(Emocionado). Quero ter momentos de paz...

[O OUTRO]ALBERTO

(Entusiasmado). Quero dançar mais. Comer mais brigadeiro de panela...

ALBERTO

Sorrir mais!

[O OUTRO]ALBERTO

(Decidido). Chorar menos e ajudar mais.

ALBERTO

(Conclusivo). Pensar mais e pensar menos.

[O OUTRO]ALBERTO

(Empolgado). Andar mais de bicicleta...

ALBERTO

(Entusiasmado). Quero ser feliz, quero sossego, quero outra tatuagem...

[O OUTRO]ALBERTO

(Empolgado). Quero me olhar mais. Cortar mais os cabelos. Tomar mais sol e mais banho de chuva...

ALBERTO

(Decidido). Não quero esperar mais!

[O OUTRO]ALBERTO

(Decidido). Quero olhar para frente e só o necessário para trás.

ALBERTO

Quero pedir menos desculpas, sentir menos culpa.

[O OUTRO]ALBERTO

(Decidido). Quero mais chão.

ALBERTO

(Entusiasmado). Quero mais e tudo o mais.

[O OUTRO]ALBERTO

(Conclusivo). "E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha."

ALBERTO

(Preocupado). Não posso esquecer que quero tudo isso. Amanhã quando trouxerem meu remédio, preciso lembrar que quero viver...

[O OUTRO]ALBERTO

(Preocupado). Não posso esquecer que quero tudo isso.

ALBERTO

(Enfático). Não esquecerei!

ALBERTO

(Enfático). Não esquecerei!

(Abraçam-se. Cena é concluída ao se ouvir d'[a outra]Marta, um estridente e prolongado grito de "Não!". Luz é transferida para A Noiva).

CENA 21

(Marta é revelada pela luz com o punhal cravado em seu ventre. O sangue escorre por suas pernas. Por trás, [a outra]Marta segura seu braço, como se tivesse tentado evitar que Marta se ferisse. Paulatinamente, sob efeitos sonoros, as duas desfalecem e caem, mortas, no chão. Paulatinamente seu foco de luz esmaece até o blackout).

CENA 22

(Tomás é revelado, sob um foco, de frente a uma plateia, encarando-a. Efeitos de luz e sonoplastia a cargo da direção).

TOMÁS

(Hesitante). Eu vou acabar... Eu vou acabar... *(Decidido)*. Eu me aceito! *(Para a plateia, desafiador)*. Ouviram bem? *(Convicto)*. Eu me aceito!

[O OUTRO]TOMÁS

(Surpreso/Indignado). Você enlouqueceu!

TOMÁS

(Convicto). Não! Nunca fui tão lúcido na minha vida... Eu cansei, cansei, cansei... Cansei de ser nulo de dia e ser eu, apenas à noite, chorando debaixo das cobertas... Eu cansei de abafar meus gritos de socorro, como se eu tivesse no meio de uma multidão, no meio de vocês, gritando o mais alto que posso e todos fizessem questão de não me ouvir... Eu cansei...

[O OUTRO]TOMÁS

(Persuasivo). Ninguém quer te ouvir...

TOMÁS

(Para [o outro]Tomás, enraivecido). Cala a boca! Não importa se não querem me ouvir! Não importa mais... *(Convicto. Para a plateia)*. Eu quero me ouvir! Dizer em voz alta o que sinto sem me envergonhar por isso. Me dar voz... Ser eu sem condições... Apenas eu! Não vou mais me preocupar em engrossar a voz quando falar, policiar cada gesto meu para que não pareça diferente do que esperam de como um homem deve se comportar. Não vou mais deixar de dar um abraço num amigo querido ou um beijo no rosto de meu pai por medo do que os outros pensarão... Não vou mais ter medo de amar... Um homem? Sim! Um homem. Ninguém me fará sentir vergonha por isso... Sabem por quê? Porque o que eu sinto, é natural. Eu não escolhi ser o que sou. *(Apontando aleatoriamente para espectadores na plateia)*. Como você não escolheu ser hétero, bi, assexuado, pan, talvez... Mas se eu tivesse escolhido, com toda certeza eu mereceria o mesmo respeito. Repito: a partir de hoje, ninguém, me fará sentir vergonha de ser quem eu sou. Absolutamente ninguém! *(Blackout)*.

CENA 23

(O blackout é quebrado som pesado de pés no chão seguido do choro copioso d'[a outra]Olga. Um foco de luz central a ilumina bruscamente, revelando os Arcangelônios concluindo o ritual de devoração d'A Enfermeira. Pés, canelas e joelhos já estão encobertos pelos corpos dos Arcangelônios. Plateia não mais os vê, assim como sua cintura, braços e peitoral. Arcangelônios agora atacam o seu pescoço e, posteriormente sua cabeça, encobrindo [a outra]Olga por completo. O primeiro Arcangelônio que tocar sua cabeça é o mesmo que finaliza a cena sussurrando "Mate-se!")

ARCANGELÔNIO 1

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 2

Viva-se!

ARCANGELÔNIO 3

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 4

Viva-se!

ARCANGELÔNIO 5

Mate-se!

ARCANGELÔNIO 6

Viva-se!

ARCANGELÔNIO 7

Mate-se! *(A luz geral paulatinamente revela toda a Casa).*

CENA 24

(A Razão olha em volta).

MIZARU

(Entusiasmado). Eles conseguiram, Alberto e Tomás conseguiram!

IWAZARU

(Desolado). Elas não conseguiram...

KIKAZARU

(Conformado). Elas conseguiram de outra forma. Luiza, Maria e Olga foram até onde puderam...

IWAZARU

(Desolado). Elas podiam ter ido mais se tivéssemos feito alguma coisa...

MIZARU

(Enfático). Nós fizemos. Mas você sabe que nem sempre conseguimos... É uma corrida, sabes disso... Nem sempre a razão consegue vencer...

IWAZARU

(Desolado). Eu sei... É que não há lógica nisso!

KIKAZARU

(Conclusivo). Viver não é lógico...

(Os três permanecem reflexivos. Paulatinamente a luz esmaece até o blackout).

EPÍLOGO

(Novamente, sob um foco de luz, Olga, imóvel no centro do mini-palco, mantém seu olhar à frente. Neblina e sons dissonantes e distorcidos de guitarra, iguais aos do Prólogo, são ouvidos. Em sua mão direita, A Enfermeira segura um pedaço de corda. Ao tempo que determinar a direção, a música cessa. Olga, séria, encara a plateia e começa a preparar a corda, moldando-a com vários nós, enquanto discursa).

OLGA

Li uma vez que todos somos loucos... A diferença está nos seus valores, pois não existe menos ou mais louco, apenas padrões que a sociedade decidiu viver e julgar a todos os outros como loucos... Quem seria o verdadeiro louco? Aqueles que definem padrões e os vivem ou aqueles que vivem conforme suas vontades? Eu não sei. Talvez por nunca conseguir responder essa pergunta cheguei a este ponto... Engraçado como eu pedi tão pouco à vida, esse mesmo pouco a vida me negou... Só queria olhá-la com outros olhos, mais otimistas, talvez. Nunca consegui. Sim... Estou triste. Estou triste abaixo da consciência. Se é que isso é possível... *(Mostra a corda para a plateia enquanto a terminar de preparar e colocar em volta de seu pescoço).* Vocês farão isso comigo, não eu! Cada um de vocês... Cada um de vocês que um dia olhou para alguém deprimido, sem conseguir comer ou mesmo sair da cama e pensou: isso é frescura. Cada um de vocês que apontou o dedo na cara de alguém que simplesmente não conseguia lidar com seu próprio medo de ter medo. Cada um de vocês que julgou a dor de alguém de forma rasa... Como último pedido, peço: Sintam-se culpados e continuem em silêncio para que finalmente eu possa calar a minha tristeza. *(Eleva seu dedo indicador à boca)* Xiiii. Enforca-se.

(Foco de luz esmaece até o blackout).

Fim

RETRATOS RETALHADOS DE UMA QUASE VIDA

FÁBIO LIMA



PATRÍCIA
GRIGOLETTO

RETRATOS RETALHADOS DE UMA QUASE VIDA

Fábio Limah e Patrícia Grigoletto

PERSONAGENS

Sugere-se que os personagens sejam identificados por placas dependuradas em seus pescoços.

- | | | |
|---------------|--------------|--------------|
| - Abandono | - Avareza | - Melancolia |
| - Aceitação | - Consolo | - Morte |
| - Aeromoça | - Desilusão | - Orgasmo |
| - Alegria | - Discórdia | - Orgulho |
| - Andrilho 1 | - Dor | - Paixão |
| - Andrilho 10 | - Esperança | - Preguiça |
| - Andrilho 2 | - Gula | - Saudade |
| - Andrilho 3 | - Ilusão | - Semiófago |
| - Andrilho 4 | - Inocência | - Tesão 1 |
| - Andrilho 5 | - Inveja | - Tesão 2 |
| - Andrilho 6 | - Ira | - Tristeza |
| - Andrilho 7 | - Lembrança | - Vaidade |
| - Andrilho 8 | - Luxúria | - Vida |
| - Andrilho 9 | - Maquinista | |

ATO ÚNICO

CENA 1

(Foco na ampulheta por alguns segundos. A terra (ou qualquer outra substância) começa a cair. Paullatinamente, o foco da ampulheta é redirecionado para o Semiófago que se encontra na posição fetal no centro do palco).

SEMIÓFAGO

(Inicia o texto ainda em posição fetal, levanta-se de acordo com a velocidade em que diz o texto (velocidade escolhida pelo diretor) até colocar-se totalmente de pé).

Nunca parei pra pensar em como morreria...

Nunca.

Nunca tive tempo pra isso.

Nunca me dei tempo pra isso.

Sempre estive muito ocupado...

"Ocupado com o que?" vocês devem estar se perguntando.

Muito ocupado em viver.

Em viver.

(Semiófago, quando não for o protagonista da cena sempre estará presente nas cenas, observando.

O lugar em que ficará no espaço cênico fica a critério da direção decidir).

CENA DE TRANSIÇÃO 1

(Transição para a cena 2. Coreografia construída a partir poema musicado de Martha Medeiros. Enquanto a música rola, os atores organizam, coreograficamente, o espaço cênico para o início da cena 2. Apenas os atores da cena permanecem no palco após o fim da música).

Você bem que podia ter surgido na minha vida
vinte anos atrás, quando eu ainda tinha planos
quinze anos atrás, quando eu estava me formando
onze anos atrás, quando eu morava sozinho
dez anos atrás, quando eu ainda era solteiro
seis anos atrás, quando sobrava alguma força
ontem à noite,
eu ainda estava te esperando.

CENA 2

(Sentados, tomando café, Alegria, Saudade e Lembrança conversam).

ALEGRIA

Uma injeção de alegria, às vezes, é a único recurso que o coração pode usar para continuar se sentindo vivo...

SAUDADE

Às vezes é tão bom lembrar uma paixão do passado, apenas por lembrar...

LEMBRANÇA

Como falávamos no outro dia, tu gostas se selecionar dentro da memória apenas o que é bom, não é? Infelizmente meu papel é lembrar-me das dores também.

SAUDADE

Pra falar em dor temos de chamá-la aqui, pois ninguém sente saudade do que lhe machucou.

DOR

(Entra em cena arrastando fardos pesados e ensanguentados do lado oposto da ação inicial. Texto dito para plateia. Foco apenas na Dor) Tu sabes bem o que carrego de tão pesado. Lembre-se de cada tropeço, de cada ferida, que dizes ter superado, mas no fundo você mente para si mesmo na tentativa de se libertar. Faço questão de não te deixar esquecer tudo que um dia te machucou... De não te deixar esquecer que o pra sempre, sempre acaba...

(Foco para Inocência e Paixão que, frente a frente, se despedem).

PAIXÃO

Adeus.

(Vira-se e caminha, até sumir na escuridão, para o lado oposto ao de Inocência que permanece imóvel num choro contido. O foco é transferido para a mesa de café. Dor já sentada com Alegria, Saudade e Lembrança também degusta uma xícara de café.)

ALEGRIA

(Para Dor). Você não tem o direito de resgatar toda a dor desta lembrança. Fazê-lo mastigar novamente essa perda. De uma relação que lhe fez tão bem...

DESILUSÃO

(Para Alegria). Tão bem, vírgula. De uma relação que não deu certo...

ALEGRIA

(Para Desilusão). Deu certo. Pelo tempo que teve de dar...

DOR

(Para Alegria). Você é que não tem o direito de esconder a verdade. Não esqueça que num jardim de belas flores também existem espinhos e vermes sob a terra, que mesmo não sendo nada atraídos aos nossos olhos fazem parte deste mesmo jardim.

(Todos ficam pensativos. Foco esmaece aos poucos).

CENA DE TRANSIÇÃO 2

(Transição para a Cena 3. Coreografia construída a partir poema musicado Aniversário de Álvaro de Campos. Enquanto a música rola, os atores organizam, coreograficamente, o espaço cênico para o início da Cena 3. Apenas os atores da cena permanecem no palco após o fim da música).

ANIVERSÁRIO

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.

Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.

CENA 3

(Usando dois níveis diferentes de altura do cenário. Nos dois andares, um banquinho, uma penteadeira e um espelho de mão).

ESPERANÇA

Finalmente, quinze anos...

TRISTEZA

(No andar inferior, uma mulher com ar maduro). Por que envelheci? Absolutamente nada evitou que meu corpo se cansasse, se enrugasse, apodrecesse. *(Mira-se em um espelho).* Há anos que evito piamente falar sobre idade... Mas as marcas gritam que a juventude findou... Em minha pele... Em meus olhos mudos.

DISCÓRDIA

(Marido de Tristeza, irônico, entra cantando). Chegou a hora de apagar a velinha...

TRISTEZA

Se tu não tens misericórdia de meu sofrimento, deixe-me sozinha.

DISCÓRDIA

Não sei por que todo esse drama. A terceira idade tem muitas vantagens, sabia?

(Tristeza sai do cenário inferior e observa a garota do andar superior. Discórdia sai de cena).

ESPERANÇA

Amanheci diferente. Nunca senti isso tão forte... Sinto que posso, a partir de hoje, conquistar o mundo, se quiser. Sim, eu posso. Hoje, é só o início...

(Esperança levanta-se e sai de cena. Tristeza permanece no cenário superior).

TRISTEZA

(De pé). Lembro-me perfeitamente desse dia. *(Sentando-se no mesmo lugar outrora ocupado por Esperança).* Como o tempo nos muda, meu Deus... *(Sentada, olha-se no espelho de mão)* Eu tinha tan-

tos planos, tantos... Alguns eu consegui realizar, outros, desisti de sequer tentar, por puro medo de fracassar, por achar que era muito jovem pra certas coisas e muito velha pra outras. Por achar que sempre teria tempo... Engraçado, nunca tive medo de envelhecer, até envelhecer.

SEMIÓFAGO

Estranho como o tempo castiga a carne deixando marcas profundas na pele... Na lembrança de uma vida que já nem parece mais sua por não mais se reconhecer ao se olhar no espelho... Sei como se sente, minha irmã...

(Luz esmaece. É direcionada para o palco-corredor).

CENA DE TRANSIÇÃO 3

(Transição para a Cena 4. Coreografia construída a partir da musicalização do poema Panorama Além, de Cecília Meireles. Enquanto o músico canta o poema, os atores organizam, coreograficamente, o espaço cênico para o início da Cena 4. Apenas os atores da cena permanecem no palco após o fim da música).

PANORAMA ALÉM

Não sei que tempo faz, nem se é noite ou se é dia.
Não sinto onde é que estou, nem se estou. Não sei de nada.
Nem de ódio, nem amor. Tédio? Melancolia.
Existência parada. Existência acabada.

Nem se pode saber do que outrora existia.
A cegueira no olhar. Toda a noite calada
no ouvido. Presa a voz. Gesto vão. Boca fria.
A alma, um deserto branco: -o luar triste na geadas...

Silêncio. Eternidade. Infinito. Segredo.
Onde, as almas irmãs? Onde, Deus? Que degredo!
Ninguém. . O ermo atrás do ermo: - é a paisagem daqui.

Tudo opaco... E sem luz... E sem treva... O ar absorto...
Tudo em paz... Tudo só... Tudo irreal... Tudo morto...
Por que foi que eu morri? Quando foi que eu morri?

CENA 4

VAIDADE

(Uma adolescente arrumando-se na frente do espelho (biombo). Passa batom vermelho nos lábios).
Lindo!

ILUSÃO

(Adolescente). Com licença, com todo respeito, posso lhe fazer um elogio?

VAIDADE

Claro! Elogios são sempre bem-vindos.

ILUSÃO

É a mulher mais bela que já vi. Ao pousar os olhos em você meu coração teve a certeza que o amor existe. Só me resta agora saber por qual nome ele atende?

VAIDADE

(Rindo charmosa). Me chamo Vaidade, e você? Qual seu nome?

ILUSÃO

Ilusão. Prazer em conhecê-la *(beija-lhe a mão)*.

VAIDADE

Obrigada *(ri)*.

ILUSÃO

Do que ris?

VAIDADE

É que... Normalmente os homens são incapazes de falar palavras de delicadeza e tu...

ILUSÃO

São todos tolos, ou nunca se depararam com tal fonte de beleza como a tua. Acreditas em amor à primeira vista?

VAIDADE

Até hoje, não.

(Ilusão a puxa para si. Beijam-se. Ilusão segura Vaidade com força).

VAIDADE

Você está me machucando. Me solta. *(Ilusão começa a agredir e despir Vaidade)*. O que você está fazendo? Me solta. *(Ilusão estupra Vaidade. Ao terminar o ato, Ilusão sai de cena)*.

VAIDADE

(Chorando largada no chão fala para a plateia). E agora? O que faço? *(Aperta seu ventre)*. Eu... Eu... Eu sou a culpada? Eu sou?... Tô com tanta vergonha *(chora copiosamente)*. Por quê? Por quê?... *(O foco que ilumina Vaidade é transferido para Abandono que encontra-se sentado no chão, desolado. Por alguns segundos, Abandono, imóvel, é mostrado nessa posição, aos poucos, o foco de Vaidade é reaberto. Ela, aparentemente mais madura. Os dois iniciam uma conversa)*.

SEMIÓFAGO

(Começa falando para o público e vai ao encontro da Vaidade). Será possível amar um filho que foi concebido desta forma? A Vaidade é culpada pelo estupro? Não se pode culpar nem a mãe e nem a criança. Ninguém é juiz de ninguém e o coração é propriedade privada e o que vai se fazer da vida tem de ser uma escolha individual.

VAIDADE

Eu nunca te quis. Perdoe-me.

ABANDONO

Eu não fiz nada.
(Os dois olham-se).

VAIDADE

És incapaz de entender o que sinto e o que vivi. Eu só queria esquecer...

ABANDONO

Por acaso sabes o que sinto? Sou o abandono. Não tive a chance de nunca ser um presente esperado, nunca fui objeto de desejo. Sou o que se quis ser esquecido.

VAIDADE

Mas eu nunca o esqueci. Você deixou marcas profundas em mim. Você destruiu meu corpo. Eu era tão mais bonita e desejada e você enquanto crescia em mim, deformava meu corpo, deformava minha alma...

ABANDONO

Tu pelo menos um dia foi desejada. Eu só fui largado num canto qualquer por ti...
(Os focos de Abandono e Vaidade são transferidos para Ilusão).

ILUSÃO

(Um homem mais velho). Sei que foi um erro. Naquela época só estava tentando provar pra mim que não era diferente dos demais. Que podia, sim, seguir as regras e ser homem... Mas toda ilusão é enganadora, envolve em sua rede e como uma aranha deposita veneno em sua vítima até aniquilá-la. Aniquilei o prazer da Vaidade. Seu prazer carnal, seu prazer maternal, seu prazer vital... Nunca me perdoei pelo que fiz àquela menina. Nunca.

CENA DE TRANSIÇÃO 4

(Transição para Cena 5. Coreografia construída a partir da musicalização do poema Recorda Ainda, de Mário Quintana. Enquanto o músico canta o poema, os atores organizam, coreograficamente, o espaço cênico para o início da Cena 5. Apenas os atores da cena permanecem no palco após o fim da música).

RECORDO AINDA

Recordo ainda... E nada mais me importa...
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam, sempre, de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta...
Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança...

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino... Acreditai!...
Que envelheceu, um dia, de repente!...

CENA 5

ABANDONO

(Chorando, pega a boneca e a agarra com desespero, comprimindo-a contra o peito).

Mãe? Mãe? Tô com medo...

Por que, mãe? Por que me deixaste tão só?

O que fiz pra merecer te perder?

O que eu fiz?...

(Fica abraçado à boneca lamentando a morte da mãe. Soa um apito de trem. Abandono assusta-se).

CENA 6

(Ao som do apito, entram em cena apressadas pessoas carregando malas. Os Andarilhos depositam suas malas no colo dos espectadores que estão sentados nas cadeiras móveis. Apenas os Andarilhos 1, 2 e 3 tem falas específicas, os demais improvisarão o que conversarão, em tom baixo, com os espectadores).

ANDARILHO 1

(Esbarrando em Abandono). Sai da frente! Sai da frente! Sai da frente! Sai da frente...

(Abandono assustado com os esbarrões sai de cena).

ANDARILHO 2

(A um espectador). Desculpe, tu poderias me dizer como faço para chegar nesse endereço?

(Mostra-lhe um papel com um endereço completamente absurdo).

ANDARILHO 3

(Pedindo esmola a um espectador). Poderias me dar uma ajuda?

MAQUINISTA

O trem vai sair!

(Rapidamente cada Andarilho empurra a cadeira móvel de seu respectivo espectador. Sugere-se que as cadeiras sejam organizadas na mesma disposição dos assentos de um avião. Cada Andarilho acomoda-se no colo de seu respectivo espectador. Caso o diretor deseje a organização de outra forma, sintá-se livre a fazê-la. Aeromoça entra em cena).

AEROMOÇA

Senhoras e senhores passageiros, por favor, afilem seus cintos de segurança, desta forma *(tem um cinto de calça nas mãos e faz a demonstração de fechar o cinto)*. E para a sua segurança e melhor aproveitamento deste trecho do espetáculo, pedimos que não tenham medo de estar em cena *(aperta um botão num gravador e ele repete tudo em inglês)*.

ANDARILHO 1

(Levanta o braço). Que horas sai o serviço de bordo?

(Aeromoça não consegue responder, pois é atropelada pelas perguntas dos Andarilhos).

ANDARILHO 2

Você poderia segurar a minha mão? É que eu tenho medo de voar *(pede ao espectador)*.

ANDARILHO 3

Não se preocupe, o avião é o meio de transporte mais seguro que existe.

ANDARILHO 2

É, mas é só cair um para todos os outros ficarem com inveja e começarem a cair também.

ANDARILHO 1

(Irônico). Veja o lado positivo: a morte é rápida.

AEROMOÇA

(Desconcertada). Senhoras e senhores, por favor, mantenham a calma. O serviço de bordo é pago, e dentro de alguns minutos estarei trazendo o menu para a apreciação e escolha de todos.

(Enquanto Andarilhos, Maquinista e Aeromoça reorganizam as cadeiras. O foco da cena muda. Saudade e Lembrança são iluminadas. Encontram-se sentadas numa mesa tomando café).

SAUDADE

Curioso como sempre ando de mãos dadas contigo, não é?

LEMBRANÇA

Não há como ser diferente, não é? Ainda mais quando te faço coisas que te fizeram bem, que te...

(Entram Paixão e Inocência).

SAUDADE

Veja quem chegou para o café...

(Lembrança e Saudade levantam-se e recepcionam Paixão e Inocência).

PAIXÃO

Nossa, quanto tempo, não é?

LEMBRANÇA

Muito...

SAUDADE

Como vocês estão?

PAIXÃO

Eu estou aflito. Muito. Preciso dizer algo que está me corroendo aqui dentro há tempos...

INOCÊNCIA

Nossa, Paixão, o que há?

PAIXÃO

(Para Inocência). Eu te amo. *(Inocência se surpreende).* Só sinto meu coração feliz quando te vejo. Quando estou ao teu lado. Se estou longe, algo me falta, tu me faltas. Te conheço toda uma vida e não imagino outro alguém no mundo para viver esse momento comigo. Quero que meu primeiro beijo seja com você.

INOCÊNCIA

Há tanto tempo espero por esse momento...

(Beijam-se. Saudade e Lembrança assistem comovidas).

MAQUINISTA

É com muita satisfação que recebo todos neste trajeto rumo ao íntimo das memórias de cada um. Desde já, aviso: é importante que permaneçam com os cintos bem apertados, pois eles podem ser a única coisa que os façam sentir-se seguros na realidade do tempo presente, porque esta viagem, como já devem ter percebido é de visita ao que se passou.

CENA DE TRANSIÇÃO 5

(Transição para a Cena 7. Coreografia construída a partir de uma música instrumental. Enquanto a música rola, os atores organizam, coreograficamente, o espaço cênico para o início da Cena 7. Apenas os atores da cena permanecem no palco após o fim da música).

CENA 7

(No foco central, Semiófago diz o texto de Cecília Meireles).

De que são feitos os dias?

- De pequenos desejos,
vagarosas saudades,
silenciosas lembranças.

Entre mágoas sombrias,
momentâneos lampejos:
vagas felicidades,
inatuais esperanças.

De loucuras, de crimes,
de pecados, de glórias
- do medo que encadeia
todas essas mudanças.

Dentro deles vivemos,
dentro deles choramos,
em duros desenlaces
e em sinistras alianças...

(Sensualmente, de cada ponto do palco, coreograficamente ao som da música que continuará como fundo para a cena, os atores chegam ao centro e começam uma grande orgia com Semiófago. Enquanto se entrelaçam formando um corpo só, cada personagem diz seu texto, retirando uma parte do figurino de Semiófago até deixá-lo completamente nu).

LUXÚRIA

(Enquanto os pecados capitais se encaminham ao Semiófago). Avante! Eis o nosso alvo: Um homem. Deixem-no nu. Façam-no gozar... Por qualquer amor, por qualquer dor, por qualquer esperança...

GULA

Quanta fome existe nesse corpo? Lembre-se: nunca, simplesmente nunca, estarás saciado. Mais, sempre mais...

AVAREZA

Sempre mais... Idolatra teu dinheiro. Idolatra tua roupa de marca, teu carro do ano, tua fama e todas as paredes que te cercam de ilusões fúteis. Idolatra o dinheiro que é teu senhor, teu Deus...

ORGULHO

...Sente essa sensação de poder correndo nas tuas veias. És o senhor do teu destino. Orgulhe-se da tua fama... Estás sentindo? São os flashes das câmeras fotográficas capturando tua alma... Deixar-se envolver por elas...

INVEJA

...Mas não esqueça de sentir inveja daquilo que não possui, que teu dinheiro não pode comprar. Do amor que teu dinheiro não pode comprar. Deseje, deseje, deseje, deseje...

IRA

...E tenha raiva desse amor que te foi negado. Raiva das horas de espera. Raiva daqueles que te foram uma farsa. Raiva daqueles que se foram. Raiva de a tua mãe ter morrido...

PREGUIÇA

...E quando cansar de ter raiva, descanse. Descanse de seus projetos, de seus amores, de suas dores. Pra que se cansar? Pra que viver? Tudo um dia cansa. Tudo, um dia cansa. Tudo, um dia cansa...

SEMIÓFAGO

Perdoe-me Pai. Pois eu pequei.

CENA DE TRANSIÇÃO 6

(Transição para a Cena 8. Coreografia construída a partir da musicalização do poema de Fernando Teixeira de Andrade. Enquanto o músico canta o poema, os atores organizam, coreograficamente, o espaço cênico para o início da Cena 8. Apenas os atores da cena permanecem no palco após o fim da música).

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas ...
Que já têm a forma do nosso corpo ...
E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos
mesmos lugares ...

É o tempo da travessia ...
E se não ousarmos fazê-la ...
Teremos ficado ... para sempre ...
À margem de nós mesmos...

CENA 8

CONSOLO

(Ouvindo uma música instrumental). Essa sim... Essa sim é a vibração que tanto me faz sentir bem, como se... Como se... Esse fosse meu verdadeiro lugar. Aqui não há dor, não há sofrimento, não há ilusão...

MELANCOLIA

Sim, há.

CONSOLO

Quem és?

MELANCOLIA

Não me reconheces?

CONSOLO

Tens o rosto um pouco familiar...

MELANCOLIA

Estive ao teu lado por anos...

CONSOLO

Eras tu, então...

MELANCOLIA

Como ousas não mais querer meu colo?

CONSOLO

Como ousas um dia me ter oferecido teu colo?

MELANCOLIA

Precisavas repousar...

CONSOLO

Não... Não, precisava. Não daquela forma...

MELANCOLIA

Só te ofereci uma forma de acabar com teu sofrimento...

CONSOLO

Cortar os pulsos não acabou com meu sofrimento.

MELANCOLIA

Mas poderia se tivesse ido adiante...

CONSOLO

Cala a boca e sai daqui. Não és mais bem vinda. Na verdade, nunca foste...

MELANCOLIA

Sim, fui...

CONSOLO

Não, nunca! Por pura preguiça de sentir outra coisa, anos a fio vi apenas o que tu me mostravas. A dor da perda, apenas. Morri em vida por tua causa. No mesmo dia em que enterrei minha mãe e chorei trancado no quarto abraçando minha boneca. Naquele momento aceitei teu colo como repouso. Um dos maiores erros que cometi...

MELANCOLIA

Seu ingrato...

CONSOLO

Cai fora daqui. Teu tempo já passou. O vazio que alimentaste dentro de mim...

MELANCOLIA

O vazio não pode ser quebrado...

CONSOLO

E não foi. Foi preenchido. Achavas que eu nunca conseguiria, não é? Sai daqui, infelizmente outros ainda precisam de ti. Eu não, não mais...

(Melancolia sai de cena, humilhada).

CENA DE TRANSIÇÃO 7

(Transição para a Cena 9. Coreografia construída a partir da musicalização de um trecho de entrevista de Mário Lago. Enquanto o músico canta o poema, os atores organizam, coreograficamente, o espaço cênico para o início da Cena 9. Apenas os atores da cena permanecem no palco após o fim da música).

Sou como Edith Piaf, "Je ne regrette rien" *(não lamento nada)*.

Fiz o que quis e fiz com paixão. Se a paixão estava errada, paciência.

Não tenho frustrações, porque vivi como em um espetáculo.

Não fiquei vendo a vida passar, sempre acompanhei o desfile.

CENA 9

(Morte da Vida. Monólogo para a plateia. Olho no olho).

MORTE

Chegou a hora. Estou bonito?...

Por muito tempo me preocupei se estive bonito...

Hoje, agora, nesse instante, isso não mais me preocupa. E sabe... É libertador!

Sempre achei que quando esse momento chegasse o medo tomaria conta de mim, afinal, estou deixando de existir...

Se bem que não estou deixando de existir completamente. Continuarei vivo nas fotografias, nos vídeos, nas lembranças daqueles que me amam... E daqueles que um dia me amaram...

Curioso... Não sinto medo, não sinto raiva, sequer estou triste...

Talvez eu não tenha sido o bastante, mas eu fui, eu fui, o suficiente.

(Morte aproxima-se de Vida).

MORTE

Vamos?

(Vida consente com a cabeça. Morte a toma nos braços e, como uma criança, Vida aconchega-se no peito de Morte. As duas saem de cena. Morte retira Vida de cena).

CENA 10

(Cena de sexo. Extremamente coreografada e musicada instrumentalmente. Três personagens envolvidos: Tesão 1, Tesão 2 e Orgasmo. A cena inicia apenas com os Tesões dançando. Para finalizar a dança (transa), entra o Orgasmo).

CENA 11

(Infância. Coreograficamente Alegrias e Saudades brincam. A proposta de quais brincadeiras serão coreografadas fica a cargo do coreógrafo. Sugestão: Pira-pega, amarelinha, pira-alta).

CENA 12

(Em tom baixo, ouve-se um choro tímido, com vocalize triste e sofrido. A voz principal do vocalize entra em cena, arrastando pelo chão, uma espécie de corrente amarrada em seus pés, mãos e pescoço. Ao se posicionar no centro do palco outras vozes (Vidas e Mortes) vão segurar os elásticos/correntes e construir um deprimente balé de despedida da vida).

CENA DE TRANSIÇÃO 8

(Transição para a Cena 13. Coreografia construída a partir poema Poética I de Vinícius de Moraes. Enquanto a música rola, os atores organizam, coreograficamente, o espaço cênico para o início da Cena 13. Apenas os atores da cena permanecem no palco após o fim da música).

POÉTICA I

De manhã escureço

De dia tardo

De tarde anoiteço

De noite ardo.

A oeste a morte

Contra quem vivo

Do sul cativo

O este é meu norte.

Outros que contém

Passo por passo: Eu morro ontem

Nasço amanhã

Ando onde há espaço:

– Meu tempo é quando.

CENA 13

(No centro, o biombo vazado divide o palco em 2. Dois personagens Aceitação estão em cena, um homem, outro, mulher. Em cada ponto do palco, os dois, igualmente dançam até chegarem próximos ao biombo e ficarem frente a frente, dizem, juntos).

ACEITAÇÃO

Eu me aceito!

(Os dois cruzam o biombo e cada um vai pro lado oposto do outro).

CENA 14

(Calmamente, em silêncio, Semiófago, entra em cena. Dobra o biombo vazado e o deita no chão. No centro do palco. Posiciona-se no centro do biombo. Paulatinamente, regressa à posição fetal enquanto fala).

SEMIÓFAGO

Sim, esse fui eu, um ser como qualquer outro.

Construído por sentimentos, sensações e lembranças não apenas minhas.

Esse fui eu.

E tu, quem és?

Saudade? Tempo? Medo? Esperança? Covardia?

Parem.

Parem de tentar esconder de si mesmos tudo que sentem. O que verdadeiramente sentem. Deixem que escorra pelos poros...

Sim.

Esse fui eu.

O próprio tempo num retrato de fé

Memória

Lágrima

Sorriso

E, sobretudo, coragem de viver.

E tu, quem és?

Pergunte-se.

Quem sabe tu te encontres...

(Paulatinamente a luz do foco vai esmaecendo e a ampulheta novamente é iluminada com a areia terminando de cair. Ao terminar, blackout).

Fim

NA CAMA COM TEREZINHA



HAROLDO
FRANÇA

NA CAMA COM TERESINHA

Haroldo França

PERSONAGENS

Dona Terezinha - Uma estrela da terceira idade e do outro mundo

Totó - Um robô programado para xeretar o mundo dos outros

Gregorinho Tataraneto - Um astronauta

Polegar Vermelho - Um peixe verde

Zé Cipriano - Uma voz do além

Elis Regina - Uma cantora

Chester - Um roteirígena

Shakira - Uma mão

CENÁRIO

Morada de dona Terezinha em Marte:

Há um orelhão (ou interfone); Há um forno de cozinha; Há uma cadeira de balanço;

Há uma mesa ou balcão; Há um relógio de ponteiro com mais que doze horas;

Há um aquário com um peixe falante, Pode haver outros aquários vazios espalhados pelo espaço.

NOTA: Na plateia, uma pessoa deve estar fantasiada de frango, de modo que não seja possível ver o rosto da pessoa, apenas um frango inexpressivo, como se fosse um boneco, segurando um lápis e um caderno de anotações. Essa pessoa não precisa ser ator/atriz.

OBSERVAÇÃO: São sugeridas projeções em vídeo. Contudo, esse não é um recurso essencial para a montagem da peça. Pode-se pensar em outras soluções possíveis, como, por exemplo, apenas áudio.



I ATO

O UNIVERSO DE TERESINHA

0000

(O palco está escuro. Nele, vemos apenas o peixe verde. Ele pode brilhar no escuro, ou pode haver uma luz no aquário).

ZÉ CIPRIANO

(Voz do além). Atenção! Interrompemos nossa programação para uma notícia extraordinária. A NASA acaba de anunciar uma descoberta sem precedentes. A sonda Spike foi enviada a Marte há dez anos, e espalhou pelo planeta pequenos robôs com câmeras para explorar o solo. O que acon-

teceu, senhoras e senhores, foi que um dos robôs acaba de descobrir algo extraordinário. Existe vida no planeta Marte. E não apenas isso. Existe vida inteligente. E essa vida é mais parecida com a nossa do que pensamos. Confirmam com seus próprios olhos!

(É projetado um vídeo com imagens de Marte. De repente, ao fundo, surge a silhueta de dona Terezinha. Depois que se aproxima bastante, ela age como se a câmera fosse um cachorrinho).

TEREZINHA

(No vídeo). Que totó mais engraçadinho! Que fofura!

ZÉ CIPRIANO

É emocionante, caros amigos. É inacreditável. Esse é um grande passo na história da astronomia, da ciência, e por que não dizer: da humanidade.

TEREZINHA

(No vídeo, mostrando uma pedra vermelha). Totó quer brincar, quer?

ZÉ CIPRIANO

E o mais espantoso: eles se comunicam em nossa língua!

TEREZINHA

(No vídeo). Então vai pegar!

(Ela joga uma pedra longe. A câmera se move como se fosse a subjetiva de um cachorro que foi correndo pegar uma bola. Quando ele volta, não avista mais ninguém).

ZÉ CIPRIANO

Até agora, esses são os únicos registros da vida inteligente. Quem são eles? Como vivem? A comunidade científica está em festa. *(É projetado o vídeo de uma festa com pessoas bêbadas).*

ZÉ CIPRIANO

Qual será o próximo passo? Tentativas de comunicação? Turismo espacial? Passaremos a povoar novos planetas? O importante, meus caros, é que pela primeira vez na história da humanidade, podemos afirmar: não estamos sozinhos no universo!

(As pessoas no vídeo se abraçam. O vídeo se apaga, as luzes se acendem e Terezinha entra em cena).

— 0001 —

TEREZINHA

Zé Cipriano? Você tá aí? Zé Cipriano? Nossa, eu jurei ter ouvido a voz do Zé Cipriano. Chester, você viu o Zé Cipriano? *(O frango, na plateia, acena negativamente).*

TEREZINHA

(Olhando a plateia, admirada). Nossa, hoje vieram os outros, é? Não sabia que você tinha tantos amigos, Chester. Tudo bem com vocês, pessoal? Sejam bem vindos! Eu sei que provavelmente essa é a primeira vez que vocês veem uma terráquea, mas eu vim em missão de paz! E não reparem a bagunça não, tá? O Chester tá escrevendo uma biografia pra mim. Diz que vai virar até filme! Ele já deve ter contado pra vocês, né? Ele disse que vai ser um sucesso aqui em Marte. Espero que gostem. Tá me dando uma sede... Shakira! Um copo d'água, por favor?

(A porta do forninho se abre e de dentro dela sai uma mão, segurando um copo d'água. Terezinha pega o copo, a mão volta e a porta do forninho se fecha novamente).

TEREZINHA

Chega de crise hídrica, né? Aqui tem água de sobra. Desde que cheguei aqui, fico horas na piscina... É, eu mesma cavei uma piscina, ali fora. Também construí essa humilde residência, com minhas próprias mãos. E podem ficar à vontade, porque aqui pode tudo! Aqui não tem lei! Ah! Esqueci de me apresentar. Eu sou a Terezinha. Terezinha Silva e Silva. Eu vim da Terra. Sabe aquele pontinho azul, pequenininho, que vocês veem no céu, lá no meio das estrelas? Pois é. Eu vim de lá. Fugida. Mas essa é uma longa história, e é sobre isso que o Chester tá escrevendo. Todo dia ele vem me visitar. Aí a gente passa a tarde toda... Ele senta na cadeirinha e fica só ouvindo. E eu vou falando, falando... Acho que ele até já enjoou. Ah, tem uma bebida ótima lá no meu planeta que vocês precisam experimentar. Se chama cafezinho. Shakira! Tem café?

(Shakira abre a porta do forninho, e faz um sinal de “negativo” com o polegar).

TEREZINHA

Pena! Gente, essa é a Shakira, minha secretária. Shakira, cumprimente as visitas!

(Shakira manda um “tchauzinho”).

TEREZINHA

Eu sempre me esqueço... As plantas não germinam aqui. Eu trouxe várias sementes lá da minha Terra: café, manjericão, salsinha, feijão... E nada. A única que brotou foi a maconha. Dei pro Chester provar e ele adorou. Ele me disse que usa sempre que vai escrever sobre mim.

(Terezinha se dirige ao peixe).

TEREZINHA

E como vai o meu bebezinho, hein? Como vai o vermelhinho? Gente, esse peixinho eu conheci aqui em Marte. No mesmo dia em que eu descobri os córregos de água. Não é uma fofura? Trouxe ele pra me fazer companhia. O seu nome é Polegar Vermelho. Vocês sabiam que ele fala? Ele tá calado agora porque é tímido, mas quando ele se solta... fala até palavrão!

POLEGAR VERMELHO

Paralelepípedo!

TEREZINHA

Viram só? Tão lindo!

(Sugestão: o peixe pode apenas emitir ruídos e a projeção exibir legendas de tradução).

TEREZINHA

Mas sabem, eu tava falando pro Chester... Tá me dando saudades de lá. É. Sabe quando você faz uma viagem, aproveita bastante, mas chega aquele momento que você sente que chegou a hora de voltar pra casa? Pois é. Eu tô sentindo isso. Só tem um problema: Eu não tenho como voltar. *(Pausa)*. Mas não tem problema, né? Afinal, eu tô preparando uma biografia e isso é ótimo! Afinal, eu sempre quis ser uma estrela.

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: "Fale mais sobre isso". Terezinha senta na cadeira de balanço).

— 0002 —

TEREZINHA

Quando eu era criança, lá pelos anos 2010, 2020, tinham umas mocinhas que faziam muito sucesso na internet. Eu queria ser que nem elas. Elas eram divertidas e ganhavam muito dinheiro falando sobre as suas vidas, mostrando vídeos de cachorro e dando aulas de maquiagem, cabelo, etc. Mas esse era só o primeiro passo. Depois elas viravam apresentadoras de TV ou estrelas de música Pop. Tinha também as que davam aulinhas de dança, e essas geralmente viravam fanqueiras e ganhavam muito, muito dinheiro. Então, eu resolvi abrir um vlog. Eu lembro direitinho. Eu ensinava a tocar flauta doce.

(A projeção mostra Terezinha criança, num vídeo caseiro, tocando "Noite Feliz" na flauta).

TEREZINHA

Foi um fracasso. Quase ninguém viu e ninguém curtiu. Tinham uns comentários do tipo "obrigado por me fazer perder um minuto da minha vida". Mas eu dei a volta por cima! Sabe o que eu fiz? Criei vários perfis fakes pra curtir e comentar eu mesma. Foi ótimo. Eu comecei a investir na carreira. Então teve um dia que eu tava com a minha mãe no carro, e eu não parava de falar sobre isso. Eu lembro que tava no banco de trás, usando o cinto de segurança, eu odiava cinto de segurança, aí na hora em que eu falei "Mãe, eu quero ser uma estrela!", ela, já de saco cheio, disse "em boca fechada não entra mosca!", mas enquanto ela disse isso, uma mosca entrou na boca dela, ela se engasgou, bateu o carro e morreu.

(Ouve-se um "bip". A mão de Shakira surge com um envelope).

TEREZINHA

Hã? É pra mim? (*Lendo*). "Terezinha Silva e Silva", sou eu mesma! Nossa! É um telegrama! Quanto tempo faz que não vejo um! (*Abre e lê*). "Tatavovó. Vimos você na TV. Finalmente te encontramos. Estamos indo te buscar. Beijos, Gregório." Meu tataraneto! Gregorinho! Ele vem me buscar! Finalmente eu vou voltar! Viva! Chester! Você me dá uma cópia da minha biografia? Pra eu mostrar lá na Terra! (*O frango acena um "ok"*).

TEREZINHA

Então vamos terminar logo isso, antes que o Gregorinho chegue. Polegar Vermelho! Não faz essa cara de triste, não. Eu vou te levar comigo. O pessoal lá na minha Terra vai adorar conhecer um bichinho de outro planeta.

POLEGAR VERMELHO

Fronha!

TEREZINHA

Tá com sono, bebê? Espera! Falando em bichinho, acabei de lembrar de uma coisa. Eu tava lá fora, varrendo o chão de terra. E aí eu avistei bem de longe um negócio estranho. Um pontinho branco. Aí eu fui chegando perto e vi que era um totó! Lindo, lindo. Branquinho, e tinha uns olhões! Aí eu comecei a brincar com ele. Só que aí eu pensei: Ih, melhor não. Pode atacar a minha rinite, e ele pode criar problemas com o Polegar Vermelho. Então eu joguei uma pedra pra ele, bem longe, e quando ele foi pegar eu vim correndo pra casa. Tadinho.

(*O telefone toca, no orelhão. Terezinha fica espantada*).

TEREZINHA

O quê? Isso funciona? Nunca vi isso tocar antes! Olha, Chester, é verdade! Eles me encontraram! Devem ser eles, lá na Terra!

(*Ela atende o telefone*).

TEREZINHA

Pronto.

ELIS REGINA

Alô, alô, marciano...

TEREZINHA

Não, querida, é engano (*desliga*). Pode uma coisa dessas? Me chamar de marciano? Eu sou terrá-quea, com muito orgulho. (*Olha para a plateia*). Nada contra, viu?

(*Telefone toca novamente*).

TEREZINHA

Senhor, dai-me paciência! (*Atende*). Pronto?

ELIS REGINA

...aqui quem fala é da Terra!

TEREZINHA

É da Terra? Nossa, que saudade! Me diz, como é que vão as coisas por aí?

ELIS REGINA

Pra variar, estamos em guerra...

TEREZINHA

Menina, mas de novo?

ELIS REGINA

Você não imagina a loucura. O ser humano tá na maior fissura...

TEREZINHA

(*Desliga*). Ih, mana, se é pra dar notícia ruim nem me liga! Ainda mais que eu tô muito ocupada, tenho que ser uma boa anfitriã! Vocês não acham? Que bom que vocês vieram justo hoje. Quando eu recebo visitas tudo melhora porque os meus pulmões se enchem de alegria. Eu olho pelo vidro da janela, aí eu vejo toda aquela poeira... vermelha... Aceitam um chá? É, não tem cidreira, mas tem chá vermelho, aqui de Marte. É, a Shakira aprendeu a fazer. Ela disse que faz bem pra saúde. Ela disse em Libras. Que horas será que o Gregorinho chega, hein?

(*A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: "Que nome engraçado"*).

TEREZINHA

O Gregorinho tinha esse nome por causa do tataravô dele. O nome dele é: "Gregório Silva e Silva Tataraneto", porque a família tava cheia de Gregório. O primeiro era o meu marido, mas esse aí já foi faz tempo. Ele gostava muito de viajar. Já tem mais de cem anos, mas eu lembro direitinho quando a gente se conheceu. Era uma festa à fantasia, e adivinha de que eu fui?

(*Ela coloca um dos vidros na cabeça, simulando um capacete de astronauta. Na projeção, imagem de sexo entre baleias*).

TEREZINHA

Aí ele apareceu, vestido de Bob Esponja. Bob esponja era um desenho super antigo que os meus pais assistiam. O Gregório gostava dessa coisa assim, meio vintage. Mas no desenho, tinha uma astronauta também. Então ele me chamou pra dançar, aí eu encostei no ombro dele, que era de esponja, e me senti flutuando...

(Ela se movimenta em alusão à gravidade zero. Música. Cena de dança. Ela tira o capacete e a música para).

TEREZINHA

E aí a gente descobriu que quando a gente tava junto, a gente se transportava pra outro planeta. Um planeta só nosso... Tá anotando tudo, né, Chester? *(O frango, na plateia, está dormindo e ronca).*

TEREZINHA

Chester??

— 0005 —

TEREZINHA

Será que a minha vida é tão chata assim? Será que foi por isso que eu fugi? É que uma das minhas formas preferidas de fuga é a recordação. A recordação é que nem um foguete. Eu sempre recordo da árvore que tinha lá no sítio onde eu morava, no interior. Nessa época os sítios ainda existiam. O meu pai pendurou um balanço num tronco da árvore, então ele me embalava e eu voava alto... Bem alto. Uma vez era de noite, e o meu pai me levou lá pra mostrar como eram bonitas as estrelas. Aí eu vi uma estrela cadente e ele disse que era pra fazer um pedido. Eu disse que eu queria viajar com ele pra muito, muito longe. E então ele me disse que se a gente subisse até o topo da árvore, dava pra pegar carona numa estrela cadente e conhecer as outras. E disse que haviam outros planetas, outras galáxias e várias coisas que me deixaram encantada!

(A projeção mostra o que Terezinha via (o olhar subjetivo), enquanto estava sendo embalada na infância).

TEREZINHA

Um dia, a gente teve que abandonar o sítio e se mudar pra um apartamento. Eu chorei muito. Então o meu pai apareceu com as mãos pra trás e disse que tinha uma surpresa.

(Ela tira de trás da mesa um pedaço de corda).

TEREZINHA

Era o balanço. Ele foi até lá e o tirou. Ele disse que eu podia viajar com ele pra onde eu quisesse. Hoje, só sobrou isso. Mas eu carrego esse balanço comigo. Eu o levo onde eu for. Porque, na verdade, é ele que me leva. E foi ele quem me trouxe até aqui. *(A projeção exhibe vários tipos de faísca. Elas vão ficando cada vez mais fortes. Um ruído também vai crescendo).*

TEREZINHA

Lá na Terra, pouco antes de fugir, eu tinha um quintal secreto. Bem no centro do quintal, eu plantei uma mangueira. Esperei anos até ela crescer e ficar bem grande. Então, fiz uma trouxinha com todas as sementes que eu ia precisar. Subi na árvore. Então ela passou.

(Ela sobe na mesa e ergue os braços como se tentasse alcançar o teto).

TEREZINHA

(Gritando em meio ao ruído). Oi! Dona estrela! Aqui! Eu quero uma carona!

(O ruído fica no máximo como um som de carro de corrida, a tela fica branca e logo depois tudo se apaga abruptamente).

II

ATO

A VIAGEM DE TEREZINHA

— 0006 —

(Terezinha está cochilando. Ouve-se o som de alguém batendo na porta. Depois de algum tempo, ela acorda).

TEREZINHA

Hã? O quê? Quem será? São eles! Eles vieram me buscar!

(Terezinha abre a porta e quem entra é Totó, o robô. (pode ser um robô, de fato, ou um cachorrinho de brinquedo, desses que anda sozinho. Também pode ser uma pessoa vestida de modo canino). Ela o pega no colo).

TEREZINHA

Tadinho do Totó! Ficou sozinho lá fora, foi? Tá gostando do colinho da vovó? Me desculpa, Totó, eu não tenho como te ajudar. Não tem comida pra cachorro aqui e nem lugar pra você ficar. Além disso, a vovó tem rinite. E a vovó já tem um amiguinho, que é o Polegar Vermelho.

POLEGAR VERMELHO

Astúcia!

TEREZINHA

E o tio Chester já tá acordado esperando mais uma história. Então a vovó vai ter que abandonar o Totó de novo, tá? Tchau.

(Terezinha abandona o cachorro. Black. Vinheta de telejornal).

— 0007 —

(Projeção das imagens que Totó acabou de ver/filmar).

ZÉ CIPRIANO

É impressionante! Não satisfeita em se parecer muito com uma humana, a alienígena descoberta, além de falar nosso idioma, possui doenças parecidas, como rinite alérgica. As imagens mostram que ela também faz parte de uma civilização. Os cientistas estão em festa!

(A projeção exhibe uma festa com pessoas bêbadas).

ZÉ CIPRIANO

Os cientistas estão em grande festa!

(As pessoas se beijam na boca vigorosamente).

ZÉ CIPRIANO

Várias perguntas assolam a comunidade científica: Terão os alienígenas desenvolvido uma medicina própria, superior à nossa? Terá o Zica Vírus alcançado outros mundos? No Brasil, a bancada evangélica afirma: Jesus só prometeu voltar em um planeta!

(A projeção mostra um meme de pastor evangélico).

ZÉ CIPRIANO

Terão os alienígenas uma religião? Eu, cá entre nós, espero que não. *(Luz).*

TEREZINHA

Zé Cipriano? É você? Aparece, homem! Eu sei que você tá aí! Aquele cachorro era seu, era? Polegar Vermelho, você viu o Zé Cipriano?

POLEGAR VERMELHO

Astigmatismo.

TEREZINHA

Droga! *(Pausa)*. Será que eu tô ficando maluca?

— 0008 —

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Vamos falar de coisa boa?”).

TEREZINHA

Vamos! O que, por exemplo?

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Sobre a Iogurteira Top TherERROR”. Som eletrônico forte de erro).

TEREZINHA

Hã?

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Brincadeira. Que tal falarmos sobre prazer?”).

TEREZINHA

Eu adoro me masturbar. O problema é quando tem alguém no cômodo ao lado. Lembro quando morava com o meu pai. Eu não queria que ele soubesse que eu tava ali me masturbando. Mas as paredes do apartamento eram muito finas, então a gente ouvia tudo o que acontecia na casa toda. Quando eu me masturbava, fazia um barulhinho. Era uma coisa tipo assim: (...) Então eu esperava o papai sair da sala, que era do lado do meu quarto, e ir pra cozinha. Então eu começava a me masturbar. Eu ficava pelada, sentava numa cadeira, aí eu tentava me concentrar e imaginar aquelas coisas bacanas. Tinha umas provas da escola pra estudar, os cadernos tudo jogados pelo chão, e no meio do quarto a cadeira, eu lá, me concentrando, toda pelada. Aí eu ia escorregando pra pontinha da cadeira, a imaginação lá longe, muito longe, longe daquela casa e de todos aqueles livros, a imaginação só pensava em rola rola rola rola rola aí começavam os barulhinhos: (...) E lá vinham os passos do papai voltando da cozinha pra fazer sei lá o que, aí eu congelava, ficava ali me equilibrando na ponta da cadeira, toda melada, e o papai resolve atender o telefone, alô fulano, coisa e tal, porque o preço do tomate, e o barulhinho vai crescendo, o papai vai falando e eu vou seguindo no movimento, ele pára pra escutar o amigo, eu congelo de novo, aí lá vai ele pra cozinha, e eu volto com força total, e vai barulhinho, e daqui a pouco o pé da cadeira sai do chão e faz pei, pei, e eu pensando em todo aquele canalial de rola na minha frente, tão longe de tudo aquilo, vou galopando na cadeira, galopo, galopo e a cadeira vira um foguete, aí eu saio voando peladonna por aí, espalhando amor e alegria pelo mundo, era ótimo. *(Suspira)*. Hoje eu vivo sozinha aqui mas não me masturbo. Mas não é por causa da idade, não. É pra não assustar o Polegar Vermelho.

POLEGAR VERMELHO

Gratidão.

— 0009 —

(Vai até o telefone).

TEREZINHA

Alô, é da Terra? Eu queria fazer um pedido, por gentileza? É terra. É, eu queria um pouco de terra. Não, é terra da Terra. Sabe o que é?, é que eu tenho umas plantações pra fazer e as bichinhas não nascem. É que eu tô precisando dar um pouco de tempero na minha vida. É, tempero. Salsinha, cebolinha, cheiro verde... O que, quem tá falando? Ah, não é da Terra? É engano? Desculpa aí, tchau! *(Desliga)*. Minha nossa senhora, se não era da Terra nem daqui, era de onde?

— 0010 —

(“A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “E o segundo casamento?”).

TEREZINHA

No meu segundo casamento não saiu nenhum filho, porque o meu segundo casamento foi com uma mulher. O nome dela era Felicidade. Todo mundo zoava a coitada. "Oh, olha a cara da Felicidade, ela tá triste!" Assim como eu, a Felicidade é bissexual. Sim, ela ainda vive. Tá internada em algum asilo, e ninguém nunca mais conseguiu encontrar ela. Aí a Felicidade tava lá, numa festa que era uma mistura de samba com uma coisa meio black, a Felicidade tinha a lateral da cabeça raspada, e uma tatuagem que dizia "presente", aí tinha um pedaço de um mamilo aparecendo e eu fiquei ali, só olhando. Tava numa roda com amigos fumando um, aí quase deixei o beck escapar entre os dedos pensando no que eu faria com os dedos enterrados na Felicidade. Aí ela me olhou de volta, sorriu, eu fui até ela, perguntei o nome e quando ela falou, eu caí na gargalhada. Passei vinte minutos rindo, e ela já tava puta e me lascou um baita de um beijo ali, na beira do rio, e a gente passou mais uns vinte minutos se beijando, depois a gente parou e ficou se olhando, e aí bota mais uns vinte minutos só da gente calada, se curtindo, aí ela sorriu de novo e eu pensei só comigo "não é todo o dia que a Felicidade sorri pra gente", chamei um uber e corri com ela pra um motel. Vocês gostam de transar chapados? Eu adoro. Então é isso, a gente casou. Primeiro foi um vai e vem, uma coisa complicada porque a Felicidade tem Vênus em Peixes, e como o meu Marte nessa época era em Aquário, foi meio difícil, peixe não gosta de aquário, e eu ia com muita sede ao pote, aliás, que pote, hein, minha gente. Aquilo ali era um pote pra cair de boca e se lambuzar até a orelha. Mas eu não podia ter sede demais, sempre que eu me excedia a Felicidade fugia de mim. Mas a gente conseguiu resolver isso, nos demos bem e fomos quase felizes.

— 0011 —

(Ouve-se um “bip”. Shakira exhibe outro envelope).

TEREZINHA

Outro telegrama! Do Gregorinho! *(Abre rapidamente)*. Ah, que lindo! É um cartão postal! Da minha Terra!

(Terezinha mostra um cartão postal com uma foto do planeta Terra).

TEREZINHA

Vai ficar lindo, nesse porta retrato, bem aqui.

(Coloca em um vidro vazio).

TEREZINHA

Mas o que será que isso significa? Não veio nada escrito... Hum, vamos ver o que está tocando no rádio. *(Terezinha vai até o forninho, e gira os botões. Ouve-se um som de rádio procurando sinal).*

ZÉ CIPRIANO

Bom dia, dona de casa!

TEREZINHA

Bom dia, Zé Cipriano!

ZÉ CIPRIANO

Bom dia também pra você, motorista, que me escuta agora, nesse trânsito infernal! E os jornais de todo o mundo não falam de outra coisa: existe vida em Marte!

TEREZINHA

Agora que descobriram? *(Começa a rir).*

ZÉ CIPRIANO

As estações espaciais de todo o mundo já estão preparando projetos de turismo espacial. E a primeira milionária a investir em uma viagem pessoal é a famosa atriz Suzana Vieira!

TEREZINHA

Credo, essa mulher ainda tá viva?

ZÉ CIPRIANO

Sim! E na Rede Globo, o Fantástico está preparando uma série especial em Marte com Glória Maria, que também não morre cedo!

TEREZINHA

Gente, se até elas ainda estão vivas, quando é que eu vou morrer?

POLEGAR VERMELHO

Imediatamente.

TEREZINHA

Quem me dera, Polegar Vermelho, quem me dera... A expectativa de vida cresceu tanto, tanto, que a gente não sabe mais o que tá fazendo vivo. A gente quase morre várias vezes por ano, e os anos vão passando, e a gente não morre nunca! Eu, hein! A coisa perde o sentido.

ZÉ CIPRIANO

E agora, algumas palavras de sabedoria.

TEREZINHA

Ai, a minha parte preferida!

ZÉ CIPRIANO

"Diga-me com quem andas e te direi quem és".

TEREZINHA

Com quem andas?

ZÉ CIPRIANO

Quem és?

TEREZINHA

Nossa, que profundo.

ZÉ CIPRIANO

E agora, uma música das antigas, para alegrar o coração.

(Começa a tocar a música "Meu Caro Amigo", composição de Chico Buarque que simula uma conversa com alguém de outro planeta. A projeção mostra imagens de "pão e circo" em diversas épocas, em diversos meios. Exemplos: trechos do programas de auditório, Silvio Santos jogando aviãozinho, BBB, Vlogs, Memes, etc).

LETRA:

Meu caro amigo me perdoe, por favor/ Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador/ Mando notícias nessa fita
Aqui na terra 'tão jogando futebol/ Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, noutros dias bate Sol/ Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
Muita mutreta pra levar a situação/ Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
E a gente vai tomando, que também, sem a cachaça/ Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu não pretendo provocar/ Nem atiçar suas saudades
Mas acontece que não posso me furtar/ A lhe contar as novidades
Aqui na terra 'tão jogando futebol/ Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, noutros dias bate Sol/ Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
É pirueta pra cavar o ganha-pão/ Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro
E a gente vai fumando que, também, sem um cigarro/ Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu quis até telefonar/ Mas a tarifa não tem graça
Eu ando aflito pra fazer você ficar/ A par de tudo que se passa
Aqui na terra 'tão jogando futebol/ Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, noutros dias bate Sol/ Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

Muita careta pra engolir a transação/ E a gente tá engolindo cada sapo no caminho
E a gente vai se amando que, também, sem um carinho/ Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever/ Mas o correio andou arisco
Se me permitem, vou tentar lhe remeter/ Notícias frescas nesse disco
Aqui na terra 'tão jogando futebol/ Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, noutros dias bate Sol/ Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
A Marieta manda um beijo para os seus/ Um beijo na família, na Cecília e nas crianças
O Francis aproveita pra também mandar lembranças/ A todo pessoal/ Adeus

– 0012 –

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “E seus amigos de infância?”).

TEREZINHA

Ah, quando criança eu não tinha muitos amigos, não. Quando a gente morava no sítio, os meus amigos eram os bichos. Eu sempre adorei bicho. Meu sonho era ser veterinária, só pra cuidar de um monte de bicho. Era galinha, cachorro, gato, coelho, papagaio... Depois que a gente se mudou pro apartamento, não tinha como ter bicho. Aí um dia o papai me deu um peixinho. Não lembro o nome dele. Eu não tinha amigos no colégio, eu era muito tímida. Nessa época, existia um negócio chamado insta story. Todos os meus coleguinhas tinham. Tinham muitos que filmavam os seus bichos de estimação, e era o maior sucesso. Tinha eles comendo, eles passeando, eles tomando banho, eles com roupinha... Aí eu resolvi colocar o meu peixinho no Snap também. Mas não fez sucesso nenhum. Eu filmava ele comendo, ele passeando, em volta do aquário, ele tomando banho, que era sempre... Eu também conversava com ele nos vídeos. Daí eu mesma respondia, tipo ventríloquo, sabe? Ele sempre respondia com uma palavra só. Daí um dia eu fui num pet shop perguntar se tinha roupinha pra peixe, e só o que fizeram foi rir da minha cara. Então eu mesma fiz uma roupinha pra ele. Era uma blusa do Corinthians, um time de futebol. Eu não sabia costurar, então vi uns tutoriais na internet e aprendi rapidinho. Aí eu disse “prende a respiração rapidinho, tá? Mamãe vai dar um presente”. Então eu tirei ele da água pra vestir. Ele não queria vestir. Ele se debatia todo. Eu acho que ele era palmeirense. Mas aí eu consegui pôr a roupinha, e coloquei ele de volta na água, e comecei a filmar. Mas ele não se mexia mais. Ele morreu. Eu comecei a gritar no final da gravação, e esse vídeo rendeu muitos comentários. Em toda a minha vida, foi a única vez que consegui bombar nas redes sociais. Depois de ter matado o peixinho, eu tive um melhor amigo. Ele era imaginário. A vantagem de ter um amigo imaginário é que ele pode estar com você em qualquer lugar. Ele me acompanhava na escola, em casa, na rua... Eu lembro direitinho como ele era. Parecido comigo, assim. E tinha uma voz bonita. O que eu mais lembro era da voz dele. O sonho dele era ser radialista. Até hoje eu sonho com ele. De vez em quando tenho a impressão de ouvir a voz dele, também.

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Ele deve estar por perto”).

TEREZINHA

Você acha?

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Sim. Porque ele está dentro de você”).

TEREZINHA

Nossa, Chester, que bonito, isso! Você deveria ser escritor!

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Eu sou”).

TEREZINHA

Ah, claro, eu sempre esqueço...

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e uma sequência de frases:

*“Sabe, Terezinha...” “A gente sempre tá tentando fugir.” “Fugir do trabalho, fugir da família...”
“...fugir dos relacionamentos...” “...fugir do planeta...” “Fugir de si.” “Mas perceba, Terezinha...”
“Mesmo fugindo para tão longe...” “Você fugiu de onde você está.”
“É impossível fugir disso.” “É impossível fugir de você.”
“Todos nós fazemos parte do mesmo universo.” “Aqui em Marte as coisas são demoradas.”
“A gente leva muito tempo pra dar uma volta em torno do Sol.”
“Mas o importante não é quantas voltas nós damos...” “...ao redor de nós mesmos...”
“...ou ao redor do Sol.” “O importante, Terezinha, é” “com quem” “você” “gira”
“em torno do sol,” “em torno do mundo,” “em torno de você mesma,” “e de vocês.” “E de nós.”
“O Sol é uma estrela, Terezinha.” “Você também é.” “Eu posso não ser humano...”
“Posso não ser imaginário...” “Talvez eu até seja...”
“Mas o importante, Terezinha...” “É que eu estou aqui.”*

Terezinha desce, até a plateia, vai até onde Chester estiver sentado, e o abraça).

TEREZINHA

Obrigada.

— 0013 —

TEREZINHA

Ai, essa conversa toda sobre peixe me deu uma vontade de comer! Shakira, vamos preparar o lanche das cinco? Não que aqui em Marte sejam 5 horas, eu sei lá quantas horas tem por dia aqui, mas me deu vontade de fazer o lanche das cinco.

(Terezinha continua a falar, enquanto prepara uma receita culinária. Ela pega um dos vidros vazios, o copo d’água (do início do espetáculo) e uma colher).

TEREZINHA

Aqui em Marte vocês acreditam em astrologia? Tem uma amiga minha, Dalva o nome dela, que adora conversar sobre signos. Ela é de Aquário, que é o meu inferno astral, que sou Peixes. Só que o meu Peixes tem uma casa de não sei das quantas que é em Aquário, aí equilibra, entendeu? Ah, a Dalva é um barato. Tenho uma saudade dela. Pena que vive em outro Planeta. Shakira, a farinha, por favor. *(Terezinha segura o vidro perto do forno e Shakira despeja alguns punhados de terra vermelha).*

TEREZINHA

A Dalva é sapatão, inclusive a gente se conheceu por causa da Felicidade. Mas essa Felicidade é rodada, rodada, que parece pizza em rodízio. Mas casamento, meu bem, foi só comigo. Mas pois é, a Felicidade me traiu com a Dalva. Na hora foi tenso, eu ameacei ir pra cima dela, e ela quebrou uma garrafa na ponta da mesa e ameaçou me matar. Liguei pra polícia e ela foi presa. Por ser sapatão. Shakira, os ovos, por favor.

(Shakira esmigalha vários ovos de modo que os restos caiam dentro do vidro).

TEREZINHA

Isso eu já era adulta, e tinha as minhas amizades reais. A gente tinha um grupo de amigas que a gente batizou de "pícaras", porque a gente adorava falar de pica. Aí cada uma era uma comida diferente. A Dalva tava no grupo mesmo não gostando de pica. A gente era tipo irmã. Shakira, a manteiga, por favor.

(Shakira coloca algumas folhas de papel manteiga dentro do vidro).

TEREZINHA

Cada uma tinha uma comida, né. Por exemplo, a Dalva era um quindim. Aí tinha a rocambole, a galeto, a pizza, o banana split, que era o nosso amigo gay, e eu era a kinder ovo, porque elas diziam que sempre tinha uma surpresinha. Shakira, a maconha, por favor.

(Shakira derrama vários punhados de orégano no vidro. Terezinha mexe sem nem olhar).

TEREZINHA

Esse negócio de querer ir pra outro planeta não é de hoje. Lembro quando jovem, tinha um filme chamado "Os homens são de Marte e é pra lá que eu vou". Fui ver o filme, e não tinha nada a ver com Marte. Fiquei com tanta raiva...

(Terezinha coloca o vidro com todos os ingredientes e mais a colher dentro do forno. Ela espera um pouco, vai ficando impaciente).

TEREZINHA

Ai, Polegar Vermelho, eu detesto esperar.

POLEGAR VERMELHO

Ampulheta.

TEREZINHA

Boa ideia!

(Ela vai até o relógio e dá algumas voltas no ponteiro dos minutos. Ela volta até o forno e tira um lindo bolo de chantilly).

TEREZINHA

Queridos, esta é a minha especialidade. Lá na Terra, a gente chama isso de Space Cake!

(Shakira coloca a mão pra fora, como quem espera receber alguma coisa).

TEREZINHA

O que é isso, Shakira? Você quer um pedaço?

(Shakira balança o dedo indicador, fazendo gesto de “não” e em seguida esfrega os dedos fazendo alusão à dinheiro).

TEREZINHA

Mas de onde eu vou tirar dinheiro, Shakira? A gente tá em Marte! O meu banco não tem agência nessa localidade.

(Shakira ergue a palma da mão como quem diz “não sei”).

TEREZINHA

Ora, veja se eu posso com isso, Polegar Vermelho? Shakira querendo dar uma de traficante?

POLEGAR VERMELHO

Colômbia!

TEREZINHA

Shakira, me diz uma coisa: você gosta de mamão?

(Shakira ergue o polegar de modo positivo).

TEREZINHA

Então toma um mamão pra você!

(Terezinha aperta a mão de Shakira, cumprimentando-a, e depois fecha a porta do forno na “cara” dela).

TEREZINHA

Alô, é da Terra? Oi, eu queria pedir um astrólogo, por gentileza? Sim, é que eu nasci em Peixes, sabe, com ascendente em Libra, lua em Gêmeos, Vênus em Capricórnio e Marte em Aquário... Então eu queria saber se eu preciso redesenhar o meu mapa astral agora, que tô aqui em Marte... É, por exemplo, se meu Marte era em Aquário, então agora eu sou o quê? Outra coisa que eu queria saber é se a minha terra é órfã. Hã, o protocolo? Pode falar. Ah, só um minuto, que tem uma chamada em espera. Pronto. Oi, Dalva! Menina, quanto tempo! Onde você tá morando, hein? Mentira, menina! Cê sempre disse que era "do mundo", mesmo. Pois é, por outro lado, eu, nem desse mundo sou, kkkkkk! Pois não é, menina? Vim parar aqui. Ah, coisas da vida, sabe como é... Subi numa árvore, peguei carona numa estrela cadente, coisa e tal. Como assim o que eu tô fazendo da vida, você sabe que eu sou aposentada... O único trabalho que eu tenho é levar a Shakira na manicure, se bem que é um meio trabalho, né, porque ela só tem uma mão. O quê? Como assim, eu tô na televisão? Você tá me vendo, ao vivo? Não, não, deve ser alguém parecida, imagina... O meu momento de brilhar ainda vai chegar! Então, eu tô preparando uma biografia. Então, vai ter até um filme. O nome é assim: "Na cama com Terezinha: o diário de bordo de uma estrela da terceira idade e do outro mundo". Legal, né? Pois é, eu vou voltar, o Gregorinho tá vindo me pegar. É, a gente marca... Dalva? Só um momento que eu deixei a moça esperando na outra linha. Aguenta aí, tá? Pronto. Oi, moça. O protocolo, né? Pode falar... Ai, moça, só um minuto, acho que tô ficando um pouco tonta...

POLEGAR VERMELHO

Ambulância!

— 0015 —

(Terezinha parece meio tonta, vai se segurando na mesa até sentar na cadeira. A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: "Sente-se bem?")

TEREZINHA

(Oscilando entre a lucidez e estados de desnorreamento). Eu não trouxe os meus remédios. Não quis. A Shakira sempre tenta me empurrar uns remédios, então eu só finjo que engulo, sabe? A minha primeira crise de labirintite foi um negócio terrível. Eu quase morri. Eu tava sozinha em casa, nessa época eu morava na Terra. De repente parece que o meu corpo foi inchando e ficando assim, deste tamanho, de tão pesada, mas tão pesada que eu fiquei. Eu bati a cabeça no guarda-roupas, doeu muito, e eu caí no chão. Tive que ligar sozinha pra ambulância ir me pegar. Eu fui me arrastando até a mesinha do telefone. Isso já tem uns 40 anos. O Gregorinho ainda não tinha nascido. Com 18 anos, o Gregorinho já era gerente da estação espacial do Brasil. Ele foi chamado no concurso, e em um ano, foi subindo de carreira, subindo, subindo tanto, mas tanto... Essa geração é foda. Aí ele não parou de subir. Aqui, esses dias, eu tive outra crise. Eu vinha assim tentando chegar pra sentar nessa cadeira, aí vieram umas moças de branco, umas marcianas me segurar pelo braço, abrindo

do minha boca e me dando uns comprimidos. Tinha uma loira, que me olhou sorrindo. Primeiro eu sorri porque ela lembrava uma cantora, da minha adolescência, uma cantora latina... Mas a desgraçada se aproveitou pra enfiar a mãozona dela inteirinha na minha boca, enquanto as outras me seguravam, e meteu os dedos na minha goela, enfiando os comprimidos lá dentro. A mão dela, aqui dentro da minha cabeça. Eu quase morri. Eu vinha assim tentando chegar pra sentar nessa cadeira, aí veio a Shakira e... Não! Na verdade era uma clínica. Não. Eu tava sozinha em casa, nessa época eu já morava aqui. De repente, o meu corpo todo foi inchando, e subindo, subindo tanto, mas tanto, ele não parou de subir. Eu passei da atmosfera, fui parar em outro mundo. Não, na verdade foi em uma clínica. Não. O Gregorinho é foda. As marcianas vieram, de branco e com suas luvas, eu tive que ir me rastejando, tentando chegar nessa cadeira. Foi um negócio terrível. Eu queria pegar o telefone pra ligar pro Gregório, dizer que quero fazer um filho. Que já está na hora. Mas eu tô sozinha nesse lugar. Com as marcianas, com aquelas máscaras, dizendo que vão chamar o doutor. Chester, você está aí? Não, eu não tô sozinha, a Shakira não me deixa em paz. Tá anotando tudo? Não, nessa época, eu vivo no meu próprio mundo, que é pesado, e ele vai inchando e ficando assim, desse tamanho, de tão pesado, mas tão pesado. Eu quero ouvir a voz da Felicidade. *(Vai até o telefone).*

TEREZINHA

Alô, é da Terra? Eu quero entrar em contato com a Felicidade, por gentileza? É uma velhinha, tá em algum asilo ali em Belém do Pará. Hã, Belém não existe mais? Ah, é verdade, eu sempre esqueço, as calotas derreteram... O mar inteiro foi inchando assim e tchau Rio de Janeiro, tchau Belém, tchau Recife... Será que a Fê tá curtindo uma onda no mar?

— 0016 —

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Calma. As coisas vão melhorar”).

TEREZINHA

Eu tô calma, Chester. Você me anima.

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Vamos fazer um bate bola?”).

TEREZINHA

Eu topo.

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Uma cor”).

TEREZINHA

O azul do céu de lá.

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Um sabor”).

TEREZINHA

A Felicidade.

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Uma estrela”).

TEREZINHA

Minha amiga Dalva.

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Uma viagem”).

TEREZINHA

Space cake.

(A projeção mostra o rosto de Chester, como entrevistador, e a frase: “Um momento inesquecível”).

TEREZINHA

Um momento inesquecível? Nossa... Tem tantos. Mas tem uma coisa bem antiga, da minha infância, que eu nunca esqueci. Foi lá no sítio, ainda. Eu era muito amiga dos bichos, tinha vários que eu adorava, mas tinha um em específico, era uma galinha... Eu até tinha dado um nome pra ela, mas não lembro qual... Sherlie, Chelsie, Chedson, uma coisa assim. Eu dizia pra minha mãe que queria ser adulta logo. Então, nesse dia, ela ia matar uma galinha pro almoço. Ela disse que se eu quisesse ser adulta, uma verdadeira mulher, uma futura estrela, eu tinha que fazer isso, com as minhas próprias mãos. *(Chester se levanta da cadeira onde está e começa a pedir licença para as pessoas).*

TEREZINHA

Eu cheguei com a minha amiga e disse: Me perdoa? Por favor, me perdoa... Mas eu preciso ser uma estrela!

(Chester vai se dirigindo à saída do teatro).

TEREZINHA

Ela começou a se debater nas minhas mãos, eu já tava chorando muito. Então eu fechei os olhos, segurei o pescoço dela e torci com toda a minha força.

(Chester sai do teatro, batendo a porta com força).

TEREZINHA

Chester? Chester? *(Pausa)*. Será que foi alguma coisa que eu disse? Shakira, eu...

(A porta do forminho se abre, e de dentro saem muitas penas, voando).

TEREZINHA

Ô, Shakira! Não precisa ter pena não, tá? Eu não preciso disso... Eu só queria poder ter a minha biografia. Só isso. Já que o meu tataraneto não veio, já que eu fiquei aqui, abandonada...

– 0017 –

(Alguém bate à porta).

TEREZINHA

Gregorinho!

(Vai até a porta e abre. Entram várias cópias do Totó. Inúmeras. Eles emitem sons eletrônicos).

TEREZINHA

Totó, você se multiplicou! Por favor, querido, eu já disse que não tenho condições de cuidar de você, imagine toda a sua família!

(Ela tenta colocar os cachorros pra fora, um por um, mas sempre que ela vira de costas pra pegar o próximo, o anterior volta com mais um e o trabalho se mostra inútil. Ela vai até o telefone).

TEREZINHA

Alô, é da cooperativa? Chama um uber que eu tô indo pra Terra agora! O quê? Ainda não tem uber-nave? Tchau!

(Tenta outro número. O som dos cachorros vai aumentando).

TEREZINHA

SBBHQK, SBBHQK, Terezinha chamando Terra! Terezinha chamando Terra!

ZÉ CIPRIANO

Terra respondendo. Terra respondendo.

TEREZINHA

Não consigo regressar! Não consigo regressar!

ZÉ CIPRIANO

Lero lero. Lero lero. *(Terezinha desliga o telefone).*

TEREZINHA

Shakira! Me ajuda, por favor!

(O forninho se abre e de dentro dele saem mais réplicas do Totó. Ela, atordoada, consegue atirar todos eles para fora. Respira ofegante. Ouve-se um “bip”).

TEREZINHA

O bip! Será que chegou mais um telegrama? Shakira?

(Shakira surge usando uma luva branca, hospitalar. Faz um gesto com o dedo indicador, como que chamando Terezinha para se aproximar).

TEREZINHA

Que foi? É pra eu chegar mais perto, é?

(Terezinha se aproxima. Shakira repete o gesto).

TEREZINHA

O que foi, Shakira? Cadê a carta?

(Terezinha se aproxima, quase encostando no forquinho. Shakira pega uma placa de metal e encosta no peito de Terezinha, eletrocutando-a. Ruídos de choque elétrico. A projeção mostra relâmpagos e trovões. A imagem clareia até ficar branca, e por uma fração de segundo se vê a lâmpada de um hospital, como que na visão subjetiva de alguém deitado em uma maca. Black).

III

ATO

O VOO DE TEREZINHA

— 0018 —

(Black. O palco está escuro. Nele, vemos apenas o peixe verde).

ZÉ CIPRIANO

O Brasil está de luto. O mundo está de luto. As notícias de hoje, senhoras e senhores, não são nada boas.

(Na projeção, é exibido o corpo de Terezinha, estirada no chão, morta).

ZÉ CIPRIANO

A ambição do homem, novamente, foi longe demais. Antes mesmo de conseguirmos realizar contato com a vida em Marte, ela se foi. É isso mesmo, senhoras e senhores. A vida morreu. O único indício de vida inteligente em Marte se perdeu. Não há registro de outros espécimes. A comunidade científica, hoje, veste preto.

(A projeção mostra um desfile de moda gótico. Luz).

— 0019 —

TEREZINHA

Polegar Vermelho, você está bem, meu bebê?

POLEGAR VERMELHO

Meus pêsames.

TEREZINHA

Não, Polegar, ninguém morreu! Eu tive que me fazer de morta pra eles me deixarem em paz. Vai ficar tudo bem, acredite! (*Cochicha*). Escuta uma coisa, meu querido... Não podemos confiar na Shakira! Ela é uma traidora!

POLEGAR VERMELHO

(*Canta*). Loro lolê lolê...

TEREZINHA

Psst!

(*Terezinha vai até o centro do palco e se ajoelha*).

TEREZINHA

Eu acho que eu não tenho mais que fazer ligações para a Terra. Eu preciso fazer um tipo de ligação superior. Uma vez, o meu pai me disse que cada um de nós é uma gotinha, num oceano muito maior. Esse oceano é Deus. E quando a gente tenta se conectar com Ele, essa tentativa de re-ligação, é o que a gente chama de religião. Em todos esses anos de vida que eu já desisti de contar, tentei entrar em todas as religiões possíveis, mas eu confesso que nunca tentei isso: me religar com o oceano do qual a minha alma veio.

(*Faz menção de que vai orar, mas vai até o telefone*).

TEREZINHA

Alô? Por gentileza, eu queria falar com Deus? Tá bom, não tem problema, eu espero. (*Pausa*). Oi, é Deus? Como é que vai o Senhor? Não, eu sei que o Senhor tá no céu, mas justamente... Ah, não é com Deus que eu tô falando? O quê? Como assim, Deus só atende na Terra? Que espelunca é essa, meu Deus? Por que me abandonaste? (*Desliga*). Por quê?

ZÉ CIPRIANO

Por quê?

TEREZINHA

Zé Cipriano? É você?

ZÉ CIPRIANO

É você?

TEREZINHA

(*Olhando para o horizonte à frente*). Nossa! Quanto tempo faz que eu não te vejo, menino! Eu só te escuto!

ZÉ CIPRIANO

Só te escuto!

TEREZINHA

Quer dizer que você veio atrás de mim aqui em Marte, né! Saudades, viu?

ZÉ CIPRIANO

Saudades, viu?

TEREZINHA

Que isso, Zé Cipriano?

ZÉ CIPRIANO

Zé Cipriano?

TEREZINHA

Tu não é o Zé Cipriano?

ZÉ CIPRIANO

Zé Cipriano?

TEREZINHA

Tá querendo brincar de eco, é?

ZÉ CIPRIANO

Eco, é?

TEREZINHA

A gente adorava brincar de eco! Kkkkk!

ZÉ CIPRIANO

Kkkkk!

TEREZINHA

Mas olha, não é contigo que eu quero falar, não. É com Deus.

ZÉ CIPRIANO

É com Deus.

TEREZINHA

Pára, Zé Cipriano! Pára!

ZÉ CIPRIANO

Pára!

TEREZINHA

Não tem graça!

ZÉ CIPRIANO

Tem graça!

TEREZINHA

Eu odeio essa brincadeira!

ZÉ CIPRIANO

Cadeira! Kkkkk!

TEREZINHA

(Perturbada). Chega! Eu não quero mais brincar com você! Não quero!

(Silêncio).

TEREZINHA

Zé Cipriano? (Pausa. Alívio). Ufa... Achei que ele não fosse parar nunca. Zé Cipriano, pode falar direito comigo.

(Espera, animada. Silêncio).

TEREZINHA

Zé Cipriano? Que é, vai me abandonar também? Tudo bem! O Chester já me abandonou, o Gregorinho já me abandonou, a Shakira me traiu... Até Deus me abandonou! Só restamos eu e você, Polegar Vermelho.

POLEGAR VERMELHO

Singularidade.

TEREZINHA

Mas não, não pode ser... Deus não abandona ninguém. Deus! Deeeus! Me escuta, por favor! Quer brincar de esconde-esconde, é? Me manda um sinal! Um sinal!

(Terezinha fica desolada, em silêncio. Alguém bate na porta).

TEREZINHA

Olha, Deus, tu não me vem de sacanagem... Da última vez que eu abri essa porta eu quase fui pro outro mundo...

— 0020 —

(A porta se abre sozinha. Nela, vemos Gregorinho tataraneto).

TEREZINHA

Gregorinho?

(Silêncio. Ele e Terezinha se olham, emocionados, e se aproximam para um abraço demorado. Ela o abraça com força, até desfalecer em seus braços. A luz cai, lentamente).

— 0021 —

(O palco está escuro. Nele, vemos apenas o peixe verde).

POLEGAR VERMELHO

Buraco negro. Buraco negro. Buraco negro. Toda vida é um sol. Toda vida é um sol. Quando uma estrela envelhece, ela incha, e engole os planetas ao redor. Depois encolhe, até restar apenas um ponto escuro. Buraco negro. Buraco negro. Buraco negro.

(Luz. Ouvimos um ruído semelhante ao do fim do primeiro ato. A cadeira de balanço de Terezinha virou uma cadeira-balanço. Ela está suspensa por cordas, feitas do mesmo material das que suspenderiam o balanço da sua infância. Ela está sentada na cadeira, sendo embalada por Gregorinho tataraneto. Ela voa).

TEREZINHA

Oi! Dona estrela! Aqui! Eu quero uma carona!

(Black. Não vemos mais nada além da tela de projeção. Nem mesmo o peixe).

— 0022 —

(É exibido um filme com o título: “NA CAMA COM TEREZINHA - Um filme de Chester”. A imagem é a de Terezinha viajando pelo espaço, de carona, no rabo de uma estrela cadente. A trilha sonora do filme é “Superar os cometas”, de Chapolin Colorado).

Fim

PAUTA NEGRA



DRAMATURGIA
COLETIVA

PAUTA NEGRA

Ingrid Gomes

DRAMATURGIA COLETIVA

Assucena Pereira, Carla Baía, Caroline Nogueira Daisy Feio, Dalila Costa
Ingrid Gomes, Iris da Selva, Ka Diaz, Julliana Matemba Lorena Bianco
Lucy Souza, Marina Di Gusmão Penélope Lima, Sarah Prazeres
Thais Squires Tertuliana Lopes e Sidiane Nunes Silvana Cruz

Organização da dramaturgia: Ingrid Gomes

As atrizes são as próprias personagens, mas em algumas cenas
apresentam-se como outras personas.



CENA 1 – Conexão Ancestral

(Carla Baía no centro do espaço cênico toca o berimbau. Sidiane na ausência de luz, inicia poemas).

Vimos de muitas lutas
Fomos chamadas de bicho, macaca e Puta
Nossa voz tentaram calar
Na certeza que ia funcionar
Mas esquecem que o sangue que corre em nossas veias, é sangue preto, sangue forte.
O mesmo sangue que escorreu com chibatadas de chicote.
O mesmo sangue da mulher preta que não temeu a morte.
E que nem a morte conseguiu calar
Pois ainda assim, nossa voz ecoa em todo lugar (Lucy Sousa).
Não vão me calar
A minha voz, não vão silenciar
Eu grito alto e bom som
Tá pensando que pode me mandar pensando que é o senhor
Pois eu quebrei as correntes que me entrelaçavam
Eu sou cor, mente e ancestralidade
Eu sou preta sim
E ninguém vai mais me calar
(Caroline Nogueira).

(Durante o segundo poema, todo elenco e musicistas adentram o espaço cênico, formando um círculo em volta da Carla que continua tocar o berimbau. Após esta formação, no sentido anti-horário sequencialmente cada integrante emiti seu “IÊ”. Carla emiti o último grito e para de tocar. Blackout).

CENA 2 – Resistência

(Thais: Mulher Negra. Sarah: persona. Ingrid: persona 2. Mulher negra se apresenta por todo espaço feliz e resplandecendo liberdade e faz de suas próprias vestes uma abayomi. Duas personas surgem e caminham lentamente em direção a negra. Neste momento ela encontra-se fazendo uma dança performática com a abayomi em seus braços, cada cabeção vem de lados opostos e encurralam esta mulher. Uma das personas executa inúmeras agressões ao corpo desta mulher, em último ato esta persona coloca a máscara de flandres. Em todas estas opressões, a outra persona somente observa. É quando desloca o corpo da mulher para o que sinaliza um tronco. Então, os dois opressores se posicionam a frente da negra e um áudio contendo vários xingamentos ecoam. Áudio em off de agressões verbais, após a execução do áudio, os opressores começam a rir freneticamente em tom de sarcasmo).

PERSONA 1

Eu tava só brincando.

PERSONA 2

Eu tava só brincando.

(Os dois corpos se silenciam e caminham lentamente ao encontro da mulher, ao ficarem paralelamente desconstroem sua respectiva persona).

INGRID

Mulheres negras quando levadas para o não lugar, eram submetidas a inúmeras formas de apagamento. Uma delas era a árvore do esquecimento. Mulheres negras tinham que dar sete voltas ao redor de uma enorme árvore chamada Baobá, a peso de tortura, repito: a peso de tortura. Tudo isso para que esquecessem seu nome, sua origem, para esquecerem quem são.

SARAH

Um povo que não conhece sua história, vê seu inimigo como irmão. As estratégias de apagamento ainda existem, de maneiras diferentes, mas existem.

INGRID

Mas nós, mulheres negras, fomos resistência.

SARAH

Nós, mulheres negras somos resistência.

THAIS

E enquanto for necessário, seremos resistência. Porque a nossa luta não é só para sobreviver, é para o bem viver.

TODAS

Mulher Preta Artista Existe.

(Blackout e saem).

ANFITRIÃS

(Entram em cena para diálogos que precedem as cenas posteriores, de modo a interligarem discussões intersseccionais).

SILVANA

(...). Por conta disso e de outras situações, é que é tão importante debater sobre o feminismo. Precisamos ter voz e exigir nossos direitos!

LORENA

Claro!

PENÉLOPE

Vocês estão muito radicais. Não sou a favor nem do machismo, nem do feminismo. Prezo a igualdade! A verdade é que vocês não se dão ao respeito. Mulher tem que se policiar.

SILVANA

E o que é se dar o respeito? Servir, obedecer e se calar?

LORENA

Eu fico realmente muito triste com a tua postura em relação à nossa luta *(para Penélope)*. A verdade é que não entendes nada sobre o que é de fato o feminismo!

PENÉLOPE

Entendo o suficiente para discordar. Olha só para ela! *(Vira para Silvana)*. Não se dá respeito algum! Se veste como uma puta, por isso homem nenhum te valoriza.

SILVANA

Me visto como eu quiser! Meu corpo, minhas regras. Não estou aqui pra servir a homem algum, quando vais entender isso?

LORENA

Curioso você falar sobre receber valor, afinal, o seu namorado apronta todas e você fecha os olhos.

PENÉLOPE

Escuta aqui, mana, é sempre pra mim que ele volta! As outras são apenas um passatempo, uma diversão. Homem é assim, a gente só tem que aceitar.

SILVANA

Hahaha, aceitar! Tá bom! Eu espero de verdade que consigas um dia entender a gravidade do que falas.

LORENA

Não te julgo porque todas somos vítimas de uma sociedade machista e patriarcal que sempre oprimiu as mulheres; ainda mais nós, mulheres negras.

PENÉLOPE

Antes deve ter sido muito difícil ser negra mesmo. Agora isso passou, não existe. Pra falar a verdade, o que rola é muito vitimismo.

LORENA

Como é que é? Vitimismo? Nós mulheres durante muito tempo fomos silenciadas completamente. Nossas ações dependiam da vontade dos homens, vivíamos sujeitas a uma sociedade extremamente patriarcal. E isso não faz muito tempo! O feminismo não prega a figura da mulher acima da figura do homem, apenas representa nossa luta pela igualdade de direitos. Se hoje eu posso me vestir como quero, tenho direito ao meu nome social e um atendimento específico no SUS, devo muito também a essa luta!

SILVANA

Além do mais, as necessidades da mulher negra são muito peculiares. O feminismo negro nos ajuda a trazer visibilidade para essas demandas, reivindicar nossos direitos. Durante muito tempo, o movimento feminista teve uma face racista, privilegiando as pautas que representavam apenas as mulheres brancas. O fato de muitas pessoas acreditarem que isso é vitimismo, se deve à falta de representatividade negra. Enquanto mulheres brancas buscam apenas a igualdade de direitos, nós pretas, ainda carregamos sim o peso de anos dedicados à servidão e à posição de subordinadas; não apenas aos homens, mas também às mulheres brancas!

PENÉLOPE

Não me levem a mal, mas tudo bem, me compadeço com a dor de vocês que são negras.

SILVANA

Vocês? Nós três somos negras!

PENÉLOPE

O que?

LORENA

Você é tão negra quanto nós!

PENÉLOPE

Tá louca? Negra, eu?! Olha! Eu sou parda! (*Mostra o braço*).

SILVANA

Mana, já passou da hora da gente ter uma conversa séria.

LORENA

Presta atenção. O processo de auto reconhecimento é muito doído mesmo, e contigo não vai ser diferente. Mas precisas ter um outro ângulo de visão, ao contrário do que te foi imposto a vida inteira. Nós mulheres, somos silenciadas há séculos. Enquanto mulheres negras, além de reprimidas, somos humilhadas.

SILVANA

E além disso, nosso corpo é extremamente erotizado, somos vistas como objetos sexuais o tempo inteiro! Nossa liberdade é ofuscada. Esse é o momento de nos unirmos, de nos fazer ouvir, de lutar contra toda opressão que nos foi imposta desde que nascemos! Sabe por quê?

Porque eu sou preta fujona

Recuso diariamente o espelho que tenta me massacrar por dentro

Que tenta me iludir com mentiras brancas

Que tenta me descolorir com seus feixes de luz

Sou preta fujona

Preparada para enfrentar o sistema

Empino o black sem problema

Invado a cena

Sou preta fujona

Defendo um escurecimento necessário

Tiro qualquer racista do armário

Enfio o pé na porta e entro.

(*Poema de Cristiane Sobral*).

CENA 3 – Parir

(Karina adentra a cena ao som de floresta, fazendo uma expressão corporal ao cantar. Som Africano).

Martinho da Vila - Munami Zeca

Munani cotundê cotundegole

Munami zê caiê movungome

Ai munami zambiamiê

Ai munami zambiamiê

Munami ze caiê movungumone

Munami umbolo gui sambila querie

Munami ze caiê movungumone

Marimbondo de Aguilu Mata Guendele cumusseque

Guaiazengue uio Mucua tulo jicau

Po Po Po marimbondo de aguilu mata

Ai ai ai messunguê polonguê, ai ai ai messunguê polonguê

Gadifanda naqui soiaa Galanê uma tapetu mondongui beta

Mama Lala, Mama laê laê

Mama Lala, Mama laê laê

Aiue gonduê

KARINA

Qual é meu nome? Qual é o seu nome? Que raça, cor, etnia eu pertencço? Qual a minha identidade? A todas essas perguntas nos foram negadas as respostas. Somos corpos transeuntes, indigentes espalhados pelas imensas vielas, ruas e avenidas deste imenso país. Qual o meu nome? NEGRA.

(Karina inicia um parto, entram em cena Lucy, Lorena e Sidiane para ajudar no parto).

LORENA

Pela nossa cor somos humilhadas. Por cultuarmos nossas raízes estereotipadas.

SIDIANE

Pelo ventre, pelo nosso ventre que semeamos a vida

(Sidiane e Lorena, lavadeiras, se localizam de frente uma para outra e iniciam uma conversa enquanto estão lavando roupas. Enquanto Lucy Sousa dá suporte a Karina no parir).

LORENA

E aí vizinha. Bora aproveitar o Sol?

SIDIANE

Nem me fale mana, muito trabalho, mas a gente vai levando.

LORENA

Cadê o José?

SIDIANE

José está dormindo

LORENA

E cadê aquele desgraçado do pai dele?

SIDIANE

Mana, lá quero saber de pai de José, o mais importante pra criança que é amor, ele não quis dá. Eu não vou ficar me batendo atrás dele não.

LORENA

Tu tem que jogar esse homem na justiça.

SIDIANE

Mana foca aqui, eu dou duro pra não faltar o leite do José e graça a Deus não tem faltado, e quando eu tô assim, quase caindo, vem minha mãe por trás me dando maior força. E tu mana? Como está?

LORENA

Vou já acabar essa roupa. Ainda tenho uma faxina. Tenho um trabalho e ainda tem faculdade a noite.

SIDIANE

Tu faz faculdade é mana?

LORENA

Faço sim mana. Quem disse que travesti não estuda? Travesti faz faculdade.

SIDIANE

E ainda dizem que são um bando de vagabundas (*risos*).

LORENA

E a tua sobrinha mana?

SIDIANE

A mana, minha sobrinha, ela chegou antes de ontem, com o olho roxo em casa.

LORENA

E a Maria da Penha mana?

SIDIANE

Que nada mana, foi Maria da Janela. Acredita que ela disse que foi a janela que bateu no olho dela?

LORENA

Esse homem ainda vai matar ela.

SIDIANE

Eu sei mana, eu chamei ela, falei filha, vamos lá denunciar esse macho escroto, se tu não quiser ir eu vou lá.

LORENA

Tem que ter denúncia mana. Se não ela vai ser só mais uma.

SIDIANE

Mas ela disse que não ia por quê estava apaixonada, e que se eu fosse ela diria que era mentira.

LORENA

Ela está cega. Ela não vê que está sendo aprisionada por isso?!

SIDIANE

Eu falei pra ela, agir logo, porque eu tive a sorte que a justiça agiu logo, e tem casos que quando a pessoa cria coragem, vai faz a denúncia, mas não é feito nada, e acaba acontecendo o pior.

LORENA

Verdade mana! Quantas mulheres, principalmente pobres e pretas que não tem um Amparo e seguro.

SIDIANE

Lamentável. O que eu posso fazer diante de uma situação dessa? O que eu posso fazer? (*Olhando para o público*).

SIDIANE E LORENA

Fazer o quê, não é?!

(Karina após se recompor do parto tece uma reflexão sobre violência contra mulher, enquanto isso duas mulheres com um varal caminham por toda a cena, e enquanto as lavadeiras de acordo com a fala de Karina, estendem roupas com estatísticas de violência contra mulher negra).

KARINA

Ser negra aqui, É VIVER NA CORDA BAMBA do assédio e abuso infantil, violência sexual, tráfico e exploração. Nos últimos dez anos fomos assassinadas diariamente e a cada cinco mulheres, 3 três mulheres negras tomaram vítimas de feminicídio representando 54%. Somos a chamada síntese da dupla discriminação pelo nosso sexo e pela nossa cor. Em nosso município aqui ao Lado Ananindeua, um dos municípios que mais mata no Brasil, mulheres negras vítimas de feminicídio tivemos um aumento brutal e nos últimos dez anos 343 mulheres negras foram assassinadas vítimas de feminicídio, ora por armas de fogo, ora objetos cortantes ou por estrangulamento, infelizmente neste mesmo período 35 mulheres brancas também foram assassinadas. Agora eu faço um convite a vocês, fechem os olhos! Atentem ao tempo pois quando o ponteiro do relógio marcar 11 minutos mais uma criança, uma adolescente vai ser estuprada em nosso País. Agora imaginem essa criança negra. DENUNCIE 180. O SILÊNCIO MATA! Somos resistência viva de todas que tomaram. *(Blackout).*

ANFITRIÃS

(Continuam debatendo sobre o feminismo e a negritude).

SILVANA

Eu não te julgo e nem me surpreendo com a tua negação. Não é fácil ser negra na sociedade em que vivemos.

LORENA

Principalmente no teu caso, que a vida inteira foi ensinada a agir e se comportar como branca.

PENÉLOPE

A minha família é toda negra, vocês sabem. Mas eu sempre fui tratada como branca.

SILVANA

O colorismo existe e é fato. Na mídia é evidente. É só perceber as modelos que desfilam no Carnaval, por exemplo: por vezes são negras com um tom de pele mais claro, mas sempre evidenciando o quadril grande, as curvas. Além de tudo, é uma hipersexualização da mulher negra!

LORENA

Sem falar nos adjetivos que nos são dados, né?! "Mulata", "morena", detesto!

PENÉLOPE

O colorismo é cruel. Se você tem uma pele muito escura, é negra. Se tem uma pele mais clara e o cabelo liso, é "morena". Gente, desculpa é informação demais pra mim. Eu sempre me incomodei de fato com os meus traços, sabe? O cabelo crespo, que sempre foi chamado de ruim, cricri, bombril, e que eu queimava todos os dias na chapinha. O nariz grande e chato que eu tentava a todo custo afinar com maquiagem. O quadril largo e a bunda grande que sempre foram doce na boca dos homens, sempre salientadas como "elogio".

SILVANA

Calma, mana. Estamos juntas nessa. É doído, sempre foi.

PENÉLOPE

Não tem um dia em que a minha família não me pergunte quando vou voltar a alisar o meu cabelo.

LORENA

Todas nós algum dia precisamos passar por isso em maior ou menor escala. O tom da tua pele, por ser mais claro, faz com que tu consigas te camuflar entre os brancos. Mas isso não te faz menos negra.

SILVANA

Muito negra sim!

PENÉLOPE

É inacreditável que em 2019 um número tão pequeno de pessoas saiba o que é o colorismo. Não se trata de uma oposição entre os sem cor e os de cor, mas como esses critérios influenciam sim em uma hierarquia social. Até porque, a intensidade de preconceito que sofremos varia conforme o grau de proximidade aos traços africanos. Tenho plena convicção de que atualmente passo por situações que nunca passei quando usava o meu cabelo loiro e liso. Da mesma forma que sei que não passo por determinadas situações pelo tom da minha pele ser mais claro. Ah gente, eu não sei se consigo lidar com tudo isso.

SILVANA

Consegue sim! É preciso ser forte.

LORENA

É preciso ser muito forte. Hoje costumam dizer que ser negro está na moda. Na moda? Faça-me o favor! Todo mundo quer se apropriar dos nossos cachos, das nossas tranças, dos nossos turbantes, mas será que um deles consegue aguentar um pouco da opressão à qual estamos sujeitas a vida inteira? Nossos argumentos muitas vezes são tidos como bobagens. Como eles dizem agora? Ah! MiMiMi.

CENA 4 – performance MiMiMi

(Três mulheres negras estão em performance).

MULHER NEGRA (SARAH)

Embranquecimento, pinta-se de branco *(lado direito)*.

MULHER NEGRA (THAIS)

Afinar nariz e ditadura da chapinha *(lado esquerdo)*.

MULHER NEGRA (PENÉLOPE)

Embranquecimento, pintar-se de branco *(centro)*.

(Tertuliana adentra o espaço e proclama sua reflexão sobre MiMiMi).

TERTULIANA

Mimimi uma palavra tão pequena e tão insignificante que faz uma grande diferença na autoestima de nós mulheres negras. Quando somos ofendidas com gestos ou palavras de baixo calão nos tornamos um ser descartável, parece que somos apenas uma carne de cor escura que não tem valor, e nem sentimentos. Imagine essa mulher negra a ser excluída e obrigada a fazer algo que ela não quer fazer como era na escravidão. A escravidão de não poder usar uma roupa curta porque pode ser responsável pelo próprio assédio ou até pelo estupro. É mimimi? Não aceitem que ela exerça uma profissão que se diz da elite como um médico, um advogado ou uma juíza e ainda debochem porque conseguiu a vaga pelas cotas dos negros. É mimimi? Ser induzida por opiniões para mudar a textura de seu cabelo por alisamentos, nas tantas tentativas de modificar a anatomia de seu corpo para ser aceita. É mimimi? Ser mais velha e não conseguir se encaixar no mercado de trabalho por estar fora do padrão. É mimimi? Mimimi, uma palavra pequena que outros usam para nomeiar minha resistência de vitimismo, EU NÃO QUERO ESSA PROMOÇÃO, mimimi só mostrar opressores que nos anulam todos os dias, Mimimi é sim uma ação de luta seres humanos capazes de viver e sonhar em paz. O que vocês nomeiam como mimimi é consciência de que meu corpo é maravilhoso, competente, digno e que deve ser respeitado. Por: Tertuliana.

(Tertuliana demonstra sororidade para com as meninas e levanta uma a uma e compõem um abraço. Blackout).

CENA 5 – Avesso

(Karina corre desordenadamente).

KARINA

Eu quero ser feliz... eu quero ser feliz... *(Sai. Blackout)*.

(Iris deitada no centro do palco, se levanta com esforço).

IRIS

Deus não me odeia, eu converso com ele. Tô cansada de me sentir culpa. De me esconder dentro de mim. Eu não tenho vergonha de ser assim. A vergonha é de vocês. A culpa é de vocês. O desconforto é de vocês. O medo é...

(Karina retorna vai ao encontro de Íris, juntas elaboram uma partitura do encontro).

AUDIO EM OFF

Gosto da sensação que ela me traz. Cúmplice, companheira, sentimento... porque me tiram o direito de amar e ser amada? Porque colocam preço no que sempre foi de graça? Por entre olhares tortos da multidão nosso amor resiste. Isso me dá força um orgulho danado. De olhar nos teus olhos com um sorriso entre as mãos. Porque meu afeto te afeta?

(Blackout).

CENA 6 – “Racismo Reverso”

(Duas mulheres negras, Sarah e Lorena, adentram o espaço cênico conduzindo e animadas ao som da Dj Méury, trazendo sua caixinha de som e cadeiras de praia, enquanto arrumam as cadeiras, duas outras, Juliana e Dalila, adentram também o espaço cênico. Duas manas pretas andando na rua indo encontrar Sarah e Lorena Começam a se sentirem ameaçadas com ao avistar um branco na plateia).

DALILA

(Para Julliana). Olha aquele branco ali, toma cuidado! Segura a tua bolsa e reza, mana.

(Julliana reage assustada. Dalila e Juliana chegam ao encontro com Sarah e Lorena).

LORENA

Chegaram as quenga velha.

SARAH

Égua, demoraram, hein?!!

JULLIANA

Maior situação pra chegar aqui.

DALILA

E tu mana, por que pegando todo esse Sol?

SARAH

Pra não correr o risco de ficar branca, né amore.

JULLIANA

Pior, vai que te confundem com bandido.

SARAH

Deus me livre!!

LORENA

(Risos; falando pra Dalila). Mas e aí, mana, tu já conseguiu alguém pra trabalhar na tua loja?

DALILA

Hoje foi um atrás da vaga.

JULIANA

Como ele era mana? Preto, alto, bonito?

DALILA

Quem dera mana. Era branco, loiro, olho azul. *(As meninas reagem assustadas).* Quando ele chegou, pensei logo que ia rolar um assalto, olhei pro segurança pra ele ficar de olho. Tive que explicar que ele não se encaixava no perfil da vaga.

LORENA

Tu jogou o currículo dele no lixo depois, né?

DALILA

Com certeza

SARAH

Fez bem mana! Credo, com um branco desses ia espantar toda a freguesia da tua loja.

JULIANA

Quando a gente tava vindo, veio um branquelo desse naipe na nossa cola, daqueles quase sem cor. *(Todas reagem assustadas).*

SARAH

Horrível, agora eles tão em todo canto, querem ocupar todos os lugares, como se eles fossem a maioria nesse país.

DALILA

Daqui a pouco vão querer exigir cota pra entrar na faculdade também.

JULIANA

Eu nem falo mais nada desses brancos manas, só sei que tô me sentindo meio estranha, acho que tô mais magra.

DALILA

Não fala isso mana, tá doida?

SARAH

Deus te livre!

(Lorena implica com a Ju, ela reage).

JULIANA

Daqui a pouco vão ficar olhando torto pra mim, me chamando de magricela, ninguém vai querer sentar do meu lado.

SARAH

Verdade mana, da-lhe logo nessa farinha pra não correr o risco de ficar muito magra.

DALILA

É, e não te esquece que a gente vai fazer de novo o comercial daquele supermercado, junto com a Bruna.

SARAH

Mas essa Bruna não é branca?

LORENA

Esse trabalho vai ficar uma merda

DALILA

É só pra dar uma variada sabe, uma espécie de cota.

JULIANA

Sim, eu até tenho alguns brancos na família. Uma tataravó, eu acho, porque vocês sabem, né? Somos todos iguais.

SARAH

Com certeza mana, temos todos o mesmo sangue, alma não tem cor!

LORENA

Pois é, lá em casa a minha empregada, a Maria, é branca, ela é como parte da família, abre a geladeira, até respira perto de mim.

SARAH

A gente tem que tomar cuidado porque tudo agora é racismo né manas? Tudo virou motivo pra mimimi, a gente não pode mais nem fazer uma brincadeirinha, porque se não, daqui a pouco vão dizer que a gente faz.

TODAS

(Olhando para o público). Racismo reverso.

(Risos. Música aumenta enquanto as quatro saem recolhendo os elementos cenográficos).

ANFITRIÃS

(Ação: Debatem sobre a falta de referências de mulheres, da infância à vida adulta).

PENÉLOPE

Fora que, além de tudo isso, nunca tive muitas referências de mulheres negras ao longo da minha vida. Acho que ninguém imagina o quanto atualmente isso me machuca.

LORENA

Machuca, e muito. Também nunca tive essas referências. Hoje é um grande orgulho ver mulheres trans e travesti ocupando lugar de fala e poder. Na música, no cinema, na política.

PENÉLOPE

Fico pensando no quanto essa ausência de representatividade influenciou a vida da minha mãe, por exemplo. Desde muito cedo ela precisou batalhar muito, inclusive entrou na universidade em uma época em que pretos e pobres não tinham acesso a um curso superior.

SILVANA

Manas, eu nunca tive uma professora negra. Nunca!

PENÉLOPE

Eu nunca fui atendida por uma médica negra!

LORENA

Sim, mas esse cenário vem mudando aos poucos e já temos representatividade hoje. Mas a luta continua todos os dias, pela conscientização que todos temos poder de fala.

PENÉLOPE

Isso é maravilhoso, ver que dia após dia estamos conquistando o nosso lugar!

SILVANA

Sim, verdade! Mas muito se fez lá atrás também, além do que vem se fazendo hoje em dia. Mulheres negras conquistando seus lugares, seus espaços, tendo voz e hoje, só temos essas referências graças à muitas que deram a vida e que lutaram por nós. Fico muito feliz de ver uma amiga se formando no curso de seu sonho, até porque seu progresso é importante para todas nós, nos inspira e nos dá força da mesma forma que fico feliz em ver atrizes, escritoras, doutoras negras! São todas fontes de inspiração, de força, de luta!

CENA 7 – Mãe e Filha

(Espaço vazio, filha adolescente cabisbaixa entra no espaço, em dado momento desce um balanço, filha inicia a música “quanto vale minha vida?”, senta-se nele e balança-se até que sua mãe aparece).

JULLIANA MATEMBA

Quanto vale minha vida pra você? Quanto vale minha vida pra você? É tão fácil me causar uma ferida. É efêmera pra você a minha vida as dores transcendem o corpo é um sentimento de dor e sufoco elas gritam e pedem por socorro, e quanto vale? A menina se transformou em mulher por sua pele preta o mundo a machucou e por seu cabelo o mundo a aprisionou.

MÃE

Oh vida de mata cobra! Meu pé ta inchado, as mão só calo, não consigo nem me abaixar no chão.

FILHA

Mas ainda não são nem 11 da manhã mãe.

MÃE

E desde quando mãe tem horário pra ficar cansada?

FILHA

Principalmente quando é mãe e pai ao mesmo tempo.

MÃE

Esqueça isso. Vá na casa de Neuza pedir 10 reis emprestado pra pagar a tua passagem. Depois eu dou jeito de pagar.

FILHA

Não mãe, eu não vou pra faculdade essa semana mãe.

MÃE

Como assim tu não vai? Tu tá judiando de mim é? Depois de tudo que a gente passou vem me fazer corpo mole a essa altura do campeonato?

FILHA

Não é corpo mole. Eu não me sinto bem lá, as pessoas não me tratam bem, não tem ninguém iguala a mim. Eles falam como se eu não fosse inteligente o suficiente pra estar lá porque eu passei por cota. Eles pensam que aqui na nossa cidade não tem nada. Eles acham que não sou inteligente porque estudei a vida inteira em escolas públicas. Eles não querem fazer trabalho comigo e eu nunca posso aparecer nas gravações, sempre tenho que ficar por trás das câmeras. Eles dizem que eu nunca vou poder estar na bancada de um jornal porque meu perfil não se encaixa. Mãe, eu sei que é por causa da minha pele e do meu cabelo. Acho que eles têm razão mesmo, aquele não é meu lugar. Me sinto inferior.

MÃE

Nunca mais diga isso! Nunca mais diga que você não deve estar em algum lugar que é seu. Todas as vezes que uma preta chega em algum lugar, significa que essa pessoa ralou muito, ou que outras pessoas ralaram pra que ela chegasse lá, tu merces estar la por todas que não conseguiram, eu mesma só aprendi a escrever meu nome, só trabalhava pra comer e nem escola tinha nessa comunidade, e ainda vieram me dizer que eu não subi na vida por falta de querer. Mas agora chegou a tua vez, e no dia da tua formatura, quando tu segurar o teu diploma a minha mão vai tá embaixo segurando junto e de todas as outras também. Entende o que eu tô falando?

FILHA

Eu entendi mãe. A senhora ainda vai ver uma jornalista de turbante na Tv.

(Após este momento elas fazem a quebra da quarta parede e se apresentam contando um pouco de sua luta em ser mulher negra estudante, saem. As luzes se apagam gradativamente, e uma guerreira capoeirista se direciona para um foco apino, executando partituras de gratidão e reverência na frente de uma projeção que apresenta muitas mulheres negras que são nossas referências, exemplo de força e resistência).

ANFITRIÃS

SILVANA

Eu não aguento mais! Não consigo mais viver uma mentira! Por que temos sempre que ter nossa identidade disfarçada? Eu me sinto suja com isso e mesmo que eu me abrisse e arrancasse tudo o que tem dentro de mim, continuaria suja, eu só quero sumir.

(Aparece uma ponte para a morte, e direciona-se para este lugar).

PENÉLOPE

O que está dizendo? Você precisa resistir. Demorei pra reconhecer isso, lembra? Mas agora que me dei conta do que sou capaz, não desistirei da luta nunca. Você não pode desistir.

SILVANA

Desistir? Acha mesmo que eu quis que tudo acontecesse dessa forma? Acha que tenho culpa de tudo o que aconteceu comigo? Eu não aguento mais.

PENÉLOPE

Por favor, precisamos nos manter unidas, precisamos resistir, juntas!

SILVANA

Não adianta! Não vale a pena, sabe porquê? As pessoas não se preocupam com o que dizem. Esquecem que antes de sermos guerreiras, somos humanas, e nos tratam como objetos. Tenho vontade de sumir. Eu estou cansada, só quero paz! Tenho que viver fugindo, pois tentam a todo custo me convencer de que sou inferior a outras mulheres por conta da minha cor, por conta da textura do meu cabelo, das roupas que quero usar! "Você é gostosa pra caralho sabia?! Mas não posso namorar você, entende". Já ouvi isso, acredita? "Olha você é linda, mas por que você não faz alguma coisa nesse cabelo?" Para me manter firme eu preciso fechar os olhos para essas situações com amigas, primas, irmãs; e quando tenho que engolir um assédio por medo de morrer?

PENÉLOPE

Eu sei! Dói em mim também. Mas nós somos guerreiras! Pense, já conquistamos tantas coisas e juntas! Unidas conseguimos tudo! Vamos lutar contra isso!

SILVANA

Eu ando com medo, medo de sair só na rua e ser atacada por uma cara escroto que acha que pode dar em cima de mim e eu tenho que aceitar; se não aceito corro o risco de ser violentada, espancada, morta. E todos os meus argumentos não são levados a sério! Por mais que eu grite eu não sou ouvida, e sou tida como alguém que não enxerga a realidade, estão tentando me enlouquecer! Sou desmerecida e apunhalada várias vezes por quem deveria segurar minha mão e lutar ao meu lado. Tenho amigos homens que se dizem "mente aberta", aceitam, valorizam mas não assumem uma mulher negra como companheira, e não são só homens, viu? Sem falar em vagas de emprego que me excluem porque não tenho o perfil para a vaga. Lugares que não frequento mesmo tendo dinheiro para gastar lá, pois não me sinto bem com todos me olhando, eu reconheço os olhares de reprovação, eu percebo os cochichos disfarçados ou não. É por tudo isso que não vale a pena. Eu só quero descansar.

(Irredutível, começa a se silenciar e destina-se para a morte).

PENÉLOPE

Mana, não faz isso! Volta aqui, por favor! Volta aqui! (*Para o público*). Viu o que você fez? Viu o que você fez? Viu o que você fez? Será que você consegue compreender o que o seu padrão de beleza faz com a autoestima de uma mulher negra? Consegue sentir o peso da solidão? Você entende o quão duro é desconstruir o preconceito alheio? Gritamos o tempo inteiro, mas parece que ninguém ouve! Passamos a vida inteira sendo humilhadas, silenciadas, sexualizadas. Ela não é a primeira. E infelizmente não vai ser a última. (*Sai*).

MÚSICA DE IRIS DA SELVA - SEREIA

Vi uma Sereia no rio
Que ninguém nunca enxergou
Seu, seu cabelo era preto
Negra pele sua cor
A sereia queria cantar
Mas calaram sua voz
Ela fugiu triste a chorar
Mas um dia ela vai voltar

(*Ao som desta música, Silvana dá seu adeus, sem palavra alguma*).

CORO

A sereia queria cantar
Mas calaram sua voz
Ela fugiu triste a chorar
Mas um dia ela vai voltar

CENA 8 – Mulher Guerreira

(*Thais surge do meu lugar que Silvana partiu, e pronuncia o poema Vozes mulheres de Conceição Evaristo executando uma partitura corporal, enquanto se direciona para o centro do palco, a cada passo um toque no tambor que se intensifica*).

VOZES - MULHERES

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência

aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(Após o poema, o restante do elenco adentra a cena recitando sem sequência seus respectivos versos, em encruzilhada de direções contínuas, quando todas terminam, param subitamente ao toque de marcação do tambor. Deusa, Tertuliana, adentra o espaço cênico até o centro e declama o poema EU-mulher de Conceição Evaristo, todas se aproximam aos pés dela para a formação de uma imagem força, árvore. Ao final do poema todas iniciam a Música Mulher Guerreira de Julliana Matemba, sem a percussão, se reconhecem neste lugar, trocam olhares de cumplicidade, quando já no plano alto, cantam mais uma vez a música acompanhadas pelos instrumentos e dançam a liberdade, resistência e reexistência de ser Mulher Negra Amazônida).

CENA 9 – Narrativas Individuais

SILVANA

Esse grito é sobre espaço e respeito vidas negras importam!!!! eu sou tão importante quanto qualquer outra pessoa a cor da pele não define caráter, precisamos desassociar o que é negativo da cor negra. É por mim por meus, ancestrais e por meus descendentes que eu vou sempre lutar.

JULLIANA

Ainda estamos presos nas senzalas sociais. Quartinho de empregada, cadeias e hospitais. A tua dívida é eterna E não pensa que vai pagar porque coloca um preto na novela.

KARINA

Eu não nasci pra te servir, eu não nasci pra te seguir. Minha cor não é pecado e eu não sou teu objeto desejado.

DAISY

As minhas dores gritam tão alto. Eu grito, parece que ninguém escuta. Então meu corpo grita mais ainda. Mulher, preta, pele e força, poder. Já não me calo, meu eu, minha existência, fala por si.

PENÉLOPE

Demorei muito para compreender a força de ser quem sou, e de onde vim. E então compreendi, já não retrocedo. Não quero mais alisar o meu cabelo. Negra sou!

SIDIANE

Quando nos tornamos mãe não deixamos de ser mulher, mulher que estuda, trabalha; que sonha, que vive, que transforma, mulher que resisti.

LORENA

Enquanto o sangue dos meus corre pelas marginais. Vocês fazem tão pouco e falam demais. Quero meu corpo livre. Queremos amar e ser amadas. Queremos respeito. Deixem nossos corpos livres...
(Paráfrase da bomba pra caralho de Linn da quebrada).

SARAH

Acho que nasci pra me perder enquanto busco em achar um pedacinho de mim enquanto caminho onde minhas marcas sejam histórias coletivas com quem veste a mesma pele que eu. É sobre lembrar que eu existo e saber que minha luta decola porque minha voz vai ser ouvida. Agora não mais da dor de estar no tronco, mas pela liberdade das estratégias que Dandara me ensinou.

RUTH NASCIMENTO

Corre em minhas veias o sangue de pretas guerreiras e este mesmo sangue corre como herança nas veias de meus filhos com muito orgulho.

DALILA

Ai nega se tu soubesses, que tudo o que eu faço é pra ti e é por ti.

INGRID

E eu não sou uma mulher?! Eu não sou uma mulher?! Sou! E resisto pelo bem viver.

DANIELA

Transitando aos 40. Ainda sigo lutando e reafirmando: Mulher, dreadlook, afroindígena, dos pés à cabeça, lésbica.

CARLA

Sou mulher, sou capoeira. E enquanto tiver vida, eu resistirei.

MARINA

As pessoas esquecem que antes de sermos guerreiras, somos humanas”.

ASSUCENA

Então levanta nega. Quem foi que disse que esse mundo não é teu? Tu não merecias essa vida, essa vida é que te mereceu.

POEMA FINAL PARA TERTULIANA – EU-MULHER

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

CONCEIÇÃO EVARISTO, NO LIVRO "POEMAS DA RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS".

MÚSICA DE JULIANA MATEMBA – MATRICÁRIA

Mulher guerreira, és filha de Dandara
És flor de matricária,
Tua cor tem poder
Carrega o mundo
Na base a tua força
Que nem menina moça
Não para de sonhar
É preta tua pele reluz vitória e dor
Mas preta, não para de luta do sangue o odor
De quem gritou pra mudar
O mundo que a injustiçou
Trazendo de volta a ferida que nunca sarou
Pátria puta mãe amada
Então me diz quem é você
Só servimos pra parir
Ou servimos pra foder
A preta com seu tambor vai batucar
Cantando o que há muitos anos a silenciou
Buscou no seu orixá
Quebrou todo tabu em nome do amor.

Fim

WALTER
BANDEIRA:
SEM
PECADO
E SEM
PERDÃO



IRACY
VAZ

WALTER BANDEIRA: SEM PECADO E SEM PERDÃO

Iracy Vaz

PERSONAGENS

Walter Bandeira - da infância

Walter Bandeira - da juventude

Walter Bandeira - da maturidade

Dona Risoleta - mãe de Walter Bandeira

Professora - educadora do Colégio do Carmo

Ludoaldo Braga - apresentador do programa de calouros

Iracema Maria - jurada do programa de calouros

Waldomir Ernandes - jurado do programa de calouros

Aretusa Pinto - jurada do programa de calouros

Guilherme Coutinho - tecladista e amigo de Walter

Luiz Otávio - diretor teatral e companheiro de Walter

Ruy Barata - poeta, compositor e amigo de Walter

Lourdes - trabalhadora da boate Monalisa

Margareth - atriz e amiga de Walter

Yé Yé Porto - atriz e amiga de Walter

Zélia - atriz e amiga de Walter

MÚSICAS DO ESPETÁCULO

Chegada (José Maria Vilar); **Canto em coro** (Cena I); **Oh mio signore** (Edoardo Vianello);

Canto solo (Walter Bandeira da infância - Cena III); **Menina Moça** (Miltinho);

Canto solo de Walter Bandeira da juventude (Cena V); **Esse Cara** (Caetano Veloso);

Canto em dupla (Walter Bandeira da juventude e Lourdes - Cena VII);

Curtição (Guilherme Coutinho e Walter Bandeira);

Canto solo (Walter Bandeira da juventude com backing vocal do elenco - Cena VIII);

Viajante (Maria Thereza Menezes Tinoco);

Canto solo (personagem Walter Bandeira da maturidade - Cena XI);

Eu estou do lado da Ciciolina (Edyr Augusto Proença); **Canto em coro** (Cena XII)

Esse rio é minha rua (Ruy Barata e Paulo André Barata);

Canto solo (Walter Bandeira da maturidade com backing vocal do elenco - Cena XIII);

Bandeira (Pedrinho Cavaleiro); **Canto em trio** (pelos três Walters - Cena XIV);

Geni e o Zepelim (Chico Buarque de Holanda); **Canto em trio** (pelos três Walters - Cena XIV)

NOTA SOBRE O TEXTO

O texto Walter Bandeira: sem pecado e sem perdão foi encenado pela primeira vez no ano de 2019, na cidade de Belém do Pará, no Teatro Experimental Claudio Barradas, pelo grupo TEIA – Teatro Ex-

perimental de Insurgências Amazônicas. A proposta dessa dramaturgia foi narrar, de modo não realista, passagens da vida e da obra do cantor, ator, encenador, artista plástico e professor Walter Bandeira (1941–2009). Tínhamos consciência de que ao contar momentos da história de Walter estaríamos também contando passagens significativas da vida cultural de Belém dos idos de 1960 a 1990.

Como acreditamos na liberdade criativa da encenação, esse texto dramaturgicamente deixa o/a encenador/a livre para conceber o seu próprio modo de levar essa história aos palcos. Por esse motivo, o/a leitor/a perceberá que há poucas indicações de cenário, figurino e marcação cênica. Apenas algumas indicações essenciais para o desenvolvimento da narrativa foram mencionadas. Assim, todos os demais aspectos que compõem a obra teatral ficarão ao critério das escolhas estéticas dos/as artistas que encenarão a dramaturgia.



CENA I – A Chegada do público

(A ideia é que a plateia sintam-se adentrando em um bar. Ao fundo, ouve-se o instrumental da música “Chegada”. Todo o elenco se transforma em garçons e garçonetes para recepcionar o público, orientando-o sobre o melhor local para se sentar e servindo-lhe bebidas. A atmosfera é festiva, como a de um bar. Quando o público está acomodado, o elenco inicia o canto em coro e a coreografia da música “Chegada”).

CENA II – A revelação de Walter

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

*(Caminhando pelo palco). Acabei de descobrir que estou com câncer no pulmão. Sabe o que eu vou fazer? Acender um cigarro! Hilton, claro, que é mais longo e tem mais nicotina. Porque eu não envelheci, eu só me agravei. Eu sei que não tenho muito tempo de vida e, neste pouco tempo que me resta, gostaria de presentear pessoas queridas com o melhor que há em mim: minha voz e meu afeto *(abaixa-se e abre um baú repleto de fitas cassete e VHS)* Cassetes, VHSs, DVDs e meu último CD. Gravações de shows, registros em estúdio, minha voz aprisionada em rolos e rolos de fitas. Nunca gostei desse negócio de registro. Registro, gravação, é como uma foto: é apenas um momento da vida da pessoa. Não quer dizer que seja a pessoa. Mesmo que a gente fizesse um filme com todas as horas da sua vida *(dirigindo-se a uma pessoa da plateia)* por exemplo, ainda assim, seria apenas uma fração mínima de uma existência inteira. Então eu prefiro que as pessoas guardem na memória a minha interpretação ao vivo. Assim, cada vez eu que cantar com vocês e para vocês, a canção terá um sabor diferente *(sentando-se no colo de um homem da plateia)*. Quer me ouvir no conforto do seu lar, baby? Então me leva para casa! *(Pausa)*. Mas eu sei... Em breve, não estarei mais aqui. E no fim das contas, o que vai permanecer? O que vai restar da minha voz?*

Apenas registros, esses mesmos que eu não suportava fazer. Em breve eu serei apenas memória. Mas nem esses registros, nem essas lembranças sou eu. São apenas possibilidades de expressão da minha existência. Apenas fagulhas de uma labareda que tanto ardeu e, um dia, cansou do próprio fogo. Não sou e nunca serei retrato encarcerado em uma moldura, forma única de expressão. Eu sou multiplicidade, puro devir, ação contínua que se desvela de muitas formas. Eu sou uma coisa, o resto é consequência (*saindo do próprio devaneio*). Mas eu preciso remexer nestas fitas, nestes VHSs e no baú da minha memória (*retira do baú uma fita VHS e começa a rir*). O barco das ilusões, nem lembrava mais que tinha este filme... Isso me faz lembrar da primeira vez que cantei em público... (*entra Walter Bandeira da infância e passa correndo em frente a Walter Bandeira da maturidade*). O que tu queres menino?

WALTER BANDEIRA DA INFÂNCIA

Hoje eu vou me apresentar pela primeira vez em público.

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

(*Irônico*). Lá vai o Walterzinho fazer cagada...

CENA III – Apresentação no Colégio do Carmo

(*No teatro do Colégio do Carmo, pais e professores aguardam o início da apresentação musical dos alunos*).

PROFESSORA

(*Entrando em cena, vem testando a voz em um microfone*). Alô?! Som, som, testando, 1... (*pausa, dirigindo-se à plateia*). Boa noite senhores pais, boa noite queridos alunos! É com muita satisfação que os recebemos no teatro do Colégio do Carmo. Para iniciarmos as apresentações de uma noite tão especial, traremos um talento que despontou entre os alunos desta instituição: o aluno Walter Bandeira Gonçalves. Uma salva de palmas para este pequeno grande talento.

(*Entra Walter Bandeira da infância*).

WALTER BANDEIRA DA INFÂNCIA

(*Em tom formal*). Boa noite, senhores pais e alunos! Eu ensaiei, juntamente com o padre Afonso, uma bela canção em italiano para cantar essa noite.

PROFESSORA

Está pronto para cantar?

WALTER BANDEIRA DA INFÂNCIA

Sim, professora, eu estou.

PROFESSORA

Então vamos à apresentação do nosso talentoso aluno Walter Bandeira Gonçalves.

(Walter Bandeira da infância se posiciona para cantar. Entra Dona Risoleta para ver a apresentação do filho).

WALTER BANDEIRA DA INFÂNCIA

"Oh mio signore / In questo mondo / Io non ho avuto tanto..." *(começa a lembrar do filme O barco das ilusões e esquece a letra da música).* Oh mio signore... / Oh signore mio... / Signore... / Oh..."

PROFESSORA

(Percebendo que o aluno esqueceu a letra, interrompe a apresentação). Uma salva de palmas para o nosso querido aluno Walter!

(Saem de cena Walter Bandeira da infância e a professora).

DONA RISOLETA

O meu primeiro filho foi rei na outra vida. Eu estive com o rei na barriga. Sabia desde o primeiro momento da gravidez. Sentia seu coração pulsar como um tambor feroz, sua vontade de existir reverberando no meu corpo. Meu corpo, sua primeira morada, meu Walter, o primeiro locatário do meu ventre. Walter na vida passada havia sido um rei muito poderoso e arrogante, raramente bondoso. No ciclo da vida, ele trouxe esse carma a ser purgado. Nesta reencarnação, precisava ser um homem mais humilde e afetuoso, com a missão de levar alergia e luz por onde passasse. O meu Walter é estrela que despontou mais ao oriente da Amazônia, nesse céu ora iluminado, ora cinza-chumbo. O primeiro som de sua voz ecoou nessa cidade. O último, também *(sai Dona Risoleta).*

CENA IV – Os dois Walteres

(A cena acontece em qualquer espaço: na rua, na sala de uma casa, em um quarto ou em nenhum espaço reconhecível. A única indicação é a de que Dona Risoleta não veja o Walter Bandeira da maturidade, apenas o da juventude).

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

"Quando acontece a separação mãe e filho, antes do corte do cordão umbilical, mesmo fora do útero, a funcionalidade da respiração ainda é materna. Uma vez cortada essa ligação ele, de imediato, é forçado a respirar. O ar invade o inexperiente aparelho respiratório e isso, longe de ser uma celestial descoberta é, na verdade, a devastadora e literalmente entrega do recém-nascido ao mundo exterior". Fui eu mesmo quem escreveu este texto. Também sei ser filósofo. A voz sempre me chamou atenção... A voz dos outros... A minha própria voz. Usar a voz para pedir, para agradar, para encantar. Eu sou o primeiro filho de uma geração nova. Por algum tempo, fui a única criança da família. Protegido, amado e mimado por minha mãe e minhas tias.

(Entra Walter Bandeira da juventude).

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Minha mãe e minhas tias dizem que eu canto muito bem, então eu decidi participar de um programa de calouros.

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Tu vais o que, viado?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Eu, o jovem Walter Bandeira, vou participar do Programa de Calouros da Rádio Marajoara. Eu sei que tenho talento o suficiente para fazer isso. Tenho total consciência de que, com a minha voz, eu posso ser cantor, locutor e até mesmo ator.

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

(Para a plateia). Estão vendo? Eu sempre fui convencido. Vai, vai ser gongado pelos jurados e vaiado pela plateia.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Vaiado nada, eu vou ser um grande sucesso!

(Entra Dona Risoleta).

DONA RISOLETA

(Dirigindo-se ao Walter Bandeira da juventude). Filho, ensaiou bem a música?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Claro, mãe! Desta vez eu não vou esquecer a letra. Eu prometo!

DONA RISOLETA

Está bem, meu filho. Eu confio no seu talento.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Mãe, estou pensando em adotar um nome artístico *(Dona Risoleta faz uma expressão de susto)*. Pensei em um nome que trouxesse imponência e seriedade.

DONA RISOLETA

(Reticente). Qual nome?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

(Com voz grave e bem impostada). Hélio Gonçalves!

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

(Rindo até gargalhar). Hélio Gonçalves... Esse Walter da juventude inventava cada uma...

DONA RISOLETA

Eu prefiro Walter Bandeira, acho mais parecido contigo.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Mas mãe, a senhora é suspeita pra falar, afinal de contas, foi a senhora quem escolheu meu nome.

DONA RISOLETA

(Afetuosa). Seja Hélio Gonçalves, seja Walter Bandeira, tua voz vai sempre brilhar. Boa sorte, meu filho *(beija-o)*.

CENA V – O programa de calouros

(Auditório da Rádio Marajoara, onde acontecerá o programa de calouros. Entram o apresentador e os jurados de modo alegre e festivo).

LUDOALDO BRAGA

Boa tarde plateia! Boa tarde jurados! Boa tarde calouros! Boa tarde Dona Maria! Boa tarde meu querido amigo chofer de praça! Boa tarde seu Joaquim da padaria! Boa tarde a todos os meus queridos ouvintes! É com muita alegria que iniciamos o Programa de Calouros da Rádio Marajoara *(ouve-se o jingle de abertura do programa)*. E vamos ver quem serão nossos calouros de hoje *(entra Walter Bandeira da juventude, dirigindo-se ao Walter da maturidade)*. Como é seu nome meu jovem?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

(Hesita no primeiro momento). Wal... Hélio Gonçalves!

LUDOALDO BRAGA

Hélio Gonçalves? *(Leva o microfone até a boca de Walter, mas antes que ele responda, toma de volta o microfone)*. Por acaso o jovem é um primo distante de Nelson Gonçalves? *(Idem)*. Então cante uma música dele para a plateia.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

(Puxando o microfone das mãos do apresentador). Não vou cantar uma música do Gonçalves porque nem sou primo do Nelson, nem é dele a música que ensaiei.

LUDOALDO BRAGA

Muito bem, meu jovem, então que música trouxe para a gente?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Uma música de Milton, chamada "Menina Moça".

LUDOALDO BRAGA

Vai oferecer a música para a sua namorada?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

(Debochado). Não, Ludoaldo Braga, eu não tenho namorada.

LUDOALDO BRAGA

Com vocês... Hélio Gonçalves, cantando a música "Menina Moça". Calouro, vá até onde a banda está para fazer a sua apresentação. Mas não se esqueça, cante bonito e afinado para não ser... Gongado! *(Os jurados falam o jargão junto com o apresentador)*. O palco é todo seu!

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

(Dirigindo-se ao músico que o acompanha). Para! Para!

LUDOALDO BRAGA

Mas o que foi, meu jovem?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Tem alguma coisa errada no tom! Não sei se o erro foi meu ou do músico que me acompanha, mas eu quero começar de novo. Quero mais uma chance!

LUDOALDO BRAGA

(Dirigindo-se aos jurados). Os jurados permitem que o jovem recomece a música? *(Os jurados respondem de modo positivo)*. Então tudo bem, permissão dada para que o calouro recomece a música. *(Walter Bandeira da juventude canta a música "Menina Moça")*.

LUDOALDO BRAGA

Uma salva de palmas para Hélio Gonçalves! Agora vamos perguntar aos jurados o que acharam de sua apresentação e qual a sua nota. Vamos começar com ela que é minha amiga de longas datas... *(Enfático na apresentação)*. ela que é radialista, cantora e atriz: Iraceeeema Maria!

IRACEMA MARIA

(Fala em tom amável). Eu considero que a interpretação foi muito boa. O calouro emocionou os jurados com o seu tom dramático aguçado. Considero que esse rapaz tem futuro. Dou nota máxima: cinco!

LUDOALDO BRAGA

Muito obrigado, Iracema Maria! (*Olhando para o Walter da juventude*). Começou bem, hein calouro? Levou logo nota máxima da primeira jurada. Mas agora vamos ver, porque o próximo jurado é conhecido como o terror dos calouros. Ele é crítico, ele é ácido, ele é o... Waldomir Eeeeeeeernandes!

WALDOMIR ERNANDES

(*Fala em tom arrogante*). Eu discordo completamente da minha colega Iracema. Achei a interpretação do calouro muito fraca. Os músicos iam para o Norte e o calouro para o Sul... Desafinou várias vezes, saiu do tom... Portanto, minha nota é dois.

LUDOALDO BRAGA

Muito obrigado, Waldomir Ernandes! Não falei que ele era muito exigente? Bom, agora vamos à última jurada. Ela que é professora de coro or-fe-ô-ni-co, não é isso, minha amiga? (*Aretusa balança a cabeça de modo afirmativo*). Então, vamos saber qual a opinião de Aretusa Pinto!

ARETUSA PINTO

(*Fala em tom didático*). Devo dizer que concordo em parte com os meus colegas. Reconheço que o calouro tem uma bela voz, porém ainda precisa ser trabalhada. Mesmo saindo do tom algumas vezes, o calouro conseguiu emocionar a plateia com sua intensidade dramática. Por isso minha nota vai ser três!

LUDOALDO BRAGA

Hélio Gonçalves, então sua nota final é... (*faz suspense sobre a nota*) três! Parabéns, continue tentando. Da próxima vez ensaie mais e quem sabe assim conseguirá a nota máxima de todos os jurados. (Apresentador e jurados se despedem ao som do jingle do programa. Saem de cena).

CENA VI – A banda do Guilherme Coutinho

(*A cena acontece em qualquer espaço: em uma praça, em um bar, na sala de uma casa ou em nenhum espaço reconhecível. A única indicação é a de que Guilherme Coutinho não veja o Walter Bandeira da maturidade, apenas o Walter Bandeira da juventude*).

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

(*Revirando fitas VHS no baú. Pega uma fita*). Aula de grego (*pega outra fita*), aula de latim (*pega outra fita*), aula de português. Eu estudei Letras Clássicas na Universidade Federal do Pará nos anos 1960. Me formei em grego, latim e português (*pausa*). Não sei nenhum dos três idiomas. Não é falsa modéstia, não. É que eu não sei mesmo. Depois fui estudar francês. Este eu aprendi um pouco (*Walter Bandeira da juventude entra e passa em frente a Walter Bandeira da maturidade*). Tu vais para onde? (*Dirigindo-se ao Walter Bandeira da maturidade*).

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Eu vou encontrar um amigo pianista, agora faço parte de uma banda. O meu amigo descolou um lugar bem transado pra gente tocar na noite. Vou encontrar com ele para saber os detalhes.

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Vais encontrar o Guilherme Coutinho?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Isso, como tu sabes?

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Eu sou você no futuro, meu querido...

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

No futuro eu vou ter esta barriga?

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Essa barriga e um pau maior.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Não me atrapalha! Já não basta a minha própria distração, ainda vem um tal de "eu no futuro" para me dispersar. Eu tenho que ir correndo, porque o Guilherme não gosta de esperar.

(Entra Guilherme Coutinho e Walter Bandeira Jovem vai ao seu encontro).

GUILHERME COUTINHO

Walter, como tu estás, bicho?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Estou bem! Cadê o Fernando e o Tangerina?

GUILHERME COUTINHO

Eles vão chegar depois. Mas deixa eu ir logo te falando *(pausa)*. Arrumei um lugar muito brasa para a gente se apresentar.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Eu estou ansioso para conhecer. Onde fica? É algum restaurante? Algum bar? Algum teatro?

GUILHERME COUTINHO

Nenhum dos três! Vamos nos apresentar em uma promissora boate. O estabelecimento ainda está no começo, mas com certeza vai ser um sucesso. Muito bem frequentado, tem tudo para ser um estouro! Gente da melhor qualidade passa por lá.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

E como é o nome dessa boate?

GUILHERME COUTINHO

Mo-na-li-sa. Monalisa!

(Walter Bandeira da maturidade começa a rir, porém Guilherme Coutinho não ouve).

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

(Em tom irônico). Como a do Leonardo da Vinci? Então esse lugar deve ser coisa fina como o Louvre...

GUILHERME COUTINHO

(Meio desconsertado). É... Mais ou menos assim... Com um pouco de imaginação você vai sentir que... *(tentando pensar em algo para falar)* que está cantando em Paris *(passando um bilhete para Walter)* Aqui está o endereço. Hoje, por volta das 17h tens de pintar por lá porque precisamos ensaiar, falou?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Falou e disse!

(Sai Guilherme Coutinho. Walter Bandeira da juventude permanece em cena, distraído).

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

(Tentando chamar a atenção de Walter Bandeira da juventude). Ei, psiu... *(Walter Bandeira da juventude olha para ele).* Já sabes onde vais cantar?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Na promissora boate Monalisa. Vamos abafar!

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

(Rindo em tom sarcástico). Promissora, é? Vai lá ver...

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Eu vou mesmo *(dá uns passos à frente, com a intenção de ir embora).*

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

(Imperativo). Espera! Para! (Walter Bandeira da juventude para, volta, e se aproxima novamente de Walter Bandeira da maturidade). Eu quero te falar uma coisa, mas guarda isso por toda a tua vida porque eu não vou gastar o meu latim, que eu nem sei direito, à toa (para, respira e olha nos olhos de Walter Bandeira da juventude). Toda a vez que te apresentares para uma plateia, não importa o lugar, não importa o público, tens sempre de cantar com a mesma entrega. Tua voz é a tua vocação, e a palavra vocação vem do latim e quer dizer "chamado".

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

(Interrompendo o Walter da maturidade). Mas não era tu que não sabia Latim?

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Bicha, para! Não escreve tudo o que eu digo! Deixa eu retomar meu raciocínio (respira fundo). Então... Tua voz é teu chamado, jovem Bandeira. Tu podes estar cantando em um palácio ou em um quintal de chão batido, tu podes estar cantando para a prostituta analfabeta ou para a rainha da Inglaterra, mas tua voz tem de chegar para todas as pessoas. É um direito humano o desfrute da arte. O arrebatamento estético deve atravessar todas as pessoas, sem restrição de classe, raça ou gênero. Se cantar é o teu chamado, então o cumpre com dignidade.

(Walter Bandeira da maturidade e Walter Bandeira da juventude se olham por um tempo, e apertam as mãos, firmando um trato).

CENA VII – Boate Monalisa

(Walter Bandeira da juventude e Guilherme Coutinho caminham pela rua rumo à boate Monalisa. Chegam até o estabelecimento. A boate é um pequeno prostíbulo).

GUILHERME COUTINHO

(Chamando). Walter! Walter!

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Já vou! *(Walter e Guilherme caminham pelo palco, rumo à boate Monalisa). Guilherme, já está definido o repertório, né?*

GUILHERME COUTINHO

(Ainda caminhando). Já sim, Walter. Tudo certo!

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

(Ainda estão caminhando). A gente tem de acertar bem o tom daquela música... Ou acerta logo ou a gente tira do repertório (para de caminhar). Porra, Guilherme, onde é esse lugar que a gente vai tocar? Já andamos bastante e nada de chegar.

GUILHERME COUTINHO

(Caminham mais um pouco). Calma, Walter, estamos chegando *(para e mostra para o Walter)*. É aqui a boate Monalisa.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Aqui? *(Entrando no estabelecimento)*. Mas aqui só tem três compartimentos: a cozinha, o banheiro e a sala. Em qual desses cômodos a gente vai cantar?

GUILHERME COUTINHO

Não reclama, bicho! A gente está no começo da carreira. Ninguém já começa cantando no Olympia de Paris.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Mas precisava ser no Monalisa da 25?

(Os dois riem. Entra Lourdes).

LOURDES

Olá, rapazes! Vocês que vão fazer o show de hoje à noite?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Sim, somos nós.

LOURDES

Eu posso fazer um pedido? Queria que vocês cantassem uma música que eu gosto muito.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Depende... Qual música?

(Lourdes cantarola a música "Esse Cara").

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Que voz bonita! Cantar Caetano é sempre um prazer!

GUILHERME COUTINHO

Walter, vamos começar a tocar! Já estamos atrasados.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

(Dirigindo-se à plateia). Boa noite! Vocês estão aí conversando, bebendo e nem estão prestando atenção em mim, mas eu vou cantar mesmo assim, porque afinal de contas estou sendo pago pra isso! Vou cantar agora uma música a pedido da nossa colega Lourdes, trabalhadora aqui da boa-

te Monalisa. *(Canta a música “Esse cara”. Na segunda repetição da música, Walter para e dirige-se à Lourdes).* Querida Lourdes, olha aqui pra mim! *(Lourdes olha para Walter).* Eu sei que tu tens uma bela voz, vem aqui me ajudar a cantar essa música porque, para variar, eu esqueci a letra. *(Lourdes e Walter Bandeira cantam juntos “Esse Cara”. Saem).*

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Foi no universo marginal que eu comecei a cantar. Entre bebidas, cigarros e possibilidades de coito. Comecei a cantar nos puteiros, para embalar o gozo dos clientes. Cantando Caetano e Chico para as putas se sentirem amadas. Universo marginal, mas de bom gosto.

CENA VIII – A banda do Guilherme Coutinho e a curtição

(Ocorre uma passagem de tempo, o/a encenador/a decide como irá representá-la. Walter Bandeira da juventude e Guilherme Coutinho entram novamente. Podem estar em qualquer lugar).

GUILHERME COUTINHO

(Olhando para o Walter Bandeira da juventude). Bicho, parece que foi ontem que a gente começou a banda. Lembra do Monalisa? Do Tic-tac?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Claro que eu me lembro! Começar a cantar, profissionalmente, naqueles lugares imprevisíveis, me preparou muito bem para o inusitado. Nenhuma plateia me assusta, o improviso é o meu reinado. Mas tu disseste que tinha uma boa notícia para me dar? Fala logo!

GUILHERME COUTINHO

Recebemos uma proposta e das boas! Contrato anual de shows e um bom cachê garantido. Tu topas?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Guilherme, eu canto em qualquer lugar. No Monalisa, na Tuna Luso, no Bar do Parque. Sou uma prostituta musical: me pagou, eu canto. E dependendo do meu estado etílico, nem precisa pagar que eu canto também *(para e pensa)*. Mas onde é esse lugar que a gente vai tocar?

GUILHERME COUTINHO

Assembleia Paraense! Quem diria, hein? Agora a gente ganhando grana e tocando em clube chique.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Assembleia Paraense? Mas eu não vou nem fodendo! *(Sai andando e dá as costas para Guilherme Coutinho).*

GUILHERME COUTINHO

(Sai atrás do Walter e pega no braço dele, com a intenção de pará-lo). Walter tu estás louco? Não podemos perder essa oportunidade! Além de assinarmos um contrato, com cachê garantido, esse lugar vai ser uma vitrine, muita gente vai nos assistir.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Olha aqui Guilherme Coutinho *(pausa)*. Eu vou, mas nas minhas condições. Aviso logo que eles estão comprando laranja podre. Eu não vou abrir concessões por estar cantando em um clube de elite. Eu não vou mudar em nada o meu comportamento só porque estou cantando na Assembleia Paraense. Vou continuar sendo quem eu sou e cantando como eu quiser.

GUILHERME COUTINHO

Walter, bicho, tu não entendes que é isso mesmo que eles querem? Tua irreverência, tua alegria! Assembleia Paraense que nos aguarde! A banda do Guilherme Coutinho vai levar cortiçã para os brotos dessa cidade.

(Walter Bandeira da juventude canta “Curtiçã”. Guilherme Coutinho o acompanha no piano. Ao final da música, a luz vai diminuindo. Abre-se um novo foco de luz no Walter Bandeira da maturidade).

CENA IX – O cena aberta

(Walter Bandeira da juventude, Luiz Otávio, Zélia e Margareth estão no Bar do Parque bebendo uma cerveja e conversando com entusiasmo).

LUIZ OTÁVIO

Walter, Zélia e Margareth eu vou falar mais uma vez para vocês: o grupo Cena Aberta precisa ter uma estreia contundente. Iniciar sua trajetória dando um soco no estômago do espectador! Não falo apenas de um conteúdo forte, de crítica social, mas também de inovar na forma. Uma proposta cênica experimental, inusitada.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Luiz, eu concordo contigo! Definimos aquele texto, não é?

ZÉLIA

Sim, O quarto de empregada, do Roberto Freire.

MARGARETH

O desafio, agora, é pensar em como montar esse texto no palco italiano do Teatro da Paz e conseguir ser inovador.

LUIZ OTÁVIO

Eu tenho pensado em algo (*pausa*). E se a gente colocar o público no palco do Teatro da Paz?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

O palco do Teatro da Paz é imenso! E se a plateia entrar pelos fundos do Teatro em vez de entrar pela frente suntuosa do Da Paz?

ZÉLIA

A plateia vai ter a experiência de conhecer o teatro pelos bastidores, pela área que é reservada apenas aos artistas conhecerem. Não vai se defrontar com aquela fachada esplendorosa, mas vai se deparar com cabos, cortinas, praticáveis, a bagunça dos bastidores, o caos da pré-cena!

MARGARETH

E quando entrarem no palco, na cenografia, as pessoas vão experienciar, mesmo que por algumas horas, a pobreza e a claustrofobia de um quarto de empregada.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Imagina uma família abastada, que vem assistir o espetáculo e nunca sequer imaginou entrar em um quarto de empregada... Vai poder sentir na pele como é residir em um lugar como esse.

ZÉLIA

Afinal, o quarto de empregada é a senzala contemporânea.

LUIZ OTÁVIO

Bom, já deu meia noite, a sala de ensaio do Teatro da Paz vai abrir. Vamos caminhando?

(Saem caminhando para o outro lado do palco, como se estivessem saindo do Bar do Parque em direção ao Teatro da Paz. Param. Walter e Luís sentam-se em uma cadeira. Margareth e Zélia ficam em pé, alongam o corpo e se preparam para começar o ensaio).

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Margareth e Zélia, estão prontas? *(Margareth e Zélia respondem de modo afirmativo)*. Ótimo! Temos no texto duas empregadas domésticas: uma mulher negra, de meia idade, e uma mulher branca, mais jovem. Elas conversam sobre inúmeras situações vivenciadas por muitas empregadas domésticas, como a exploração de sua mão de obra, o abuso sexual, as humilhações... Desse modo, expõem os podres da família tradicional brasileira.

LUIZ OTÁVIO

Verdade, Walter! Esse texto é uma denúncia poética. Zélia, acho que tem de vir um peso maior na tua personagem. Um modo mais amargurado, sabe? Com mais ressentimento da vida.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Margareth, acho que se tu tentares um tom mais sussurrado no momento em que falas das situações mais difíceis enfrentadas pela personagem vais dar uma atmosfera mais íntima para a cena.

LUIZ OTÁVIO

Bom, hoje foi só para a gente conversar um pouco sobre o texto e a construção das personagens. Amanhã, no mesmo horário, a gente passa as cenas, está bem?

(Saem Zélia e Margareth. Walter e Luís ficam parados, olhando um para o outro. Um foco de luz se abre em Walter Bandeira da maturidade).

CENA XI - WALTER E LUIZ OTÁVIO BARATA

(A cena adquire uma atmosfera íntima. A iluminação deve ser uma grande aliada para se estabelecer essa atmosfera. A plateia deve sentir que está adentrando num espaço privado de Walter Bandeira, como se estivesse em seu quarto ou em qualquer outro espaço íntimo).

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Foi entre ensaios e espetáculos que eu conheci Luiz Otávio. Cigarros trocados, conversas instigantes nos corredores, a vida inteira passando no fluxo de um olhar. Com o Luiz eu escrevi músicas, construí espetáculos, fundei um grupo de teatro. Contato íntimo com a proficuidade do amor, o Eros que fecunda as almas e faz surgir primaveras. Eu amei o Luiz, eu briguei com o Luiz. Eu fui viajante, estrangeiro, visitante indiscreto da sua casa.

LUIZ OTÁVIO

(Lendo um livro). Walter, ouve esse texto: "No coração da noite Pietro está ainda acordado, ainda tomado por aquele pensamento que não o deixa dormir, e que é provavelmente indecifrável para ele próprio. Suavemente, levanta-se. E devagar, com receio de que o hóspede acorde, aliás, aterrorizado por esta ideia, branco de ansiedade, e tremendo com medo de ser apanhado na sua ação dá alguns passos no quarto, aproxima-se do hóspede e observa-lhe prolongadamente o rosto, os braços, o peito descoberto. Contempla o seu sono tranquilo, viril e quente. Permanece assim, perdido e alienado, naquela contemplação" *(fechando o livro)*. Pier Paolo Pasolini, Teorema.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Luiz, eu não conseguia respirar quando assisti Teorema, mas nunca havia lido o livro. Tu me emprestaste essa tradução do italiano para o francês e eu simplesmente fiquei extasiado, mas ainda não consigo saber o que me arrebatou mais: o livro ou o filme. Como pode um artista ser tão genial como o Pasolini, produzir um livro e um filme igualmente perturbadores?

LUIZ OTÁVIO

Miséria degradante do próprio corpo nu e potência reveladora do corpo nu do companheiro. A história do livro e do filme *Teorema* começa com a chegada de um jovem na casa de uma família burguesa. Sua beleza é discreta, mas perturbadora. Após a sua chegada, nada permanece como antes: pai, mãe, filhos e a empregada doméstica se apaixonam pelo hóspede misterioso. Ele é generoso e ama as pessoas independentemente da classe e do gênero. Após o contato íntimo do hóspede com cada pessoa da casa, a potência reveladora do amor desencadeia em cada uma delas a verdade sobre si.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

A mãe se lança em inúmeras aventuras sexuais; o filho torna-se pintor; a filha entra em surto; a empregada doméstica pede para ser enterrada viva para chorar; e o pai despe-se, metafórica e literalmente, do seu papel social burguês e patriarcal: ele abandona a fábrica, tira suas roupas e anda nu pela areia, estéril.

(Walter Bandeira da maturidade canta a música “Viajante”. Walter Bandeira da juventude e Luiz Otávio realizam uma coreografia que suscita intimidade, amor e tensão conjugal. Após o término da música, Luiz Otávio sai e Walter Bandeira da juventude abaixa a cabeça em um choro contido. A luz vai diminuindo até ficar escuro).

CENA XII – Walter Bandeira e a ditadura militar

(A cena acontece em um espaço público, em uma rua ou em uma avenida por onde Guilherme Coutinho e Walter Bandeira da juventude passam, sem se ver um ao outro. Após Caminhar, Walter chega na Escola de Teatro e Dança da UFPA para ministrar sua aula).

GUILHERME COUTINHO

(Mexendo nos papéis que carrega nas mãos). Música “Me ver em você”: censurada. Música “Nem ir”: censurada. Música “Ué”: censurada. Porra, a censura não deixou passar nenhuma música composta pelo Walter e pelo Luiz. Vou ler as justificativas dos milicos. (Abre o envelope, retira um papel e lê). Número um: incentivo à má conduta da juventude. Número dois: incentivo ao desrespeito às autoridades. Número três: incentivo à homossexualidade. Que merda! Vou ter de refazer todas essas letras para o disco poder sair (sai de cena).

(Entra Walter Bandeira da maturidade, no outro lado do palco).

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

(Caminhando apressado). Eu já estou atrasado para a aula de voz e dicção na Escola de Teatro, os alunos devem estar putos, me esperando (para e se dirige à plateia, como se fossem estudantes). Boa noite, pessoal! Estavam com saudades de mim? Vou primeiro acender um cigarro para poder começar bem a aula (acende o cigarro e dá uma tragada). Bem, hoje a gente vai fazer uma aula de aquecimento vocal. Primeiro exercício: inspira fundo e solta o ar dizendo Sí-Fu-Xi-Pá. Não vão pensar besteira, hein... (entra a secretária e interrompe).

SECRETÁRIA

Professor Walter Bandeira, eu posso falar com o senhor?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Vai atrapalhar a minha aula, mas tudo bem.

SECRETÁRIA

Por favor, professor, dirija-se até a minha sala, precisamos conversar.

(Os dois andam juntos, sentam-se em uma cadeira, um de frente para o outro, e congelam. Entra uma gravação de duas vozes em off).

CAPITÃO

Coronel, o senhor me chamou?

CORONEL

Sim, Capitão. Precisamos tomar uma atitude de repreensão.

CAPITÃO

Sim, senhor Coronel.

CORONEL

Infelizmente, algumas situações inaceitáveis continuam acontecendo em Belém, mesmo após o Ato Institucional nº 5. Por exemplo, aquele cantor afeminado, todos sabem que ele é dado ao sodomismo, que mantém relações de homossexualismo. Se não fosse o bastante, escreve músicas que incitam a nossa juventude a adotar o mesmo comportamento. Esse cantor, Walter Bandeira, continua dando aulas na Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará. Agora veja, além do contato direto que ele tem com os jovens que frequentam seus shows, ele é professor na Universidade. Isso é intolerável! Contraria completamente o país que queremos para o futuro, baseado nos princípios cristãos da família e da propriedade privada.

CAPITÃO

É mesmo inapropriado que um homem com a conduta de Walter Bandeira seja professor na Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará. O que o senhor propõe fazer?

CORONEL

(Enfático). Vamos cancelar o contrato dele e afastá-lo do cargo de professor!

CAPITÃO

Cumpriremos suas ordens, senhor!

SECRETÁRIA

(Walter da maturidade e secretária descongelam). Professor Walter, recebemos uma ordem de nossos superiores. Seus serviços não são mais necessários nesta instituição.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Como assim? Vocês estão me dispensando? Eu não estou cumprindo com as minhas obrigações como professor? Eu não falto... Tudo bem, às vezes eu chego atrasado, mas eu acabo compensando porque dou aula até bem mais tarde. Eu me empenho para ser o melhor professor possível. Me diga, por que estou sendo dispensado?

SECRETÁRIA

Professor, não chegou até nós o motivo de sua dispensa. Apenas disseram ser ordens superiores. Desse modo, só nos resta acatar. Assine aqui a sua dispensa e passe amanhã nos Recursos Humanos da Universidade para pegar o restante dos seus honorários.

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Eu sei muito bem por que estou sendo demitido *(pausa)*. É porque eu sou viado, né? Por causa dos meus trejeitos, por causa de quem eu levo ou deixo de levar para a minha cama! Mas eu tenho consciência de que não é apenas por isso. É porque minha figura incita a liberdade, incentiva as pessoas a terem coragem, a serem autênticas, a expressarem livremente suas subjetividades. Tudo o que esses milicos não querem é ver a vida pulsando em toda a sua expressão e diversidade. Ninguém ama do mesmo modo, ninguém pensa igual, ninguém segue um rebanho que leva ao precipício. Esses milicos vão passar, mas eu não. Eu vou continuar sendo o Walter Bandeira sem abrir concessões, sem precisar me vender por uma moral carcomida por dentro. Eu vou sair, mas sei que eles não serão eternos.

SECRETÁRIA

Professor Walter Bandeira, o senhor está do lado de quem? Do lado da revolução gloriosa de 1964, que está salvando nosso país do comunismo? Ou do lado dos russos, que querem invadir a nossa pátria?

WALTER BANDEIRA DA JUVENTUDE

Eu? Eu... *(pensando)*. Eu estou é do lado da Cicciolina!

(Entra todo o elenco para cantar e coreografar "Estou do lado da Cicciolina").

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

(Dirigindo-se ao público). O que você prefere? Bananas ou papaias?

(O elenco repete a pergunta distribuindo as frutas para a plateia. Blackout).

CENA XIII – Walter Bandeira e grupo Gema

(Um foco de luz ilumina Ruy Barata sentado em uma cadeira, na mesa de um bar. O palco se transforma no bar Maracaibo, famoso em Belém na década de 1980).

RUY BARATA

Belém do Pará, a pasárgada de Walter Bandeira. Nessa cidade ele não foi apenas o amigo do rei. Foi o próprio rei. "Foi o sol, foi o vento, foi a barra do tempo". Walter, o boto e a sereia dessas águas barrentas da baía do Guajará. Porque não há Amazônia sem fluvialidade e não há Belém sem Walter Bandeira. Walter Bandeira, patrimônio tombado, ou pelo menos, muito bem medicado. O dia que essa cidade esquecer Walter Bandeira, a serpente enrolada no solo da igreja vai se mover e Belém inteira vai ruir.

(Entra Walter Bandeira da maturidade).

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Ei, seu Ruy Barata, chegou mais cedo hoje?

RUY BARATA

Eu vim te ver, Walter, tu és o único cantor dessa cidade que me faz sair de casa para assistir um show. Tu ensinastes os cantores dessa terra a cantar direito. Antes de ti, ninguém sabia cantar. A música paraense tem um marco: antes e depois de Walter Bandeira.

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Mas que mentira, Ruy... Belém tem cantores incríveis.

RUY BARATA

Não tem não...

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Todas as mesas do bar Maracaibo já foram vendidas. Mas a tua mesa vai estar sempre garantida. A tua e a da Yé Yé Porto. Mas cadê a Yé Yé? Ela já chegou?

(Entra Yé Yé Porto).

YÉ YÉ PORTO JOVEM

Boa noite! *(Beija Walter).*

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Oi Maré! Cadê o Paulo?

YÉ YÉ PORTO JOVEM

Ele foi estacionar o carro, já está vindo.

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Não esquece de soprar aquelas letras que eu sempre esqueço.

YÉ YÉ PORTO JOVEM

Não te preocupa!

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

E toma conta do meu uísque, porque a gente nunca sabe do que os fãs são capazes. Não viste o que aconteceu com o John Lennon?

YÉ YÉ PORTO JOVEM

Credo, Walter! Não vai acontecer nada de mau contigo, pode deixar que eu cuido de tudo. Cadê o Grupo Gema, já chegou?

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Já sim, eles estão afinando os instrumentos.

RUY BARATA

Tu vais cantar hoje à noite aquela música? Aquela da mardita...

WALTER BANDEIRA DA MATURIDADE

Mas claro, Ruy! *(Walter sai da mesa e se posiciona para cantar)*. Eu gostaria de agradecer ao Grupo Gema que está comigo todas as quintas-feiras nesse templo sagrado chamado Maracaibo. Quem souber essa letra me acompanhe, que é de uma pessoa que eu amo muito. É do Ruy Barata e do Paulo André Barata.

(Canta “Esse rio é minha rua”. Elenco coreografa a música. Blackout).

Fim



**NADA.
DEPOIS,
NADA.**

KAUAN AMORA

NADA. DEPOIS, NADA.

Kauan Amora

TEXTO 1 – Procissão simbólica: a Nau Queer

Fechado nesse navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o Passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem. E a terra à qual aportará não é conhecida, assim como não se sabe, quando desembarca, de que terra vem. Sua única verdade e sua única pátria são essa extensão estéril entre duas terras que não lhe podem pertencer. Uma coisa pelo menos é certa: a água e a loucura estarão ligadas por muito tempo nos sonhos do homem amazônida.

TEXTO 2 – Ressurreição dionisíaca na sauna gay

(Sauna gay. Homens fazendo sexo. É possível ver standarts espalhados pelo palco: “Nada se pode saber sobre a essência inferida da realidade”. “É através do ato de pensar que se produz a consciência do eu”. “O que é a linguagem? Ela é a morada do Ser, mas não esqueçamos: essa morada fica na amplitude sem linguagem do Inaudito”).

HELIOGÁBALO

(Tendo uma iluminação enquanto está de quatro para Zaratustra). Quem nos revelasse a essência do mundo nos causaria, a todos, a mais desagradável decepção. Não o mundo da coisa-em-si, mas o mundo como representação *(como erro)* é tão rico em significados, profundo, maravilhoso, carregando no regaço a felicidade e a desgraça. Sem mencionar Teu nome, chegou a hora que Tu, ó indeterminado, há de ressurgir das cinzas de seu próprio corpo devorado, destruído e enlouquecido, por isso a eternidade e o desconhecido correm nas suas veias. Vem, Inaudito estrangeiro! Temos esperado tempo demais pela Tua ressurreição. Tu vens das profundezas frias do absoluto e nossas palavras são roupas que vestem teu uno ferido, partido. Rasga o manto da linguagem e te mostra em tua onipotência sedutora. Tu que tocou o “em-si” das coisas. Rasga nossa pele e volta! A linguagem não é uma verdade eterna. É o véu que reveste o Inaudito e só Tu podes demolir nossas sedutoras ficções. Como homenagem, Tuas noivas dançam ensandecidas em um baile de carne e excrementos. Insiste em Renascer.

(Todos dançam, cantam e bebem).

MARIA MADALENA

(Surgindo em cena). É ele! Ele voltou!

GENET

De onde venho?

Sou Genet

e basta que eu o diga

como só eu o sei dizer

e imediatamente

hão-de ver meu corpo atual

voar em pedaço

e juntar-se

sob dez mil aspectos diversos.

Um novo corpo

no qual nunca mais

poderão esquecer-me.

Eu, Genet sou meu filho,

meu pai,

minha mãe

e eu mesmo.

Eu represento Genet!

Estou sempre vivo.

Mas um vivo morto,

um morto vivo.

Sou um morto

sempre vivo

A tragédia em cena já não me basta.

Quero transportá-la para minha vida.

Eu represento totalmente a minha vida.

Onde as pessoas procuram criar obras

de arte, eu pretendo mostrar o meu espírito.

Não concebo uma obra de arte

dissociada da vida.

Eu, o santo e mártir Genet,

nascido em Röcken, Marseille, Paris, Belém

no dia 25 de abril de 1940,

eu sou Satã e eu sou Deus,

e pouco me importa a Virgem Maria.

TEXTO 3 – Quem sou eu?

ZARATUSTRRA

Irmãos, agora que voltou Genet, eu vos ensino sobre o super-homem: Não se perguntem “Quem sou eu?”, pois estarão cometendo um grande erro. Esta pergunta é um constrangimento existencial e de ordem platônica. O sujeito é um animal adestrado, dominado para servir os interesses do Estado. Uma repetição ambulante e mortal de valores que não criou e não sabe o motivo pelo qual repete. Diante desse fato, a pergunta mais cabível e aceitável seria “Como posso recusar quem eu sou? Viver deve ser a constante procura de novos esquemas e demandas, novas estratégias de recusa, desobediência e de rebeldia. Recusem-se. Assim falou Zaratustra.

TEXTO 4 – Jesus, Genet e Dandara

CRISTO

Não temas, Jean. Sou o primeiro e o último. Sou o vivo e tenho nas mãos as chaves da morte e do inferno. Escuta, portanto, o que te digo, que é o que acontece e o que acontecerá mais tarde. Eu abrirei um dos sete selos e um dos quatro querubins dirá com voz de trovão: Vem! E eis que surgirá um cavalo branco montado por um cavaleiro com um arco trazendo na cabeça uma coroa. Ele avança como um conquistador. Então, abrirei o segundo selo e o segundo querubim dirá: Vem! E surgirá um cavalo vermelho. A quem o monta foi dado o poder de tirar a paz do mundo para que os homens se matem uns aos outros. Ele trará uma grande espada. Quando eu abrir o terceiro selo, o terceiro querubim dirá: Vem! E surgirá um cavalo negro e quem o montar trará uma balança na mão. Quando eu abrir o quarto selo, o quarto querubim dirá: Vem! E eis que surge um cavalo amarelo. O cavalo que o monta se chamará morte e o inferno o acompanha. Eles terão o poder sob uma quarta parte da terra para matar pela espada, fome, peste e pelas feras da terra. Quando eu abrir o quinto selo, surgirão as almas que foram sacrificadas por causa da palavra de Deus e o testemunho que elas deram. Então, a cada uma delas darei um manto branco e lhes direi que esperem mais um pouco, até que seja completado o número de seus colegas e irmãos que deverão ser mortos. Eu abrirei os dois últimos selos, quando será visto o grande trono branco e aquele que está sentado nele e surgirá um novo céu e uma nova terra, já que o primeiro céu e a primeira terra desaparecerão. Jean, eu virei em breve.

GENET

Eu te espero.

(O corpo de Dandara é iluminado jogado sobre um carrinho de mão. Levanta-se).

DANDARA

Eles passaram a vida me perseguindo, mas não era a mim que queriam perseguir. Orquestrados por uma força ressentida muito maior, esses lacaios do ressentimento me seguiram pelo olfato

adoecido. Eles passaram a vida tentando me matar, mas não era a mim que queriam exterminar. Era algo dentro deles, algo sem nome, sem rosto. Algo muito mais profundo. Eles cessaram a minha vida, mas aquilo que represento sempre existiu e sempre vai existir. Mataram, pois, só o corpo. Não a ideia.

GENET

Tu foste uma das inúmeras almas mortas em nome da palavra de Deus. Segue teu caminho e procura teu descanso.

DANDARA

Ainda não. Tenho que esperar a pilha de irmãos mortos aumentar, como ordenou Jesus.

GENET

A desobediência é um dos caminhos para a salvação. Só assim alcançamos o sagrado. Desobedeça.

DANDARA

Pois que caiam sobre mim os raios fulminantes; que os ventos furiosos inflamem os céus; que a tempestade, agitando a terra em seus fundamentos, abale o mundo; que flagelos sem exemplo confundam a vagas do oceano com as estrelas da abóbada celeste; que Júpiter, usando seu invencível poder, precipite meu corpo nos abismos do Tártaro; faça ele o que fizer!... eu hei de viver!

TEXTO 5 – Casamento: o sexo que celebra a morte

(Pelo palco, standards espalhados com trechos da dissertação de mestrado Razão Prática e o Bem Humano Básico do Casamento: Lei Natural, Bem Comum e Direito, de Dienny Riker, que defende a inconstitucionalidade do casamento gay).

CIÊNCIA

Senhora Religião Católica Apostólica Romana, é por sua livre e espontânea vontade que vai contrair matrimônio com o Senhor Discurso de Ódio de Estado?

RELIGIÃO

Sim!

CIÊNCIA

Discurso de Ódio de Estado, é por sua livre e espontânea vontade que vai contrair matrimônio com a Senhora Religião Católica Apostólica Romana?

DISCURSO DE ÓDIO

Sim!

CIÊNCIA

Sendo assim, declaro-vos marido e mulher. Que a Santa Dienny abençoe este casamento!

(Ciência, religião e discurso de ódio terminam com uma transa a três enquanto ao redor LGBT's são perseguidos e espancados).

TEXTO 6 – Metafísica da carne

ZARATUSTRA

Aos poucos, tenho tirado Deus da minha vida e, aos poucos, tenho ganhado a consciência de que minha vida não é definida por algum objetivo sobrenatural e extramoral, mas que é uma existência passageira e sem sentido. Tenho vivido melhor sem Deus dessa maneira. O exercício cotidiano de conhecer minha solidão no Universo é um esforço árduo e doloroso, mas tenho certeza de que a recompensa desse pecado vai ser a glória. Até que não haja mais nenhuma metafísica em mim!

TEXTO 7 – A valsa

(Sob um foco de luz, dois homens idosos estão dançando juntos ao som de O Mio Babbino caro, de Maria Callas, quando ao longo da projeção um deles vai embora e o outro fica sozinho. Aos poucos, diante da sua situação, um cordão de homens vai aparecendo abraçados a sua cintura, enquanto este se prostra no chão reproduzindo a escultura A suplicante, de Camille Claudel).

TEXTO 8 – Procissão simbólica: a Nau Queer 2

Quem ousar sair da posição de espectador passivo e contemplativo da vida e levantar por si mesmo a cortina vermelha deste palco apolíneo verá que por trás dessa aparente trivialidade e desse tédio vulgar que é a existência das manadas está acontecendo um caos profundo e furioso deste último homem que encara com olhos cegos o abismo da modernidade. O vazio provocado pela morte de Deus fez este homem perder a esperança de seguir adiante, de olhar para o horizonte e de abrir os olhos pela manhã voltando sua atenção a toda forma de frivolidade cotidiana que dê a ele a ilusão de felicidade. Este homem faz tudo ao seu alcance para apenas preservar sua vida e de seus descendentes sem contudo criar novos objetivos que fazem a vida ser mais afirmativa por mais breve que seja. À este homem moribundo, a minha fúria mais feroz, pois ele está entorpecido com o cheiro do próprio gás que seu corpo apodrecido produz. À este homem, que preferiu o calor ilusório do conforto de sua religião, desejo a precipitação de sua agonia final, pois este homem ainda olha para o céu e transforma a vida em um inferno. Ele mal pisca. Meus amigos, digo-vos que há de nascer o dia em que o homem já não sentirá mais falta nem deste Deus ressentido e nem dos seus grilhões que eram seus valores morais. Assim, este homem criará novos valores e será dono dos seus próprios passos. É preciso abandonar e destruir qualquer bengala moral!

TEXTO 9 – O amor de Madalena

(Coro de mulheres canta e dança, enquanto Madalena parece ter um colapso nervoso se debatendo entre essas mulheres. Aos poucos, Madalena começa a tirar sua roupa e se masturbar com prazer. Madalena tem uma alucinação divina).

GENET

Uma vez, a música elevou o olhar para o céu e a religião desvendou os segredos da vida. A partir de hoje, o esperma, o sangue e a merda ocuparão esse lugar e escreverão a vida através desse dedo que te tocas. Deixa que ele te pinte como um quadro, Madalena. A entrada para o Inaudito está em nós. É só através desse êxtase e dessa solidariedade coletiva que o tocamos. O consequente encontro com a-coisa-em-si, a sombra de todas as coisas que dorme antes da existência, se dá somente através da blasfêmia. Desenha assim a tua vida.

(Aparece Jesus).

GENET

Este que se mostra diante de ti é Jesus homem. Ele foi secularizado e esculpido pelo próximo homem.

JESUS

Quem és tu? Diz, tu que me olhas com esse olhar tão grave e profundo.

MADALENA

Eu sou Madalena, a puta. E agora que já sabes quem eu sou, quero e preciso que tu escutes a minha história para compreenderes o amor que sinto por ti. Eu sempre me vi sem querer como os outros me viam-lixo, casca de vida que o destino cuspiu fora, olhando o mundo com os olhos lacrimejantes em que algum doente tivesse cuspidido escarro verde nas pálpebras sanguinolento. E assim foi até o dia em que te vi, porque foi através do teu olhar, que esse teu amor, duro como o dente de rato, penetrou em mim, dilacerando minhas entranhas. E eu que até te conhecer me sentia forte, já que não amava, exceto que amava existir, compreendi que tu, que dizes ser auxílio para os fracos, naquele momento foste para mim uma injustiça, pois quando já não esperava nada além de um infinito caminho para andar, encontrei em ti, no vestibulo tenso do céu, a tua figura que mimava com tua proteção e me perturbava com a tua virilidade. E mesmo, sabendo que teu amor deveria ser vivido na solidão, assim mesmo, mais de uma vez sonhei me entregando a ti, banhada de sêmen de uma aliança impossível. Isso foi um primeiro momento. Mas eu queria te Ter a todo o preço e custo. E cada vez que eu sentia o meu coração e meu amor, sentia que ele paria apenas para te servir, eu sinto como um alambique sobre o fogo da dor, destilando para os olhos a água da amargura. E sem compreender porque eu não te tinha, para obter uma resposta eu interrogava os céus com um terrível desespero, céus que se fechavam para mim como um crânio de bebê. Então para te esquecer, já que tu não podias ser meu da maneira que eu queria, eu passei a te odiar com a mesma força e intensidade do amor que eu fizera nascer meu ódio. Eu me dizia, ob-

sessivamente, que não te amava mais. E na verdade eu não mentia, eu apenas acreditava no que deveria ser verdade. Mas o meu amor por ti tinha sido como uma doença, cujo sintoma mais constante era uma febre bem alta. E o delírio de minha febre mexeu meu interior, fazendo emergir das profundezas experiências, imagens, fatos que eu desconhecia. E já que a febre havia passado, era preciso que eu arrumasse tudo novamente dentro de mim, ordenadamente, em camadas. E comecei a fazer isso. Só que, o que estava fora crescia debaixo de minhas mãos, resistia, era imenso, demasiado. E então, com raiva, fui jogando tudo em meu interior, aos montes, comprimindo tudo muito bem. Mas depois vi que eu não fechava mais direito. E gritei meio aberta como estava, gritei e gritei. Isso num segundo momento. Mas a tua realidade, senhor, é lenta e indescritivelmente minuciosa. E por uma das frestas da minha dor eu compreendi, inesperadamente, que amar é ausentar-se de si mesmo e de ti, sem que eu sentisse, havias te alojado no meu vazio a através do homem que via e amava, havias feito nascer em mim uma nova dimensão do meu amor, que passava pelo homem para atingir ao pai, com quem te confundias.

TEXTO 10 – Damares viajando

DAMARES

Está chegando no Nordeste: manual prático de bruxaria. Como ser bruxa, como fazer a roupa de bruxa, como fazer a comida de bruxa. Inclusive, como fazer a vassoura de bruxa. Há um grupo de especialistas que começou na Holanda, na Europa, que ensinam que o menino tem que ser masturbado com 7 meses de idade para que quando ele chegue na fase adulta ele possa ser um homem saudável sexualmente e a menina tem que ter a vagina manipulada desde cedo para que ela tenha prazer na fase adulta. Sabem por que as feministas não gostam de homens? Porque elas são feias e nós somos lindas! O Estado é laico, mas essa ministra é terrivelmente cristã e por ser cristã eu acredito nos desígnios de Deus. Assim, eu anuncio uma nova era no Brasil: meninos vestem azul e meninas vestem rosa!

(Enquanto Damares discursa, uma mulher lentamente se aproxima e troca de roupas com ela. Quando tiverem trocado de roupas, o discurso de Damares muda completamente).

DAMARES

Eu estou em tudo. Mesmo depois que o último homem tiver caído, o universo ainda se lembrará do meu nome. Eu sou o conto de bruxas, o caos para onde todas as coisas vivas rumam. Eu sou anterior a tudo. A Grande-mãe tectônica. O ventre perverso da deusa Freia, o seio febril da deusa alada da vitória, Nike. Eu sou uma cadela bestial e me chamo Hécuba. Eu sou Medeia, a feiticeira bárbara. Eu sou Antígona em sua tumba. Sou a Fedra sobre o abismo. Sêmele carbonizada. Hera indomada. Eu sou o tudo. Eu sou o nada. A paz chegará quando aceitarem minha existência. Espírito primitivo. Não conheço a linguagem. Meu corpo é inabitável, indecente, selvagem. Sou nativa das terras que rejeitam a luz. Sou implacável. Sou Dandara dos Palmares, Elza Soares, sou também Damares. Conjuro a todas que vieram antes de mim para uma dança febril sobre todas as coi-

sas. Minha dança é um triunfo sobre toda miséria. Dancei sobre a cruz de Jesus, sobre a tumba dos portugueses e sobre as bandeiras dos grandes impérios. Minha dança rasga, cura, liberta, queima, corta, destrói, devora. Eu sou o fim. Eu sou a fêmea que lateja sobre o sagrado. Vim antes de Maria e vou depois Oxum. Eu sou a deusa que sabe dançar!

(Dança ensandecida acompanhada de um coro de mulheres ao som de Voyage, Voyage).

TEXTO 11 – Deus está morto

HOMEM

(Fora de si). Eu procuro Deus! Eu procuro Deus!

GENET

Então, o perdeste?

VOZES

Será que ele se perdeu como uma criança? Ou será que ele se escondeu? Ele tem medo de nós? Ou será que ele embarcou? Viajou? Ele emigrou?

HOMEM

(Alucinado). Para onde foi Deus? Eu vou dizer a vocês. Nós o matamos – eu e vocês. Nós todos somos assassinos. Mas, como nós podemos beber de um só trago o mar? Quem nos deu a esponja para apagar todo o horizonte? Nós não éramos como que através de um nada infinito? O sopro do vazio não bate em nós de todas as partes? Não faz mais frio? Vocês não veem vir a noite e sempre a noite? Não é preciso acender lanternas em pleno dia? Nós não escutamos algum barulho dos coqueiros que enterram Deus? Nós não sentimos sempre nada da decomposição divina? Porque os deuses também se decompõem! Deus está morto! Ele permanece morto! E fomos nós que o matamos! Como nos consolaremos, nós, os assassinos dos assassinos? O que o mundo possuiu até o presente de mais sagrado e de mais potente perdeu seu sangue sob nossas armas – e quem apagará de nós esse sangue? Com que água nos purificamos? Que expiações, que jogos sagrados teremos que inventar daqui para frente? A grandeza deste ato não é muito grande para nós? Não nos forcemos a nos tornar deuses para, pelo menos, parecermos dignos deles? Não houve jamais ato mais grandioso – e aqueles que nascerem após nós pertencerão, por causa deste ato, a uma história mais elevada como jamais foi toda a história.

GENET

Como chegaste a esta conclusão, louco?

HOMEM

Na viagem, meus olhos absortos lambiam a paisagem desconexa que desfilava pela janela parecendo esta as ruínas de um império vencido, então um pensamento me ocorreu: "Deus não faz mais sentido". Ao pensar isso, a ideia de Deus me pareceu tão incompreensível quanto esses pedaços soltos que insistiam em aparecer para mim. Um enorme buraco se abriu em meu peito e agora o futuro parece um caos. Agora o som que sai da minha boca não articula mais nenhum sentido e o pacto arbitrário da linguagem se desfez no vento (*articula algumas palavras sem sentido*). O que fazer quando temos a prova irrefutável de que Deus e a gramática sucumbiram perante nós? (*Cai de joelhos no chão*).

GENET

(*Se aproximando do Homem que permanece de joelhos*). Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Quem de mim se alimenta, também viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu; não é o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre e o agora.

(*Genet, que está em pé, cospe lentamente na boca do Homem, e depois simulam sexo oral. Ao som de Amor marginal, cantada ao vivo, de Johnny Hooker, Genet e o Homem transam enquanto um coro de pessoas com máscaras de demônios dança ao seu redor celebrando*).

TEXTO 12 – Afirmar a vida

ZARATUSTRA

É através da experiência coletiva eufórica que rompe com a identidade e diminui a dor da individuação que encontramos a pausa para o incessante desamparo existencial que vivemos. O céu metafísico desabou diante de nossos olhos e descobrimos que estava vazio. Não caiu de lá o corpo de nenhum deus moribundo para nos dizer qualquer coisa.

TEXTO 13 – Nada. Depois, nada.

HOMEM 1

Pai, o que vem depois dessa vida?

HOMEM 2

Nada.

HOMEM 1

E depois?

HOMEM 2

Nada.

TEXTO 14 – Procissão simbólica: a Nau Queer 3

Deixamos a terra firme e embarcamos! Queimamos a ponte – mais ainda, cortamos todo laço com a terra que ficou para trás! Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano, é verdade que ele nem sempre ruga, e às vezes se estende como seda e ouro e devaneio de bondade. Mas virão momentos em que você perceberá que ele é infinito e que não há coisa mais terrível que a infinitude. Oh, pobre pássaro que se sentiu livre e agora se bate nas paredes dessa gaiola! Ai de você, se for acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais liberdade – e já não existe mais “terra”!

TEXTO 15 – Lembranças

(Trevas. Barulho de acidente. Ambulância. Polícia. Vozes. Silêncio. Luz se acende no plano da realidade revelando um homem morto, jogado no chão. Trevas. Luz se acende no plano da alucinação).

GENET

Quando foi a última vez?

HOMEM

Ontem de noite.

(Luz no plano da memória. Dois homens abraçados se beijando).

GENET

Onde?

HOMEM

Na cama.

GENET

Onde você o beijou?

HOMEM

Na testa...no rosto...na boca.

GENET

E depois?

HOMEM

Fizemos amor. *(Com saudades)*. Fizemos amor. Nós éramos adolescentes e amigos desde a infância. Eu comecei a me apaixonar por ele. Nós fazíamos tudo juntos. Éramos como irmãos. Um dia, quando estávamos jogando videogame, um do lado do outro, eu olhei para ele e não pude resistir. Fiz o que queria fazer há muito tempo. Dei um beijo na sua boca. Ele ficou parado, assustado, sem saber o que fazer. Ouvimos os pais dele chegarem e nos separamos. Aos poucos, ele foi se afastando e sem conversar sobre o que aconteceu nós nos tornamos perfeitos estranhos. Nossos pais estranharam, mas logo cederam achando que esse era o fluxo normal de toda amizade que passa pela tormenta da adolescência.

GENET

Como vocês voltaram a se falar?

HOMEM

Eu não era assumido para ninguém da minha família e nem amigos. Quando você passa dos 30 e não apresenta nenhuma namorada as pessoas começam a estranhar. Numa festa de aniversário, minha mãe me disse que tinha uma surpresa e que ela estava no quarto me esperando. Era ele. Depois de mais de uma década sem vê-lo, sem saber notícias suas. Minha mãe o tinha procurado e descoberto tudo.

(Luz no plano da memória. Dois homens em pé. Se aproximam lentamente).

HOMEM 2

Eu vim devolver o beijo daquela tarde.

(Se beijam. Trevas. Luz no plano da alucinação).

HOMEM

Desde então, nós assumimos o namoro para a família e nos casamos. Fiquei 11 anos casado com ele. Dividíamos a mesma paixão por motos. Íamos para corridas e festivais juntos. Costumávamos viajar juntos. Cada uma na sua moto. Eu gostava de ir atrás para vê-lo correr. Nesse dia, eu saí atrasado e deixei que ele fosse na frente. Eu o alcançaria depois. Ainda lembro do beijo que ele me deu. Rápido e macio. Era cedo demais e a manhã estava cheia de neblina. Num ponto da estrada eu só consegui ver a luz vermelha de um capacete jogado no meio da estrada. Alguns vultos no meio da neblina. Uma ambulância e alguns paramédicos. Antes de vê-lo, eu sabia que era ele. Meu coração palpitou. Aquela neblina de repente se tornou o pedaço de uma nuvem em um céu que eu jamais alcançaria de novo. A pior coisa é viver sem conseguir sentir o cheiro dele de novo.

(Luz no plano da memória. Eles se encontram).

VOZ NO MICROFONE

Na testa...no rosto...na boca. *(Trevas)*.

TEXTO 16 – O desejo

HOMEM 1

O que é o desejo para você?

HOMEM 2

Diante do desejo a morte. Para aquele que amo, quero que me mate. Peço que me arranque a pele e quebre minha carcaça no meio. Peço que coma minhas vísceras de modo que minha última viagem seja no seu tubo digestivo começando por sua boca que é profana e terminando no seu cu que é sagrado.

TEXTO 17 – As mênades destroçam Penteu

(Homem entra correndo e fugindo. Mulheres aparecem e coagem o homem).

MULHER 1

Ó jovens mulheres, vejo aquele que de vós, de mim e das nossas vidas escarneceu. Poderemos castigá-lo. Por muito tempo estivemos assustadas e fomos, fomos recuando, mas agora chegou a hora. Sem piedade, vamos te destruir com as nossas próprias mãos. Vais sentir na carne a fúria subalterna, a vingança da história. Eu arrancarei o teu coró cabeludo com as próprias mãos.

MULHER 2

E eu enfiarei meus dedos nos teus olhos.

MULHER 3

Enquanto desfiarei tua pele com as unhas e assim arrancarei teus braços.

MULHER 4

Se assim for, encontrarás alguma força dentro de ti para urrar enquanto quebro tuas pernas.

MULHER 5

Vou dilacerar a vergonha entre tuas pernas enquanto agonizas, agora mudo.

MULHER 7

Quero-te vivo ainda para sentir.

MULHER 6

Estarás desmasculinizado quando, por fim, eu tomar tua cabeça desventurada entre as mãos e a arrancar do teu pescoço para depois enterrar fundo o meu tirso.

HOMEM

Mãe, sou eu, o teu filho que deste à luz. Tem piedade de mim, ó mãe, e perdoa meus erros para que um filho teu não queiras imolar!

MULHER 6

Tu já compreendes o fim próximo. Já não és mais filho, pai ou esposo de ninguém. És todos os homens e, se depender da força das nossas mãos, em breve não serás mais nenhum. Já não pertences mais a esse mundo. Não és mais daqui. Resta a mim, dominada por Dioniso, concretizar este fato.

CORO

É tu, homem, que vai sentir o peso de toda a história sobre a carne.

TEXTO 18 – As palavras e as coisas

A COISA

(Fugindo). O que queres comigo, palavra?

A PALAVRA

(Correndo). Nós devemos nos unir. Nós somos o mesmo.

A COISA

Não! Tu não dá conta da minha infinitude. Vai embora!

A PALAVRA

Estás errado. Tem sido assim desde que o homem é o homem. As palavras e as coisas vivem em par e a relação entre elas é a da verdade.

A COISA

(Continua fugindo). Não vês que a crise que se instaurou. Eu não te pertengo mais. Nosso divórcio é imediato.

(A palavra abraça fortemente a coisa e esta morre em seus braços).

A PALAVRA

Não! O que foi que eu fiz!

GENET

(Entra). Nós sempre matamos aquilo que dominamos.

A PALAVRA

Quem és tu? O que queres?

GENET

Um pensamento vem quando ele quer e não quando eu quero. É um falseamento da realidade a perguntar: "O que tu queres?". Não há um autor por trás do querer. O pensamento é tudo. Não é o homem que pensa. É a vida. Como pode a língua ser instrumento do desejo e ao mesmo tempo motivo de morte? A língua sempre mata o corpo por onde ela desliza. Não me pergunte quem eu sou, pois eu sou o nada. Eu sou uma legião. Quando o homem nomeou uma coisa pela primeira vez ele a matou. Instaurou-se aí um ciclo vicioso de negação da vida. Com a linguagem veio o desejo de verdade. Acreditamos assim na identidade, no conhecimento, na consciência. Acreditamos tão piamente que entre as palavras e as coisas existe uma relação de honestidade que esquecemos que são apenas arbitrariedades e assim séculos e séculos científicos e verdadeiros adoeceram o homem. Séculos cheios de metafísica e de cristianismo. A linguagem permite que vivamos mais. Ela é em si um instinto de sobrevivência. Mas, do que adianta viver mais? A custo de que? É preferível ter uma vida longa ou uma vida boa? Meu nome não diz quem eu sou. Não pergunte por ele. Não quero viver mais do que o necessário. E assim deverias pensar também. Eu sou uma zona de guerra. Dentro de mim, diferentes forças lutam umas pela dominação das outras. Eu sou uma dinamite.

A PALAVRA

Como vou viver agora sem ele? Como dói!

GENET

Toda manifestação de vida é também uma manifestação de dor. Uma vida sem dor é uma violência. Um mundo sem dor é um atentado contra a vida. Volta a tua ancestralidade. Volta para antes da tua existência, palavra.

A PALAVRA

Se tem tanto ódio de mim, por que ainda me usas?

GENET

Continuo sonhando, palavra. Mas, agora sabendo que estou sonhando. Continuo te usando, mas agora sabendo que és ficção e que toda verdade é uma negação da vida. A minha palavra não é mais imóvel, ela é um barco à deriva. Eu volto ao devir originário. Eu devolvo a pluralidade da natureza. A vida muda e, com ela, nós também. E eu... eu sou um antiasno por excelência, o Deus do círculo, um monstro da história universal, eu sou, dito em grego, e não somente em grego, O anticristo.

TEXTO 19 – A grande missa dos mortos

(Trevas. Sob a luz branca, vários homens nus usando apenas toalhas brancas, como em uma sauna gay. Ao som de “Grande messe des morts”, ouve-se sussurros).

VOZ 1

Cadê você?

VOZ 2

Você sabia?

VOZ 3

O que nós somos para você?

VOZ 4

Me responda.

VOZ 5

Envie um sinal.

(Aparece Genet, como o cavaleiro branco, Heliogábalo, como o cavaleiro vermelho, Zaratustra, como o cavaleiro negro e Madalena, como o cavaleiro amarelo).

ZARATUSTRA

Irmãos, eu gostaria de fazer uma pergunta: Você vive uma vida hoje que gostaria de viver para sempre? Homem, tua vida inteira, como uma ampulheta, será sempre desvirada outra vez e sempre se escoará outra vez e então, encontrarás cada dor e cada prazer e cada amigo e inimigo e cada esperança e cada erro e cada folha de grama e cada raio de sol outra vez, a inteira conexão de todas as coisas. Meu ensinamento diz: vives de tal modo que tenhas de desejar viver outra vez, é a tarefa – pois assim será em todo caso. Esse anel, em que és um grão, vai resplandecer outra vez.

MADALENA

Em verdade, cidadãos de bem! Há em vós muita coisa que provoca o riso, especialmente o medo daquele que antes era chamado de diabo. Homens que se dizem honrados e que valorizam o caráter e os princípios, essa é a minha dúvida sobre vocês e o meu riso secreto: suspeito que vão chamar o meu Super-homem de diabo. Fiquei com os olhos cheios de horror quando vi nus os ditos melhores homens, por isso me cresceram asas para que continuasse a pairar rumo a futuros distantes onde os deuses têm vergonha de tudo o que é roupa. Anseio ir para cima e para além de toda a elevação, rumo ao Super-homem!

HELIOGÁBALO

É assim que quero o homem e a mulher: eles preparados para a guerra, mas ambos aptos para dançar com as cabeças e os calcanhares. E o dia em que não dançarmos nem uma vez será considerado perdido! E toda a verdade que não venha acompanhada de risos será considerada falsa!

GENET

Desesperadas e estranhas criaturas! Então, foi o vosso grito de socorro que ouvi? Agora também sei aonde encontrar aquele que busquei hoje em vão: o homem superior. Ele está em minha jan- gada, o homem superior! E por que estou surpreso? Não fui eu mesmo que vos atraí com os sacri- fícios do mel e os chamados astutos da minha felicidade? Eu vim uma vez e estive aqui outra vez antes dessa. Estou aqui de novo e voltarei depois. Eu sou atemporal. Criatura selvagem que des- conhece o tempo e o lugar. Não sou de carne e nem de osso. Sou feito de porra, merda e sangue. Aqui, criei espetáculos, fiz amizades e viajei o mundo. O teatro foi meu lamento e minha oração. Sempre uma arte destrutiva, sempre escrita no vento. Ele deve ser uma atividade artística volta- da para a reorganização da sensibilidade do seu público. Vi nele uma extensão da minha vida. So- fri muito, mas amei demais. É assim que o teatro deve ser: zona de guerra. É assim que a vida de- ve ser. Pois temos que aceitar que a vida é nada e que depois dela não há nada mais e é só através dessa desconcertante conclusão que poderemos receber no mesmo abraço acolhedor o amanhã, o céu, o solavanco barulhento da cidade, a lentidão do tempo e a sofreguidão das horas mais difí- ceis, como não fazemos por nenhuma outra coisa. Só a partir dessa verdade insólita é que pode- remos construir algum sentido para a existência.

(Todas as toalhas caem no chão. Trevas. Respirações ofegantes. Sons de sexo. Entra um homem usando uma coroa de flores brancas e se dirige ao centro onde estão todos em uma orgia).

VOZ 6

Eu me entrego a ti.

VOZ 7

Eu me entrego inteiro.

(Coroa de flores branca é engolida pelos corpos. Trevas. Todos dançam e cantam ao som de “Suíte dos pescadores”, de Dorival Caymmi).

Fim

O MENINO DE LUGAR NENHUM

KEVIN
BRAGA



O MENINO DE LUGAR NENHUM

Kevin Braga

PERSONAGENS

O Menino da Terra

O criador: possui a magia do Sol e da Lua. Criador não só de Lugar Nenhum, mas sim do Universo.

O Menino da Nuvem

Um viajante em Lugar Nenhum, rapaz curioso, adora dormir.

O Mago de Lugar Nenhum

Na dramaturgia, o menino da terra interpreta o mago e o menino da nuvem em momentos diferentes do espetáculo.

PERSONAGENS BONECOS

Os Sereianos

O gênio maléfico

Água viva

Norte

Sul

Leste

Oeste

Mulher chamada Terra

Deserto

CENÁRIO

Palco italiano. Proposta de uma panada branca.

PRÓLOGO

(Entrada do público. Proposta de um palco vazio. Entram os Atores cada um com um livro de histórias nas mãos).

MENINO DA NUVEM

Essa é uma história de uma realidade e de uma fantasia que gerou o lugar onde todas as criaturas e terras mágicas vivem. Vou contar a vocês nessa sala de espetáculos o mundo real e o mundo da imaginação do Menino da Terra o Menino de Lugar Nenhum.

MENINO DA TERRA

No princípio, o Menino da Terra morava em um mundo cinza que não tinha nada nem ninguém ao redor. O mundo Cinza parecia um quarto vazio, e o garoto não possuía nada que o ajudasse a pas-

sar o tempo. Mas aquele nada o atormentava. Então um dia ele decidiu que preencheria esse nada e criaria um universo em que ele pudesse existir de verdade e não mais seria atormentado pelo nada (*sai de cena*).

MENINO DA NUVEM

Não existiam brinquedos no mundo cinza e não haviam muitas opções de coisas a se fazer, então ele decidiu desenhar tudo o que habitaria em seu universo. Foram longos dias desenhando personagens e ele os guardava dentro de uma caixa que chamou de livro, e quando chegava a manhã, ele libertava os seres para brincar em seu universo.

Música: piano Sonata 11

(O menino da terra volta com uma mala e a coloca no centro do palco. Espalha livros que estavam dentro da mala pelo palco. Aos poucos, vai abrindo os livros e mostrando imagens em alto-relevo dos personagens criados por ele).

MENINO DA TERRA

O menino da terra criou uma estrela e essa estrela seria o centro de tudo! Mas um dia essa estrela explodiu separando todos os universos dentro daquele universo criado pelo menino.

(Pega o desenho de um sol e junta todos os livros próximos do Sol no centro do palco. Faz a explosão e separa todos os livros deixando um mais próximo do Sol).

MENINO DA NUVEM

A nova formação mostrou ao garoto que havia um universo que após a explosão ficou mais próximo do sol. Nesse universo, começavam a surgir novas criaturas e formas de vida que podiam pensar e se comunicar. Essas criaturas possuíam também uma parte do poder criador do Menino da Terra.

MENINO DA TERRA

O menino da terra, usando seus poderes, decidiu dividir o poder do sol para que não houvesse outra explosão e criou assim a Lua. E para controlar esse novo poder ele usou seu poder criador para dar vida ao Mago que seria responsável por cuidar daquele sistema solar. O tempo passou e aquele planeta foi crescendo assim como os habitantes dele: os seres humanos! Um dia, usando uma folha de papel em branco, O Mago criou um lugar para os seres humanos fugirem: a imaginação! Por que fugir? Porque viver no planeta era difícil, porque os homens tornaram a vida complicada... O trabalho do mago tornou-se o de coletar criaturas imaginárias e levá-las para Lugar Nenhum onde habitariam reinos e teriam sua própria existência conhecida pelas demais criaturas do mundo da imaginação. Lugar Nenhum se tornou um lugar onde as pessoas com a imaginação e uma parte do poder criador do menino da terra pudesse alcançar em suas consciências. Lugar Nenhum se tornaria a fonte de toda imaginação do Planeta Terra. *(O menino da nuvem veste a roupa do mago que estava dentro da mala. E interpreta o personagem).*

Música Firebird suite: O mago, introdução do espetáculo.

(O mago entra, observa o espaço. Essa entrada simboliza um passeio por um lugar vazio de lugar nenhum. Ele sai de cena e volta com o báculo mágico. Com o báculo mágico e um efeito de papel picado e sonoplastia de poderes mágicos ele cria um cenário que será apresentado na cena 1 do espetáculo. Ele cria montanhas. Em seguida cria um lago. Em seguida cria os habitantes do lago e por fim cria uma barreira para proteger o lago. Em lugar nenhum os reinos são protegidos por uma barreira que impede os seres de fora do reino invadir o reino dos outros. O mago retira o báculo de cena e volta para fazer a introdução do espetáculo).

MENINO DA NUVEM (MAGO)

No enorme universo, existe um sistema solar conhecido como via láctea. Nesse sistema solar existe um pequeno planeta chamado Terra, e nele vivem os seres humanos. Cada ser humano possui um mundo dentro de sua cabeça. E esse mundo chama-se Lugar Nenhum. Na verdade, eu chamo de Lugar Nenhum, cada um deve ter dado um nome diferente... Eu sou fruto da imaginação de alguém que está me imaginando lá no tal do planeta Terra. Esse mundo, Lugar Nenhum, é uma folha em branco onde tudo pode acontecer. Basta acreditar. Basta imaginar para que seu desejo tome forma e se torne real. Ah! Existem pessoas que jamais foram a Lugar Nenhum. Eu as chamo de Científicas. São pessoas que só acreditam na ciência. Eu vim até aqui revelar em minha história o que de fato é importante para a vida no planeta terra. Eu sou o mago de lugar nenhum! E o teatro é o espaço que escolhi para dar vida ao meu mundo! Tenham um ótimo espetáculo!

CENA 1

(A cena se passa em Lugar Nenhum - lugar fictício).

Música: Bolero de Ravel

(Abre um foco azul. Entra em cena o menino da nuvem segurando uma trouxa. Ele vem de uma longa viagem, está com óculos de mergulho).

MENINO DA NUVEM

Chamam-me de Menino da Nuvem e estou de passagem, vim de um dos reinos de Lugar Nenhum. Eu não lembro como fui parar em Lugar Nenhum, mas eu me lembro de estar dormindo em cima de uma nuvem. Os aldeões de um vilarejo me acordaram e me deram esse nome: Menino da Nuvem. Foi aí que eu comecei a minha viagem. *(Lençol – o menino da nuvem desfaz a trouxa e mostra que nela está pintado o fundo do mar com peixes e sereias; ele coloca no chão).* O lugar de onde eu venho é cheio de fantasia e lugares lindos. Vou contar a vocês a história da minha última viagem. *(As fitas – o menino da nuvem pega em sua bolsa de viagem um adereço que lembra a calda de uma sereia e a mostra ao público).* Eu encontrei um lindo lago verde chamado "Esmeralda". Ele é habitado por sereias. *(No centro do lençol ele coloca um mini castelo).* As sereias me levaram até o fundo do lago para eu conhecer seu tesouro mais precioso. O mini castelo! Enquanto nadávamos

para o fundo verde do lago esmeralda, as sereias cantavam em meus ouvidos.

(O menino da nuvem começa a contar a história, entra em cena o menino da terra, agora vestido de Mago de Lugar Nenhum, e interpreta toda a história contada pelo menino da nuvem).

“Era uma vez... Naquele lugar que antes era nada mais que um vasto deserto branco sem nenhuma vida, apareceu um mago muito poderoso que usava a magia dos quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Usando o poder da terra, ele fez aparecer montanhas; usando o poder da água, ele fez nascer o lago que batizou de esmeralda; usando o poder do fogo, ele forjou os habitantes do lago: os sereianos, os crustáceos e as algas; por fim, usando o poder do vento, ele ergueu uma barreira que protegeria aquele novo reino. Um dia, ele chamou todas criaturas do reino e lhes disse: eu entrego a vocês este lago para que cuidem dele e levem uma vida digna. Nesse lugar nunca serão esquecidos e para que honrem a vida nova que lhes dei eu presenteio seu reino com este mini castelo para que o protejam, pois ele será sua fonte de poder! Protejam o mini castelo”. Então o mago desapareceu na frente de todos... E nunca mais foi visto.

CENA 2

(O menino da terra entra manipulando o boneco água viva).

MENINO DA NUVEM

(A vara que o menino trouxe a trouxe se transforma em mais um personagem, o gênio maléfico). Distante daquele reino, no reino das águas, o rei da superfície era a pomposa água viva gigante. Com seus poderes limitados ao seu reino, ele pretendia roubar o presente que o Mago de Lugar Nenhum dera aos sereianos, pois ele acreditava que aquele mágico artefato lhe daria o poder necessário para conquistar todos os reinos aquáticos de Lugar Nenhum. Um dia, enquanto flutuava nas águas de seu reino, esbarrou com seus tentáculos na lâmpada mágica a muito esquecida no fundo do enorme mar que era aquele reino. *(O menino da terra manipula a água viva).* A pomposa água viva esfregou a lâmpada e o gênio apareceu diante dele: Quem ousa me acordar de meu sono! Exclamou o gênio.

MENINO DA TERRA

“Sou eu! Nobre escravo da lâmpada! Seu amo e senhor!”. Respondeu a pomposa água viva.

MENINO DA NUVEM

“Saiba que só realizarei um de seus desejos! Escolha bem, pois ele não poderá ser revertido”. Explicou o gênio.

MENINO DA TERRA

“Eu quero que você vá até o reino Esmeralda, mergulhe no lago e me traga o mini castelo que foi dado de presente aos sereianos pelo Mago de Lugar Nenhum! E, então, eu serei a criatura mais poderosa de lugar nenhum! Há-há-há-há!”. A pomposa água viva comemorou e o gênio, voando, atravessou a barreira em direção ao Lago Esmeralda.

MENINO DA NUVEM

As sereias me contaram certa vez que as águas do lago se agitaram e vindo da superfície apareceu um gênio que queria levar embora o mini castelo. Ele agitou seus braços e nuvens coloridas e brilhantes engoliram o mini castelo. Os sereianos e todas as criaturas aquáticas lutaram para proteger o castelo, travando uma batalha contra os poderes do gênio. Gênios são criaturas traiçoeiras que nos enganam com histórias de desejos para fazer a gente desacreditar na imaginação. Pois, dando de mão beijada ao homem aquilo que ele quer, ele deixa de imaginar. Depois de uma longa batalha, o Gênio foi derrotado! Os sereianos comemoraram sua vitória. As águas do lago se acalmaram e eu voltei à superfície.

(O menino da nuvem pára no centro, e todos os objetos são colocados por ele no centro do lençol).

MENINO DA NUVEM

Antes de voltar à minha viagem, gostaria de presentear-los com uma mensagem – não deixem a infância morrer dentro do coração de vocês, pois é ela que traz lembranças felizes e importantes para vida. É por isso que não me canso de reviver minha infância todos os dias!

(O menino da nuvem faz novamente a trouxa com o lençol e o castelo e senta-se ao lado da trouxa no palco).

MENINO DA NUVEM

Olha nuvem, deixa eu te contar. É muito chato viajar sozinho. *(Pausa. O menino olha para a nuvem).* Eu sei que você é uma nuvem, sabe, mas você não precisa me ignorar *(pausa, o menino espera a nuvem responder)*. Sim, sim. Já estamos quase chegando ao próximo reino. Já te contei minha história com as sereias? *(Pausa, o menino espera a nuvem responder)*. Ah, poxa. Tudo bem, não vou contar de novo. *(Pausa, o menino espera a nuvem responder)*. Mas é uma história legal. *(Pausa, o menino espera a nuvem responder)*. Sabe, amiga nuvem *(pausa, o menino espera a nuvem responder)* eu tô com sono... Acho que vou...

(O menino adormece. Entra o menino da terra, cutuca o garoto dormindo no chão, mas ele não acorda. Então ele resolve gritar).

MENINO DA TERRA

ACORDA!!!

(O menino da nuvem acorda e assusta-se. Seu susto assusta o menino da terra).

MENINO DA NUVEM

Como ousa me acordar dessa forma? Tá doido?

MENINO DA TERRA

Quem manda tá dormindo que nem pedra no meio do caminho!

MENINO DA NUVEM

Você podia ser mais simpático e ter me acordado gentilmente!

MENINO DA TERRA

Eu tentei!

MENINO DA NUVEM

Afinal de contas, quem é você?

MENINO DA TERRA

Me chamo Menino da terra, como se chama?

MENINO DA NUVEM

Interessante! Me chamo Menino da Nuvem.

MENINO DA TERRA

Faz sentido...

(O menino da nuvem começa a pular comemorando).

MENINO DA TERRA

(Observando a cena). O que você tem?

MENINO DA NUVEM

Você é o meu primeiro amigo!

MENINO DA TERRA

Quem disse que sou seu amigo? *(Longa pausa dramática. Então o menino da terra rompe o silêncio com uma gargalhada).* Claro que somos amigos! *(Os meninos sorriem e apertam as mãos).*

MENINO DA NUVEM

Já te contei a minha história com as sereias?

MENINO DA TERRA

Acabamos de nos conhecer. Ainda não sei nada a seu respeito. Mas deve ser uma história legal! Quero ouvir sim!

MENINO DA NUVEM

Eu não sei como vim parar nesse lugar. E estou viajando em busca do meu propósito aqui neste mundo. Não me lembro de nada da minha vida antes de ser acordado pelos aldeões de um reino aí. Inclusive, não lembro nem meu verdadeiro nome.

MENINO DA TERRA

Isso não importa agora. Vamos aproveitar que estamos em Lugar Nenhum e criar um mundo cheio de histórias!

MENINO DA NUVEM

E como vamos fazer isso?

MENINO DA TERRA

Aqui em Lugar Nenhum basta você imaginar e sonhar com muito amor que sua imaginação se torna realidade!

MENINO DA NUVEM

Vamos começar então!

MENINO DA TERRA

Já ouviu falar dos quatro irmãos de Lugar Nenhum?

(Cochicham, olham para o público e começam a modificar o espaço).

Música: Dança da fada de açúcar.

CENA 3

MENINO DA TERRA

Na cidade de Terrafel, nas terras de Lugar Nenhum, morava a mulher chamada Terra. Ela parecia uma fada. *(Personagem boneco: a mulher chamada Terra) Seus cabelos eram longos e seus olhos eram de um verde esmeralda que brilhavam tão forte que chegavam a iluminar as pessoas que estavam próximas (o menino da terra mostra a mulher chamada Terra ao público).*

CENA 4

MENINO DA TERRA

A mulher conhecida como Terra tinha um marido, o deserto. Porém, ele sempre a deixava sozinha e passava dias viajando. Eles se viam muito pouco e Terra sentia-se solitária em sua casa.

(O menino da terra apresenta o deserto, que também é um personagem boneco. A proposta de encenação é o deserto despedindo-se da Mulher chamada Terra; eles conversam em grammelot e o menino da terra faz as duas vozes).

CENA 5

Música: Dança árabe.

(Jogo cênico dos meninos: o menino da terra faz movimentos com a boneca da terra e conta a história, enquanto o menino da nuvem se encarrega de colocar os personagens em cena).

MENINO DA TERRA

Um dia, ela saiu para passear e encontrou um caminho de flores em espiral que parecia dançar no ar... A mulher chamada Terra fechou os olhos e desejou do fundo de seu coração transformar seu amor em seres vivos... Ela sonhou com dois meninos, um de roupas de cor azul e o outro de roupas de cor alaranjada. Eram gêmeos! A mulher conhecida como Terra então despertou e lá estava seu amor transformado naqueles dois garotos. No entanto, o amor da mulher chamada Terra era ainda maior e ela fechou novamente seus olhos. Imaginou um garoto que vestia roupas em tons de verde, e, ao abrir seus olhos, ele estava lá. O amor da mulher chamada Terra ainda era maior e ela imaginou outro menino de roupas vermelhas. Ao acordar do sonho, lá estava o garoto conversando com seus irmãos. A mulher chamada Terra aproximou-se dos filhos e com um beijo tocou na testa de cada um. O gêmeo mais velho batizou de Norte. O gêmeo mais novo batizou de Oeste. O garoto de verde batizou de Leste e o garotinho de vermelho batizou de Sul.

(Personagens bonecos: norte, sul, leste e oeste).

CENA 6

Música: Allegro, allegro, allegretto.

(O menino da terra conta a história do cotidiano da família da mulher chamada Terra e faz um momento intenso que a sonoplastia ajudará a alcançar o clímax, que representa o retorno do deserto).

MENINO DA TERRA

A mulher voltou para casa com seus filhos e estava muito feliz. Passou vários meses ensinando-lhes o certo e o errado e ensinando sobre o lugar que moravam: o reino de Terrafel, que era conhecido como reino dos elementos da natureza. Ela dizia que aquele lugar era regido pela imaginação: a imaginação gerada pelo amor.

CENA 7

MENINO DA TERRA

Um dia, o Deserto voltou para o reino de Terrafel e percebeu que tudo estava mudado. A mulher chamada Terra estava feliz e o deserto sentiu-se traído por ver sua casa ocupada pelos filhos. Ele pediu explicações, mas Terra recusou-se a falar. Indignado, começou uma tempestade de areia. O vento emanava do seu corpo e logo a areia começou a invadir a casa. A mulher chamada Terra e seus quatro filhos gritavam em meio a destruição da casa que havia sido erguida em uma manjeira muito antiga, que nem dava mais frutos e estava seca. Terra usou o que restou do seu amor para salvar os quatro filhos. Houve uma explosão e ela desapareceu junto com o deserto.

(O menino da terra sai junto com o deserto e a mulher chamada Terra. A música pára).

MENINO DA NUVEM

(O menino da nuvem entra e desliga a luz dos personagens. Vai contando a história e mudando os objetos de lugar. Em determinado momento, o menino da terra entra e também ajuda a arrumar o espaço).

Os irmãos pela primeira vez vestiram preto e fizeram uma marcha fúnebre pelas ruas de Terrafel. Queriam que todos soubessem e partilhassem das suas dores pela perda da mãe. Todas as cores da cidade de Terrafel foram desbotando até quase desaparecerem. Todos compreendiam que a mãe Terra morrera naquele dia cinza. E assim, os quatro irmãos se separaram e cada um migrou para um rumo diferente e desconhecido. Nunca mais foram vistos por nenhuma criatura de Terrafel.

CENA 8

(O menino da terra senta-se, abre um livro e começa a contar a nova história. O menino da nuvem ajuda criando o ambiente da história).

MENINO DA TERRA

Em sua viagem, o irmão Leste chegou a uma floresta cheia de insetos de todos os tipos e tamanhos; ele adorou. Leste era amante de insetos, ele chegou a um poço que ficava no meio da floresta, entrou no poço e foi transportado para dentro de uma caverna. Depois de entrar na caverna, ele encontrou um medalhão mágico e o colocou no pescoço. De repente, um sapo gigante apareceu no fundo da caverna e começou a pular na direção de Leste e ele apressou-se em fugir pelo portal que o levou de volta ao poço. Mas o sapo continuava atrás dele. Leste tocou no sapo e o fez desaparecer no ar. Sem perceber, ele usou o poder do medalhão que encontrara dentro da caverna. E Leste voltou à sua viagem...

CENA 9

Música: Dança chinesa.

(Mesmo jogo da cena anterior, o menino abre outro livro e narra as aventuras de Sul com a ajuda do menino da nuvem).

MENINO DA TERRA

Distante da floresta, Sul encontrava-se chegando à estrada sem fim de lugar nenhum. O reino era deserto e cheio de ventos fortes e violentos. Justo na chegada do garoto, caía uma chuva forte no céu... Uma luz vermelha desceu do céu até as mãos do garoto, onde apareceu um medalhão que ele pôs no pescoço. Foi quando um trovão em forma de lobo correu para cima dele, mas Sul, usando o poder do medalhão, fez aparecer uma marreta gigante que esmagou o lobo trovão. O clima daquele reino começava a se estabilizar e Leste apareceu para se juntar ao Sul.

CENA 10

Música: Uma noite no monte calvo.

(Fica a cargo dos atores ou da direção propor a ação para as cenas dos quatro irmãos).

MENINO DA TERRA

Norte andava por uma trilha de gelatina. A trilha transformou-se em um lago e uma luz vinda do meio do lago fez aparecer nas mãos de Norte um medalhão que colocou em seu pescoço. De repente, Norte foi atacado por um caranguejo gigante. Norte, usando o poder de seu medalhão, transformou o caranguejo em bolhas de sabão e voltou à sua viagem! Do outro lado do reino dos doces, o irmão gêmeo Oeste andava por um caminho de biscoito. Quando Oeste chegou à floresta dos pirulitos, o chão de biscoito tremeu e de uma rachadura no chão surgiu um medalhão que ele enrolou no pulso. Foi quando um morcego gigante atacou Oeste. Conseguiu capturá-lo e o levou para o céu. Foi quando Oeste usou o poder do seu medalhão e explodiu em chamas o morcego gigante. *(Proposta de separar os personagens conforme a rosa dos ventos).*

MENINO DA NUVEM

Os quatro irmãos se encontram depois de anos separados, uniram os poderes de seus medalhões e restauraram a magia de Lugar Nenhum. Cada reino pôde manter-se vivo graças àquele poder. Os irmãos ficaram conhecidos em todo o mundo como os grandes heróis do mundo da imaginação e batizaram os lugares por onde andaram com seus nomes.

EPÍLOGO

(Propõe-se que todos os personagens bonecos e todo material seja colocado em cena para mostrar que ela foi inventada pelos atores e que o público poderia criar sua própria usando os mesmos personagens ou outros).

Música: Firebird suíte.

MENINO DA NUVEM

Hoje, neste teatro, dividimos sonhos e fantasias.

MENINO DA TERRA

(Trazendo o mago). Nas histórias termina-se com "e foram felizes para sempre". Mas nessa história não.

MENINO DA NUVEM

Lugar Nenhum espera o sonho de cada um de vocês...

MENINO DA TERRA

Ainda dá tempo de voltar a ser criança...

MENINO DA NUVEM

(Traz o lençol, joga para o menino da terra e juntos esticam no espaço). Na infância, vocês, pais e mães, conheceram mundos e brincadeiras. Tudo se transforma na mão de uma criança e essa transformação só é possível graças à imaginação.

MENINO DA TERRA

(Traz de volta o deserto). Hoje, os tempos são outros e o brincar se transformou.

MENINO DA NUVEM

(Trazendo o castelo). As crianças de hoje precisam conhecer os bonecos de papel, as bonecas de pano, os brinquedos de madeira e os castelos de lençóis!

MENINO DA TERRA

(Trazendo a água viva). Essa história não termina aqui...

MENINO DA NUVEM

(Trazendo o gênio). Ela continua para todos nós.

MENINO DA TERRA

(Traz a mulher chamada Terra). Para nós atores.

MENINO DA NUVEM

(Trazendo as sereias). Para vocês: público!

MENINO DA TERRA

(Coloca seu ícone junto com o livro em cima do lençol). Para o menino da terra!

MENINO DA NUVEM

(Coloca seu ícone com o livro em cima do lençol). Para o Menino da Nuvem!

(Os dois garotos saem. O menino da terra volta com o leque. Abre atrás do castelo. O menino da nuvem volta com o báculo mágico. Os dois garotos seguram o báculo e o colocam na base do castelo. Se colocam ao lado da imagem formada no centro do palco, pegam o papel picado e jogam para o alto).

JUNTOS

E para nossa imaginação!

(Propõe-se que termine com uma chuva de papel picado. Agradecem).

Fim

SOBRE OS AUTORES **Volume 1**

O GRANDE DIA QUALQUER

ALANA LIMA

Dramaturga, palhaça, atriz-brincante, contadora de histórias e educadora popular. Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA, Graduada em Letras- Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará e Técnica em Teatro pela Escola de Teatro e Dança da UFPA. Membro dos grupos Balariuê e Ré de Teatro. Pesquisadora do brincar enquanto ato poético, da infância e das didáticas de ensino de teatro na Amazônia. Atuou de 2017 a 2019 como Palhaça-educadora no Projeto Ter.Ser de Arte e educação popular na comunidade do Porto do Sal em Belém.

LUCAS SEREJO

Ator, brincante, contador de histórias e iniciante da palhaçaria e bonecagem. Atua também como educador social, professor de reforço e se dedica ao desenho e jogo de RPG que pretende trabalhar como metodologia cênica e educacional. É aluno da graduação em licenciatura em teatro na Universidade Federal do Pará desde 2020. É voluntário do Espaço Cultural Nossa Biblioteca, Guamá, desde 2019. Faz parte da Trupe Teia, onde exercita a mente e o corpo artisticamente desde 2019.

A PAIXÃO DE DIONISIUS

ANA MARCELIANO

Artista da cena, educadora, dramaturga e produtora. Formada pelo curso de Lic. Plena em Teatro e pelo Técnico em Ator da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Cursa pós-graduação em Arteterapia pela CENSUPEG / RJ. Membro do Dirigível Coletivo de Teatro e desenvolve de forma colaborativa a pesquisa, experimentação e criação artística a partir da rotatividade de funções dentro do Coletivo (mecanismo pedagógico de formação continuada dos integrantes enquanto artistas e professores). Trabalha com o teatro de rua e a brincadeira popular, com o foco nas relações humanas, no convívio, no trabalho em coletivo, nas ações em rede e na ocupação do espaço público.

NEM TE CONTO

BÁRBARA GIBSON

Atriz, dramaturga, professora e diretora teatral, começou a carreira artística em 1998. Atualmente, é Mestranda em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará. Possui especialização em Teatro-Educação pela Faculdade Paulista de Artes (2016), graduação em Direito pelo Centro Universitário do Estado do Pará (2012) e formação técnica em Teatro pela Escola

de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (2010). Participou por três anos do projeto de extensão Novos Encenadores da ETUFPA, tendo, nesse período, escrito e dirigido duas peças do Grupo de Teatro Universitário: Encantados S.A (2011) e A Quase Fantástica Fábrica de Chocolate (2013). Em 2017, fundou o grupo A Liga do Teatro. Atualmente, assina a direção geral e dramaturgia do trabalho mais recente do grupo: Queen Num Toque de Mágica.

ETERNAMENTE RAINHAS

BRENO MONTEIRO

Licenciado pleno em Pedagogia, formado pela Universidade Federal do Pará, em 2013. É também técnico em ator e técnico em cenografia, formado pela Escola de Teatro e Dança da UFPA, em 2010 e 2015, respectivamente. Iniciou o fazer teatral nos anos 2000, na turma de teatro infantil da ETDU-FPA. Logo em seguida, começou a trabalhar na Trupe Flor-de-Lyz e na Companhia de Teatro Amador 'A Patuscada', onde permaneceu por 5 anos. Em 2016, ao lado de outros artistas, fundou a Companhia Paraense de Potoqueiros. Atualmente, é gestor pedagógico do Espaço das Artes de Belém.

LAURO SOUSA

Letrólogo licenciado com dupla habilitação pela Universidade da Amazônia. Especialista em Dramaturgia, Figurinista Cênico e Produtor formado pela Escola de Teatro e Dança da UFPA. Trabalhou com diversas cias e grupos em Belém até fundar junto com outros artistas, em 2016, a Cia Paraense de Potoqueiros, onde trabalha como produtor, cenógrafo e dramaturgo. Já teve 3 de seus trabalhos como dramaturgo encenados, Lúgubre em 2017, Eternamente Rainhas em 2018 e Catarse em 2019. É um dos gestores do Espaço das Artes de Belém.

(RE)CORTES

FÁBIO LIMAH

Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados pelo Centro Universitário do Estado do Pará (2005) e Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA – 2010). Ator pelo Curso Técnico de Formação de Atores pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (2011). Cofundador do Grupo teatral "Os Varisteiros" (2012-2019). Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará (2014). Colaborador do Projeto de Pesquisa "Memórias da Dramaturgia Amazônia: construção de acervo dramático", coordenado pela Profa. Dra. Bene Martins (desde 2014). Autor do livro "Nó de 4 Pernas: a tessitura de uma experiência de teatro multimídia em Belém do Pará" (2020). Realizador e produtor audiovisual pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro (2018). Diretor audiovisual pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (2019).

RETRATOS RETALHADOS DE UMA QUASE VIDA

FÁBIO LIMAH

Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados pelo Centro Universitário do Estado do Pará (2005) e Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA – 2010). Ator pelo Curso Técnico de Formação de Atores pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (2011). Cofundador do Grupo teatral “Os Varisteiros” (2012-2019). Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará (2014). Colaborador do Projeto de Pesquisa “Memórias da Dramaturgia Amazônia: construção de acervo dramático”, coordenado pela Profa. Dra. Bene Martins (desde 2014). Autor do livro “Nó de 4 Pernas: a tessitura de uma experiência de teatro multimídia em Belém do Pará” (2020). Realizador e produtor audiovisual pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro (2018). Diretor audiovisual pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (2019).

PATRÍCIA GRIGOLETTO

Graduada em Teatro pela Universidade Federal do Pará (2014) e Licenciatura em estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra (2013). cursou Iluminação Cênica pelo na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (2014). Atuou como arte educadora do Instituto Universidade Popular, professora visitante da Universidade Federal do Pará e Monitora do programa Mais Educação na Escola Municipal Núcleo de estudos Oliveira e na Escola Estadual Espírito Santo. Atualmente exerce a função de Coordenadora e Professora no Curso Técnico em teatro na Escola das Artes São Lucas.

NA CAMA COM TEREZINHA

HAROLDO FRANÇA

Artista-pesquisador, ator, dramaturgo e diretor de teatro formado na cidade de Belém do Pará, residindo atualmente em São Paulo. Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará e curso técnico de Formação em Ator pela mesma universidade. cursou pós-graduação em Artes-Cênicas na Faculdade Paulista de Artes. Mestre em Audiovisual pela Universidade de São Paulo. Na categoria artística, atua nos grupos Cia. Do Sereno e Liga do Teatro. Tem experiência na área de Artes Cênicas, com ênfase em Interpretação, Dramaturgia e Direção Teatral.

PAUTA NEGRA

INGRID GOMES

Educadora social, performer, encenadora, dramaturga e produtora cultural. Graduanda em Lic. Em Teatro – UFPA. Integrante do grupo de Pesquisa PERAU – Memória História e Artes Cênicas na Amazônia/ CNPq/UFPA; Licenciada em Matemática – UFPA; Pós-graduanda em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América Latina – UFPA. Idealizadora da Pororoka Produtora que desen-

volve pesquisas em arte cênicas nas áreas do teatro experimental e dispositivos de escrita dramática, sob perspectivas do pensamento decolonial.

WALTER BANDEIA: SEM PECADO E SEM PERDÃO

IRACY VAZ

Professora de Teatro e Filosofia, artista e pesquisadora. Doutoranda em Estudos Artísticos, com ênfase em Estudos Teatrais e Performativos na Universidade de Coimbra, Portugal. Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Estudos Culturais, na Universidade de Aveiro-Universidade do Minho, Portugal. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Técnica em Formação de Atores pela Escola de Teatro e Dança da UFPA. Apresentou inúmeros trabalhos em eventos científicos no Brasil e no. Como artista-pesquisadora desempenha as funções de encenadora, dramaturga e atriz, tendo atuado e dirigido diversos espetáculos teatrais. É fundadora do grupo teatral T.E.I.A.-Teatro experimental de Insurgências Amazônicas.

NADA. DEPOIS, NADA.

KAUAN AMORA

Ator, diretor e professor substituto da Universidade Federal do Pará, no curso de Licenciatura em Teatro e no curso de Especialização Técnica em Dramaturgia (ICA). Doutor pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, da Universidade Federal do Pará, na linha de pesquisa "Arte, cultura, religião e linguagens". Realizou Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA, na linha de pesquisa "Interfaces em Arte, Cultura e Sociedade". Formado pelo Curso de Licenciatura Plena em Teatro da Universidade Federal do Pará. Formado pelo Curso Técnico de Formação em Ator da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Tem experiências na área de pesquisa em teatro, sendo membro dos Grupos de Pesquisa: PACA – Pesquisadores de Artes Cênicas na Amazônia, História Social de Arte e Arte, Corpo e Conhecimento.

O MENINO DE LUGAR NENHUM

KEVIN BRAGA

Diretor teatral, figurinista, cenógrafo, iluminador, aderecista e bonequeiro. Trabalha em escolas de samba elaborando protótipos de fantasias, maquetes de carros alegóricos e criando joias para desfile. Em setembro de 2012, fundou o Grupo Engrenagem, o qual já produziu mais de oito espetáculos. Estes possuem como princípio a reflexão e crítica da realidade social – seus aspectos culturais, artísticos, econômicos e políticos – bem como do próprio indivíduo que a constrói, uma vez que concebemos a construção da subjetividade e a da sociedade como um entrelace dialético.



Conforme sinopse dos próprios autores sobre as peças reunidas neste e-book, as temáticas são bem variadas e explicitam tramas, conflitos, anseios, frustrações, desejos de todo ser humano. As diferenças das peças escritas agora, em relação às mais antigas são mais relacionadas à estrutura menos rígida, do que as temáticas, naturalmente porque, por mais

que haja evoluções em termos de recursos tecnológicos, por exemplo, as pessoas mantêm em suas vivências, inquietações semelhantes desde que o homo sapiens surgiu na terra. O que chama atenção na escrita destes textos são as propostas de trabalho, sempre em diálogo com outras linguagens, principalmente as de vídeo, música, artes plásticas, o que confere mais ou menos ao que se denomina hoje de dramaturgia expandida. Ou seja, o texto não é mais o centro para a montagem da peça, ele é o disparador, o provocador a incitar ideias para espetáculos bem diversificados.

Bene Martins & Bárbara Gibson



**Projeto Memórias da Dramaturgia Amazônica:
construção de acervo dramático.**

Idealizadora e coordenadora: Bene Martins

Coleção Teatro do Norte Brasileiro
Programa de Pós-Graduação em Artes

Direcione seu celular
para o QR Code abaixo,
e conheça os livros da
Editora PPGArtes.

PPG Artes
Programa de Pós-graduação
em Artes da UFPA

